



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – JOÃO PESSOA – PB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES
INTERNACIONAIS**

MARIA EDUARDA BUONAFINA FRANCO DOURADO

**Entre Guerra Híbrida e Gibrinaya Voyna: uma análise comparada da
atuação dos Estados Unidos e da Rússia no conflito ucraniano (2014-2015)**

**JOÃO PESSOA – PB
2020**

Maria Eduarda Buonafina Franco Dourado

Entre Guerra Híbrida e Gibrinaya Voyna: uma análise comparada da atuação dos Estados Unidos e da Rússia no conflito ucraniano (2014-2015)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Área de concentração: Segurança Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D739e Dourado, Maria Eduarda Buonafina Franco.
Entre guerra híbrida e Gibridnaya Voyna [manuscrito] : uma análise comparada da atuação dos Estados Unidos e da Rússia no conflito ucraniano (2014-2015) / Maria Eduarda Buonafina Franco Dourado. - 2020.
237 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre , Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."
1. Guerra híbrida. 2. Gibridnaya Voyna . 3. Ucrânia. 4. Novas guerras. I. Título
21. ed. CDD 327.1

Maria Eduarda Buonafina Franco Dourado

Entre Guerra Híbrida e Gibrinaya Voyna: uma análise comparada da atuação dos Estados Unidos e da Rússia no conflito ucraniano (2014-2015)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

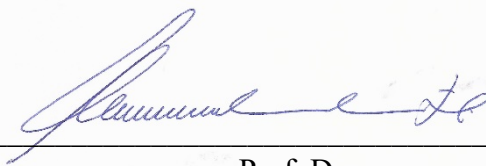
Área de concentração: Segurança Internacional.

Aprovado em: 02/05/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Augusto Wagner Alves Teixeira Jr

Prof. Dr. Participante Externo
UEPB

Dr. Felix Nascimento

Prof. Dr. Participante Externo
UEPB

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
CAPÍTULO 1. UMA TEORIA DE GUERRA HÍBRIDA.....	16
1.1 <i>A GUERRA EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO</i>	16
1.2 <i>GUERRA CONVENCIONAL (GC)</i>	17
1.3. <i>A GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO (4GW)</i>	20
1.4 <i>GUERRA IRREGULAR E CONFLITOS ASSIMÉTRICOS</i>	25
1.5 <i>GUERRA HÍBRIDA</i>	32
1.6 <i>CATEGORIAS E PARÂMETROS DE COMPARAÇÃO</i>	42
CAPÍTULO 2 – O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE GUERRA HÍBRIDA NO PENSAMENTO MILITAR RUSSO	46
2.1 <i>A GUERRA HÍBRIDA RUSSA</i>	46
2.2 <i>MAPEANDO CONCEITOS</i>	72
2.2.1 <i>MASKIROVKA</i>	74
2.2.2 <i>ACTIVE MEASURES / AKTYVNEYE MEROPRIYATIYA</i>	77
2.2.3 <i>INFORMATSIONNAYA VOYNA/ RUSSIAN INFORMATION WARFARE (RIW)</i>	83
2.2.4 <i>CONTROLE REFLEXIVO/REFLEXIVE CONTROL (RC)</i>	94
2.2.5 <i>DESINFORMAÇÃO: DESINFORMATION / DEZINFORMATSIA</i>	98
2.2.6 <i>GIBRIDNAYA VOYNA</i>	102
CAPÍTULO 3: A GUERRA HÍBRIDA RUSSA EM AÇÃO: O PROCESSO DE ANEXAÇÃO DA CRIMEIA	105
3.1 <i>CONTEXTO HISTÓRICO</i>	105
3.2 <i>PROCESSO DE ANEXAÇÃO DA CRIMEIA</i>	128
3.3 <i>A GUERRA HÍBRIDA RUSSA SOB A PERSPECTIVA DOS EUA</i>	136
CAPÍTULO 4: A GIBRIDNAYA VOYNA EM AÇÃO: A ATUAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS NO CONFLITO UCRANIANO	142
4.1 <i>RELAÇÕES ENTRE ESTADOS UNIDOS E UCRÂNIA NO PERÍODO PÓS-GUERRA FRIA</i>	142
4.2 <i>GUERRA HÍBRIDA ESTADUNIDENSE</i>	152
4.3 <i>GV ESTADUNIDENSE NA UCRÂNIA</i>	158
CAPÍTULO 5: GUERRA HÍBRIDA VS. GIBRIDNAYA VOYNA: UMA ANÁLISE COMPARADA ENTRE OS CASOS	188
5.1 <i>COMPARANDO AS ABORDAGENS HÍBRIDAS</i>	188
5.2 <i>GUERRA HÍBRIDA (GH) VS. GIBRIDNAYA VOYNA (GV)</i>	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS	213
REFERÊNCIAS	217

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diferenças entre Guerra Irregular e Guerra Convencional

Figura 2: Conceito de Guerra Híbrida

Figura 3: Cinco Anéis – Sistema

Figura 4: Abordagem Tradicional Para A Consecução De Objetivos Políticos-Militares.

Figura 5: Mecanismos da abordagem de Active Measures

Figura 6: Operações russas na Crimeia em março de 2014.

Figura 7: ilustração da interconectividade das redes de apoio a democracia ucraniana

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias para comparar a guerra

Quadro 2: Categorias da Guerra Convencional

Quadro 3: A evolução das guerras “antigas”

Quadro 4: Características da Guerra Irregular

Quadro 5: Fases da Nova Geração de Guerra

Quadro 6: Mudanças no Caráter do Conflito armado de acordo com o General Valery Gerasimov

Quadro 7: Mecanismos de Controle Reflexivo

Quadro 8: Exemplos de Abordagem 4D

Quadro 9: Comparando as Teorias de GH e GV

LISTA DE SIGLAS

1GW – Guerra de Primeira Geração

2GW – Guerra de Segunda Geração

3GW – Guerra de Terceira Geração

4GW – Guerra de Quarta Geração

AM – Active Measures

ANV – Academia de Ciências Militares

ARF – Advanced Research Foundation

CANVAS – Center for Applied Nonviolent Actions and Strategies

CCW – Convention on Certain Conventional Weapons

CEI – Comunidade dos Estados Independentes

CIA – Agencia Central de Inteligência

CNO – Computer Network Operations

CVU – Committee of Voters of Ukraine

DUMA – Parlamento russo

EDA – Agência Europeia de Defesa

ENEMO – *European Network of Election Monitoring Organizations*

FMN – Frota do Mar Negro

FSB – Serviço Federal de Segurança

GC – Guerra Convencional

GH – Guerra Híbrida

GI – Guerra Irregular

GR – Guerra Regular

GRU – Departamento Central de Inteligência Russa

GV - Gibridnaya Voyna

GW – Guerra Composta

IPN – Initial Period of War

IRI – International Republican Initiative

IW – information Warfare

KGB – Serviço de Inteligência Soviético

KMIS – Kiev International Institute of Sociology
KSO – Comando de Operações Especiais Russo
LAWS - Lethal Autonomous Weapons Systems
MCIS – Conferencia de Moscou em Segurança Internacional
MRC – Movimento Republicanos da Crimeia
NCW – Network Centric Warfare
NDI – National Democracy Institution
NED – National Endowment for Democracy
NGW – New Generation Warfare
OI – Operações de Informação
ONU – Organização das Nações Unidas
OSCE – *Organization for Security and Cooperation in Europe*
OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
OUN – Organização dos Nacionalistas Ucrânicos
PfP – Partnership for Peace
RADA – Parlamento ucraniano
RC – Reflexive Control
RD – Russian Disinformation
RIW – Russian Information Warfare
SD – Strategic Deception
SVR – Serviço de Inteligência Estrangeiro
UEE – União Econômica Euroasiática
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USAID – *United States Agency for International Development*
VANT – Veículo aéreo não tripulado
VDV – Força Aérea Russa
VM - Voyennaya Mysl
VPK – Voyenno-Promyshlennyi Kurier

*Generals gathered in their masses
Just like witches at black masses
Evil minds that plot destruction
Sorcerers of death's construction
In the fields the bodies burning
As the war machine keeps turning
Death and hatred to mankind
Poisoning their brainwashed minds
oh lord yeah!*

Black Sabbath - War Pigs

RESUMO

O período após o término da Guerra Fria trouxe à tona um novo debate a respeito do modo como a guerra seria conduzida. Ela mudou? Um grupo de estudiosos defendem que sim. A partir desse debate, novos conceitos foram criados com o objetivo de melhor classificar os novos tipos de guerra identificados. Termos como Guerra Irregular, Guerra Assimétrica, Conflito de Baixa Intensidade, Guerra Composta e Guerra de Quarta-Geração, vieram para questionar a tese de que a Guerra Convencional ainda prevaleceria nesses tempos atuais. Um desses termos é o da Guerra Híbrida, que apresenta características tanto da Guerra Convencional quanto da Guerra Irregular. O debate sobre esse termo dá-se em torno de sua existência, e principalmente, da sua utilidade. Além disso, identificou-se uma dupla acusação sobre as origens de tal prática. Segundos militares estadunidenses, a Guerra Híbrida é fruto da denúncia da atuação russa no conflito ucraniano em 2014. Ao mesmo tempo, a Rússia tem acusado os Estados Unidos de utilizar a estratégia de Guerra Híbrida ao atuar também na Ucrânia. Diante deste debate, essa pesquisa tem como principal objetivo confirmar a teoria de Guerra Híbrida, além de entender se estamos mesmo falando de um mesmo modelo de combate. Para que isso seja possível, será analisada a atuação da Rússia e dos EUA no conflito ucraniano. Com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças afim de indicar padrões na abordagem híbrida.

Palavras-chave: Guerra Híbrida; Gybridnaya Voyna; Novas Guerras; Ucrânia.

ABSTRACT

The period after the end of the Cold War brought a new debate about the conduct of war. Had it changed? A group of academics argues that yes it has. From this debate, new concepts were created pursuing a better classification for the new varieties of war identified. Terms such as Irregular Warfare, Asymmetric Warfare, Low Intensity Conflict, Composite Warfare, and Fourth Generation Warfare, have come to question the thesis that Conventional War would still prevail in these present times. One term which features both Conventional War and the Irregular Warfare is the Hybrid War. The debate over this term is around its existence, and mainly, its usefulness. In addition, a double claim identifies the origins of such practice. The first claim, according to the US military, the Hybrid War is the result of denouncing Russian action in the Ukrainian conflict in 2014. At the same time, Russia has accused the United States of using the Hybrid War strategy while also operating in Ukraine. In view of this debate, this research has as main objective to confirm the Hybrid War theory, this research has as main objective to confirm the Hybrid War theory, besides understanding if we are dealing with the same combat model. For this to be possible, the performance of Russia and the US in the Ukrainian conflict is analyzed. In order to identify similarities and differences in order to identify patterns in the hybrid approach.

Keywords: Hybrid War; Gybridnaya Voyna; New Wars; Ukraine.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao programa de pós-graduação em Relações Internacionais da UEPB. Mais precisamente aos professores que tive a oportunidade de conhecer durante essa jornada do mestrado. Foi um prazer enorme aprender com vocês: Alexandre César Cunha Leite, Fábio Nobre, Ana Paula Maielo Silva, Andrea Pacífico, Cristina Pacheco, Paulo Kuhlmann e Silvia Garcia Nogueira. Fora da instituição da UEPB, também devo os meus agradecimentos aos professores Dmitri Félix do Nascimento e Augusto Teixeira que participaram de maneira excepcional durante a qualificação e a defesa da minha dissertação. Quero ainda reforçar o meu agradecimento ao professor Fábio Nobre, que teve a maior paciência do mundo de ser meu orientador. Obrigada a todos vocês que tornam o ambiente acadêmico um lugar de aprendizado e de troca de conhecimento da maneira mais humana possível.

À parte do ambiente acadêmico, também preciso dizer que devo muita coisa aos meus amigos e familiares. Eles foram essenciais durante essa jornada. Eu não tenho palavras para descrever o apoio do meu melhor amigo e (por sorte) namorado, Allan Lauzid. Preciso dizer que ele é o menino mais forte que já vi na vida, e que não mede esforços para cuidar de mim. A ele, eu devo todo o amor do mundo, pois sem ele essa dissertação não seria nem metade do que é. Também preciso reforçar o meu amor e agradecimento a Guilherme Nobre, ele que me acompanha em todas as minhas empreitadas. Agradeço também ao meu amigo do mestrado, Arthur Mastroiani, pela calma e a serenidade para me convencer que eu sabia dos conteúdos das aulas.

Devo também agradecer ao professor e amigo Antonio Henrique Lucena, um dos melhores cientistas políticos (ou 'engenheiro político') que já conheci. Foi graças a ele que eu me reconheci dentro da carreira acadêmica, e com ele eu aprendo a ser uma melhor profissional.

Por último, mas não menos importante, eu agradeço fortemente o apoio dos meus pais João e Betânia. Eles nunca deixaram de acreditar em mim, o que me fortalece a cada dia. Preciso também agradecer o apoio dos meus dois aperreios (irmãs), Catarina e Amanda. Amo vocês duas. Agradeço também ao meu companheirinho de quatro patas, Barão, por me acompanhar nas longas madrugadas de estudo. Obrigada por me acompanhar nessa jornada e por cuidar de mim sempre que preciso.

Sou eternamente grata a todos vocês.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Você pode não estar interessado em Guerra Híbrida, mas as ameaças híbridas estão definitivamente interessadas em você”¹. Essa declaração foi dada em 2015, por Axel Butenschön, membro da Agência Europeia de Defesa (EDA), ao tentar alertar para a importância dos estudos a respeito da Conduta da Guerra Híbrida². O autor também assinala para que os estudos sobre Guerra Híbrida sejam realizados sem cair sob o erro de ignorar todas as outras formas de conduzir a guerra vistas até então. Dessa maneira, todos os tipos de guerra devem ser considerados através do que o autor chama de “lentes híbridas”³ (EDA, 2015, p.20).

Como indica a EDA (2015), a Guerra Híbrida foi projetada para explorar as vulnerabilidades do mundo ocidental e por isso localiza-se fora das definições convencionais de guerra. Pode-se então indicar que a Guerra Híbrida se tornou mais uma categoria no debate sobre como seria a guerra do futuro.

O cenário apontado pelo autor Krauthammer (1991), ao longo dos anos que se sucederam pós Guerra Fria, indica que o mundo bipolar dividido entre a influência da União Soviética e os Estados Unidos, não seria diretamente substituído por uma configuração multipolar. Dessa maneira, Krauthammer (1991), passa a defender a formação de um cenário unipolar, tendo os EUA como o centro do poder. Seguindo a perspectiva de Krauthammer (1991), Bevin (1999) também defendeu que os Estados Unidos enfrentaram um período de relativa hegemonia militar, não havendo outro ator internacional que apresentasse uma capacidade militar semelhante, capaz de iniciar um confronto do tipo convencional, porém, isso não se configuraria em um cenário sem ameaças para a potência estadunidense. Para esse autor, os EUA vão enfrentar guerras relativamente “pequenas”, conhecidas como conflitos de baixa intensidade. Bevin (1999) ainda alerta que mesmo possuindo superioridade bélica, os estadunidenses deveriam se preparar para serem enfrentados por atores não assimétricos, através de combates indiretos.

Dessa mesma maneira, Kaldor (1999) aponta o surgimento de “novas guerras”, como fruto do fim da Guerra Fria e da globalização. Essas guerras apontadas por Kaldor, seriam

¹ Trecho original: “You might not be interested in hybrid warfare, but hybrid threats are definitely interested in you”.

² Neste trabalho o termo Guerra Híbrida é referente ao termo inglês “Hybrid Warfarer” no qual contempla de forma mais precisa uma “conduta de Guerra Híbrida”.

³ Trecho original: “All types of warfare should be considered through this ‘hybrid lens’ – especially the conventional one”.

marcadas por conflitos entre atores não estatais, muitas vezes caracterizadas por uma maior participação civil. Ambos os autores entendem que a guerra do futuro se configura de forma assimétrica, na qual os atores buscam evitar o conflito direto, pois os mesmos não dispõem de material bélico e soldados suficientes para um combate do tipo convencional, marcado pelo atrito. Dessa maneira, identifica-se que os conflitos atuais serão marcados por táticas de guerra de guerrilha, terrorismo, subversão e sabotagem, entre outros.

Dentro do debate sobre a guerra do futuro, novas categorias de conflito foram criadas, como a Guerra de Quarta Geração; Guerra Irregular; Guerra assimétrica; Conflito de baixa intensidade; Conflito não-linear; Guerra irrestrita (BANASIK, 2015; LIND, 1989; HEYDTE, 1990; HOFFMAN, 2009, VISACRO, 2017). Uma delas, o objeto dessa pesquisa, é a Guerra Híbrida, conceito criado por Frank G. Hoffman em 2007. A Guerra Híbrida se configura entre a guerra convencional e a guerra irregular. Possuindo como principal característica o uso simultâneo de táticas convencionais e irregulares par atingir seus objetivos.

De maneira mais atual, o autor Korybko (2018) também faz seu alerta para a relevância dos estudos da Guerra Híbrida, dado a configuração do cenário internacional atual. Segundo ele, o mundo multipolar e as armas de destruição em massa têm imposto limites ao confronto direto entre as grandes potências. Além disso, a opção de conflito direto tem se tornado menos atrativa para as potências, visto o custo político e físico para a manutenção de um conflito desse tipo.

A Guerra Híbrida, assim como as outras categorias mencionadas anteriormente, tem sido marcada por debates acerca da sua existência e da sua utilidade conceitual para os estudos de guerra. Além disso, a Guerra Híbrida tem sido utilizada como objeto político por parte dos Estados Unidos e da Rússia.

Segundo o relatório elaborado pela OTAN (2014), a Guerra Híbrida é definida através da análise da atuação da Rússia na Ucrânia. Ou seja, para o Exército e políticos estadunidenses, a Guerra Híbrida foi aquela aplicada pela Rússia durante a anexação da Crimeia, em 2014, se tornando a nova doutrina militar daquele país.

Ao mesmo tempo, a *Gybridnaya Voyna*, termo russo utilizado para Guerra Híbrida, se configura através da interpretação russa ao descrever a atuação estadunidense nos conflitos na Ucrânia. Como aponta Thomas (2016), os russos não admitem que conduzem uma Guerra Híbrida. Na verdade, para eles, é o Ocidente que utiliza esse método contra a Rússia.

De acordo com Charap (2015), a Guerra Híbrida levada a cabo pelos Estados Unidos na Ucrânia, é vista pelos russos como um “ensaio” que logo será aplicado na Rússia. A ideia de

que os EUA utilizam a Guerra Híbrida para derrubar governos hostis, também é compartilhada pelo autor Andrew Korybko (2018), que identifica na revolução colorida ocorrida na Ucrânia, o uso de estratégia híbrida por parte do exército e do governo americano. Indicando que os conflitos futuros, encabeçados pelos EUA, seriam de configurações híbridas.

Essa dupla acusação tem contribuído para a confusão conceitual a respeito da Guerra Híbrida, desclassificando-a como uma teoria relevante capaz de sintetizar os novos desafios e ameaças enfrentados nos conflitos atuais. Além disso, a falta da identificação de padrões a respeito das ferramentas utilizadas na abordagem híbrida tem levado essa teoria ao descrédito. Mas como podemos entender esses novos conflitos que ultrapassam os limites da definição tradicional das guerras convencionais e irregulares?

Em busca dessa resposta, esse trabalho tem como principal objetivo identificar o caráter de Guerra Híbrida empregado pela Rússia e pelos EUA, possibilitando o fortalecimento desse conceito e colaborando para uma maior robustez dos debates a respeito dessa nova abordagem estratégica. Tendo em vista que não se pode mais garantir uma resposta efetiva a essas novas ameaças, se a mentalidade militar permanecer estática a essas novas mudanças, acreditando que apenas precisam estar preparados para responder a uma guerra aos moldes convencionais.

Para que esse objetivo seja alcançado, esse trabalho propõe a análise da participação russa e estadunidense no conflito ucraniano, através das “lentes híbridas” sugeridas pelo EDA (2015), com a intenção de identificar/testar a teoria de Guerra Híbrida definida por Frank G. Hoffman. Tendo como hipótese a confirmação dessa teoria, ou seja, demonstrando que os EUA e a Rússia empregaram táticas de Guerra Híbrida na Ucrânia, partimos para identificar as diferenças e semelhanças da abordagem de cada país que nos ajudarão a entender se estamos de fato observando o mesmo tipo de abordagem de guerra pelos dois países.

O leitor pode indagar aqui que, para testar a teoria da Guerra Híbrida, também seria necessário utilizar uma unidade de análise que não seja um Estado Nacional, sendo assim, deveria ser levado em consideração a atuação de atores não-estatais. Porém, como deixa evidente Maximiano, “somente as nações altamente industrializadas e desenvolvidas seriam capazes de se valer da enormidade de recursos que possibilitam operar em tão diferentes ‘espectros’” (MAXIMIANO, 2018, p.7).

A Guerra Híbrida não se utiliza apenas de táticas irregulares, característico de estratégias utilizadas por atores cuja assimetria de poder bélico é uma realidade. Dessa maneira, este trabalho recairá seu foco em Estados capazes de operacionalizar a Guerra Híbrida em todo o seu escopo.

Metodologicamente, o trabalho apresenta um caráter predominantemente de cunho qualitativo, levando em consideração aspectos políticos, sociais e econômicos do caso estudado. Além disso, utiliza-se também o método comparativo com o objetivo de identificar um padrão da abordagem híbrida pela Rússia e pelos EUA, durante a sua atuação na Ucrânia. Esse padrão será identificado através do mecanismo de análise comparada, o que permite identificar as diferenças e semelhanças entre as táticas e estratégias, assim como as ferramentas utilizadas por cada país que possam ser classificadas como uma manobra híbrida. Ao realizar uma análise de caráter quantitativo e comparado, deve-se levar em consideração algumas limitações que essa abordagem nos impõe, além de apresentar mecanismos pelas quais possamos superar essa limitação para que seja realizado uma pesquisa científica de qualidade.

É importante levar em consideração algumas limitações da abordagem qualitativa na análise de conflitos armados. Como identifica Newman (2009): descrever e explicar um conflito específico é viável através da reunião de variáveis que explicam a violência que tomou o lugar. Porém, desenvolver hipóteses com uma relevância e aplicabilidade para além daquele país é algo totalmente diferente, ambicioso e desafiador. Países, e conseqüentemente os conflitos, são únicos. Essa singularidade dos países e dos conflitos dificultam a identificação de variáveis entre conflitos que ocorrem em diferentes contextos políticos, econômicos e geográficos (CHERNYAEVA, 2010).

A análise de um único conflito requer um processo difícil para isolar e avaliar as variáveis significativas, ao comparar a configuração de variáveis entre mais de um caso, que refletem circunstâncias diferenciadas, para se gerar hipóteses, se torna algo ainda mais complexo. Como reflete Newman (2009), identificar, medir e comparar tantas variáveis importantes em cada conflito, além da interação entre eles, em diferentes contextos é algo extremamente difícil.

Para diminuir essa dificuldade, as metodologias empíricas que se comprometem a analisar um conflito armado recaem sob uma análise simplista da presença ou ausência de certos fatores, construindo conclusões genéricas a partir dos padrões identificados entre os números de casos estudados (NEWMAN, 2009).

Em um primeiro momento, poderia se pensar em levar em consideração as mais diferentes variáveis relacionadas ao conflito, evitando assim um uma análise simplista. Porém, isso também nos levaria ao problema de proliferação de variáveis, tornando a pesquisa mais complexa e passível de erro.

Para evitar cair no erro da simplificação, será utilizado nesta pesquisa o método comparado, o que nos possibilitará uma melhor descrição e classificação das variáveis para que

seja possível identificar padrões e diferenças nas unidades de análise, além de testar a teoria da Guerra Híbrida. Em sua pesquisa, Truda Gray e Brian Martin (2008) definem como deveria ser realizado a comparação entre os conflitos, traçando um paralelo entre a Guerra do Vietnã e a Guerra do Iraque. O objetivo dos autores era confirmar se a guerra do Iraque era uma “mais nova versão” da Guerra do Vietnã, ou seja, se a Guerra no Iraque, iniciada em 2003, se assemelha com a Guerra do Vietnã ocorrida em 1960 até o ano de 1975.

Esses dois autores perceberam que diversas pesquisas que se dedicaram a responder essa questão, muitas vezes apresentavam respostas distintas. Gray e Martin (2008) apontam para o mau uso, ou a falta de uso, de critérios de comparação que muitas vezes induz o pesquisador ao erro da simplificação, ignorando diversas variáveis relevantes. Ou muitas vezes ao não utilizar esses critérios, podem acabar com longas análises e uma complexidade de variáveis ser conseguir chegar ao mínimo dos padrões para realizar uma comparação nos padrões científicos.

Levando em consideração esses problemas, esse trabalho utilizará como base de análise as categorias indicadas por Gray e Martin (2008), para que possamos realizar uma análise comparada do conflito ucraniano. Considerando um conjunto padrão de perguntas feitas por jornalistas, sendo elas: “quem”, “onde”, “o que”, “quando”, “como” e “porque”. Onde para cada uma dessas perguntas os autores consideraram divisões conceituais.

Esse mecanismo funciona da seguinte maneira: na pergunta “quem”, ou seja, quais os atores participantes no conflito de Guerra Híbrida, podemos identificar 4 atores, o país/governo, os civis ou atores não-estatais, e os militares. Criando assim, três categorias. Realizando esse mesmo processo Gray e Martin (2008), formaram um conjunto de 20 critérios:

Quadro 1: Categorias para comparar a guerra

Causa (porque?)	<ul style="list-style-type: none"> • Forças motrizes (dinâmica estrutural; ideologia) • Eventos (triggering events) • Razões públicas (discurso político, razões oficiais)
Participantes (quem?)	<ul style="list-style-type: none"> • Países/governos/grupos • Guerreiros (conscritos, profissionais; guerrilheiros, mercenários) • Civis
Método/Natureza (como?)	<ul style="list-style-type: none"> • Modo (guerra convencional; guerra de guerrilha; genocídio; etc.) • Armas • Mobilização (social, política, econômica) • Ideias (propaganda; imagem) • Legalidade
Escala/duração (onde?); (quando?)	<ul style="list-style-type: none"> • Área/ território • Intensidade • Duração
Resultados (o que?)	<ul style="list-style-type: none"> • Mortos/feridos • Impacto ambiental • Impacto político • Impacto econômico • Impacto psicológicos • Transformações na estrutura social

Fonte: (GRAY; MARTIN, 2008, p. 4-5)

Tendo como parâmetro essas categorias, as informações utilizadas nesse trabalho serão adquiridas através da coleta e análise de dados como jornais e revistas (tanto de origem russa quanto norte-americana), que nos permita identificar as diferentes narrativas dos eventos ocorridos na Ucrânia. Também será utilizado material oficial dos respectivos governos, além de relatórios militares que tenham como tema principal o debate sobre a Guerra Híbrida. A pesquisa utilizou como fonte de pesquisa livros e periódicos que discorrem sobre o tema.

O primeiro capítulo dessa pesquisa apresenta um debate predominantemente ocidental, no qual se concentra em identificar as principais mudanças na guerra ao longo dos anos. Tendo

em foco os tipos de guerra que contribuem para atingir uma melhor compreensão do conceito de Guerra Híbrida, visto que ela se caracteriza como uma mistura de diversos tipos de guerras utilizadas simultaneamente. Dessa maneira, é importante conhecer essas tipologias de guerra, como a guerra convencional, a guerra irregular e a guerra de quarta geração, para que possamos melhor entender todo o espectro da forma da Guerra Híbrida.

O segundo capítulo se dedica ao pensamento militar russo, principalmente em relação a natureza dos conflitos contemporâneos. O capítulo também traz alguns dos conceitos da cultura militar russa que contribuem para a construção do conceito de Guerra Híbrida russa, ou seja, da formação do termo *Gibridnaya Voyna*.

O terceiro capítulo será predominantemente de cunho descritivo, tendo como foco a relação entre a Rússia e a Ucrânia no período pós-Guerra Fria. A relação entre esses países contribui para que possamos entender dois pontos relevantes: o primeiro seria compreender os interesses russos que levaram o país a participar do conflito; e o segundo consiste em entender como se deu o processo de anexação da região da Crimeia, tendo em vista os mecanismos e ferramentas indicadas pela teoria de GH.

O quarto capítulo também será descritivo, desta vez encarregado de analisar as relações entre os EUA e a Ucrânia, buscando deixar em evidência os motivos pelos quais o país decidiu atuar no conflito. A participação dos EUA no conflito ucraniano será analisada sob a ótica da teoria de GH russa, ou seja, sobre a perspectiva da *Gibridnaya Voyna*.

O quinto e último capítulo se dedica a realizar uma análise comparada das diferentes guerras híbridas levadas a cabo, primeiramente pelo governo russo, e posteriormente pelo governo estadunidense. Levando em consideração as categorias indicadas por Gray e Martin (2008), serão analisadas a atuação desses países no conflito ucraniano, evidenciando as diferenças e semelhanças em suas abordagens, com o objetivo de testar e confirmar o seu caráter híbrido. Além disso, o capítulo contém uma análise comparando as duas teorias de Guerra Híbrida, confirmando assim, se estamos ou não falando de uma mesma teoria.

CAPÍTULO 1. UMA TEORIA DE GUERRA HÍBRIDA

Esse primeiro capítulo tem como compromisso apresentar aspectos relevantes sobre o debate do fenômeno da guerra e suas características futuras, levando em consideração a perspectiva predominantemente Ocidental. Além disso, serão apresentados os conceitos que deram base para a formação do conceito de Guerra Híbrida que é o objeto de análise deste trabalho, como é o caso das guerras de irregulares, da Guerra Composta e Guerras de Quarta Geração.

1.1 A GUERRA EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

O fenômeno da guerra é estudado desde a antiguidade. Uma gama de autores tem se dedicado a compreender a natureza da mesma e os motivos pelos quais surgem os conflitos. Além disso, podem-se identificar grandes esforços para criar uma teoria da guerra, no desejo de formar verdadeiros manuais que os Estados e seus exércitos devem se guiar para saírem vitoriosos em um evento dessa natureza. Autores como Tucídides, com *História da Guerra do Peloponeso (431 – 404 A.C.)*, no qual relata o conflito entre Atenas e Esparta; Sun Tzu com *A Arte da Guerra*, escrito por volta do século IV A.C.; ou *A Arte da Guerra*, escrita pelo florentino Maquiavel entre 1519 e 1520.

Além deles, há autores que caminham pelo debate sobre a natureza da guerra. O principal e mais conhecido foi o militar prussiano Carl von Clausewitz, com *Da Guerra*, publicada em 1862 após a sua morte. Posteriormente, há o estrategista francês Antoine-Henri Jomini, que em 1862 escreveu *A Arte da Guerra*. Outros dois autores, considerados mais atuais, também contribuíram para os estudos da guerra. São eles, o historiador John Keegan, com *A Face da Guerra*, de 1976, e *A História da Guerra* de 1991. E por último, Samuel P. Huntington, com *Choque de Civilizações* de 1996. Todos esses autores buscaram identificar a essência do conflito em sua época, formulando como se configurariam os conflitos em sua época. Criando, em sua maioria, manuais utilizados para obter sucesso nas futuras batalhas.

Para que se possa entender a natureza dos conflitos da atualidade, deve-se compreender que a guerra é um fenômeno social/cultural (KEEGAN, 2006; HUNTINGTON, 1997), e por isso, sofreu transformações ao longo da história. Como afirma Jayachandran (2009), a guerra é um produto da política internacional, do desenvolvimento tecnológico e das circunstâncias sociais. Além disso, as razões dos conflitos e as táticas utilizadas na guerra dificilmente permaneceram estáticos, ou seja, continua a se desenvolver e se adaptar de acordo com as mudanças no ambiente.

A ideia de que a guerra é apenas travada entre atores estatais, por questões predominantemente territoriais e de soberania, é equivocado. Como defende Keegan (2006, p. 11), “a guerra precede o Estado, a diplomacia e a estratégia por vários milênios”. Jayachandran (2009), afirma que durante o período que antecedeu o tratado de Westphalia⁴ (1684 – 1860) as guerras de nacionalidade e soberania eram um fenômeno raro em comparação a outros tipos de guerra (religiosas, culturais, étnicas, tribais, territoriais ou de conquistas). Além disso, essas guerras eram travadas por diferentes atores como monarquias, famílias, tribos, gangues, grupos étnicos ou religiosos.

Williamson (2009) afirma que da mesma maneira que as ideias e a tecnologia forjaram grandes mudanças no decorrer da história, o jeito como os seres humanos lutam suas guerras também sofreram transformações.

Neste capítulo identificou-se que vários fenômenos como a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, o surgimento das armas nucleares, o avanço tecnológico e os processos de globalização modificaram a natureza da guerra tanto em seus motivos quanto em seus atores e em suas estratégias. Durante e após a Guerra Fria, o conflito entre Estados Nacionais, caracterizados como previsíveis (tempo, local, leis previamente definidas), foi substituído por uma abordagem mais complexa, em que surgem novos atores e novas estratégias, sem limitações geográficas e temporais e sem distinção entre o civil e o soldado. O advento da ameaça nuclear traz de volta modelos de conflitos considerados como primitivos. (HUNTINGTON, 1997; VISACRO, 2017; HEYDTE, 1990).

1.2 GUERRA CONVENCIONAL (GC)

Caracterizar a guerra convencional ou guerra regular (GR) é algo prioritário para quem busca compreender de que forma a guerra irregular (GI) se apresenta na modernidade. Anteriormente a isso, deve-se entender que a guerra irregular é algo que antecede o conflito conceituado como regular. Como menciona Heydte, o conflito irregular é uma forma primitiva de condução da guerra (HEYDTE, 1990, p. 129). Precedendo a guerra irregular, a forma de guerra convencional se tornou predominante até o final da Guerra Fria.

⁴ Importante ressaltar que a influência do tratado de Westphalia se tornou geograficamente limitada ao Ocidente. Países orientais como Rússia e China não reconhecem ou foram minimamente afetados pelas transformações advindas deste tratado.

Visacro (2009, p. 14) aponta a dificuldade de se estimar o período certo em que essa prática irregular começou a ser utilizada. Para ele, não há como se estabelecer um precedente histórico capaz de indicar um ponto de início para o estudo da GI. O autor cita alguns eventos que demonstram que a GI tem estado presente em toda a história da humanidade. Segundo ele, há cerca de 500 anos A.C. o Império Persa já enfrentava a resistência armada de povos dominados que se utilizavam de táticas de guerrilha, tática considerada irregular. Um segundo evento identificado pelo autor foi em 73 A.C., com a insurreição liderada pelo gladiador Spartacus na Roma Antiga. No ano 532 D.C. em Constantinopla, houve a Rebelião de Nika, que apresentou características de GI. E por fim, a prática irregular foi identificada na Idade Média por meio do grupo ismaelita dos Assassinos.

Foi somente com o surgimento da instituição militar grega que as guerras regulares passaram a monopolizar as mentes de soldados e estadistas (VISACRO, 2009, p. 14). Esse tipo de conflito perdura até os dias atuais. Sobre as características de um conflito convencional, segundo Sá (2011):

Entendemos a guerra regular como a forma convencional de combate entre Estados, por meio de suas Forças Armadas, onde o combatente segue uma cadeia hierárquica definida, institucionalizada e reconhecida pelos Estados, onde não há dúvidas entre quem são os integrantes destes continentes (combatentes) e os não integrantes ou civis (não combatentes), onde o propósito é de impor sua vontade sobre o oponente pelo uso da força, na grande maioria dos casos, pela neutralização de suas Forças Armadas (SÁ, 2011, p. 36).

Outra definição que complementa a citação anterior foi elaborada pelo *Political Geography Glossary*:

Armed conflict between states and/or nations in which combatants appear in organized military units that are often outfitted with standard uniforms, weapons, and equipment. It typically involves major combat operations that overtly seize control of territory, inhabitants, and resources. The goal of conventional warfare is “the capture of territory by military means, which usually involves battles” (ROGERS, CLIFFORD J., et al. 2016, p. 152 apud POLITICAL GEOGRAPHY GLOSSARY).

Neste caso, a guerra regular se dá em um conflito onde os atores são os Estados Nacionais, e cuja intenção é neutralizar ou subjugar uma outra nação. Para isso a utilização da violência deve focar na destruição das Forças Armadas da nação inimiga para que se inviabilizasse uma suposta reação do seu inimigo ao seu ataque. Isso já permite identificar a segunda característica da GR, que é o enfrentamento entre Forças Armadas, normalmente regulares. Neste tipo de conflito, há uma clara diferenciação entre civis e militares, e são esses últimos que estarão nas batalhas. Dentro das Forças Armadas, há uma forte hierarquia e o

soldado não age de maneira individual e isolada, não há espaço para improvisos. As estratégias são bem definidas, como se cada passo dado pelo soldado fosse já delimitado pelos seus superiores. Além disso, esse tipo de conflito apresenta um caráter limitado de tempo e espaço. São conflitos de curta duração, com combates diretos e decisivos, em um espaço geográfico definido

Quadro 2: Características da Guerra Convencional

Sinônimos	Guerra regular, simétrica, clássica, tradicional, Guerra de atrito, Guerra Clausewitziana
Atores	Estados (forças armadas, exércitos regulares)
Motivações	Território, mudança políticas, status quo e mudança de regimes políticos
Objetivos	Econômicos, militares e mudança política
Estratégia	Lançar ofensivas militares com o objetivo de eliminar o inimigo ou estabelecer domínio territorial
Fonte de renda	Estatal, através de imposto
Poder relativo entre os atores	Majoritariamente Simétrico
Apoio popular	Alto
Táticas	Batalhas, uso de tropas, coerção, poder de fogo
Número de mortos	Alto
Violência	Controlada
Exemplos	Primeira e Segunda Guerra Mundial, Guerra do Golfo
Resultado	O mais forte (com maior capacidade bélica) ganha

Fonte: Elaboração própria, com base em Kaldor (2012) e Visacro (2017)

O fim da Guerra Fria trouxe à tona novos cenários de guerra, cuja configuração se distancia das características que representam a guerra convencional apresentada até este momento. Identificou-se um número crescente de conflitos representados por táticas subversivas, revolucionárias e terroristas. Vale ressaltar que essas táticas não são novas,

podendo ser identificadas ao longo da história. Porém, o cenário pós-Guerra Fria indica que essas táticas são utilizadas de uma forma distinta, o que conduziu acadêmicos, militares e políticos ao debate sobre a configuração da guerra do futuro.

1.3. A GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO (4GW)

Durante a década de 1980, surge um movimento acadêmico dentro do campo de estudos de Segurança Internacional que buscava entender as mudanças que estavam ocorrendo nos conflitos pós-Guerra Fria. O objetivo destes teóricos era prever como seria a “guerra do futuro”.

Um dos precursores do tema foi William S. Lind que, junto aos coronéis Keith Nightingale, Joseph Sutton, Gary Wilson e John Schmitt, lançam em 1989 no *Marine Corps Gazette*, um artigo intitulado “The Changing Face of War: Into the Fourth Generation”. O artigo se inicia com uma provocação, cujo objetivo é defender a importância de antecipar as características da guerra que está por vir. Segundo Lind (1989), a principal tarefa do soldado durante um período de paz, é se preparar efetivamente para a próxima guerra. Por isso é necessário que o soldado se antecipe e tenha conhecimento de como a próxima guerra será.

Esses autores terminam por elaborar uma classificação da guerra moderna. Segundo eles, o desenvolvimento militar passou por três gerações distintas, onde se entraria para a Quarta Geração. A Guerra de Primeira Geração (1GW) teve início no Tratado de Paz de Westphalia (1684 a 1860). Lind (2004) conceitua essa primeira geração como uma guerra de táticas de linha e colunas, em que as batalhas eram formais e o campo de batalha era ordenado. A importância desta estrutura ordenada foi a possibilidade de criar uma cultura organizacional. Nesse sentido, foi neste período que a distinção entre civis e militares ficou mais clara e os militares passaram a utilizar uniformes e hierarquias de poder.

Segundo Ruivo (2014), a guerra de primeira geração tem como principal característica o uso do “Princípio da Massa”, com local previamente definido. O ápice da 1GW foram as campanhas napoleônicas. Como aponta Lind (2004), as mudanças que ocorreram no campo de batalha durante o século XIX contribuíram para gerar contradições entre a cultura militar e o aumento da desordem/desorganização no campo de batalha.

The battlefield of order began to break down. Mass armies, soldiers who actually wanted to fight (an 18th-century soldier's main objective was to desert) rifled muskets, then breechloaders and machine guns, made the old line-and-column tactics at first obsolete, then suicidal (LIND, 2004, p. 12).

A Segunda Geração (2GW) viria como uma resposta às contradições que surgiram dentro do campo de batalha. Essa geração foi desenvolvida pelo exército francês durante e após a Primeira Guerra Mundial. Segundo Ruivo (2014):

Buscou uma solução no poder de fogo em massa, a maioria dos quais era fogo de artilharia indireta. O objetivo principal era o atrito, e a doutrina foi resumida pelos franceses como “a artilharia conquista, a infantaria ocupa”. Armas e equipamentos foram criados e/ou aperfeiçoados, em especial o canhão, o fuzil e a metralhadora, resultando numa supremacia do fogo sobre o movimento (RUIVO, 2014, p. 4).

A guerra era estática e de atrito. Era uma “batalha conduzida”, ou seja, toda a parte de poder de fogo era sincronizada. A obediência era mais importante do que a iniciativa. Com isso, a 2GW consegue preservar a cultura da ordem. A introdução de tanques e aeronaves, conseqüentemente, forçou uma transformação na configuração do conflito. Surge então a Terceira Geração (3GW).

Segundo Lind, a 3GW foi um produto da Primeira Guerra Mundial, desenvolvida pelo exército alemão. Essa nova tática de guerra ficou conhecida como *Blitzkrieg* ou *Maneuver Warfare*. O autor define essa terceira geração não como uma guerra de atrito nem baseada no poder de fogo, mas, sim, uma guerra baseada na velocidade, na surpresa, no deslocamento físico e mental. A 3GW deixa de ser linear, o que termina mudando a cultura militar. Além disso, ao contrário da 2GW, a iniciativa se torna mais importante que a obediência.

Tactically, in the attack, a Third Generation war seeks to get into the enemy's rear areas and collapse him from the rear forward. Instead of “close with and destroy”, the motto is “bypass and collapse”. In the defense, it attempts to draw the enemy in, then cut him off. War ceases to be shoving contest, where forces attempt to hold or advance a line. Third Generation war is nonlinear (LIND, 2004, p. 13).

Através da tabela elaborada por Mary Kaldor (2012), podemos identificar de uma forma mais clara as diferenças entre as gerações de guerra apresentadas abaixo.

Quadro 3: A evolução das guerras “antigas”

	Século 17 e 18	Século 19	Início do Século 20	Final do Século 20
Tipo de regime político	Estados absolutistas	Estado Nacional	Coalizão de Estados; Estados multinacionais; Impérios	Blocos
Objetivos	Razão de Estado; Conflitos dinásticos; consolidação de fronteiras	Conflito nacional	Conflito nacional e ideológicos	Conflitos ideológicos
Tipo de exército	Mercenário/ profissional	Profissional/ recrutamento	Exército em massa (grande contingente militar)	Elite científico/militar; exército profissional
Técnica Militar	Uso de armas de fogo; manobras defensivas	Uso de ferrovias e telégrafos; rápida mobilização	Massivo poder de fogo; uso de tanques e aeronaves	Armas nucleares
Economia da guerra	Regulação de tributações e empréstimos	Expansão da administração e da burocracia	Economia de mobilização	Complexo industrial-militar

Fonte: Adaptação (KALDOR, 2012, p. 30)

As características mencionadas da 3GW continuam a marcar a Guerra de Quarta Geração (4GW). Mas, como defende Lind (2004) em seu artigo, a maior mudança entre essas gerações está na perda do monopólio da guerra dos Estados. Há um retorno dos conflitos culturais e uma diminuição do embate entre Estados Nacionais. O autor continua:

In Fourth Generation War, the state loses its monopoly on war. All over the world, states militaries find themselves fighting non-state opponents such as Al-Qaeda, Hamas, Hezbollah, and the Revolutionary Armed Forces of Colombia. Almost everywhere, the state is losing (LIND, 2014, p. 13).

Segundo o conceito do coronel T.X. Hammes (2007), 4GW são as guerras que se utilizam de todas as redes políticas, econômicas, sociais e militares que estão disponíveis, com o objetivo de convencer os atores inimigos, responsáveis por tomar decisões políticas, do alto custo que irão pagar ao perseguir seus interesses. O objetivo aqui é anular a vontade do inimigo de entrar em um conflito para buscar realizar seus interesses.⁵

Nesse sentido, a informação se torna o ponto mais relevante de uma Guerra de Quarta Geração, visto que os oponentes tentarão atacar diretamente as mentes dos inimigos. E somente por meio da informação pode-se transformar/modificar a opinião de uma população-alvo. Como conclui Hammes, “insurgentes eficazes desenvolvem seus planos ao redor de uma campanha de comunicações estratégicas elaborada com o objetivo de alterar a visão que seus inimigos têm do mundo” (HAMMES, 2007, p. 17).

É no conflito de Quarta Geração que se pode notar a influência do desenvolvimento tecnológico na área de informação e como ela tem transformado a natureza dos conflitos adicionando uma camada a mais de complexidade no espaço de batalha tradicional. Segundo Svetoka (2016), o rápido desenvolvimento tecnológico no campo das informações criou diversas oportunidades que permitem que qualquer pessoa possa filmar, editar e compartilhar informações, imagens e vídeos em tempo real. Governos e as mídias tradicionais deixaram de ser os principais atores no campo das informações.

Em relação aos conflitos atuais como os que ocorreram na Líbia, na Síria e na Ucrânia, o acesso global ao ambiente virtual criou inúmeras oportunidades de conduzir batalhas em rede,

⁵ Essa definição pode ser vista como um ajuste do tradicional conceito de Deterrência. Como aponta Schelling (1966): “deterrence rests today on the threat of pain and extinction, not just on the threat of military defeat”. (SCHELLING, 1966, p. 23)

afetando tanto o domínio físico com crimes cibernéticos e ataques a sistemas de computadores, quanto no domínio cognitivo, como influenciar crenças e atitudes (SVETOKA, 2016, p. 8).

Esse ambiente virtual se torna um campo fértil para a disseminação de propaganda e desinformação, capazes de manipular crenças e percepções de uma população. Esse efeito em massa criado pelas redes sociais pode ser aplicado a baixo custo, e por esse motivo se tornou uma ferramenta essencial dos conflitos atuais; ferramenta esta que será fortemente utilizada por atores estatais e não estatais que se engajam em um conflito híbrido, como se verá mais adiante.

Dentro deste escopo, é necessário ressaltar a crescente relevância da dimensão psicológica nesses novos conflitos. A conquista de “mentes e corações⁶” atualmente está diretamente ligada ao conflito assimétrico, principalmente em referência às operações de contra-insurgência centrada na população. Ela surge em oposição às abordagens conhecidas como “kinetic” ou coercitiva, marcada pelo uso massivo de armas, força e violência. Abordagem que se caracteriza por operações contra os inimigos de formato “search and destroy” (VALEYRE, 2012, p.18).

Como indica o *The Military Balance* (2007), o componente psicológico, além de incluir a conquista das “mentes e corações”, também envolve influenciar a mentalidade da população inimiga, e é visto como uma peça-chave para o sucesso ou fracasso nas complexas dinâmicas das guerras modernas.

Influence operations', in the military context, are defined as methods that use informational, behavioral, and attitudinal concepts to reinforce key military and political efforts. Influence operations attempt to reinforce activities within the area of operations across differing target audiences to support the commander's intent. [...] A lack of engagement with psychological factors is not an option (THE MILITARY BALANCE, 2007, p. 415).

Concordando com as mudanças percebidas por Lind e T. X. Hammes, pode-se admitir que a conduta da guerra mudou bastante, e que, principalmente no século XXI, o cenário e os atores em conflito também sofreram mudanças. Outros autores buscam contemplar essas mudanças, como Mary Kaldor (2012), em “New and Old Wars”. Segundo ela, um novo tipo de

⁶ “Winning hearts and minds”: essa frase já foi utilizada em diversos contextos, passando desde a filosofia clássica até a religião, sendo adotada pelos protestantes anglo-saxões. Em seguida foi introduzida no cenário político, fazendo parte da ordem Liberal-Democrata. Foi mencionada por grandes nomes como John Adams e por Frank Delano Roosevelt, no contexto do New Deal. Essa mesma frase passou por um processo de “militarização”, e passou a aparecer em discursos nos campos de batalha. No contexto militar, a frase apareceu pela primeira vez em 1952, em referência às operações e métodos utilizados nas operações de contra-insurgência do exército britânico na Malásia. (VALEYRE, 2012, p. 18)

violência foi desenvolvido entre os anos de 1980 e 1990. Essas “novas guerras”, para ela, se diferencia da percepção da guerra regular, convencional defendida por Clausewitz.

Ruivo (2014) defende que, atualmente, com o advento da 4GW, a guerra pode ser classificada em quatro tipos diferentes. O primeiro seria a guerra convencional ou regular, cuja principal característica é o conflito entre Estados. A guerra é travada entre exércitos e com clara definição entre civis e soldados; O segundo tipo seria a guerra de destruição em massa, que a autora diz parecer pouco provável que aconteça; o terceiro tipo seria a guerra irregular, que progressivamente vem substituindo as guerras convencionais. Esse tipo de guerra marcou o período pós Segunda Guerra e durante a Guerra Fria; e, por último, a guerra assimétrica, entendida como a guerra irregular em escala mundial. A guerra assimétrica é a guerra de Quarta Geração.

1.4 GUERRA IRREGULAR E CONFLITOS ASSIMÉTRICOS

O número de conflitos classificados como irregulares tem crescido, tendo sua frequência aumentada durante e após a Guerra Fria. Segundo Visacro (2017), “após o fim da Segunda Guerra Mundial ocorreram mais de oitenta guerras de natureza assimétrica”. Noventa e seis por cento dos conflitos transcorridos durante a década de 1990 foram assimétricos. Como defende von der Heydte (1990), em *A Guerra Irregular Moderna*:

Os anos que se seguiram à 2ª Guerra Mundial são caracterizados por um grande número de conflitos armados, que são em parte, guerras convencionais de curta duração e limitação geográfica. A maioria desses conflitos são, contudo, guerras irregulares que se arrastam ao longo de muitos anos, em meio a mudanças de intensidade do combate. A guerra irregular está progressivamente tomando o lugar da guerra convencional “de grande escala” (HEYDTE, 1990, p. 31).

Esse tipo de conflito adquire esse nome pelo caráter de assimetria de poder entre os combatentes, conhecida como a luta dos “fracos”, sendo ela o último recurso utilizado pelos atores mais fracos para resistir em um combate frente a um ator com capacidades militares superiores.

O conflito assimétrico é muitas vezes comparado à história mitológica de Davi e Golias. Em que Davi, um rapaz pequeno e fraco, com uma funda e uma pedra consegue matar Golias, um guerreiro fortemente armado e experiente, com mais de dois metros de altura. Davi, que evita o combate de maneira convencional, de atrito, em que evidentemente sairia morto, descobre o ponto vulnerável do inimigo e consegue matá-lo apenas com uma pequena pedra.

Outra menção interessante sobre a tática irregular é a citada por Heydte (1990, p. 70). Ele faz uma alusão ao confronto entre o touro e o toureiro. Segundo ele, existem duas maneiras de ganhar esse duelo, o primeiro é utilizando uma estratégia de ação direta, que seria segurar o touro pelos chifres e buscar uma grande batalha decisiva, utilizando golpes potentes com o objetivo de destruir a força adversária, ou seja, matar o touro. Em outra situação, pode-se vencer o adversário evitando um confronto direto com as forças do oponente (o touro). Utilizando-se de uma estratégia indireta, o toureiro busca evitar o touro, para obter uma melhor oportunidade de acertá-lo com as bandeirinhas. Nesse caso, o toureiro procura desorientar o touro, levando-o a estar em uma posição desfavorável, deixando o animal exausto para em seguida derrotá-lo.

No que concerne ao conceito de guerra assimétrica, Bermúdez (2006) chama atenção sobre a deficiência deste conceito. Segundo ele, ao se considerar que a assimetria se dá unicamente pelo desbalanceamento das forças dos conflitantes, pode-se considerar que esta característica se apresenta na maioria das guerras da história, não apresentando assim uma particularidade deste tipo de conflito. Ele sugere que além da assimetria de poder, a guerra assimétrica se dá em mais outros dois eixos que seriam a assimetria dos objetivos e a assimetria dos meios (BERMÚDEZ, 2006, p. 3).

Como esse tipo de conflito apresenta diferenças de objetivos e meios de combate, as respostas tradicionais se tornam ineficientes. Visacro (2017, p. 222) parte da premissa de que neste tipo de combate não há regras (característica marcante nas guerras convencionais). A imprevisibilidade e a alta capacidade de se moldar a diversos ambientes é o que torna o combatente “mais fraco” capaz de vencer um inimigo com capacidade bélica superior. Essa tipologia de conflito não deve ser entendida sob à luz dos princípios teóricos que guiam os combates convencionais, pois é da ausência de padrões rígidos de organização que se garante o sucesso no resultado do conflito.

Para outros autores, a assimetria é identificada no nível estratégico. Segundo Steven Metz e Douglas V. Johnson (2001), na guerra, a diferença entre os oponentes é algo que sempre existe. Em alguns momentos, essas diferenças são insignificantes para o desenrolar do conflito. E, em outros momentos, elas podem ser importantes, concebendo vantagens a um oponente e desvantagens para o outro. Mas, para esses dois autores, o que os Estados Unidos enfrentam atualmente é a assimetria estratégica. Eles conceituam o conflito assimétrico com base na diferenciação estratégica. Essa assimetria ou diferença é utilizada para obter vantagens contra o oponente e dependerá basicamente do contexto em que o conflito se dá.

In the realm of military affairs and national security, asymmetry is acting, organizing, and thinking differently than opponents in order to maximize one's own advantages, exploit an opponent's weaknesses, attain the initiative, or gain greater freedom of action. It can be political-strategic, military-strategic, operational, or a combination of these. It can entail different methods, technologies, values, organizations, time perspectives, or some combination of these. It can be short-term or long-term. It can be deliberate or by default. It can be discrete or pursued in conjunction with symmetric approaches. It can have both psychological and physical dimensions (METZ; JOHSON II, 2001, p. 5-6).

No âmbito estratégico, a assimetria se dá por meio da obtenção de um pensamento e de uma organização que se diferencie do oponente, com o objetivo de garantir vantagens em comparação ao inimigo poderoso, procurando explorar suas vulnerabilidades. Conflitos que apresentam assimetria de poder entre os combatentes e em que se apresentam a necessidade de utilizar estratégias que visam a identificar e atacar os pontos fracos do oponente mais poderoso, na maioria das vezes, convergem para um conflito irregular. Precisa-se aqui, identificar as principais características da guerra irregular que faz parte do conflito de Quarta Geração visto acima.

Bevin Alexander (1999), aponta que mesmo que os Estados Unidos disponham das forças armadas mais eficiente e poderosa do mundo, tornando-as quase que impossível de serem derrotadas em um conflito convencional, o país não pode gerar uma autoconfiança em sua superioridade militar, o que levaria a um desastre. Em suas palavras, e já prevendo como seriam os conflitos do futuro, Bevin comenta que “outros países podem enfrentá-los [EUA] efetivamente através de lutas indiretas, fugindo à sua superioridade militar e evitando grandes concentrações de armas e homens que possam ser localizadas e destruídas” (BEVIN, 1999, p. 34).

Conceituar a guerra irregular é algo difícil. A abrangência das formas, táticas e estratégias utilizadas por essa “nova” forma de conflito tem gerado uma certa confusão. Para Visacro (2017), o que se torna relevante entre os teóricos é que a guerra irregular é a forma de guerra mais antiga.

Segundo Visacro (2017), “guerra irregular é todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal, e sobretudo, de legitimidade jurídica institucional”. A informalidade desse tipo de conflito torna praticamente impossível de notar padrões que permitam criar princípios teóricos rígidos que possam ser aplicados. Essa imprevisibilidade se torna um ponto essencial para as partes que utilizam táticas irregulares.

Von der Heydte (1990) indica primeiramente o caráter ilimitado da guerra irregular, entendendo que a ideia de que na guerra (convencional) a violência só poderia ser empregada

por determinadas pessoas (soldados e militares). Além disso, estas pessoas deveriam utilizar instrumentos determinados, como as armas militares. Isso torna a guerra convencional limitada. Heydte (1990, p. 41) continua afirmando que “a limitação do emprego da violência a determinadas pessoas e a instrumentos específicos constitui o conteúdo da mais antiga norma de lei da guerra, a mais velha convenção”.

Portanto, a guerra irregular se torna mais cruel por ser promovida fora das convenções, ou seja, as leis e normas que regem o conflito regular não são respeitadas. A ideia de que o combate é conduzido apenas por soldados e armas militares não caracteriza mais a guerra do futuro defendida pelos autores mencionados até aqui. Nesse caso, assim como foi defendida por Clausewitz, o conceito da guerra como uma continuação da política por outros meios, fica mais evidente na guerra irregular. A conexão entre a política e a guerra se torna mais nítida, e como ele mesmo refere: “a guerra irregular é, num certo sentido, a guerra do político e não a guerra do soldado” (HEYDTE, 1990, p. 39).

Além da imprevisibilidade, uma das principais características da guerra irregular são os alvos a serem perseguidos. A destruição total do inimigo não é mais o principal objetivo. Segundo a lógica do conflito assimétrico, a conquista do apoio da população se torna de extrema importância. Nesse raciocínio, ao conquistar o apoio popular, os combatentes conseguem garantir uma maior durabilidade do conflito, além de uma maior visibilidade internacional.

A destruição das forças inimigas, a conquista do terreno, a posse de capitais e a manutenção de áreas geográficas possuem valor secundário na guerra irregular, pois nesse tipo de conflito o verdadeiro centro de gravidade encontra-se no apoio da população. [...] Em termos estratégicos, podem, com o seu apoio, prorrogar por tempo indeterminado o término do conflito. Politicamente, exercem pressão sobre decisões governamentais e influenciam a opinião pública doméstica e internacional (VISACRO, 2017, p. 238).

O foco no apoio popular é um elemento antigo, já defendido por Sun Tzu (2015) por volta do século IV AC. Ele se torna vantajoso, por exemplo, em um conflito cujo objetivo é derrubar um governo. Grupos irregulares que não possuem capacidade militar igual às do Estado, tendem a utilizar táticas irregulares. E a sua principal necessidade é conquistar o apoio popular nacional e internacional, fazendo com que a vontade do Estado de manter o conflito cesse. Isso faz com que esse tipo de conflito se transcorra no campo psicológico, podendo tanto causar o terror psicológico ou a luta pela conquista dos “corações e mentes”. Segundo Visacro, o movimento da conquista da população se dá por dois processos diferentes, um direto e outro indireto:

Para cooptar o apoio ativo de uma minoria e o apoio ativo da maioria da população, as forças irregulares combinam processos diretos e indiretos. Os métodos diretos abrangem a execução de campanhas de operações psicológicas calcadas, basicamente, no emprego de técnicas tradicionais de subversão e propaganda; no trabalho da imprensa clandestina; na pregação ideológica; no exercício de práticas assistencialistas, como fazem o Hamas e o Hezbollah, por exemplo; e na execução de operações militares contra alvos objetivos que possuem algum tipo de apelo ou valor psicológico. Indiretamente, as forças irregulares podem fomentar um ciclo crescente de violência, por meio de ataques seletivos contra determinados segmentos da comunidade e colaboradores inimigos (VISACRO, 2017, p. 239).

Além de visar o apoio popular e o alvo psicológico, o conflito irregular apresenta algumas outras características que se distanciam da guerra convencional. Segundo aponta Visacro (2017), a guerra irregular apresenta uma menor relevância dos aspectos militares, em que os combatentes buscam evitar batalhas de atrito, visto a sua inferioridade bélica. Mharapara (2014) afirma que a meta de quem luta em um conflito assimétrico é “enfraquecer o diálogo político ao invés do poder militar”. Ele continua: “Na guerra assimétrica, o combate ocorre nas frentes econômicas, políticas, diplomáticas, sociais e militares, quando convém” (MHARAPARA, 2014, p. 100).

É importante mencionar que conflitos irregulares podem evoluir para uma guerra convencional assim que o grupo conseguir capacidade para obter bons resultados em uma guerra de atrito. Em relação a preponderância do conflito indireto, Von der Heydte cita:

A guerra irregular moderna, ao contrário, desconhece qualquer abordagem direta, em razão de sua natureza mesma. O poder relativo de combate se torna irrelevante, porque não é um teste definitivo de poder o que está em jogo. Quem conduz a guerra irregular procura evitar tais testes diretos de poder e busca, ao invés disso, instabilizar, surpreender, exaurir o adversário para desequilibrá-lo, esgotá-lo intelectual e moralmente sem sequer lhe proporcionar oportunidade de empregar suas armas – que novamente são superiores. Ao término da guerra irregular não há apenas uma vitória militar, mas também uma vitória política total (HEYDTE, 1990, p. 92).

A questão do tempo também se torna importante nesse tipo de conflito. Não há um período determinado de duração do conflito, podendo haver momentos de completa inatividade do grupo guerrilheiro. A relação que o conflito irregular tem com o tempo está diretamente relacionada ao apoio popular. Guerras muito longas se tornam difíceis de serem justificadas. Um exemplo disso foi a retirada da atuação estadunidense no Vietnã, pois o Estado americano perdeu o apoio popular após o prolongamento do conflito.

Ainda sobre a questão temporal, o autor Givhan (1996) divide o tempo em seu aspecto físico e o psicológico. O aspecto físico é aquele que pode ser mensurado como duração,

andamento, sequência e sincronização. Já o seu aspecto psicológico decorre diretamente da percepção humana, onde, dependendo das condições, o homem pode perceber que o tempo está passando de forma mais rápida ou lentamente.

Um exemplo interessante dado por Givhan (1996) se dá entre a dinâmica política e militar em relação ao tempo. A diferença do significado do tempo para a instituição militar e para políticos tomadores de decisão, já que são motivados, e recebem demandas de formas distintas terminam por produzir uma tensão entre os aspectos físicos e psicológicos do tempo em algumas situações. Como é o caso onde líderes políticos que, por pressão popular, necessitam de uma resposta militar rápida e eficaz para pôr fim a um conflito que já se arrasta por um longo período. Porém, sob a ótica militar, devido a situações adversas como distancia, preparo das forças, questões de logísticas, seria mais vantajoso postergar o ataque ao inimigo. Ou então, poderá surgir uma situação oposta, onde há sob a ótica militar, a urgência de uma resposta através de um ataque imediato ao inimigo. Porém, de alguma forma não há suporte doméstico e internacional, forçando os líderes políticos a postergar um movimento militar.

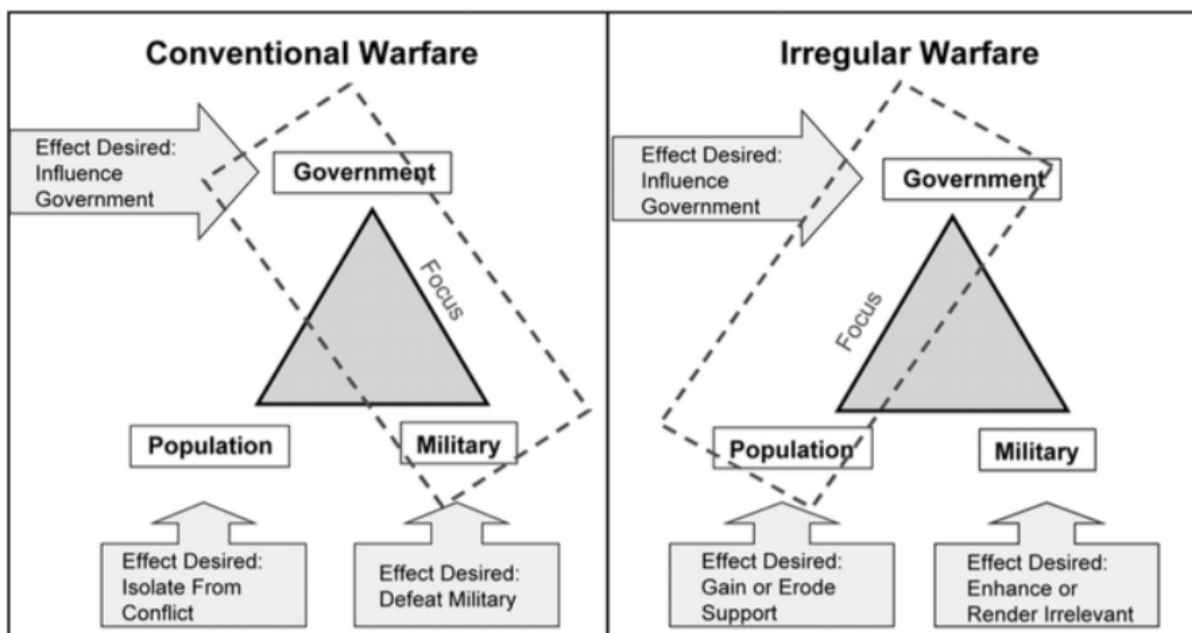
Dessa maneira, o quesito “tempo” se torna uns dos principais instrumentos utilizados pelos grupos que optarem pelo emprego das táticas irregulares. Identificando a vulnerabilidade que o inimigo possui em relação ao tempo, pode ser algo de grande eficácia. Ao perceber que há uma demanda interna, dentro do país inimigo, para que o conflito acabe, o ator pode buscar meios para desacelerar o ritmo do conflito, diminuindo ainda mais a motivação do país inimigo de permanecer no conflito.

Outra característica que distância o conflito irregular da guerra convencional está pela sua não-linearidade. Não existem frentes de batalhas, flancos ou retaguarda, pois os combates são travados de fato segundo a presença e a postura da população (VISACRO, 2017, p. 244). O local de batalha não é bem definido e não se distancia do local onde a população civil está. Pinheiro (2006) identifica o caráter urbano que predomina neste tipo de guerra. Para ele, em uma guerra irregular há sempre a vantagem do inimigo, já que identificar os seus combatentes no meio da população se torna algo complicado, lembrando que os combatentes geralmente não estão utilizando fardamento que possa garantir a sua identificação. Pinheiro conclui que é na cidade “onde se encontram suas principais fontes tanto de recursos humanos quanto materiais. E é também nas cidades que se encontram os seus alvos prioritários” (PINHEIRO, 2006, p. 28).

Lembrando que conflitos de baixa intensidade se tornam difíceis de serem identificados já que não apresentam campo de batalha, local, tempo e soldados devidamente definidos. Como aponta Visacro (2017, p. 8): “A guerra irregular, com grande frequência, se desenvolve sem que

seja declarada, reconhecida ou sequer percebida. Por vezes é oculta”. O autor segue afirmando que o conflito irregular é “invariavelmente incompreendido pelo Estado (incluindo parcela considerável de suas forças armadas) e por diferentes segmentos da sociedade civil”.

Figura 1: Diferenças entre a Conduta da Guerra Irregular e da Guerra Convencional



Fonte: WHITTLE, 2015, p. 11

Quadro 4: Características da Guerra Irregular

Sinônimos	Guerra assimétrica, Guerra de Baixa Intensidade, não-convencional
Atores	Estados, atores não-estatais como grupos étnicos, milícias religiosas, grupos terroristas e pelo crime organizado
Motivações	Conflitos étnicos, religiosos, políticos e ideológicos
Objetivos	Liquidar a vontade de lutar do inimigo de lutar
Estratégia	Estratégia de ação indireta
Fonte de renda	Informal, fontes criminais
Poder relativo entre os atores	Assimétrico
Apoio popular	Forte
Táticas	Guerra de guerrilha, subversão, terrorismo e insurgência, evitando uma guerra de atrito
Número de mortos	Baixo
Violência	Descontrolada
Exemplos	Revolta Árabe (1916 – 1918), Vietnã, Revolução Chinesa, conflito entre palestinos e israelenses, Resistência Afegã

Resultado	Atores com capacidade militar inferior tem capacidade para vencer a superioridade militar do inimigo
------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração própria, com base em Kaldor (2012) e Visacro (2017)

Até onde foi visto, o conceito de guerra irregular dos autores mencionados, eram táticas utilizadas basicamente por grupos internos, geralmente contra o seu próprio Estado. Terrorismo, guerras de guerrilha, subversão, sabotagem que compunham a guerra irregular não eram táticas que cabiam ao Estado, já que este possuía superioridade militar, podendo sempre responder a um conflito de forma direta.

1.5 GUERRA HÍBRIDA

Como reparado anteriormente, após o fim da Guerra Fria surge o debate sobre como seria a guerra do futuro. São inúmeras as categorias sugeridas que contrapõem o domínio dos conflitos convencionais na atualidade. Categorias denominadas de diversas maneiras, como: *asymmetric warfare*, *compound war*, *unrestricted warfare*, *mixed war*, *non-linear war*, *postindustrial war*, *war of the 4th generation*, *war of the chaos*. (BANASIK, 2015, p. 19).

Nesse caso a Guerra Híbrida entraria em mais uma dessas categorias. Como sugerem Jasper e Moreland (2014), que conceituam a Guerra Híbrida (GH) simplesmente como mais um termo que descreve métodos de guerra assimétrica, ou irregular, para conter uma força convencionalmente superior.

Por esse motivo, a Guerra Híbrida se tornou um conceito controverso. Autores como Maximiano (2018) contestam a criação desse conceito. O argumento utilizado por Maximiano é o de que não há nada de novo no conjunto de ações que constituem a GH, argumento semelhante foi feito em relação ao retorno da GI defendido por Mary Kaldor. Além disso, esses dois autores questionam a utilidade da criação de um novo conceito, defendendo que ele não só não ajudaria, quanto também contribuiria para causar confusão conceitual de algo já definido em tempos passados.

Diante dessa posição, cabe aqui indagar a importância do estudo dessa “nova” estratégia, pois tem adquirido crescente atenção ao redor do mundo. A OTAN, tem dedicado pesquisas sobre o tema, buscando formas de responder as ameaças híbridas decorrentes do oriente médio e do leste europeu. Assim como teóricos e estrategistas russos têm dedicado maior espaço para o debate do tema, indicando preocupação com a abordagem híbrida utilizada pelos estadunidenses no leste europeu. Por se tratar de uma abordagem onde a imprevisibilidade

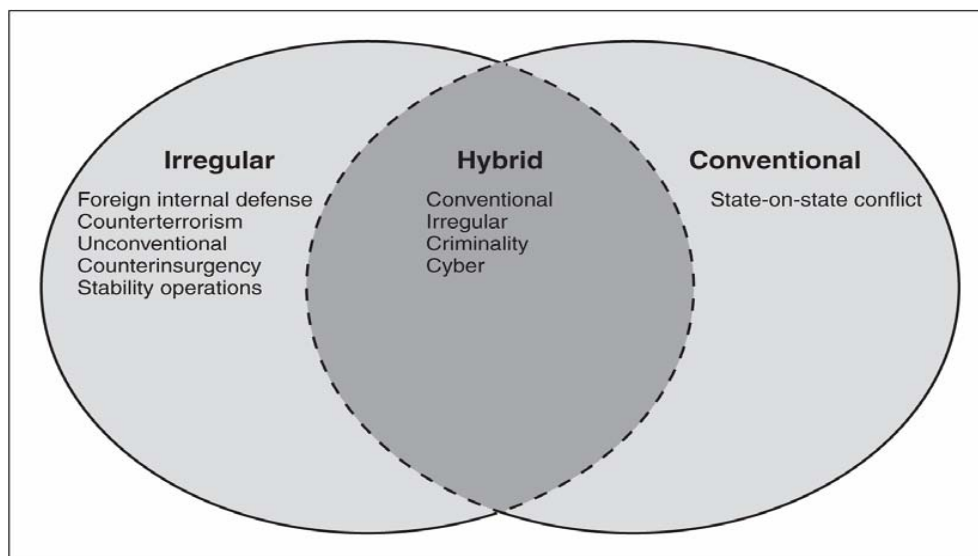
ganha importância, mostra-se a necessidade de compreender os mecanismos que conduzem esse complexo tipo de guerra que tem impedido uma resposta eficiente das grandes potências às suas ameaças.

Nesse contexto, pode-se identificar que assim como a guerra irregular, a Guerra Híbrida implica a mesma complexidade para ser identificada, dificultando assim a capacidade de notar padrões que possam configurar uma nova abordagem militar e possivelmente se materializar em uma nova doutrina militar. Entende-se aqui que ao identificar padrões de táticas e estratégias militares que obtenham sucesso ao serem aplicadas ao longo de diversos conflitos, essas práticas podem se configurar em uma doutrina militar a ser aplicada nos conflitos futuros.

No caso da Guerra Híbrida, essa dificuldade é ainda maior, pois trata-se de um tipo de ferramenta tática que tenta confundir ao máximo os oponentes, dificultando a percepção de que há realmente uma guerra acontecendo. Como foi o caso da anexação da Crimeia em 2014. A Rússia, se utilizando de táticas híbridas, consegue anexar a Crimeia que anteriormente fazia parte do território ucraniano. Segundo Dayspring (2015, p. 1), a Rússia empregou elementos que ultrapassam o espectro do poder nacional, ou seja, dos instrumentos que o Estado pode utilizar para anexar estrategicamente um território. Ele continua afirmando que nesse tipo de abordagem adquirida pela Rússia, que foi capaz de anexar um território em um processo pouco violento, mostrou a dificuldade dos observadores internacionais de identificar a anexação como uma guerra. No caso, somente dois soldados ucranianos foram mortos. Ele também conclui que esse tipo de ação permanece elusivo no Ocidente.

Mas então, em que espaço se configura a Guerra Híbrida? Segundo Ofer Fridman (2017, p. 42) o conceito de GH é utilizado para cobrir o espaço deixado entre os conceitos de guerra regular e irregular no contexto das operações militares do século XXI. Esse espaço é composto por ferramentas utilizadas em ambas as GI e GC. Como pode ser visto no quadro a seguir:

Figura 2: Conceito de Guerra Híbrida



Fonte: (U.S. GOVERNMENT ACCOUNTABILITY, 2010, p. 16)

Segundo Dayspring (2015), ao longo do processo militar e acadêmico de definir a GH, surgiram duas correntes de pensamentos distintas. A diferença entre elas se dá não no conceito do significado da abordagem híbrida, mais sim nos elementos ou ferramentas utilizadas em um conflito deste tipo, além dos esforços para tentar identificar quais as motivações para o uso destas ferramentas durante o conflito.

O primeiro grupo defende primeiramente que conceituar GH é algo necessário, mesmo se tratando de abordagens que não são entendidas como “novas”. Para esse grupo, a GH é simplesmente a combinação de forças convencionais e irregulares em um campo de batalha. O ponto em debate recai sobre o detalhe “irregular”. Nesse sentido, entende-se por “irregular” o uso de milícias, de táticas de guerrilha, insurgência e terrorismo. De maneira mais detalhada, Dayspring (2015) aponta que as forças armadas definem a lista de ferramentas irregulares para as seguintes: o uso de forças militares e paramilitares (como forças de segurança interna, polícia ou guardas de fronteira); uso de organizações de insurgentes (movimentos que praticam subversão e violência para mudar o *status quo*); e o uso de unidades de guerrilha e crime organizado (como gangues, cartéis de droga e hackers); e, por último, maior ênfase no uso de operações cibernéticas como os dos principais meios para atingir alvos econômicos, políticos e sociais do país inimigo (DAYSPRING, 2015, p. 6-7).

Esse primeiro grupo se torna relevante para levantar dados históricos, trabalhando na análise das batalhas, e identificando os principais instrumentos utilizados, criando o conceito de GH a partir desta análise. Uma crítica a essa abordagem é que ela se torna incapaz de explicar

a combinação entre os instrumentos de poder militares e não militares para atingir objetivos que antes eram exclusivos das forças militares. Além disso, esse tipo de abordagem falha ao identificar a natureza do ator e as circunstâncias que devem existir para que o ator utilize redes criminosas e ataques cibernéticos contra o inimigo. (DAYSPRING, 2015, p. 6-7).

O segundo grupo agrega inúmeros conceitos sobre o que se constitui a GH. Segundo Dayspring:

Most of these definitions also include conventional and irregular forces, but give special categorization to the operational reach of terrorism, and the include a wide variety of innovative approaches to applying technology and resourcefulness to negate an opponent's superiority; a weaker-attacking-stronger dynamic that is generally associated with asymmetric warfare (DAYSPRING, 2015, p. 7).

Esse segundo grupo de estudiosos considera que a utilização da abordagem híbrida é aplicada à mesma realidade da guerra irregular, ou seja, é algo utilizado por atores mais fracos que buscam evitar ao máximo um conflito direto com o ator que possui superioridade militar. Dessa forma, esse grupo desconsidera, ou ignora, que atores fortes (Estados) com uma capacidade bélica relevante, possam aderir a práticas irregulares para atingir atores relativamente mais fracos, como foi o caso da anexação da Crimeia em 2014, já citado.

Um debate oportuno que ajuda a identificar as peculiaridades da GH é o exemplo dado por um dos precursores do tema. Hoffman (2009) aponta as principais diferenças entre a Guerra Composta (CW), considerada uma das mais complexas, e a Guerra Híbrida. Ao gerar essa comparação o autor evidencia a maior complexidade nos desafios gerados pelo conflito do tipo híbrido.

De acordo com a interpretação de Hoffman (2009), CW são conflitos com componentes regulares e irregulares utilizados de uma forma que cada método seja selecionado de acordo com a necessidade e o objetivo a ser atingido. Nesse tipo de conflito há uma escolha de táticas regulares e irregulares dependendo do cenário em que os atores se enfrentam. Basicamente há uma seleção entre o uso da força convencional ou irregular.

Para Hoffman (2009), as forças irregulares são usadas como uma economia de força, que busca promover uma estratégia de exaustão ao inimigo. A força irregular é utilizada para criar as condições necessárias para garantir o sucesso em um conflito convencional. Já a Guerra Híbrida não apresenta essa separação de forças, ou seja, elas são empregadas de maneira simultânea, o que faz o conflito ocorrer em diferentes níveis e ao mesmo tempo, o que torna o entendimento deste método algo mais complexo, visto que as forças armadas dos Estados Unidos estão preparadas apenas para combater os desafios convencionais ou irregulares de

maneiras separadas. Sobre os desafios que este tipo de guerra proporciona, Hoffman (2009) ressalta:

We will face adversaries who blur and blend the different methods or modes of warfare. The most distinctive change in the character of modern war is the blurred or blended of combat, we do not face a widening number of distinct challenges but their convergence into a hybrid wars (HOFFMAN, 2009, p. 37).

Para esse autor, a Guerra Híbrida mistura a letalidade do conflito estatal com o fanatismo e o fervor prolongado da guerra irregular (HOFFMAN, 2009, p. 37). Aqui é importante salientar que táticas prolongadas e irregulares de conflitos é muitas vezes ligada à guerra dos fracos, como visto anteriormente. A guerra irregular é reconhecida como a opção dos fracos frente a superioridade militar do seu inimigo. Além disso, em maior parte dos casos está ligada a táticas utilizadas por atores não-estatais. Na guerra do futuro, afirma Hoffman (2009), em vez de ser uma característica de fraqueza, o oponente pode explorar estas estratégias por causa da sua efetividade. Em suas palavras, a Guerra Híbrida pode-se tornar a tática dos espertos e ágeis, e marcar a guerra do futuro. (HOFFMAN, 2009, p. 38).

Renz e Smith (2016, p. 2), apontam que sob o olhar de observadores ocidentais, o sucesso da campanha da anexação da Crimeia pela Rússia em 2014, por meio de uma abordagem híbrida, resultaria na reutilização dessa tática nos conflitos futuros, e além disso, chegaram a conclusão de que a Rússia havia inventando uma nova arte da guerra (*new art of war*).

Cabe neste momento lembrar que ao contrário do padrão e da organização que caracteriza a abordagem convencional, como, atores estatais, soldados devidamente identificados, alto poder de fogo, grande contingente, atrito, linearidade, em local definido, não podem ser aplicados à realidade do conflito irregular. Desde Clausewitz até o final da Guerra Fria, a doutrina militar, apesar dos avanços tecnológicos, conseguiu manter o padrão sugerido pelo militar prussiano. Com o retorno dos conflitos de baixa intensidade, com atores de maioria não-estatais, construir uma doutrina militar capaz de atribuir uma fórmula universal para se vencer esse tipo de guerra se tornou algo difícil de ser realizado. Sabendo-se das peculiaridades que este tipo de abordagem possui, em que apresenta maior flexibilidade e se molda facilmente a mudanças no cenário do conflito.

Assim como a estratégia irregular, a abordagem híbrida dependerá do contexto e dos objetivos que o país que a utiliza está empregando. Nesse sentido, Renz e Smith (2016) afirmam que a GH é mais uma das diversas abordagens existentes na atualidade que proporcionam uma

fórmula de ganhar a guerra. Para eles, essa fórmula provém de campanhas militares específicas que obtiveram sucesso.

A ideia de capturar uma fórmula de ganhar a guerra e transformá-la em doutrina militar apresenta certos problemas. Não se pode achar que essa nova doutrina irá garantir vitória à qualquer circunstância, visto que a abordagem híbrida, assim com as táticas irregulares, não são facilmente repetidas. Já que o sucesso de uma estratégia está sempre ligado a um contexto independente (RENZ; SMITH, 2016, p. 3). Para esses autores, a Guerra Híbrida não se trata de uma estratégia ou uma doutrina de guerra, mas sim uma abordagem operacional, com pouca possibilidade de ser reproduzida em diversos cenários diferentes. Já autores como Hoffman (2009), interpretam o fenômeno da GH como o surgimento de uma nova doutrina militar, o que permite delinear e identificar certos padrões utilizados.

Próximo a esfera militar, está o conceito da OTAN e da US Army's Special Operations Command. A OTAN (2010) utiliza o termo "Guerra Híbrida" para descrever os adversários com a capacidade de empregar simultaneamente meios convencionais e não convencionais para atingir seus objetivos. Segundo a US Army's Special Operations Command, GH é definida como organizações e estruturas híbridas que combinam comandos de operações especiais e forças convencionais. (JASPER; MORELAND, 2014, p. 1).

Um dos principais autores que trabalham no conceito de Guerra Híbrida é o oficial Frank G. Hoffman. Segundo ele:

Define a hybrid threat as: Any adversary that simultaneously and adaptively employs a fused mix of conventional weapons, irregular tactics, terrorism and criminal behavior in the battle space to obtain their political objectives (HOFFMAN. 2009).

Dayspring (2015, p. 14) conceitua a Guerra Híbrida como "a aplicação sincronizada das formas políticas e militares de guerra, por meios diretos e indiretos, com o objetivo de satisfazer os objetivos estratégicos, minimizando assim, os riscos políticos associados à guerra convencional.

Em *Conflict in the 21st century: The Rise of Hybrid Wars* (2007), Hoffman inicia seu trabalho incluindo a GH dentro dos conflitos de Quarta Geração (4GW). Mais uma vez, o autor reforça a ideia de que nos conflitos do futuro não haverá apenas uma troca dos métodos de combate (irregular, disruptivo, tradicional ou catastrófico). Para ele, há uma convergência para um conflito multimodal, o que ele chama de Guerra Híbrida. (HOFFMAN, 2007, p. 28).

Hybrid Wars incorporate a range of different modes of warfare including conventional capabilities, irregular tactics and formations, terrorist acts including indiscriminate

violence and coercion, and criminal disorder [...] At the strategic level, many wars have had regular and irregular components. However, in most conflicts, these components occurred in different theaters or in distinctly different formation. In Hybrid Wars, these forces become blurred into the same force in the same battlespace (HOFFMAN. 2007, p. 29).

Segundo Hoffman (2009), a segunda guerra do Líbano, em 2006, marcou o surgimento da ameaça híbrida. Esse conflito foi capaz de revelar a vulnerabilidade tanto das forças de defesa israelenses quanto dos estrategistas estadunidenses. O Hezbollah, grupo político paramilitar, fundamentalista libanês, misturando movimentos políticos organizados com células descentralizadas, empregando táticas em zonas em que não havia domínio do governo libanês, consegue causar danos à superior forças armadas israelenses.

O Hezbollah possuía em sua organização, células altamente disciplinadas e distribuídas pelo território libanês; células essas que disputavam terreno com forças convencionais tanto israelenses quanto estadunidenses. Esse grupo utilizava uma mistura de táticas de guerrilha e tecnologia em centros urbanos densamente povoados. Habilmente esse grupo explorou o terreno urbano, criando emboscadas, e construiu fortificações defensivas em áreas próximas aos centros urbanos, ou seja, em uma área civil, o que dificultou o acesso das tropas israelenses, que não puderam responder de forma meramente convencional.

O Hezbollah mostrou que, nesse contexto de Guerra Híbrida, o seu alto grau de treinamento, de poder de fogo e tecnologias letais eram superiores aos das forças armadas israelenses. Com esse conceito fica entendido que a utilização de táticas irregulares em uma Guerra Híbrida não será apenas um meio para enfraquecer o inimigo para assim vencê-lo por meio de táticas convencionais. Os componentes das forças irregulares se tornam decisivas em um conflito deste tipo já que estão operacionalmente integrados aos componentes regulares. Tendo isso em mente, pode-se afirmar que se torna perigoso e até equivocado apenas categorizar os futuros conflitos somente como convencional ou irregular. (HOFFMAN, 2007, p. 32, 33).

Segundo Hoffman (2009, p. 37), neste tipo de conflito, futuros adversários explorarão o acesso a modernas capacidades militares, como comandos criptografados, mísseis e outros sistemas letais. E, no mesmo momento, serão capazes de promover insurgências, emboscadas e assassinatos coercitivos. O Estado agressor pode misturar capacidades de alta tecnologia com terrorismo e guerra cibernética.

Os componentes que configuram a GH não são novos, ao que parece, mais se assemelhando a uma nova perspectiva de um jeito antigo de se fazer guerra. Esses componentes sofreram grandes transformações com o advento da globalização e com o avanço do

desenvolvimento tecnológico e da comunicação em que passaram por um processo de ressignificação de suas funções.

Como conclui Dayspring (2015, p. 14), a GH é a escolha que o ator, seja ele um Estado ou um ente não estatal, que mesmo possuindo forte grau de forças convencionais, escolhe atingir seus objetivos utilizando outros meios que não sejam puramente regulares. Nesse caso, o ator que emprega táticas híbridas busca minimizar o risco político associado a um conflito convencional.

Clausewitz, quando conceitua a guerra como sendo a continuação da política por outros meios, define de maneira precisa quando o discurso político termina e a ação militar se inicia. Em um conflito com abordagem híbrida não há uma divisão clara entre a política e a guerra, muito menos uma nítida separação entre guerra e paz, em que o uso da força passa a não estar restrito aos tempos de guerra. (DAYSPRING, 2015, p. 14).

Esse é um ponto importante a ser mencionado nesta pesquisa. Ao optar por uma abordagem híbrida, o ator tem como principal objetivo atingir seu alvo sem que o país agredido e a comunidade internacional reconheçam a agressão e inicie um contra-ataque, levando a uma escalada para um conflito convencional. Por isso, alguns autores entendem que o conflito de caráter híbrido ocorre em um espaço localizado entre a guerra e a paz, conhecida como Gray Zone (Zona Cinzenta). (BENSAHEL, 2017; BRANDS, 2016; CANTWELL, 2017; DAYSPRING, 2015; VOTEL et al, 2016)

Como aponta Schadlow (2014), o espaço entre a guerra e a paz não é um vazio, na verdade, é um espaço em que há agitadas competições econômicas, políticas e de segurança que exigem atenções constantes.

The gray zone is characterized by intense political, economic, informational, and military competition more fervent in nature than normal steady-state diplomacy, yet short of conventional war.[...]The cold war was a 45-year-long gray zone struggle in which the west succeeded in checking the spread of communism and ultimately witnessed the dissolution of the soviet union. To avoid superpower confrontations that might escalate to all-out nuclear war, the cold war was largely a proxy war, with the United States and Soviet Union backing various states or non-states actors in small regional conflicts and executing discrete superpower intervention and counter-intervention around the globe (VOTEL et al, 2016, p. 102).

Essa ambiguidade entre paz e conflito que inviabiliza uma reação do país que está sendo atacado é de grande valor para o país agressor, pois permite que ele atinja seus objetivos sem o risco de se comprometer em um conflito convencional.

Essa é uma diferença entre a GH utilizada por atores estatais e não-estatais apontada por Kjennerud e Cullen (2016). Segundo esses autores, a diferença do conceito de GH aplicada aos

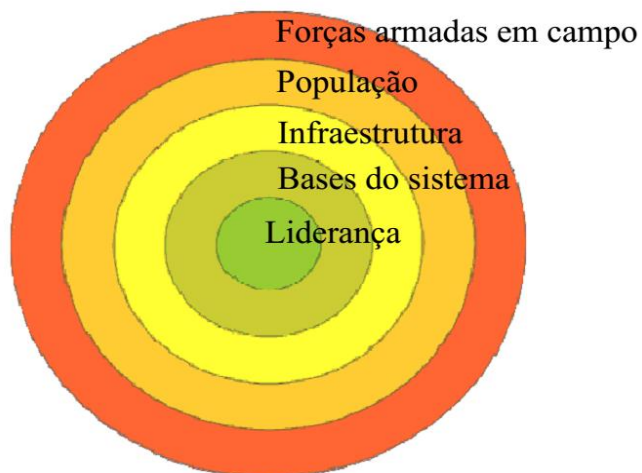
Estados é a respeito da inovação do uso estratégico da ambiguidade. Ambiguidade, para eles, significa as ações hostis que são difíceis de um Estado identificar. Ambiguidade, nesse caso é usada para complicar ou minar o processo de tomada de decisão do oponente e uma estratégia criada para dificultar a resposta militar ou política do oponente.

Outro dado relevante é como deve ser administrado as diferentes ferramentas durante o conflito. A sincronização das ferramentas não-militares (campanha política, econômica e cultural) é necessária para que o Estado agressor possa obscurecer suas intenções. Um exemplo desta situação seria a que segue: um Estado A com o objetivo de desestabilizar politicamente um Estado B. Para isso: o Estado A procura atingir um alvo do Estado B, esse alvo seria a opinião pública, mais precisamente a confiança da população sobre o governo B; O Estado A, para atingir seu alvo, busca por meio de campanhas políticas desestabilizar o poder do governo B; Simultaneamente, o Governo A sincronizará ataques à mídia, com *fake news*, crimes cibernéticos, entre outras ferramentas. Esse processo de desinformação, por exemplo, sobre a validade de uma eleição, colocará o governo B em risco e levará a população a contestar o seu governo, o desestabilizando logo em seguida.

O autor Andrew Korybko (2015) identifica esse processo acima através da prática de GH estadunidense, definida por ele por meio de duas abordagens principais, sendo elas a Revolução Colorida e a Guerra não convencional. Para descrever essa abordagem, Korybko utiliza um conjunto de teorias militares que juntas, convergem para a abordagem híbrida.

Uma dessas teorias apontadas por Korybko é conhecida como a Teoria dos Cinco Anéis, criada por John Warden. Segundo essa teoria, existem cinco centros de gravidade principais que mantêm uma força adversária unida, são elas: em ordem de menor para maior importância: Forças Armadas em campo; População; Infraestrutura; Bases do Sistema; Liderança. (KORYBKO, 2015, p. 27).

Figura 3: Cinco Anéis - Sistema



Fonte: (KORYBKO, 2015, p. 27)

O inimigo é visto como um sistema onde as partes estão interconectadas. Para derrotar o inimigo, será necessário atacar o mais próximo possível do núcleo. Segundo o autor, “quanto mais próximo do núcleo um ataque, mais poderoso e reverberante ele será”, ao atacar apenas a base do sistema, o anel será atingido isoladamente. (KORYBKO, 2015, p. 27).

É importante ressaltar que os anéis se configuram de forma diferenciada, correspondendo ao cenário de conflito específico. Como no exemplo citado acima, para desestabilizar o governo inimigo (sendo este o núcleo do sistema), visa-se atacar o anel mais próximo, representado pela opinião pública (população), confirmando a ideia da ineficácia de um confronto direto nas bases do sistema.

Nesse cenário, a estrutura estatal se torna importante para a utilização da abordagem híbrida. Governos de natureza centralizada e autoritária possuem uma maior vantagem em sincronizar os elementos do poder nacional, visto que a burocracia e a necessidade de aceitação das instituições governamentais estão centralizadas nas mãos de poucos atores. Nesse caso, a tomada de decisão se torna mais dinâmica, em comparação a países liberais, cujo poder decisório se encontra espalhado pelas instituições. (DAYSPRING, 2015, p. 30).

State with centralized abilities to coordinate and synchronize their instruments of power (government, economy, media, etc.) can create synergistic force multiplying effects. Specifically, state Hybrid Warfare allows for operations that “target and exploit the seams” in Western-style liberal democratic societies that do not have similar coordinating offices or capabilities (KJENNERUD; CULLEN, 2016, p. 2).

Por mais que Estados com configurações autoritárias em suas estruturas obtenham uma vantagem estratégica para administrar as ferramentas disponíveis para um conflito híbrido, não se pode descartar a possibilidade de que Estados liberais sejam capazes de criar instituições que possam melhor responder a ameaças deste tipo, obtendo uma maior articulação das ferramentas. Como defende Hoffman (2017) e Fernandes (2016), é de caráter urgente que haja a criação de organizações capazes de conter e responder de forma eficaz às ameaças híbridas.

Como identificado ao longo deste capítulo, a previsibilidade dos conflitos convencionais foi substituída e, logo, a confusão conceitual ganhou força. Tanto o conflito irregular quanto a Guerra Híbrida buscam se aproveitar desta confusão, deixando seus inimigos incapazes de identificar se há realmente uma guerra acontecendo, o que os tornam incapazes de responder de forma convencional a esse tipo de ameaça.

1.6 CATEGORIAS E PARÂMETROS DE COMPARAÇÃO

Retomando a tabela indicada por Gray e Martin (2008), cabe neste momento estipular alguns parâmetros que indiquem com maior clareza o significado de cada categoria que será analisada ao longo dos próximos capítulos. Quando buscamos lidar com as causalidades da guerra, ou seja, quando questionamos o “por quê?” do conflito, cria-se três principais categorias, sendo elas: as forças motrizes, os eventos (gatilhos) e as razões públicas.

A primeira categoria diz respeito a estrutura social, e atrelado a ela está o sistema de crenças (ideologias, por exemplo). Estas questões estariam além do controle de qualquer indivíduo. Como exemplifica Gray e Martin (2008), nas sociedades contemporâneas, as rivalidades internacionais (o capitalismo, o nacionalismo, o complexo industrial militar e o poder estatal) são algumas das principais forças motrizes capazes de conduzir um país à guerra. Além disso, os autores que essas forças motrizes são definidas fortemente em relação às perspectivas teóricas. Por exemplo, os realistas atribuem a guerra ao sistema internacional anárquico, enquanto os Marxistas atribuem o surgimento de conflitos ao capitalismo.

A segunda categoria que compõe a causalidade, é a dos eventos (ou gatilhos), ou seja, indica a necessidade de identificar eventos que provocam a guerra. Como foi o caso do assassinato do Arquiduque Ferdinand em 1914, evento reconhecido como o estopim que deu início à Primeira Guerra Mundial.

A terceira categoria em questão, é interpretada através das razões públicas (motivações públicas), referindo-se às razões oficiais e explícitas que expliquem a participação ou o início

de um conflito. Geralmente essas “razões públicas” são utilizadas como pretexto para conquistar o apoio popular (em Estados democráticos) ou para convencer outros países a formarem alianças contra um Estado ou Grupo inimigo, como foi o caso da Guerra ao Terror, anunciada pelos EUA. Um segundo exemplo seria a invasão de Hitler à Polônia em 1939, com o argumento de que tropas alemãs estavam sendo agredidas por tropas polonesas na fronteira. Porém, tempos depois, confirmou-se que eram soldados alemães disfarçados que realizaram o ataque. Como indica os dois autores citados anteriormente, a razão pública está geralmente atrelada a pretextos como “se defender de uma agressão” ou “defender a liberdade”. (GRAY; MARTIN, 2008, p. 6).

Quanto ao segundo tópico da tabela, busca-se lidar com a questão “quem?”, ou seja, procura identificar os participantes (atores) do conflito. Primeiro deve-se identificar quais as principais entidades que estão envolvidas no conflito, podendo ser um país, um governo, grupos não estatais, ou até organismos internacionais, como é o caso da OTAN.

Além disso, ao questionar “quem?”, devemos levar em consideração os participantes, no sentido de “quem luta?”. É necessário identificar aqueles que lutam, se são soldados (profissionais, conscritos), ou grupos militares privados (mercenários). Ou se o conflito apresenta a atuação de civis, como é o caso das guerras irregulares.

Quanto a natureza do conflito, busca-se responder à pergunta “como?”, e por isso se deve identificar quais foram os métodos utilizados na guerra a ser estudada. Essa categoria se configura em cinco pontos principais. O primeiro se refere ao modo, ou seja, ao tipo de guerra que foi aplicada. Ela pode ser convencional, irregular, assimétrica, guerra híbrida, conflito de baixa intensidade, além de diversas outras.

Outro ponto a ser identificado é quanto as armas que foram utilizadas durante a guerra. Quais armas, quantas e como elas foram utilizadas, devem ser levadas em consideração. Como sustenta Gray e Martin (2008, p. 7) algumas armas, como exemplo os drones, tem desafiado o modo tradicional do pensamento militar em relação aos seus combatentes e quanto as armas que deverão ser utilizadas nesse tipo de combate⁷.

O terceiro ponto indicado na categoria do Método se refere à mobilização, ou seja, a maneira com a qual as instituições sociais (política, educação, produção, saúde, transporte) foram orientadas para a questão da guerra. Sabe-se que em uma Guerra Total, há uma

⁷ Trecho original: “note that some new weapons, such as drones, challenge usual ways of thinking about fighters and weapons. (GRAY, MARTIN, 2008, p. 7)

mobilização completa da sociedade e das instituições e uma reorganização das mesmas para garantir os objetivos estatais. Porém, essa dinâmica não se aplica a todos os tipos de conflito, e por isso a importância da análise dessa categoria para identificar as diferentes características do conflito estudado.

Se distanciando da dimensão material, esses dois últimos pontos são característicos de uma dimensão mais subjetiva. O primeiro ponto seria as “ideias”, segundo Gray e Martin “toda guerra inclui uma luta por ideias e pode envolver tentativas diretas de persuadir combatentes e civis inimigos, bem como métodos para moldar ideias dos próprios combatentes e civis e da comunidade internacional”⁸. A segunda questão apontada na tabela é a da legalidade, que se refere a questões legais da guerra no qual devem ser observadas por diversos ângulos, incluindo as leis nacionais dos países envolvidos na guerra, as leis internacionais e até mesmo as leis que concerne aos tipos de armas utilizadas nos combates⁹. (GRAY, MARTIN, 2008, p 8)

Quanto a categoria de escala/duração, que busca responder as perguntas “onde?” e “quando?” se divide em três pontos principais. O primeiro ponto é referente ao território, ou seja, a área em que a guerra se dispõe, onde o combate acontece (dentro das cidades, ou em áreas rurais, por exemplo). O segundo refere-se à intensidade, ou seja, o grau em que o combate ocorre. A intensidade pode ser mensurada por diversas maneiras (toneladas de bombas jogadas por semana, número de material destruído por ano, número de mortes por dia). Ligado à intensidade, está o tempo, ou a duração, sendo este o terceiro ponto desta categoria. A duração diz respeito a quanto tempo durou a guerra. Este é uma categoria importante pois ela pode nos dar diversos indicativos relevantes.

The reason is that the historical period in which a war occurs is a partial surrogate for other factors, such as countries and weapons, which are historically specific: for example, powered aircraft were not used before the twentieth century. The point of comparing wars is to reveal what is similar and different about them, which usually means comparing events in different historical periods (GRAY; MARTIN, 2008, p. 9).

Quanto a categoria resultados, que busca responder à pergunta “o quê?”, ou seja, busca identificar as consequências da guerra (durante e após o seu término). Ela pode ser identificada através dos impactos ambientais (danos no solo, nas águas, plantas, animais e atmosfera); também em relação aos impactos econômicos (como os custos da guerra, e os efeitos

⁸ Tradução livre

⁹ “from many of a number of angles, including the laws of the countries involved, international law, and laws concerning types of weapons. To this might be added moral assessments, for example using just war theory”. (GRAY, MARTIN, 2008, p. 8)

econômicos no pós-guerra, na produção, desemprego); Nos impactos sociais (no sistema político, o surgimento de um novo governo por exemplo, ou um novo sistema eleitoral); Há ainda os impactos psicológicos, ou seja, as mudanças psicológicas dos indivíduos (como o estresse pós-traumático sofrido pelos soldados ao retornarem da guerra, ou o sentimento de luto, raiva, insegurança, xenofobia); A guerra (ao seu término) ainda pode acarretar transformações na estrutura social (como uma mudança na configuração estatal ou no sistema econômico, por exemplo). Além disso, outra categoria relevante identificada por quem busca compreender os resultados da guerra, é quanto ao número de mortes (casualidades), contabilizando a morte de soldados e civis, podemos diferenciar a proporção que cada conflito tomou (GRAY; MARTIN, 2008, p. 9).

CAPÍTULO 2 – O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE GUERRA HÍBRIDA NO PENSAMENTO MILITAR RUSSO

Os temas apresentados no primeiro capítulo deste trabalho tiveram como principal objetivo mostrar a evolução do debate acadêmico-militar a respeito de como se configurariam as guerras no século XXI. Atravessando conceitos como Guerra Irregular, Guerra de Quarta Geração e Guerra assimétrica, esse debate culminou na criação do conceito de Guerra Híbrida. Conceito este defendido em 2002, primeiramente pelo autor William J. Nemeth, no artigo *Future War and Chechnya: a case for hybrid warfare*. E posteriormente o tema foi aprimorado pelo pesquisador Frank G. Hoffman, em 2007, com a obra *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*. No primeiro momento, a discussão a respeito da Guerra Híbrida se limitou apenas a sua utilidade conceitual e o que realmente havia de novo ao seu respeito.

É importante destacar que o conceito de Guerra Híbrida apresentado no primeiro capítulo foi predominantemente elaborado sob a perspectiva de especialistas ocidentais, o que evidencia a necessidade de se trabalhar sob o âmbito do entendimento russo a respeito deste novo conceito de guerra. Desta forma, este capítulo tem como principal objetivo identificar o desenvolvimento do pensamento militar russo, afim de constatar em que ponto a Guerra Híbrida foi inserida e quais as suas implicações nos principais centros de debates do país. Por esse motivo, o capítulo traz alguns conceitos familiares ao pensamento militar russo que nos ajudarão a entender de maneira mais detalhada as teorias que se tornaram a base para a construção do conceito de Guerra Híbrida na perspectiva russa.

2.1 A GUERRA HÍBRIDA RUSSA

Como indicam Monaghan (2016) e Berzins (2019), foi com o início da anexação da Crimeia pela Rússia que o termo Guerra Híbrida voltou à tona. De acordo com esses autores, houve uma substancial dificuldade entre os espectadores ocidentais (OTAN, UE, EUA) para encontrar um termo adequado para descrever o modo como Moscou conduziu suas operações entre fevereiro e março de 2014, que culminou na perda ucraniana da região da Crimeia. Foi a partir deste momento que tanto a OTAN, quanto o governo estadunidense rotularam as operações conduzidas pela Rússia de Guerra Híbrida.

Como reforça Monaghan (2016), pesquisadores ocidentais na tentativa de explicar o ocorrido na Ucrânia, buscaram realizar releituras de antigos discursos do presidente russo Vladimir Putin, além de consultar outras fontes de pesquisa, para sugerir que as operações

russas na Ucrânia haviam sido planejadas há um longo tempo. E além disso, Moscou teria desenvolvido uma nova maneira de atingir seus interesses estatais e ao mesmo tempo evitar um confronto armado direto com a superioridade militar do Ocidente. Em suas palavras: “Essa suposta nova forma de guerra confere inúmeras vantagens a Moscou, visto que ela realça o caráter ambíguo das ações russas, garantindo à Rússia uma ferramenta assimétrica capaz de reduzir as vantagens Ocidentais”¹⁰ (MONAGHAN, 2016, p. 66), o que indica que Moscou mesmo incapaz de vencer os EUA ou a OTAN através de um conflito convencional, procurou desafiá-los por outros meios.

Essa perspectiva de que a Rússia poderia vir a repetir suas operações híbridas, alavancou o debate público a respeito das operações russas, indicando uma certa preocupação por parte dos Estados membros da OTAN e da UE, tornando-a uma ameaça à ordem internacional e principalmente ao próprio Ocidente. O autor Michael Kofman (2016) aponta sua visão de forma crítica a respeito da utilização do termo GH pelo Ocidente:

Following Russia’s annexation of Crimea, hybrid warfare has become conversational short form in the West for describing Moscow’s sneaky ways of fighting war. If there’s one thing you’ve learned over the past two years about Russia, it’s that it uses hybrid warfare, a dangerous Kremlin innovation the West must learn to grapple with. In two short years, the word has mutated from describing how Moscow was fighting its war in Ukraine to incorporating all the various elements of Russian influence and national power. The term continues to evolve, spawning iterations like “multi-vector hybrid warfare” in Europe. Hybrid warfare has become the Frankenstein of the field of Russia military analysis; it has taken on a life of its own and there is no obvious way to contain it (KOFMAN, 2016, p. site).

Assim como Kofman, outros autores fazem críticas à utilização do conceito de Guerra Híbrida para descrever a atuação russa na Ucrânia em 2014, muitos deles sugerem em suas obras conceitos que podem definir melhor as características militares russas. Como é o caso dos autores Monaghan (2016), Janis Berzins (2019), Oscar Jonsson e Robert Seely (2015), Peter Mattsson e Niklas Eklund (2013), Andrew Duncan (2017), Charles Bartles (2016) e Ofer Fridman. Embora cada um desses autores indica um conceito diferente para identificar as ações de Moscou em 2014, todos terminam criticando a forma com que os pensadores Ocidentais vincularam o conceito de GH à nova doutrina russa.

De forma predominante, esses autores afirmam que o caráter cultural do pensamento militar russo, tem sido ignorado pelos pensadores ocidentais. O fato é que muito desses autores identificam que os acadêmicos e militares russos não reconhecem o conceito de GH, e muito

¹⁰ Tradução livre

menos indicam que estão a utilizar tais práticas. Além dos observadores criarem uma imagem do modelo de guerra russa (*Russian Warfare*) que os próprios russos não reconhecem, os pesquisadores ocidentais incitam que se trata de uma “nova” abordagem (doutrina) militar. O que se torna falso, visto que boa parte das operações utilizadas na Ucrânia são táticas e estratégias utilizadas pelos russos durante o período soviético. Esses autores serão trabalhados de uma forma mais detalhada ao longo do texto.

Para que possamos entender a relação entre a Rússia e o conceito de Guerra Híbrida, devemos primeiramente levar em consideração o desenvolvimento do pensamento militar russo contemporâneo e as características geopolíticas que o influencia. Como indica András RácZ (2015): “Em consonância com o desenvolvimento ocidental, os pensadores militares russos também estudaram com profundidade as mudanças que estão ocorrendo na natureza da guerra e o surgimento de novas formas de combate”¹¹ (RÁCZ, 2015, p. 34). Diante desta afirmativa, entende-se que houve uma preocupação por parte dos pensadores russos a respeito das mudanças e dos novos desafios que a Rússia poderia vir a enfrentar na contemporaneidade.

O primeiro deles, o General Makhmut Gareev, com a obra *If War Comes Tomorrow*, de 1995, argumenta que o progresso tecnológico mudou fundamentalmente a maneira como a guerra se desenvolve, tanto em relação aos efeitos das armas convencionais quanto com o surgimento de novos tipos de armamentos. Segundo RácZ (2015, p. 35), Gareev frequentemente utilizava referências de autores ocidentais, demonstrando que a ciência militar russa estava atenta, e possuía ampla capacidade de monitorar e reagir às ideias em contrapartida aos ocidentais.

Tendo em foco a guerra informacional, Gareev indica que o desenvolvimento tecnológico transformou os meios e métodos da guerra informacional (*informational warfare*), tornando-a ainda mais sofisticada. Como informa RácZ (2015), ao indicar a guerra informacional como o elemento decisivo nos conflitos armados modernos, Gareev pode prever a difusão do uso da guerra eletrônica (*eletronic warfare*) capaz de romper a funcionalidade da comunicação dos sistemas de radares e de comando, e do controle do inimigo. Além disso, Gareev argumenta que “novos métodos de guerra de informação podem implicar que, em vez de um ataque armado direto, a luta possa se transformar em uma guerra oculta, latente e não declarada.”¹² (RÁCZ, 2015, p. 35).

¹¹ Tradução livre

¹² Tradução livre

Em contraste com o que RácZ indicou acima, Mattsson e Eklund (2013), ao analisarem o campo de pensamento militar russo (*Russian Operational Art*), admitem ser um campo intelectual próspero, porém, ao analisarem as primeiras publicações do jornal *Voyennaya Mysl*¹³ (VM), os autores puderam identificar certa dificuldade de romper com certas tradições e perspectivas militares soviéticas, por parte dos pensadores russos. Esse jornal representava grande parcela do pensamento militar russo, e por volta dos anos 2000, a palavra do General Gareev ainda dominava as principais discussões militares, onde defendia:

Even in the most remote future, it will be impossible to fight a war with only long-range systems. One way or another there will be troops on the battlefield, so the possibility of a collision between them is not excluded, although certainly in forms differing from previously existing ones. [...] But in reality war will go on as before, victories and defeats will occur as the Gulf War or the events in Caucasus and the Balkans have demonstrated. To think that to refuse a fight will stop a war, or to assert that the refusal of victory in war is the surest way to a safer world means to completely depart from real life and to live in the world of wishful thinking and imagination (MATTSSON; EKLUND, 2013, p. 37. apud Gareev, 1995, p. 106).

Mattsson e Eklund (2013), analisam duas produções do General Gareev, a primeira foi sua obra de 1995, já mencionada anteriormente, e a segunda obra foi *Future War*, de 2007, feita em parceria com o General Slipchenko. O que os dois autores puderam perceber na produção de Gareev, é a sua estreita ligação com o pensamento militar soviético, onde: “*heavily armored forces and deep-strike capability on the ground were key*”. Fica evidente que os pensadores militares russos enfrentaram certas dificuldades de abandonar os princípios operacionais soviéticos, e que todo esse legado intelectual tem direcionado as forças armadas russas a se adaptarem mais lentamente as novas realidades militares. (MATTSSON, EKLUND, 2013, p.38)

Para melhor ilustrar essa situação, os autores Mattsson e Eklund (2013) indicam um artigo do *Voyennaya Mysl*, publicado entre os meses de setembro e outubro de 2001, onde o General Yuri Burkeyev lança um ataque a todos os pensadores que propuseram a respeito de uma guerra moderna e altamente tecnológica. Segundo os dois autores, Burkeyev indica que outros autores que, no mesmo jornal, haviam expressado sua visão sobre os avanços tecnológicos e seu impacto na natureza da guerra estão errados, principalmente ao assumirem

¹³ *Voyennaya Mysl*: fundada em 1918, o jornal ligado ao Ministério da Defesa russo passou a ter seus artigos traduzidos para o inglês em 1992. Em sua versão de língua inglesa, o jornal passou a se chamar *Military Thought*. O jornal é marcado pela discursão sobre questões militares, inclusive sobre o desenvolvimento da teoria militar russa e também sobre as novas dinâmicas das guerras modernas.

que as forças terrestres teriam um papel complementar em relação a outras formações militares mais ágeis e tecnologicamente mais avançadas. Burkeyev sugere:

By the power of their multi-functionality, the ground forces have been and will continue to be the fundamental military arm, capable of taking and defending its tasked regions with an eye to strengthening the achieved goals thus far and the ensuing defeat of the enemy. As different from the branches of the Armed Forces, which have increasingly become instruments of temporary implementations, they continue to be forces of territorial presence just like before (MATTSSON; EKLUND 2013, p. 39 apud BURKEYEV, 2001).

Essa visão direcionada à importância das forças terrestres só passou a ser questionada a partir de 2008, onde novos artigos, publicados no jornal *Voyennaya Mysl*, foram produzidos instigando os pensadores sobre a necessidade imediata de guiar cientificamente as forças armadas russas para uma nova perspectiva, através da reavaliação e reconfiguração da arte operacional russa diante de uma mudança na natureza da guerra moderna. A partir dos anos 2008, as mudanças tecnológicas e seus impactos sob a natureza da guerra se tornaram o centro dos principais debates entre acadêmicos e pensadores militares. Como reflete Mattsson e Eklund (2013), há uma mudança marcante de como a arte operacional russa é discutida no jornal *Voyennaya Mysl*, debate este que repercute para além do jornal. Para esses autores, em 2008 o pensamento militar soviético desaparece e é substituído pela teoria da mudança na arte operacional russa do Vladimir Kopytko.

Kopytko busca definir as mudanças sofridas na arte operacional russa ao longo da história, identificando os princípios que permeavam cada período. Segundo Mattsson e Eklund (2013), Kopytko divide essas mudanças em cinco períodos: 1º) dos anos 1920 aos 1940, onde as forças armadas soviéticas tinham como principal foco preparar e conduzir operações de “*front-scale*” e “*army-scale*”; 2º) de 1941 a 1953, caracterizado como “*increased activity and fire power, deeper echeloning, and improved engineering organization of defences*”; 3º) entre os anos de 1954 e 1985, período marcado pela “atrofia intelectual” dos anos 70, possuindo as armas nucleares e os mísseis balísticos intercontinentais como fatores definidores do modelo de guerra (*warfare*); 4º) entre os anos de 1985 a 2000, descrita como “*strategic arms limitations and global political change*” que retomou o foco nos exércitos convencionais sob o domínio das armas de alta precisão e da preocupação de como se defender deste mesmo tipo de material bélico; 5º) formado através de ideias de políticas e militares ao tentarem incorporar o que havia de melhor da tradição intelectual russa como a percepção das novas realidades militares (MATTSSON; EKLUND 2013, p. 40).

Kopytko define a atual arte operacional russa como:

Currently we are in the next, fifth period in the development of the operational art. It is characterized by changed views on the nature of military threats facing the Russian Federation, an increase likelihood of local wars and armed conflicts, the adoption in the armies of the leading world states of long-range precision weapons and weapons based on new physical principles, the coming of new operational concepts and operations method used by the armed forces of foreign states, a grown role of information warfare, an experiment to improve the C&C system on the RF Armed Forces, and other factors. (MATTSSON, EKLUND 2013, p. 40 apud. KOPYTKO, 2008).

Outro pensador militar relevante é o General Vladimir Slipchenko, que ainda nos anos de 1990 se propôs a debater sobre as guerras modernas. O general Slipchenko deu continuidade às teorias desenvolvidas por Gareev, e ficou conhecido pela Teoria da Sexta Geração de Guerra (*theory of sixth generation warfare*). Para o general, as gerações de guerra mudavam em relação às transformações nas características dos armamentos, ou seja, através da mudança de uma geração de armas para a outra (JÓJÁRT; RÁCZ, 2017).

Essas gerações indicadas por Slipchenko está diretamente relacionada a questão do desenvolvimento de novas tecnologias, principalmente a eletrônica, a informacional e a tecnologia de comunicação. Pois trata-se de armas de longo alcance e alta precisão, que podem ser lançadas em plataformas diferenciadas como na terra, no ar, no mar e no espaço. Como indica Jonsson e Seely (2015), a quarta geração de guerra definida por Slipchenko era composta por armas automáticas, tanques e batalhas aéreas. A quinta geração foi marcada pelo armamento nuclear e por último, a sexta geração incluía armas de precisão, além da guerra informacional e eletrônica.

Essa influência do desenvolvimento tecnológico permitirá que as guerras modernas tenham como principal característica a falta de contato direto entre os atores. Por isso, a guerra de sexta geração é muitas vezes definida como guerra sem contato¹⁴ A guerra moderna, para Slipchenko, virá do ar e do espaço, através de um sistema de armas de alta precisão, cujo foco será destruir alvos militares, econômicos e políticos, sem envolver as forças inimigas em um combate convencional. Como retifica Jójárt e Rác: “O desenvolvimento tecnológico permitirá que uma guerra de sexta geração seja do tipo ‘sem contato’, onde ataques serão realizados a longa distância, vindas diretamente do espaço, pelo ar e até controladas por computadores, sem

¹⁴ “*contactless war*”; “*non-contact war*”.

a necessidade de que soldados cheguem a tocar no chão do campo de batalha.”¹⁵ (RÁCZ, 2015; MATTSSON, 2015; JÓJÁRT, RÁCZ, 2017, p. 110).

Tomando como base as modernas guerras de mísseis, como o conflito árabe-israelense de 1973, ou a Guerra das Falklands em 1982 e a primeira Guerra do Golfo em 1991, a guerra de sexta geração apresenta três principais objetivos indicados por Peter Mattsson: 1º) derrotar as forças armadas do oponente em seu próprio território; 2º) destruir a atividade e o potencial econômico do inimigo; 3º) subverter ou mudar o sistema político do oponente (MATTSSON, 2015, p. 62).

O conceito de guerra de sexta geração criado pelo General Slipchenko se tornou de grande relevância, sendo considerado um dos vetores intelectuais que possibilitou uma mudança no pensamento militar russo. Através de seus artigos, abriu-se novos debates a respeito da nova geração de guerra, ideia esta que foi posteriormente desenvolvida por autores como Chekinov e Bogdanov e pelo General Gerasimov (MATTSSON, EKLUND, 2013; JONSSON, SEELY, 2015).

No centro do debate sobre a guerra do futuro, se destacam dois generais cujo trabalho possui grande relevância entre os pensadores militares russo. O general Chekinov e o general Bogdanov denunciam uma importante mudança na dinâmica das guerras modernas e deixa em evidência a necessidade da Rússia se preparar para se defender de novos tipos de ameaças, vindos principalmente pelos EUA e pela OTAN.

Influenciados pelo pensamento de importantes teóricos como Gerasimov, Slipchenko e Gorbachov, os dois generais lançam um artigo em 2013, na revista *Military Thought*, onde realizam uma análise das principais publicações, tanto do Ministério da Defesa russa quanto de outras fontes, cuja intenção é tratar da defesa e segurança da Rússia nos tempos atuais. Além disso, os autores oferecem um ensaio a respeito da natureza da guerra moderna e o que compõe as guerras denominadas de Nova Geração de Guerra (*new-generation war*, NGW).

Através da leitura dos escritos do General Gerasimov, Chekinov e Bogdanov concordam com as palavras de Gerasimov de que de fato as regras da guerra mudaram significativamente. As opções não-militares têm ganho um papel crescente na guerra, onde muitas vezes tem superado o poder e o uso das armas, em especial para atores que buscam conquistar objetivos políticos e estratégicos. Para esses autores, as novas tecnologias de informação têm reduzido a distância (física, temporal e informacional) entre as tropas e seus superiores. Os alvos dos adversários passam a ser atacados em qualquer ponto do território inimigo. Há cada vez mais

¹⁵ Tradução livre

uma diminuição das diferenças entre estratégia, operação e ações táticas, e entre a atuação defensiva e ofensiva. Em concordância com Gerasimov, os autores indicam que as armas de alta precisão (*high-precision weapons*), baseadas em novos princípios físicos e “sistema de controle robótico”¹⁶ estão sendo utilizadas em uma escala crescente (CHEKINOV; BOGDANOV, 2013, p. 12-13).

Podemos ver que esse pensamento foi assumido pelas forças armadas russas e isso fica evidente ao observarmos as novas armas que estão sendo produzidas para serem utilizadas pelo exército russo. Como é o caso da mais nova arma de artilharia apresentada no final de julho de 2019 pelo governo russo em uma feira conhecida como Army-2019. Esta arma de artilharia poderá ser instalada tanto em navios blindados quanto em aeronaves e navios. Com a capacidade de carregar 148 ogivas e realizar em média 80 disparos por minuto. (LITOVKIN, 2019, *Jornal Russia Beyond*).

Um dado interessante a respeito desta nova arma de artilharia é de que ela tem capacidade de funcionar em condições meteorológicas adversas e possui proteção contra os sistemas de guerra eletrônica. Além disso, a arma agrega um sistema capaz de selecionar a munição mais efetiva para destruir cada alvo específico sem a intervenção humana. (LITOVKIN, 2019, *Jornal Russia Beyond*).

Chekinov e Bogdanov (2013), também compartilham do pensamento do Yu.Ye. Gorbachov, em seu artigo “*Cyberwar is Already On*”, publicado em 2013. É necessário evidenciar aqui que esse pensamento é compartilhado pelo General Gerasimov, que vê o rápido desenvolvimento das tecnologias de informação e que estas tem causado certas transformações na configuração das guerras do século 21. Nas palavras de Chekinov e do Bogdanov, essas novas tecnologias “Mudou a natureza, os métodos e as técnicas usadas pelos Estados, governos e agências econômicas, afetou as relações sociais e a natureza, métodos e técnicas das operações militares, criando novas ameaças e desafios de informação”¹⁷ (CHEKINOV; BOGDANOV, 2013, p. 13).

O ponto chave do artigo de Chekinov e do Bogdanov (2013) é a sua afirmativa de que “nenhum objetivo será conquistado ao menos que uma das partes beligerantes obtenham superioridade informacional sobre a outra.”¹⁸ Observando o caráter e o conteúdo da Nova Geração de Guerra (*new-generation warfare*), e a experiência dos militares russos nos conflitos

¹⁶ Termo original: “*robot-controlled systems*”

¹⁷ Tradução livre

¹⁸ Tradução livre

atuais. Tendo como exemplo as revoluções da Primavera Árabe, ocorridas no norte da África e no Oriente Médio, têm oferecido evidências suficientes para indicar que o século 21 é o início de uma nova era militar, denominada pelos autores de “*the age of high-tech wars*” (CHEKINOV; BOGDANOV, 2013, p. 14).

We know from the history of wars and military art that new weapons and specialized and general-purpose military equipment have always had a significant impact on the content of armed struggle in wars and military conflicts [...] operational objectives in new-generation warfare will be influenced significantly by efficient new military technologies and weapons based on new physical principles. New, weapons that are expected to be developed will have a greater killing power, range, accuracy, and speed, and intelligence, reconnaissance, control, communications, and information warfare will have greater potentialities. Deployed to the battlespace, they will alter radically the character and content of armed struggle in new-generation wars (CHEKINOV, BOGDANOV, 2013, p. 14).

Chekinov e Bogdanov (2013), indicam que este novo método de combate foi usado pela primeira vez pelas forças armadas estadunidenses ainda nos anos de 1990, na guerra contra o Iraque. Foi posteriormente utilizada nas atuações militares conhecida como *Operation Iraq Freedom*. Mas foi na Guerra do Golfo que os dois autores reconheceram ser uma guerra tipicamente da nova geração, ou seja, com um alto uso de tecnologias de ponta, dando um ponto final às tradicionais guerras do passado.

Como apontam os dois autores, a guerra contra o Iraque foi a primeira na história onde uma força terrestre superior não teve um papel relevante para vencer a guerra. Sendo empregadas apenas nos últimos dias de guerra. Em suas palavras: “A Guerra do Golfo foi a demonstração prática de que a superioridade tecnológica nas armas, pode diminuir a vantagem numérica de armas antigas.”¹⁹ Essa foi a guerra onde os EUA utilizaram um “*electronic knockdown*” antes mesmo da primeira bala ser atirada. No seu início, a Guerra do Golfo foi marcada por um ataque massivo pelas armas eletrônicas mais sofisticadas que existiam até aquele momento. A operação eletrônica foi lançada em conjunto com uma ofensiva aérea tanto pelas forças aéreas quanto pelos mísseis lançados por navios, o que anulou todas as chances de uma possível reação por parte das forças iraquianas (CHEKINOV; BOGDANOV, 2013, p. 15).

Observando a Guerra do Iraque, Chekinov e Bogdanov (2013), puderam identificar a primeira guerra *high-tech* dessa “nova era”, sendo ela uma guerra predominantemente diferente de qualquer outra observada anteriormente. Vale ressaltar alguns pontos característicos da NGW identificadas pelos autores na Guerra do Iraque. Em primeiro lugar, não foi possível identificar uma divisão clara entre as forças combatentes; o país agressor possuía uma

¹⁹ Tradução livre

superioridade esmagadora de armas altamente tecnológicas; uso em larga escala de armas de longo alcance e alta precisão; as forças de coalizão atacaram regularmente e seletivamente os principais alvos inimigos, como instalações econômicas, instalações militares vitais ao Estado atacado, e o centro de controle civil e militar, com o objetivo de focar em que o país atacado desistisse de realizar um contra-ataque; satélites em órbita foram utilizados em larga escala durante a Guerra do Golfo, no nível estratégico, operacional e tático, como explica os autores “Os satélites em órbita ocuparam um papel especial na guerra. Eles eram frequentemente a única fonte que fornecia inteligência online a qualquer hora do dia e da noite, sob qualquer clima, independentemente da posição geográfica dos alvos.”²⁰ (CHEKINOV; BOGDANOV, 2013, p. 16).

Como indicam Chekinov e Bogdanov (2013), os métodos e formas de combate tendem a mudar de tempos em tempos, dessa maneira a introdução das novas tecnologias de informação em conjunto com o desenvolvimento de armas modernas, e das capacidades de comunicação têm alterado significativamente o emprego da mão de obra e a condução das operações militares. Tendo em vista essas mudanças, os autores realçam a importância de encontrar as principais causas e identificar os principais padrões destas mudanças, que poderão dar uma boa previsão de como o combate armado irá se configurar no futuro.

Ao analisar as obras dos autores Chekinov e Bogdanov, Janis Berzins (2019, p. 169-170) desenha um conjunto de oito fases que caracterizam a NGW. Essas fases, segundo o autor, podem ser aplicadas preferencialmente de forma sequencial, porém elas não são completamente rígidas. Ou seja, elas podem ser aplicadas simultaneamente ou alguma fase individual pode ser aplicada a qualquer momento do conflito. As fases são as seguintes:

Quadro 5: Fases da Nova Geração de Guerra

First Phase	Non-military asymmetric warfare (encompassing informational, moral, psychological, ideological, diplomatic, and economic measures as part of a plan to establish a favorable political, economic, and military situation);
Second Phase	Special operations to mislead political and military leaders by coordinated measures carried out by diplomatic channels, media, and top government and military agencies by leaking false data, orders, directives, and instructions;

²⁰ Tradução livre

Third Phase	Intimidation, deception, and bribing of government and military officers, with the objective of making them abandon their service duties;
Fourth Phase	Destabilizing propaganda to increase discontent among the population, boosted by the arrival of Russian bands of militants, escalating subversion;
Fifth Phase	Establishment of no-fly zones over the country to be attacked, imposition of blockades, and extensive use of private military companies in close cooperation with armed oppositions units;
Sixth Phase	Commencement of military action, immediately preceded by large-scale reconnaissance and subversive mission. All types, forms, methods and forces, including special operations forces, space, radio, radio engineering, electronic, diplomatic, and secret service intelligence, and industrial espionage;
Seventh Phase	Combination of a target information operation, electronic warfare operation, aerospace operation, continuous air force harassment, combined with the use of high-precision weapons launched from various platforms (long-range artillery and weapons based on new physical principles, including microwaves, radiation and non-lethal biological weapons);
Eighth Phase	Roll over the remaining points of resistance and destroy surviving enemy units, by special operations conducted by reconnaissance units, to spot which enemy units have survived and transmit their coordinates to the attacker's missile and artillery units; fire barrages to annihilate the defender resisting army units by effective advanced weapons; air-drop operations to surround points of resistance; and territory mopping-up operations by ground troops

Fonte: elaboração própria com base nas informações de Berzina (2019, p. 169-170)

Diante desta esquematização realizada por Berzins (2019), torna-se importante ressaltar alguns pontos relevantes para entendermos melhor as características que configuram a NGW defendida por Chekinov e Bogdanov. A primeira delas se dá pela relevância da guerra informacional e psicológica. Para esses dois autores, a NGW será dominada pela guerra de informação e pela guerra psicológica, buscando conquistar uma superioridade no controle das

tropas e das armas, além de destruir e atingir psicologicamente e moralmente a população e as forças armadas do oponente. Chekinov e Bogdanov, em suas palavras: “na contínua revolução das tecnologias de informação, a guerra de informação e a guerra psicológica serão as bases da vitória.”²¹ (CHEKINOV; BOGDANOV, 2013, p. 16).

Quanto a questão informacional, o Estado agressor, que planeja utilizar uma abordagem de NGW, será o primeiro a utilizar ações e meios não-militares para atacar o país alvo. Possuindo poder de tecnologia informacional, o ator agressor tentará atingir todas as principais instituições públicas do país alvo, como por exemplo a mídia, as organizações religiosas e instituições culturais.

Outro aspecto marcante da NGW são as ações assimétricas, utilizadas com o intuito de diminuir a superioridade do inimigo na luta armada. Essas ações assimétricas se configuram por campanhas diplomáticas, econômicas, informacionais, tecnológicas e até mesmo ecológicas, através de abordagens indiretas e medidas não-militares. Para Chekinov e Bogdanov (2013), as diferenças entre os Estados que utilizam as capacidades de realizar uma NGW serão resolvidas por meio de uma combinação de capacidades políticas, econômicas, científicas, religiosas, culturais, informacionais e até mesmo humanitárias. Conhecidas como ações não-militares, têm como principal objetivo diminuir a possibilidade de um confronto militar convencional, além de garantir uma boa imagem na opinião pública e garantir que os planos do país agressor não sejam identificados.

Um terceiro conceito apresentado no artigo de Chekinov e Bogdanov (2013) é o de *Network Centric Warfare*²² (NCW). Para esses autores, este conceito foi desenvolvido pelos militares estadunidenses em detrimento das mudanças nas questões militares relacionadas à preparação e à conduta das guerras de nova geração. Em suas palavras: “o conceito de guerra centrada em rede não se trata de um ponto de vista da conduta da guerra moderna como ela é; ao invés disso, é um conceito de controle sobre as operações de combate como uma nova maneira de direcionar as operações das forças armadas no século XXI.”²³ (CHEKINOV; BOGDANOV, 2013, p. 17).

Segundo Thomas (2016), este conceito possibilita um controle sobre as operações ao combinar elementos de informação e comunicação que trazem forças e armas (formas e métodos) em um único sistema. As NGW, configuradas em um ambiente de NCW, apresentam

²¹ Tradução livre

²² Guerra Centrada em Redes.

²³ Tradução livre

como principal objetivo destruir o potencial econômico da nação inimiga, além de derrotar suas principais forças. (THOMAS, 2016, p. 568).

Estrategistas estadunidenses “armados” com o conceito de NCW, desejam utilizar ataques de informações no início de uma Nova Geração de Guerra, com o objetivo de desativar todos os elementos que compõe o sistema de defesa aéreo do inimigo, como: postos de controle, centros de comunicação, radares, baterias de mísseis antiaéreos, e outros sistemas de defesa antiaéreo. Chekinov e Bogdanov estimam que: “uma perda de até 50% das capacidades do sistema de controle teria um efeito adverso na estratégia do inimigo e o forçaria a interromper a resistência - sendo esse o objetivo final da guerra centrada em rede.”²⁴ (CHEKINOV; BOGDANOV, 2013, p. 18).

Outro ponto relevante indicado por Chekinov e Bogdanov (2013), se configura pela importância do que eles denominam de “*opening period*”²⁵. Para esses autores, esse será um período crucial e decisivo para os resultados de qualquer guerra do futuro. Durante a história, o IPW configurava o momento em que os Estados combatentes mobilizavam suas forças armadas antes do início da guerra, buscando conquistar objetivos estratégicos ou criar condições favoráveis para dar continuidade ou possibilitar outras operações. Em suas palavras:

In the past, countries victim to aggression had enough time to put their economies on war footing because of the relatively long IPW, which took on the form of attrition. It is very unlikely that this will be the case in the 21st century, due to the fast rate at which future wars will be fought (THOMAS, 2016, p. 561).

Analisando as experiências de combate conduzidas pelos EUA nas últimas décadas, torna evidente que os objetivos estratégicos não poderão ser atingidos sem velocidade (ou seja, em um longo período de tempo). Diante disso, obter superioridade de informação sob o adversário se tornou algo prioritário, e por isso as preparações para o IPW precisam ser iniciadas ainda em tempos de paz. (THOMAS, 2016, p. 561).

Segundo Thomas (2016, p. 562), a IPW compreende várias etapas, que incluem:

- Subverter ou provocar os líderes militares e políticos do país inimigo;
- Subornar os altos funcionários do país inimigo para torná-lo ingovernável, reduzindo-o a um estado de caos;
- Lançar operações de informação;

²⁴ Tradução livre

²⁵ Definido também como *Initial Period of War* (IPW).

- Iniciar as operações eletrônicas;
- Iniciar as operações aeroespaciais;
- Efetuar interferência eletrônica poucas horas antes do início das operações aeroespaciais;

Como resumem Chekinov e Bogdanov (2013):

The aggressor will use this time [IPW] to destroy critical government and military control centers, key military-industrial complex facilities, knock out the country and armed forces management system, and to prevent orderly deployment of the defender's to the theaters of operations in an effort to ward off aggression (CHEKINOV; BOGDANOV, 2013, p. 21, 22).

Diante destes ataques, o governo inimigo apresentará um sistema político e econômico ingovernável e quebrado, terá uma população desmoralizada e seu complexo industrial-militar estará destruído ou fortemente danificado, tornando o país incapaz de realizar um contra-ataque. De uma forma resumida, os objetivos estratégicos, políticos e militares devem ser conquistados neste período inicial da guerra. (THOMAS, 2016, p. 562).

Após o IPW, dá-se início ao que Chekinov e Bogdanov (2013) chamam de “*closing period*” da guerra. Neste período o Estado agressor irá destruir os pontos de resistências que restaram no território inimigo. As unidades inimigas que sobreviveram a IPW serão destruídas, por meio de operações especiais conduzidas por unidades de reconhecimento do país agressor, que irão transmitir as coordenadas das unidades inimigas para que sejam destruídas por mísseis da artilharia ou por tropas terrestres.

Esses dois autores concluem o artigo ressaltando o quão urgente é a necessidade da Rússia se preparar para uma possível NGW. Indicando que a superioridade de informação e as operações antecipadas (características da IPW) serão os principais ingredientes para se obter sucesso em um conflito de nova geração. Esse pensamento tem influenciado alguns dos mais relevantes pensadores russos, como é caso do Chefe do Estado-Maior o General Valery Gerasimov.

Como explica Bartles (2016), o Estado-Maior Geral russo embora se assemelhe a configuração da Junta de Chefes de Estado-Maior dos EUA, possui uma relativa maior importância na hierarquia governamental. Segundo esse autor, o Chefe do Estado-Maior Geral russo tem muito mais autoridade que qualquer oficial-general das Forças Armadas dos EUA. Reconhecido como um cargo de prestígio, cabe ao Chefe do Estado-Maior Geral russo, algumas das atribuições a seguir: supervisionar o transporte estratégico; desenvolvimento doutrinário e

de capacidades das forças; aquisição de equipamentos para todos os componentes do Ministério da Defesa; exercer a função de inspetor geral, garantindo o cumprimento de normas e regulamentos do Estado-Maior Geral; controle diário sobre o Departamento Central de Inteligência (GRU); controle sobre as forças aéreas e terrestres; e por último, porém relevante para o tema debatido neste trabalho, o Chefe do Estado-Maior Geral russo possui como uma das suas principais atribuições, a necessidade de utilizar a previsão (*forecast*) para formular uma teoria e prática da guerra do futuro. (BARTLES, 2016, p. 46-47).

Ocupando o cargo de vice-chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas da Rússia desde 2010, o General Gerasimov assume o cargo de Chefe do Estado-Maior russo em 2012, após o presidente Putin ter afastado o General Nikolay Makarov do cargo de principal general da Rússia, depois do início de uma investigação de corrupção relacionado ao Makarov.

Como indicado por Bartles (2016, p. 47), o papel do General Chefe do Estado-Maior russo está relacionado com o uso da previsão. Previsão essa que está diretamente ligada à ciência militar e que consiste na ciência da guerra do futuro. Dessa maneira, a questão da previsão se torna de grande relevância para o pensamento militar russo, e por isso devemos dedicar certa atenção a essa atividade. Como ressalta Thomas (2019, p. 84): “Fazer previsões é a chave para o planejamento da guerra, porque as previsões resultam nos cenários mais prováveis que a guerra possa acontecer [...] Isso requer que a Rússia atualize suas previsões regularmente para lidar com o ritmo dos desenvolvimentos científicos.”²⁶ Segundo a definição militar específica do léxico russo:

Previsão (militar) é o processo cognitivo referente as possíveis mudanças nas questões militares, a determinação das perspectivas de seu desenvolvimento. A base da ciência da previsão é o conhecimento objetivo das leis da guerra, a análise dialético-materialista dos eventos que ocorrem em um determinado contexto histórico real²⁷ (BARTLES, 2016, p. 31 apud. MILITARY ENCYCLOPEDIA, 1983, p. 585).

A prática da previsão tem feito parte do pensamento militar russo por décadas, inclusive no período soviético. Segundo dois dos principais pensadores militares soviéticos, o termo “*forecast*” é definido como:

The study of the military-political situation, the pattern of war in the future, the prospects of developing strategy, operational art, and tactics, the qualitative and quantitative composition of the means of armed conflict (one’s own and the enemy’s),

²⁶ Tradução livre

²⁷ Tradução livre

the prospects for the development of the potential of the war economy in the future, and the forecasting of the enemy's strategic and tactical plans (CHUYEV, MIKHAYLOV, 1975, p. 14).

Ainda segundo Thomas (2019), alguns autores russos ainda realizaram algumas alterações na definição de previsão, mas pouco alterou em seu conceito. O autor cita como exemplo a percepção do General Kruglov, que em 2016 entendeu que realizar previsões prepara o Estado para os vetores de desenvolvimentos inesperados, além de prever mudanças globais para os próximos vinte a trinta anos, e de estimar ameaças ao país (dos próximos trinta a cinquenta anos). Como Thomas (2019) observa, o General Kruglov identificou um maior estímulo do Presidente Vladimir Putin para que estrategistas, militares e acadêmicos trabalhassem em um novo sistema de análise e planejamento qualitativamente diferente²⁸. (THOMAS, 2019, p. 84).

Com o objetivo de realizar uma previsão da guerra do futuro, os pensadores russos levam em consideração as principais tendências contemporâneas em suas análises, como: descobertas científicas, avanços tecnológicos, novas armas, etc. Levando-os a gerar previsões de como as guerras poderão se desenvolver e as suas principais características. Estas previsões são posteriormente avaliadas e moldadas segundo a lógica do “contexto situacional” do período, sendo levada em consideração fatores geopolíticos, econômicos ou do potencial de exploração de recursos. Após essa fase, serão determinadas: as novas formas de organização e tipos de operações; novos métodos (novas armas); e o tipo de correlação entre elas que serão necessárias para vencer as futuras guerras. (THOMAS, 2019, p. 84).

É importante ressaltar que todo esse desenvolvimento do campo da previsão dentro da ciência militar empregada pelo Estado-Maior Geral russo, apresenta um caráter bastante acadêmico. Através de um processo que se assemelha ao de “revisão de pares”, o que consiste na abertura de debates de ideias mediante a publicação de artigos em diferentes veículos, como livros, periódicos, revistas e jornais. Na Rússia, um dos veículos mais conhecido pelo debate acadêmico militar é a revista *Voyennaya Mysl*²⁹. Outro veículo conhecido por abordar temas

²⁸ Putin has requested work on a new, qualitatively different “smart” system of military analysis and planning. Weapons types, the nature of military and better predictions of developments in the military, politica, and strategic situation are required.

²⁹ Military Thought ;

semelhantes é o *Voyenno-Promyshlennyi Kurier*³⁰ (VPK), um jornal cujo debate é voltado para as questões das Forças Armadas e o complexo industrial-militar.

O artigo do General Gerasimov, cujo título “*The Value of Science is in the Forecasting: New Challenges Demand Rethinking the Forms and Methods of Carrying out Combat Operations*”, termina revelando a importância da previsão para entender as novas ameaças e definir como elas serão combatidas pelo Governo e pelas Forças Armadas russas. Esse artigo foi publicado originalmente em fevereiro de 2013, pela revista VPK. Esse artigo tem gerado diversos debates, um deles a respeito do surgimento de uma nova Doutrina Militar russa. (GALEOTTI, 2014; JONES, 2014; MONAGHAN, 2016; JOJÁRT, RÁCZ, 2017).

Esses autores mencionados anteriormente encaram que a Rússia adotou uma nova Doutrina Militar após analisarem o artigo de Gerasimov feito em 2013 e relacionar diretamente as operações russas durante a crise na Ucrânia que culminou na anexação da Crimeia em 2014. Como indica Monaghan (2016), estudiosos Ocidentais encararam o artigo do Gerasimov como algo “profético”, dado os eventos que ocorreram em 2014, em suas palavras “muitos analistas ocidentais sugeriram que a operação russa na Crimeia trouxe a tona uma nova versão russa de Guerra Híbrida, refletida no que seria a “Doutrina Gerasimov””³¹. (MONAGHAN, 2016, p. 65).

Duncan (2017), indica que esse debate dividiu-se em duas percepções: a primeira se configura na ideia de que o artigo apresenta uma natureza descritiva. Os proponentes da interpretação descritiva defendem que Gerasimov estava apenas descrevendo a abordagem de guerra Ocidental no ambiente operacional contemporâneo. Nesse sentido, o artigo não seria entendido como uma receita de conduta da guerra para a Rússia, mas uma tentativa de chamar a atenção dos especialistas militares russos para pensar como as forças armadas poderiam se adaptar a esses novos desafios. (DUNCAN, 2017, p. 8).

Por outro lado, os proponentes da interpretação prescritiva argumentam que o artigo se trata de um guia (*guidebook*) para as ações tomadas pela Rússia na Ucrânia, logo em seguida a sua publicação. Para esse grupo, o artigo vai além do caráter descritivo, e na realidade é

³⁰ Em inglês: Military-Industrial Courier. Uma revista seminal que trata de questões políticas e econômicas relacionadas ao processo das reformas militares na Rússia. Além disso, as publicações buscam relatar sobre as inovações da indústria de defesa;

³¹ Tradução livre

entendido como uma forma de mascarar a real nova abordagem para a guerra do ex-país soviético.³²

Esse debate termina perdendo o sentido ao observarmos alguns detalhes a respeito do artigo do General Gerasimov. Primeiramente, o artigo foi publicado originalmente em língua russa em fevereiro de 2013, quase um ano antes dos protestos de Maidan, que culminaram na anexação da Crimeia logo em seguida. Como defende Bartles (2016): “Gerasimov não tinha como antever, a cadeia de eventos que se seguiu aos protestos de Maidan, mas seu artigo é frequentemente citado como a “Doutrina Gerasimov” como o modelo pelo qual as forças russas conduziram suas operações”. (BARTLES, 2016, p. 46).

Essa percepção acarretou diversos problemas no sentido de criar um conceito que melhor se adequa à conduta russa nos conflitos atuais. São diversos os autores que questionam a ideia de uma “nova” doutrina militar russa, como é o caso dos autores Monaghan (2016) e Bartles (2016) que observam que os métodos e as formas de combate sugeridos por Gerasimov em seu artigo de 2013, não constituem nada realmente novo, mas sim uma continuação dos métodos desenvolvidos na era soviética. Outros autores vão ainda mais além, e criticam o apontamento Ocidental de que a Rússia tem praticado “Guerra Híbrida”, conceito este criado por autores ocidentais, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho.

Autores como Berzins (2019) apontam ser um erro metodológico pensar na abordagem russa dos conflitos atuais com uma mentalidade e um conceito construído no ocidente. Em suas palavras: “é um erro metodológico tentar rotular uma teoria desenvolvida de forma independente pelos militares russos como um conceito (teoria) desenvolvido em outro país.”³³ A teoria de GH desenvolvida pelo Ocidente reflete um modo diferente de raciocínio e de compreensão sobre como uma guerra deve ser conduzida. O autor termina sugerindo que o melhor conceito para descrever a atuação russa nos conflitos atuais se encaixa melhor no termo da Nova Geração de Guerra, defendida por Slipchenko, Chekinov e Bogdanov. (BERZINS, 2019, p. 157).

Outros conceitos foram sugeridos para substituir e melhor caracterizar a atuação russa. Como é o caso do autor Schnauffer (2017), que sugere a troca do conceito de GH para a de Guerra não-linear. O autor Bartles (2016), outro crítico do uso do termo GH para descrever as

³² Como descreve Duncan (2017): “They maintain it is a form of “mirror imaging”, masking a Russian method of conducting “hybrid war” within an alleged American approach” (DUNCAN, 2017, p. 8).

³³ Tradução livre

operações russas na Ucrânia, sugere que a terminologia correta seria a de “Métodos Indiretos e Assimétricos”. Um terceiro exemplo é o do já citado Andrew Duncan (2017), que percebe que os métodos defendidos por Gerasimov em seu artigo, nada mais é do que uma adaptação de conceitos soviéticos para a o século 21. O autor reforça que alguns elementos chave na “Doutrina Gerasimov” observados pelos especialistas, na verdade apresentam um link com outros conceitos familiares para a Rússia, que são as *deep operations*, as medidas ativas e a teoria de controle reflexivo. Esses três conceitos são reconhecidos como o meio pela qual a Rússia tem exercido sua influência nas regiões vizinhas e por todo o mundo. (DUNCAN, 2017, p. 9).

Esses conceitos se tornam relevantes para entender o que configura a GH sob o ponto de vista dos pensadores russos e será apresentado de forma mais detalhada no decorrer deste capítulo. Voltemos a atenção para o artigo do Gerasimov e sobre a sua percepção de quais desafios a Rússia enfrentará nas guerras do futuro.

Para Gerasimov (2019), o valor da ciência está na previsão. Em uma apresentação à Academia Militar de Estado-Maior Geral, o General inicia da seguinte maneira:

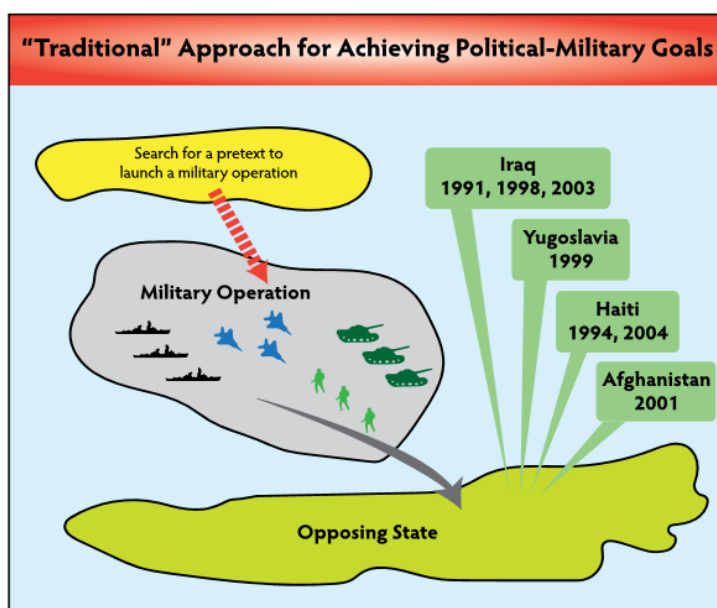
A mais importante questão que a ciência militar deve responder é: que tipo de Forças Armada é necessário para salvaguardar a segurança militar da Rússia e proteger seus interesses nacionais? A resposta depende da qualidade da previsão de possíveis variantes no desenvolvimento da situação político-militar do mundo e da análise da experiência nacional e estrangeira no emprego de forças armadas em conflitos militares nos últimos anos (GERASIMOV, 2019, p. 3).

Diante deste esclarecimento, Gerasimov aponta que uma questão tem influenciado na evolução da situação político-militar do mundo, e esta se caracteriza pelo “empenho dos EUA em prevenir a perda de sua posição de “liderança mundial” e em manter um mundo unipolar por quaisquer meios, incluindo os militares”. Como consequência, o confronto interestatal tem se intensificado. Esses conflitos são marcados pelo uso de meios não militares como política, economia e de informação. Essas medidas não militares, prevê Gerasimov, são intensificadas pela ameaça de emprego da força militar, principalmente em Estados que são “indesejáveis” para o Ocidente. (GERASIMOV, 2019, p. 3-4).

Gerasimov (2019) entende a atuação da OTAN na Iugoslávia como o ponto que marca o início das guerras de nova geração. Segundo ele, essa guerra foi proclamada como um conflito de nova geração, na qual os objetivos políticos e militares foram cumpridos sem o envolvimento ativo de forças terrestres. Além dessas, o General indica outras três guerras que apresentam características da NGW. São elas: a do Iraque, a do Afeganistão e a da Síria.

Como indica Bartles (2016), os pensadores e estrategistas russos tem percebido um padrão de mudança de regime forçado levado a cabo pelos EUA. A ordem se apresenta da seguinte maneira: “decidir executar uma operação militar; encontrar um pretexto adequado, como a necessidade de prevenir um genocídio ou de apreender armas de destruição em massa; e finalmente, iniciar uma operação militar para provocar uma mudança de regime”. (BARTLES, 2016, p. 48).

Figura 4 – Abordagem Tradicional para a Consecução de Objetivos Políticos-Militares.



Fonte: Bartles (2016, p. 32)

Porém, esse padrão apresentou algumas mudanças e foi substituído por um novo método. De acordo com a Rússia, em vez de uma invasão militar direta, as primeiras ações de um “ataque” dos EUA se dão através do estabelecimento de uma oposição política por meio de propaganda estatal. Por exemplo, em jornais como CNN ou BBC, através da internet e das mídias sociais, ou por meio de organizações não governamentais (ONGs). Conseguindo incitar a contestação política e a agitação popular no país alvo, fazendo com que o governo legítimo comece a enfrentar uma crescente dificuldade em manter a ordem. Bartles continua:

Conforme a situação de segurança for se deteriorando, movimentos separatistas podem ser estimulados e fortalecidos e forças especiais, convencionais e contratadas não declaradas podem ser introduzidas para combater o governo e causar mais confusão. Quando o governo legítimo for obrigado a usar métodos cada vez mais agressivos para manter a ordem, os EUA terão um pretexto para a imposição de sanções econômicas e políticas e até militares [...] Por fim, quando o governo entrar em colapso e surge a anarquia, forças militares podem, então ser empregadas sob o pretexto de manutenção da paz, para pacificar a área, se desejado, podendo-se também

instalar um novo governo favorável aos EUA e ao Ocidente (BARTLES, 2016, p. 48-49).

Essa nova abordagem é descrita por Gerasimov na Terceira Conferência de Moscou sobre Segurança Internacional em 2014. Em relação a essa perspectiva russa, a nova forma de guerra encabeçada pelo Ocidente tem gerado algumas implicações que podem ser facilmente identificadas no artigo de Gerasimov, e na composição da doutrina militar russa atual. Como justifica Bartles (2016), diferente do cenário atual, para ocorrer uma mudança de regime político forçada, no passado era necessária uma intervenção, no sentido de que atores externos teriam que invadir com seu exército o território alvo.

As ameaças a troca de regime forçado na atualidade são realizadas praticamente através de meios e métodos indiretos e assimétricos, e a Rússia entende isso como uma ameaça a sua soberania, o que tem direcionado o desenvolvimento militar russo a um crescente foco em obter capacidades para combater essas ameaças indiretas e assimétricas. Para Bartles (2016): “os meios necessários para implementar essas capacidades serão tão variados e assimétricos quanto as ameaças que eles visão combater”, o autor ainda indica algumas formas utilizadas pelos russos que são: o uso de forças convencionais não declaradas, forças de manutenção da paz, forças de operações especiais, cossacos, empresas militares privadas, legionários estrangeiros, combatentes cibernéticos, propaganda, e até mesmo ONGs financiadas pela Rússia. (BARTLES, 2016, p. 50).

Tendo isso em perspectiva, o General utiliza as primeiras páginas do seu artigo para descrever algumas das principais atuações dos EUA em conflitos atuais. É através destas análises que o autor chama atenção para algumas mudanças na natureza da guerra, e a necessidade de incorporar transformações no pensamento e na estrutura militar russa.

Gerasimov (2016), se concentra em apontar as principais transformações da guerra no século XXI identificadas por ele. Essas mudanças podem ser apresentadas em alguns pontos principais. O primeiro ponto abordado pelo General é a respeito da diferença entre o estado de guerra e de paz.

Para Gerasimov (2016, p. 50), o século XXI tem sido marcado por um “obscurcimento da linha divisória entre os estados de guerra e de paz”. Para o general, as guerras não são mais declaradas, e países podem em “questões de meses” ou “até mesmo dias” se transformar em uma área de conflito armado, ou ser vítima da intervenção estrangeira e se transformar em um ambiente de caos e guerra.

Um segundo aspecto identificado por Gerasimov é a respeito do que ele chama de “regras da guerra”, que para ele tem apresentado mudanças significativas em comparação as guerras do passado. Nesse sentido, Gerasimov aponta que o papel dos meios não militares utilizados para a obtenção de objetivos políticos e estratégicos, tem crescido em sua importância e até mesmo ultrapassado o poder da força das armas.

Diante da percepção de Gerasimov, Bartles (2016) aponta que as forças armadas russas passaram a perceber a guerra como algo que vai muito mais além de um conflito militar. Atualmente, a guerra é conduzida em uma proporção aproximada de quatro medidas não militares para uma medida militar [4:1]. Dentro dessas medidas não militares incluem sanções econômicas, suspensão de relações diplomáticas, pressão política e diplomática, medidas informacionais e humanitárias. Outro ponto que Bartles chama atenção em relação a essas medidas não militares é que no Ocidente elas são consideradas como meios para evitar a guerra, já a Rússia percebe e considera essas medidas como guerra. (GERASIMOV, 2016; BARTLES, 2016).

Um terceiro ponto identificado por Gerasimov (2016) é o emprego de ações assimétricas, que para ele vem sendo amplamente difundido na atualidade. Visando neutralizar as vantagens das forças do Estado inimigo, essas ações assimétricas incluem o uso de forças de operações especiais, além do apoio da oposição interna do país alvo. Essas ações são capazes de criar uma frente de operação permanente em todo território inimigo.

É importante mencionar que Gerasimov (2016) vê o espaço das informações como uma área capaz de gerar diversas possibilidades assimétricas, utilizadas principalmente com o intuito de reduzir o potencial de combate do inimigo. Essas ações informacionais foram identificadas por Gerasimov no norte da África, onde segundo ele: “assistimos o emprego de tecnologias para influenciar estruturas estatais e a população com a ajuda de redes de informações”. (GERASIMOV, 2016, p. 41).

Essas mudanças têm influenciado na formação doutrinária de diversos Estados ocidentais, como é o caso da Operação *Desert Storm*, identificado por Gerasimov (2016). Operação que ocorreu no Iraque em 1991, onde o autor descreve a guerra do Iraque da seguinte maneira:

Assim, do ponto de vista da arte militar, a guerra entre a coalizão internacional e o Iraque em 1991, caracterizada por um aumento acentuado na contribuição da Força Aérea para a vitória sobre o exército iraquiano, por envolvimento profundos de posições defensivas e pelo lançamento do ataque principal desbordando as linhas defensivas, é de extrema importância. Ela inclui uma prolongada fase sem contato e uma breve e vigorosa fase de operações de contato terrestre (GERASIMOV, 2019, p. 5).

Segundo Gerasimov (2016), foi durante a guerra do Iraque em 1991 que as Forças Armadas dos EUA puderam realizar o conceito de “alcance global, poder global” e “operações aeroterrestres”. Outro conflito que foi marcado pela NGW foi a guerra entre a OTAN e a Iugoslávia, onde para Gerasimov os objetivos foram cumpridos sem o envolvimento ativo de forças terrestres.

O conflito da Síria também tem sido encarado por Gerasimov como uma Nova Geração de Guerra. Em suas palavras, a guerra da Síria apresenta como principal característica “o fato de que os inimigos estatais da Síria têm conduzido operações secretas e insubstanciais sem se deixar envolver no conflito militar direto”. (GERASIMOV, 2019, p. 5);

Em relação aos armamentos, Gerasimov (2016) prevê o emprego de modernos complexos automatizados de equipamentos militares, assim como o crescente desenvolvimento e uso de inteligência artificial. O autor justifica: “atualmente, temos veículos aéreos não tripulados, os campos de batalha do futuro estarão repletos de robôs que andam, rastejam, saltam e voam. No futuro próximo, é possível que se crie uma unidade totalmente robotizada”. (GERASIMOV, 2016, p. 41). Essa unidade robotizada teria capacidade de realizar operações militares de forma independente, perspectiva que é retificada por Thomas (2019) ao sinalizar que Gerasimov prevê os conflitos atuais marcados pelo uso extensivo de armas de alta precisão e outros tipos de armas tecnológicas, como é o caso da tecnologia robótica.

Essa percepção em relação à modernização dos armamentos pode ser identificada através da análise dos novos armamentos que estão sendo apresentados durante exposições e feiras no país. Como é o caso do drone KYB, um veículo aéreo não tripulado (VANT), apresentado pelo Consórcio Kalashnikov em 2019. Trata-se de um drone auto explosivo que contém em média três quilos de trinitrotolueno (material explosivo) além de ser usado para reconhecimento, pois o drone vem equipado com uma câmera. É uma versão mais avançada do Drone Kamikaze utilizado pelos militares do Estado Islâmico durante combates na Síria e no Oriente Médio. (MELNIKOV, 2019)

Segundo o jornal *Russia Beyond*, o KYB tem capacidade de perfurar defesas antiaéreas e explodir tanques de milhões de dólares. Além disso, é um equipamento barato e simples, seu custo pode chegar até 100 dólares.

Melnikov (2019) relata que durante a operação militar russa contra o Estado Islâmico na Síria, os militares do EI utilizaram drones de fabricação própria com explosivos para atacar uma base russa em Hmeimim. Embora o sistema de defesa antiaéreo russo conhecido como

Pantsir-S1 obteve êxito em derrubar todos os drones, ficou clara a fraqueza dos complexos de defesa aérea modernos. Como o autor cita em sua publicação:

Os mais avançados sistemas de defesa antiaérea russos e estrangeiros são projetados para combater aeronaves de alta tecnologia, como, por exemplo, caças de múltiplas funções, bombardeiros e mísseis. Mas não se previa a necessidade de destruir equipamentos tão simples controlados por rádio portando bombas caseiras. Assim, os militares russos usaram as munições extremamente dispendiosas do Pantsir-S1 para derrubar drones baratos (MELNIKOV, 2019; RUSSIA BEYOND).

Outro exemplo de armas altamente tecnológicas que estão sendo explorada pela Rússia é o robô “Marker”. Ainda em fase de teste, o protótipo possui mira humana, porém tem capacidade de disparar como morteiro. Além disso, o equipamento é capaz de atuar em todo tipo de terreno. Esse robô deve servir em conjunto com as forças especiais russas. (ATHERTON, 2019).

Divulgado pela *Advanced Research Foundation* (ARF), é um veículo de combate terrestre não tripulado que utiliza tecnologia robótica. O protótipo possui inteligência artificial e funciona utilizando o que é chamado de arquitetura de informação aberta (*open information architecture*). O “Marker” é capaz de compartilhar dados livremente com humanos e com outros drones que tenham acesso a sua rede de comunicação. Além disso, o robô pode trocar seus equipamentos de acordo com os requisitos da missão que irá enfrentar. Nas primeiras imagens divulgadas, o “Marker” aparece carregado com uma metralhadora (modelo Kalashnikov), porém, especialistas acreditam que ele pode experimentar armas alternativas como canhões de automóveis e mísseis antiaéreos.

O que chama atenção deste novo modelo, é a possibilidade do robô ser capaz de seguir o mesmo alvo que um soldado russo mira em seu rifle. Dessa maneira, o “Marker” poderá receber dicas de um parceiro humano que o controla ou de um drone, além da possibilidade de ser operado remotamente de outro local³⁴.

É importante lembrar que esta tendência tem sido acompanhada não só pela Rússia em isolado, mas China, EUA e Israel também entraram na corrida para desenvolver esses tipos de equipamentos. A questão dos “*killer Robots*” ou também conhecidos como *Lethal Autonomous Weapons Systems* (LAWS), já se tornou foco de discussão em algumas convenções nas Nações Unidas.

³⁴ Como enfatiza Cook: “the Russians flip the situation by turning the human into the spotter and having the robot shoot the target³⁴”. (COOK, 2019, site)

O debate gira em torno das questões morais, como é o caso apresentado por Ascott (2019), o autor prevê a necessidade de uma estrutura moral que possa orientar para um uso ético de armas desta nova categoria. Um outro autor que debate sobre esse tema é o Noel Sharkey (2018), que apresenta as diversas tentativas da *Convention on Certain Conventional Weapons* (CCW) de banir ou restringir o uso de armas que se encaixam na categoria do LAWS. Como menciona o autor, países como os EUA, China, Israel e Rússia têm participado de uma corrida em direção ao desenvolvimento das LAWS.

Diferente dos robôs que estamos familiarizados através do Sci-Fi, equipamentos da categoria do LAWS tem a aparência semelhante à de tanques, submarinos, e caças convencionais, porém, nas palavras de Sharkey (2019), esses robôs passam a decidir quem vive e que move no campo de batalha. Diante desta perspectiva, o autor aponta que a luta pela regulação ou pela proibição do desenvolvimento de tais armas teve início em 2013, e hoje conta com o apoio de aproximadamente 89 ONGs e 28 nações.

Em relação à Rússia, tanto o presidente Putin quanto o General Gerasimov têm realizado depoimentos contrários a proibição ou a criação normas para regular o desenvolvimento e a produção de equipamentos LAWS. Como cita Sharkey (2018):

Russia Today [journal] quoted President Vladimir Putin: “whoever becomes the leader in this sphere will become the ruler of the world”. [...] And it isn’t just Putin. General Gerasimov, the chief of the General staff of the Russian armed forces, told the military news agency, interfaks-AVN, that the use of robots will be one of the main features of future wars. He also said that Russia seeks to completely automate the battlefield (SHARKEY, 2019, FORBES).

A percepção russa então fica evidente, e mais precisamente a do General Gerasimov a respeito da configuração da guerra do futuro, do papel e da necessidade de investimento para o desenvolvimento de equipamentos do tipo LAWS. Embora que o debate sobre as questões morais da utilização deste tipo de equipamento no campo de batalha seja relevante e digno de maior atenção, não cabe aqui nos aprofundarmos neste debate, pois iríamos nos distanciar da principal proposta deste trabalho.

Retomando à análise do pensamento do General Gerasimov, um último ponto de mudança percebido por ele nos conflitos atuais, trata-se das capacidades de dissuasão estratégica russa. Como aponta Bartles (2016), a Dissuasão Estratégica é um dos pilares da política de segurança nacional russa. Baseia-se na ideia de que a ameaça ao emprego maciço de forças nucleares causará um forte dano ao potencial militar e econômico do país agressor, de uma forma em que o custo para tal ação seja entendido como inaceitável. A Rússia pôde

contar com as forças nucleares estratégicas por um longo período, principalmente dado a situação precária das suas forças convencionais.

Porém, o desenvolvimento estadunidense de programas de defesa antimísseis balístico e do Ataque Global Imediato (*Prompt Global Strike*) nos anos 2000, pôs em declínio e reduziu o poder de dissuasão nuclear russo. De modo geral, Bartles (2016) identifica que o pensamento de Gerasimov a respeito da configuração dos conflitos futuros, muito se assemelham aos cunhados por pensadores ocidentais. De uma forma resumida, o general russo prevê uma menor frequência dos conflitos de larga escala; um maior emprego de sistemas de comando e controle em rede, de robôs e de armas de alta precisão; e o crescimento de operações em áreas urbanas.

Quadro 6 - Mudanças no caráter do conflito armado de acordo com o General Valery Gerasimov

Traditional Military Methods	New Military Methods
<ul style="list-style-type: none"> - Military action starts after strategic deployment (Declaration of War). - Frontal clashes between large units consisting mostly of ground units. - Defeat of manpower, firepower, taking control of regions and borders to gain territorial control. - Destruction of economic power and territorial annexation. - Combat operations on land, air and sea. - Management of troops by rigid hierarchy and governance. 	<ul style="list-style-type: none"> - Military action starts by groups of troops during peacetime (war is not declared at all). - Non-contact clashes between highly maneuverable interspecific fighting groups. - Annihilation of the enemy's military and economic power by short-time precise strikes in strategic military and civilian infrastructure. - Massive use of high-precision weapons and special operations, robotics, and weapons that use new physical principles (direct-energy weapons – lasers, shortwave radiation, etc). - Use of armed civilians (4 civilians to 1 military). - Simultaneous strike on the enemy's units and facilities in all of the territory. - Simultaneous battle on land, air, sea, and in the informational space. - Use of asymmetric and indirect methods. - Management of troops in a unified informational sphere

Fonte: Berzin (2014, p. 4)

Diante da análise de alguns dos principais pensadores militares russos apresentados acima, foi possível identificar alguns conceitos relevantes para descrever o caráter dos conflitos atuais. Vale ressaltar que muitos destes conceitos são utilizados tanto pelos pensadores e estrategistas russos quanto pelos ocidentais. Como este capítulo se compromete em realizar uma análise mais detalhada a respeito da interpretação russa, fica evidente a necessidade de trabalhar certos conceitos sob a ótica estritamente russa.

Dessa forma, nos próximos tópicos serão analisados alguns conceitos, tanto os conceitos criados unicamente pelos russos, quanto os conceitos compartilhados com os pensadores ocidentais, mas que de alguma forma apresentam diferenças interpretativas. Os conceitos são: métodos indiretos e assimétricos; guerra não-linear; Conflito de Espectro-Total; Guerra Centrada em Redes; Guerra de Informação; e os conceitos soviéticos atualizados como é o caso das *deep operations*, dos Meios Ativos e do Controle Reflexivo; e a Guerra Híbrida³⁵.

2.2 MAPEANDO CONCEITOS

Antes de iniciar uma análise mais detalhada dos conceitos russos que estão incluídos no debate da guerra do futuro, é imprescindível o resgate de alguns dos mecanismos utilizados pelos militares ainda no período soviético.

Como apontam Myklín (2018) e Duncan (2017), boa parte das táticas e características evidenciadas pelos autores vistos no tópico anterior, são marcadas por uma forte influência do pensamento militar soviético. Dessa maneira, táticas e estratégias soviéticas não foram abandonadas, mas sim adaptadas ao novo contexto trazido pelas guerras do século XXI, contexto esse marcado pelo avanço tecnológico e pela era da internet.

Um dos aspectos marcantes da era soviética e que ainda é amplamente difundido na política externa e militar russa, é a prática conhecida como *Strategic Deception*³⁶(SD). Como indica Heuer (2014), SD busca manipular a percepção da elite com o intuito de obter vantagens competitivas. Isso se torna possível através da transmissão de informações para os tomadores de decisões do país inimigo, sejam eles membros do governo ou militares. O autor segue: os canais para transmitir essas informações são diversos, podem incluir: declarações públicas por funcionários do governo, “vazamento” intencional de informação para jornalistas, agentes duplos, e até falsificação de documentos técnicos de inteligência (HEUER, 2014, p. 294).

Gressang (1986, p. 2), define “*deception*” da seguinte maneira:

1. **Deception: those measures designed to mislead the enemy by manipulation, distortion, or falsification of evidence to induce him to react in a manner prejudicial to his interests.**
2. **Military Deception: actions executed to mislead foreign decision makers, causing them to derive and accept desired appreciations of military capabilities,**

³⁵ Termo original dos conceitos: Full-Spectrum Conflict; Network-Centric warfare; Information Warfare; Updated Soviet Concepts (Deep Operations, Active Measures; Reflexive Control; e Hybrid Warfare.

³⁶ Neste trabalho, optou-se por não traduzir o termo para o português para evitar perda de semântica.

intentions, operations or other activities that evoke foreign actions that contribute to the originator's objectives.

3. Strategic military deception: military deception planned and executed to result in foreign national policies and actions which support the originator's national objectives, policies, and strategic military plans.

Daniel (1980, p. 5), definem “*deception*” levando em consideração os seus principais elementos, segundo esses autores: “*deception is the deliberate misrepresentation of reality done to gain a competitive advantage*”. Valenta (2008) chama a atenção para uma outra tática que está diretamente atrelada a prática de *deception* utilizada pelos militares soviéticos, a surpresa (*surprise*). Sobre a relação entre a prática de *deception* e a surpresa:

In surprise, although a sudden military action' is not predicted, much less anticipated by its intended victim, the antagonist does not necessarily intend to dupe or mislead him [...] Thus, although there can be surprise without deception, deception usually leads to, and is a means of, achieving surprise” (VALENTA, 2008, p. 50).

Essa relação entre *deception* e *surprise* também é evidenciada pelos autores Stevens e Marsh (1982), segundo eles a tática de *deception* compreende uma gama de artifícios que vão desde camuflagem até ocultação de manobras de imitação, até manobras de demonstrações enganosas e também o uso da prática de desinformação. É a tática de *deception*, que no ponto de vista Soviético, é o meio pela qual se consegue a surpresa.

Dessa maneira, entende-se que há uma relação de interdependência entre essas duas ações, e essa relação tem influenciado diretamente no planejamento militar russo. Como indica Steven e Marsh, quando falhamos em enganar o inimigo, falhamos também em obter surpresa nas ações militares. (STEVENS; MARSH, 1982, p. 25).

A respeito do uso de *deception*, Valenta (2008) indica a necessidade de distinguir cuidadosamente a diferença entre “*military deception*” e “*political deception*”. Segundo o autor, *military deception* se refere essencialmente a ações militares destinadas a enganar (*misleading*) o inimigo em relação aos planos e intenções militares de alguém (particularmente quando a intenção é preparar um ataque surpresa). Em relação à *political deception*, ela pode ser definida essencialmente por ações não militares cuja intenção é influenciar um comportamento de uma maneira contrária ao seu interesse. Alguns dos principais objetivos da *political deception* visa proporcionar a desestabilização do alvo inimigo, além de criar pressão em adversários políticos. Por fim, ela pode estar direta ou indiretamente ligada a preparação da “*strategic surprise*” (VALENTA, 2008, p. 50).

Como aponta Myklín (2018), SD soviética configura-se através de três programas principais, sendo eles: a *Maskirovka*; as medidas ativas (*active measures*); e a contrainteligência. Neste capítulo, daremos maior foco nas duas primeiras atividades indicadas acima, por elas estarem sendo identificadas por autores como Myklín (2008) e por Duncan (2017), como definidoras da doutrina militar russa frente as mudanças percebidas para a guerra do futuro, e também em relação a atuação do país no conflito ucraniano e durante o processo de anexação da Crimeia em 2014.

2.2.1 MASKIROVKA

O termo *Maskirovka* engloba ocultação e *deception*. Esse termo soviético é frequentemente traduzido pelo termo ocidental de “camuflagem” (*masking*). Porém, Myklín (2018) defende que o conceito de *maskirovka* possui características mais abrangentes em comparação ao termo “camuflagem”. Como aponta Shchedrov: “o principal objetivo é convencer o inimigo da presença de tropas e de objetivos em locais onde, na verdade, eles não estão”. (Beaumont, 1982 apud. Shchedrov, 1996). Como indica Beaumont (1982):

The concept of *maskirovka* as defined by the Soviets encompasses a diverse spectrum of stratagems employed to warp the enemy’s view of Soviet positions, designs and missions, and to alter the perceptions of their own side and their clients as well. They are aware that whatever is done must appear highly plausible to an enemy, and conform to both Soviet doctrine and hostile reasonable expectations (BEAUMONT, 1982, p. 3 – 5).

Uma outra definição foi dada por Keating em 1981, onde o autor classifica a *Maskirovka* como um termo soviético para camuflagem, na qual representa um sistema de medidas projetadas com a intenção de enganar e confundir o inimigo, reduzindo ou eliminando a eficácia dos seus mecanismos de reconhecimento. Sendo assim uma resposta direta aos desafios impostos pelo avanço tecnológico (KEATING, 1981, p. 1).

Myklín (2018) aponta algumas diferenças entre os objetivos da *Maskirovka*, segundo ele: embora que a camuflagem e a ocultação sejam úteis para aumentar a capacidade de sobrevivência das tropas e para permitir um ataque a um ponto fraco do inimigo, o principal objetivo da *Maskirovka* é a confusão, no sentido de dificultar o processo de decisão do oponente (MYKLÍN, 2018, p. 65).

Segundo os autores Stevens e Marsh (1982), os estrategistas militares soviéticos classificam a tática de *deception* como uma arte que tem sido desenvolvida através da doutrina chamada *Maskirovka*, na qual abrange uma infinidade de medidas que dão suporte a prática da *deception* nas operações militares. Assim, os autores constataam que tanto a *Maskirovka* quanto a surpresa (*unezapnost*) possuem uma relação de interdependência, onde o sucesso da surpresa está diretamente ligado ao sucesso no emprego das táticas de *deception* (STEVEN, MARSH, 1982, p. 25)

Steven e Marsh (1982) indicam que taticamente a *Maskirovka* tem como principal objetivo a conquista da surpresa (*surprise*). Como descreve a Enciclopédia Militar Soviética, a *Maskirovka* apoia a surpresa ao secretamente:

securing military operation and the routine activity of troops, and (by) confusing the enemy with regard to the presence and position of the forces, military complexes, their position, level of preparation and activity as well as the plans of the command structure. Moreover, maskirovka assures the military readiness of the forces and increases their survivability (STEVEN, MARSH, 1982, p. 25).

Como aponta Myklín (2018), a Doutrina Militar Soviética de 1978 identifica quatro categorias de *Maskirovka*, sendo elas: a camuflagem (através de meios naturais ou técnicos de ocultação); simulação (chamarizes, manequins ou efeitos de armas falsas); estratagema (movimentação militar ou ações de combate para disfarçar as verdadeiras intenções); e desinformação (disseminação de informações falsas ou enganosas para objetivos militares). Além destas categorias, a *Maskirovka* pode ser implementada nos níveis estratégicos, táticos e operacionais.

No nível estratégico, a *Maskirovka* é implementada através de decisões tomadas pelo Comando Supremo Soviético. Segundo Steven e Marsh, suas ações em nível estratégico incluem uma ampla gama de medidas para assegurar de forma oculta a preparação das operações estratégicas e das campanhas militares, bem como desorientar o inimigo quanto as reais intenções das forças soviéticas. (STEVEN, MARSH, 1982)

De forma resumida, a *Maskirovka* em seu nível estratégico busca garantir o sigilo da preparação de campanhas ou operações estratégicas, além de desorientar o inimigo em relação as reais intenções soviéticas. É também neste nível que são articulados alguns outros meios de *deception*, como a desinformação. (MYKLÍN, 2018, p. 65; STEVEN; MARSH, 1982, p. 25-26).

Já em nível operacional, a *Maskirovka* é implementada pelo “*front army*” ou pelo comandante da frota, tendo em vista garantir o sigilo dos preparativos das operações. Por último, a *Maskirovka* aplicada ao nível tático, conduzida principalmente por tropas, unidades, subunidades e instalações individuais com o objetivo de ocultar a presença de unidades militares ou a preparação para o combate. (MYKLÍN, 2018, p. 65).

É importante ressaltar que durante a União Soviética, a *Maskirovka* era entendida como um conceito estritamente militar, ou seja, não era um método utilizado pela KGB ou por outros grupos de inteligência. Esse cenário muda no período contemporâneo, através do advento da internet. Com isso, a aplicação da *Maskirovka* passou a não se limitar unicamente ao uso militar. Como aponta Myklín:

Just like Soviet’s view on maskirovka was based on past experience (like Second World War) only updated to take into account the new capabilities of intelligence collection systems, the same goes for contemporary Russia. Not only the reconnaissance technology improved drastically, but there is a whole new domain of cyberspace along with the internet and social media (MYKLÍN, 2018, p. 67).

As contribuições da *Maskirovka* são inúmeras, desde garantir a perturbação (*disruption*) e o atraso do ciclo de tomada de decisão do inimigo, além de prevenir o desenvolvimento de decisões bem fundamentadas. Pôde-se evidenciar a utilização da *Maskirovka* durante a anexação da Crimeia em 2014. Como aponta Myklín (2018), táticas de *Maskirovka* foram utilizadas em seu pleno potencial durante a anexação. A invasão de soldados armados, bem equipados e sem insígnias (ou qualquer identificação que o vinculasse ao exército russo) surpreenderam e paralisaram o exército ucraniano ao ponto de não oferecerem nenhuma resistência. Além disso, Myklín evidencia o uso da *Maskirovka* em Donbas. Em suas palavras:

Use of maskirovka is also prevalent in Donbas. The Russian vacationer who decided to enjoy their holiday in a war zone, ideally with their tanks and artillery systems, in what had been an even more daring version of the “comrade tourist” ruse mention above. During the operation, Moscow denied that the “little green men” or “polite men” are Russian soldiers despite the fact they were equipped with the latest Russian weaponry and were speaking Russian. The plausible deniability was on Kremlin’s side though, and the chaos in Kyiv, the Crimean Annexation was one of the most successful maskirovka operations in history (MYKLÍN, 2018, p. 68).

Uma outra categoria que compõe a estratégia de *deception* soviética são as medidas ativas (*Active Measures / Aktyvneye Meropriyatiya*). Essa prática tem sido classificada por autores como Duncan (2017) e Myklín (2018) como parte essencial para a compreensão da Doutrina Militar Russa para as guerras atuais e do futuro. As medidas ativas, embora sejam

práticas originadas durante o período soviético, ainda apresentam uma posição proeminente dentro dos serviços de inteligência russa, e por isso não devemos ignorá-las.

2.2.2 ACTIVE MEASURES / AKTYVNEYE MEROPRIYATIYA

Como já mencionado neste capítulo, alguns autores como Andrew J. Duncan (2017) denunciam a tentativa ocidental de definir o novo modelo de guerra russo, conhecido também como Doutrina Gerasimov, com o conceito de Guerra Híbrida. Para esse autor, o conceito de GH não contempla todos os aspectos que compõe o pensamento militar russo atual, além disso, a GH nem sequer faz parte da realidade e do debate entre os estrategistas e acadêmicos da Rússia, aparecendo em seus escritos apenas como uma definição das táticas utilizadas pelos EUA nos conflitos atuais.

Duncan (2017), sugere que os meios e métodos utilizados pela Rússia durante a anexação da Crimeia podem ser melhores definidos através de três conceitos-chave, são eles: *Deep Operations*; *Active Measures*; e *Reflexive Control*. Esses três conceitos fazem parte da tradição militar soviética. Dessa maneira, Duncan indica que o artigo polêmico artigo de Gerasimov, já trabalhado nos tópicos acima, tem como base conceitos soviéticos que foram de certa forma atualizados para a realidade do século 21.

O conceito de *Active Measures* (AM) tem ganho força após a anexação da Crimeia, pois trouxe à tona uma discussão a respeito do retorno do uso desse método pelos russos, muitas vezes identificado pelo Ocidente como “*Dirty Tricks*” ou “política por outros meios”. (ABRAMS, 2016, p. 7).

O termo *Aktivniye Meropriyatiya*, é de origem russa, e por isso sua natureza pode ser de alguma forma estranha ao modo de pensar Ocidental. Como indica Abrams (2016), não há frase em inglês que possa traduzir de forma precisa o significado da *Active Measures*, o que dificulta bastante o processo para defini-la.

Tendo como base o pensamento leninista, as técnicas que fazem parte da AM incluem desde simples propaganda até assassinatos em território estrangeiro. Galeotti (2016, p. 7) descreve que AM envolve “qualquer coisa entre assassinato e subversão política”³⁷ tendo como atividade mais extrema a realização de assassinatos e ataques diretos, geralmente conduzidos pelos serviços de inteligência do país. Galeotti, a respeito das agências de inteligência:

³⁷ Citação original: “everything from assassination to political subversion”. (GALEOTTI, 2016, p. 7)

while many countries intelligence agencies sometimes conduct such operations, the Russians have put this at the center of their concept of intelligence work. They also more readily integrate other institutions and individuals - from banks and charities to journalists and truck drivers - into their activities (GALEOTTI, 2016, p. 7).

O termo AM tem origem no período soviético e possui algumas definições. Segundo o General Oleg Kalugin, AM é “o coração e a alma da inteligência soviética”. Além disso, as AM se encontravam bem integradas dentro do espaço político e no partido soviético, além de toda a estrutura estatal, ou seja, a AM não era uma atividade limitada ao serviço de segurança soviético (KGB). Para se ter ideia, estima-se que uma campanha da AM soviética empregava mais de 15 mil pessoas, sendo esse número muitas vezes superior a quantidade de diplomatas servindo no Departamento de Estado dos EUA após o ataque de onze de setembro. (ABRAMS, 2016, p. 8).

Quanto a sua definição, o autor Dennis Kux, descreve em 1985 uma das melhores definições para entendermos a AM soviética, em suas palavras:

Where active measures fit in the Soviet framework may be better understood by considering the whole spectrum of Soviet foreign policy endeavors through the optic of “white”: “gray”, and “black” operations. Normal diplomatic, trade, aid, and informational efforts can be considered “white” or overt activities. “Gray” activities are those involving communist fronts, foreign communist parties: “clandestine” radio stations, or well-known media outlets for disinformation. While not officially acknowledged to be Soviet sponsored, semi-overt “gray” activities are widely known as under Soviet direction and control. In contrast “black” activities involve genuinely clandestine operations: the use of agent of influence, spreading false rumors, duping politicians and journalists, and disseminating forgeries and fake documents. Active measures fall under either the “gray” or the “black” rubric, although the line between the semi-overt and the clandestine is often blurred (KUX, 1985, p. 19).

Uma segunda definição foi dada pelos autores Darczewska e Zochowski (2017) que descrevem AM como:

The concept of “active measures” covers offensive undertaking aimed at disinformation, deception, sabotage, destabilization and espionage, arising from the assumptions and priorities of the foreign policy of the Soviet Union, whose aim was to force its enemy to act in the manner desired by Moscow. The term combines various techniques used in operations aimed at influencing the international environment of the Soviet Union and supporting the foreign policy of the Kremlin (DARCZEWSKA; ZOCHOWSKI, 2017, p. 13-14).

Assim como Galeotti (2016), os dois autores também chamam a atenção para a importância dos serviços especiais soviéticos. Segundo eles, os serviços especiais da União Soviética serviram ao interesse de um estado totalitário, não só por combater quem discordava do ponto de vista estatal e bloquear os canais de comunicação que existiam com o mundo

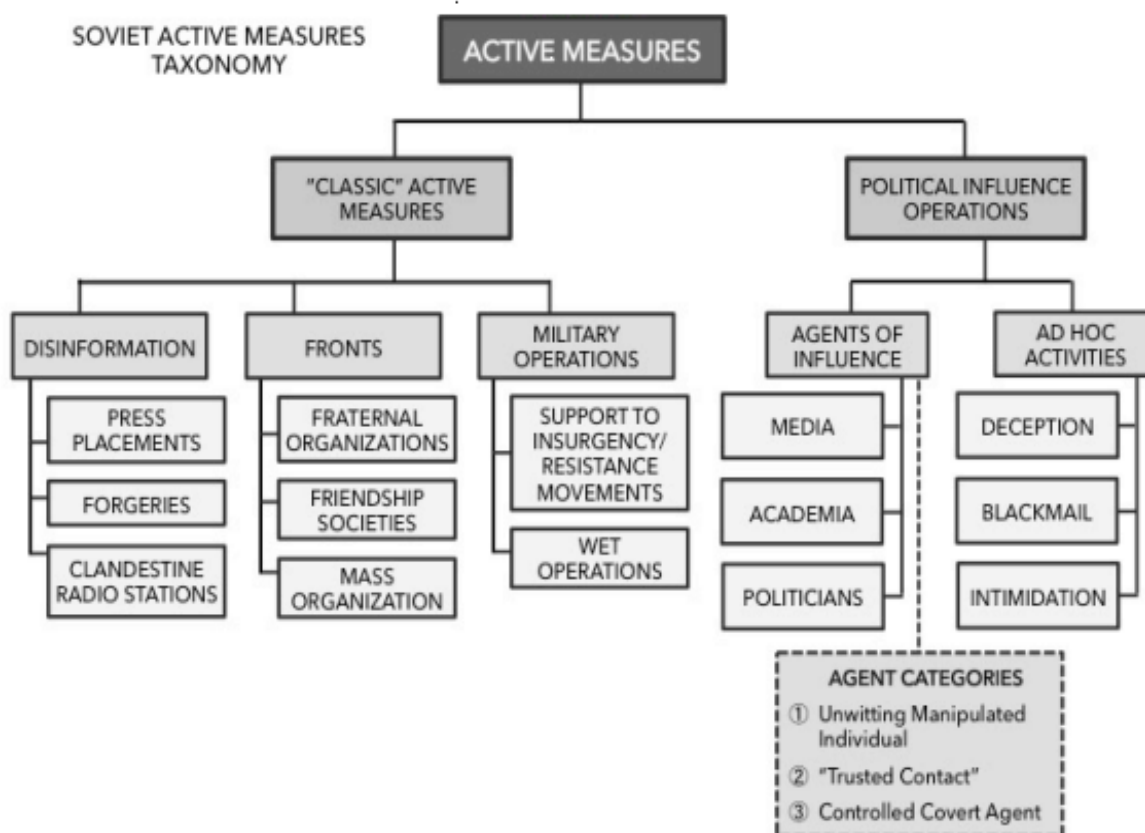
exterior, mas além de tudo contribuíam para a implementação da política externa soviética. Levando em consideração esse objetivo, os autores apontam que as forças soviéticas utilizavam uma variedade de métodos como propaganda, *deception*, sabotagem e até mesmo a liquidação física dos seus oponentes políticos. (DARCZEWSKA; ZOCHOWSKI, 2017, p. 5).

Quanto aos objetivos buscados pelo uso da AM, Whittle (2015, p. 53) observa dois deles, seriam: enfraquecer os oponentes da URSS e criar um ambiente favorável a conquista dos interesses de Moscou no ambiente internacional. De forma mais detalhada, Whittle, indica as prioridades da AM descritas pelos autores Andrew e Gordievsky, seriam elas: (1) atacar todos os aspectos da política externa dos EUA; (2) promover tensões entre os EUA e seus aliados dentro da OTAN; (3) encontrar maneiras de encorajar os movimentos de paz ocidentais a concentrarem todas suas forças contra os Estados Unidos. (WHITTLE, 2015, p. 53-54 apud. ANDREW; GODIEVSKY, 1991, p. 103).

De forma geral, Whittle (2015) consegue delinear um padrão diante dos objetivos buscados pelos soviéticos ao utilizarem AM, a ordem seguiria a seguinte direção: isolar, minar e enfraquecer o inimigo enquanto Moscou promove os seus próprios interesses no sentido de ampliar a sua influência global (WHITTLE, 2015, p. 54).

Em relação aos métodos que compõem a AM, Whittle (2015), através de uma interpretação do *U.S Congressional Hearings on Active Measures*, de 1982, aponta duas subcategorias básicas, sendo elas a “*Classic Active Measures*” e a “*Political Influence Operations*”. Os métodos indicados em cada uma dessa subcategoria podem ser vistos na figura a seguir:

Figura 5 – Mecanismos da abordagem de Active Measures



Fonte: WHITTLE, 2015, p. 52

A respeito dos meios utilizados, Whittle (2015) aponta as operações de AM soviético era composta e dependia de uma alta coordenação do governo, por isso, todos espaços representativos ou agências instaladas no exterior apresentavam o potencial para dar suporte ou praticar essas medidas ativas.

De forma resumida, isso incluiria embaixadas, missões soviéticas especializadas em território estrangeiro, ou até mesmo delegações soviéticas em visita a países estrangeiros. (WHITTLE, 2015, p. 69).

Em seu trabalho, Myklín (2018) aponta algumas das operações militares conduzidas pelos serviços de inteligência soviéticos durante o período da Guerra Fria. O primeiro deles seriam as operações militares encarregadas de dar suporte a movimentos de insurgência e de resistência. Trata-se de uma atividade do Kremlin que buscava conceder suporte a movimentos

de libertação nacional, principalmente pela influência da ideologia Marxista-Leninista. Segundo o autor, esses movimentos de libertação se espalhavam facilmente em um ambiente de pobreza e opressão, onde a população vivia sob repressão de um governo ditatorial de direita. Em ambientes como este, os soviéticos ofereceram treinamento, munições, materiais e *know-how* revolucionário para os movimentos de combatentes de esquerda. (MYKLÍN, 2018, p. 78).

O suporte a grupos terroristas também inclui ao conjunto de ferramentas da AM soviética. Enquanto dentro do Estado soviético ocorria o que se classifica de “terrorismo repressivo”, levado a cabo pelos Bolcheviques, havia também, dentro do aparato da AM soviética, o “terrorismo subversivo”, Myklín aponta:

The Soviet Union and other Eastern bloc countries (Eastern Germany, Czechoslovakia, Bulgaria, Cuba and North Korea) were major sponsors of terrorism, providing assistance in the form of weapons, ammunition, explosives military training, finances or safe haven. Supported organization were mostly left-wing terrorist groups or separatist-terrorist organizations with a good national liberation movement (MYKLÍN, 2018, p. 79).

Outro aspecto da AM soviética, é a sua relação ao crime organizado. Um exemplo disso foi o tráfico de drogas encabeçado pelos soviéticos na década de 1970, o que permitiu o transporte de drogas do Oriente Médio para a Europa Ocidental, através das fronteiras dos países do leste europeu, como Turquia, Bulgária e Iugoslávia. Segundo Myklín (2018 p. 82), o serviço especial soviético, ao estimar que mais de 16.000 dos 225.000 soldados estadunidenses que estavam na Alemanha Ocidental, estavam fora do combate devido ao abuso de drogas. Diante desses dados, a KGB viu a oportunidade de afetar ainda mais soldados ocidentais através do tráfico de drogas, facilitando o acesso dos soldados a elas. A operação se mostrou um sucesso, visto que de toda a heroína usada pelo exército dos EUA na Alemanha Ocidental, 65% dela entrou no território com a ajuda do Governo da Alemanha Oriental.

Outra atividade que faz parte do aparato da AM é conhecida pelos russos como “*mokroye delo*”, ou “*wet operations*” ou “*wetworks*”. Todos esses nomes são termos utilizados pelos serviços de inteligência e significa o ato de assassinar ou matar. Segundo Myklín (2018), esse tipo de operação não era estranho aos serviços de inteligência soviéticos, e diversos indivíduos foram assassinados por motivos políticos e ideológicos durante o governo soviético. Um dos exemplos mais conhecidos foi o de Leon Trotsky, morto no México em 1941. Como resume em sua obra: “killing opponents in the West or at least outside the borders of Soviet Union became sort of signature move of soviet intelligence services and Trotsky’s assassination in Mexico was certainly not a last one” (MYKLÍN, 2018, p. 83).

Em relação a utilização da AM após a queda da União Soviética, ela é debatida por diversos autores. Autores como Duncan (2017), Myklín (2018), Abrams (2016), Whittle (2015), Darczewska e Zochowski (2017), defendem que a prática soviética da AM sobreviveu e ainda é fortemente utilizada pela Federação Russa sob o governo de Vladimir Putin.

Em suas palavras, Abrams (2016) aponta que *“the Russian Federation is currently waging “the most amazing information warfare blitzkrieg in the history of information warfare”*”. Para esse autor, todo o processo que culminou na anexação da Crimeia em 2014, além do ataque por um míssil russo ao avião ‘Malaysia Airlines Fligth 17’, que terminou matando 298 passageiros, e em seguida toda propaganda engajada em negar o envolvimento do governo russo em tais investidas. Deixou claro de que a Federação Russa não abandonou o uso da AM, mesmo tendo seu principal ator (KGB) sido dissolvido no processo de transição da URSS para a Rússia contemporânea. (ABRAMS, 2016, p. 7).

Ao observar a mídia russa, principalmente um dos seus principais canais de influência internacional, a RT (Russian Today), Abrams (2016) descreveu, assim como muitos outros telespectadores ocidentais, que foi a partir destes eventos citados acima que tornou possível perceber a capacidade de manipulação da mídia e da propaganda encabeçada pela Federação Russa atualmente.³⁸

Diante dos eventos citados acima, ficou-se claro de que a prática da AM soviética se manteve viva e tem ocupado um lugar de grande relevância na cultura estratégica da Rússia contemporânea. O que é importante deixar em evidencia é que essa prática sofreu algumas transformações diante das mudanças trazidas pelo advento da internet e do avanço tecnológico em um mundo globalizado. Esse pensamento é confirmado por Abrams (2018) ao indicar que a Rússia apenas reciclou e adaptou as antigas técnicas de subversão soviéticas para aplicá-las em um mundo globalizado e interconectado.

Abrams (2016) ainda descreve que mesmo apresentando objetivos e meios semelhantes, muitos dos métodos que compõe a prática da AM soviética foram atualizados levando em consideração algumas mudanças no cenário atual. O autor indica ainda algumas dessas mudanças: as campanhas desenvolvidas por máquinas de escrever e cartas foram substituídas

³⁸ Abrams (2016) descreve as primeiras experiências da audiência ocidental à propaganda moderna russa com uma narrativa dramática dos eventos sobre o Malaysia Airlines Fligth 17. Abrams (2016) descreveu a propaganda moderna russa como “darkly, nastily and brilliant” and “so much more sophisticated than soviet propaganda.” (ABRAMS, 2016, p. 6).

por contas *online* e por *retweets*, mas em alguns casos, as técnicas antigas ainda se mostram eficientes. (ABRAM, 2016, p. 18).

A dissolução da URSS também trouxe algumas mudanças em relação ao serviço de inteligência russa e suas limitações ideológicas. Sob uma perspectiva agora mais pragmática, os serviços de inteligência da Federação Russa (SVR, FBS, GRU) agora podem se engajar em atividades sem restrições ideológicas, como aponta Myklín (2018) a respeito dos grupos de inteligência, indica que elas podem trabalhar em organizações tanto da esquerda quanto da direita política, ou com ambientalistas e anti-globalistas, atividade esta que no período soviético não seria possível. (MYKLÍN, 2018, p. 84).

Outros dois detalhes relevantes apresentados pelo autor em relação às mudanças sofridas pelo serviço de inteligência russa após 1991. O primeiro diz respeito a sua hierarquia. Diferente da KGB, que era estritamente controlada pelos líderes políticos soviéticos, onde a maioria das operações da AM deveriam passar pela aprovação do Politburo, os serviços de inteligência russo apresentam uma relativa liberdade de ação. Além disso, os serviços de inteligência russa encontram-se em um constante estado de guerra contra o eminente inimigo. Como resume Myklín (2018, p. 87): as medidas ativas sobreviveram a dissolução do império Soviético, e provaram sua durabilidade mostrando que se tornou uma atividade inseparável da cultura estratégica russa. Dessa maneira, o conceito da AM tem ocupado relativa influência na Doutrina Militar Russa contemporânea, tornando-a necessária para entendermos de forma mais precisa o novo modelo de guerra utilizado pela Rússia nos conflitos atuais.

2.2.3 *INFORMATSIONNAYA VOYNA/ RUSSIAN INFORMATION WARFARE (RIW)*

Como indica Keir Giles (2015), no caso russo, muitas das ferramentas de influência que marcam a guerra de informação reúnem diversos aspectos das campanhas de subversão utilizadas na era soviética. Ao analisar o caráter de “surpresa” do ocidente quanto a atuação russa durante a anexação da Crimeia em 2014, Giles (2015) sugere dois principais motivos, sendo eles: por haver uma falta de memória coletiva institucional, visto que boa parte da população não era viva quando as campanha de subversão soviéticas eram alvo de preocupação; e pelo fato de que Rússia vem investindo fortemente em fatores que tornem mais fáceis a adaptação dos princípios de subversão a nova realidade da era da internet. Além desses dois motivos indicados por Giles, observou-se também que Moscou tem reforçado o controle da

mídia tanto a nível nacional quanto ao nível internacional, o que termina por estabelecer uma imagem mais positiva do país no cenário externo e nacional.

De forma mais clara, o desconhecimento desses dois aspectos citados a cima, tem acarretado uma maior dificuldade para o Ocidente de identificar as reais capacidades informacionais e de propaganda perpetrados pela Rússia atualmente.

De uma forma mais ampla, o cenário visto por Giles (2015) percebe uma Rússia engajada em uma escala total (*full-scale*) de guerra informacional, englobando operações tanto ofensivas quanto defensivas. O autor ainda sinaliza para um grande investimento russo direcionado a adaptação dos princípios de subversão (típicos do período soviético) à essa nova era da internet. Esses investimentos podem ser facilmente percebidos em três áreas principais, sendo elas: em relação a mídia doméstica e estrangeira, por meio da intensificação da presença russa online (o jornal eletrônico “*Russian Today*” é um bom exemplo disto); crescente foco nas mídias sociais online, percebidas como uma força multiplicadora capaz de garantir que a narrativa russa ganhe abrangência internacional; e por último, o desenvolvimento de habilidades linguísticas, garantindo que a narrativa russa não se limite apenas aos povos que compartilham a mesma língua, um exemplo disto seriam os jornais “*Russian Today*” e “*Sputnik*” que possuem páginas online disponíveis em diversas línguas como inglês e português.

Buscando responder como as capacidades de informação e propaganda russa se desenvolveram a ponto de atingir seus alvos completamente de surpresa, Giles (2015) realiza uma breve análise de três estágios, mostrando a evolução da abordagem russa até o período atual, referente a campanha de propaganda que resultou na anexação da Crimeia. É importante deixar claro que cada um desses três estágios envolvem a Rússia, que ao tomar ações impopulares tanto no espaço doméstico quanto no internacional, percebe que o país não poderia mais influenciar a narrativa global em relação a essas ações, utilizando as mesmas ferramentas e abordagens do período soviético.

O primeiro estágio foi identificado durante a Segunda Guerra da Chechênia em 1999. Foi durante este conflito que a Rússia pôde perceber que ela havia sido superada, em termos de informação, por um inimigo mais fraco militarmente. Isso ocorreu devido a capacidade do país inimigo de utilizar a internet para divulgar sua narrativa para a mídia global. Como aponta Giles, apesar do fato da guerra ter começado com a invasão (sem reais provocações) da Chechênia na República russa, Moscou se mostrou incapaz de superar a narrativa do oponente, na qual denunciava o país a cometer agressões contra os combatentes da liberdade chechenos”. (GILES, 2015, p. 2).

Diante desta experiência, o serviço de segurança russo pode reforçar o entendimento de que a internet se apresentava como um perigoso fator de desestabilização e logo se tornava uma ameaça à segurança nacional, e por isso o acesso ao público a internet deveria ser cuidadosamente controlado. Em paralelo, os serviços de segurança russos continuaram a desenvolver meios e métodos capazes de aprimorar o uso da internet como uma ferramenta para se atingir adversários estrangeiros. (GILES, 2015, p. 2).

O segundo estágio que marca a evolução da guerra informacional russa foi identificado por Giles em 2008, durante o conflito armado com a Geórgia. Embora tenha garantido uma vitória militar, a Rússia pôde notar diversas deficiências em sua performance militar. Como indica Giles: além do desânimo causado pela dificuldade de obter vitória através de uma guerra convencional, houve também uma dificuldade em concordar quem obteve vitória na guerra de informação. O que ficou claro para os especialistas russos é da necessidade de aprimorar tanto sua capacidade militar quanto os outros aspectos que permeiam esse novo cenário de guerra. (GILES, 2015, p. 2).

Por último, a onda de protestos que ocorreram a partir de 2011, tanto a nível doméstico quanto em outros países. Principalmente com o evento da Primavera Árabe, que pôde demonstrar o poder da mídia social com sua capacidade de mobilização e organização, e até de facilitar uma mudança de regime político, causou grande alarme ao governo russo, o que passou a temer um ataque deste tipo em território nacional. Neste mesmo período, a Rússia enfrentava uma onda de protestos em seu período de eleição e tentava controlá-la através de um sistema de controle (*automated system*) que buscava limitar o debate político online.³⁹ (GILES, 2015).

Diante deste cenário, o governo russo percebeu que a utilização de sistemas de controle (*automated systems*) se mostrou insuficiente, e que para controlar a opinião pública (*mass consciousness*) online seria necessário o envolvimento de seres humanos reais. Isso levou o governo russo a investir nas capacidades humanas com o objetivo de direcionar ou evitar debates online.

This capability, which previously had only limited targeting and mostly within Russia, was bolstered by the recruitment or training of foreign language speakers (at varying degrees of capability) to exploit the hyperconnected nature of online space. Meanwhile, the recruitment of talent for online media saw journalists tempted from their work with traditional media by offers of double or tripled salaries. Thus parts of the original Information Troops concept morphed into the Kremlin Troll Army, in

³⁹ Giles (2015) aponta que: “A large array of pre-positioned Twitterbots, and sporadic targeted DDoS attacks, were combined with old-fashioned dirty tricks against opposition leadership figures to attempt to defuse and discredit the protest movement”. (GILES, 2015, p. 2-3)

cooperation with statebacked media with a strong internet presence (GILES, 2015, p. 3).

Diante deste panorama, existem alguns detalhes a respeito da perspectiva russa em relação a *Information Warfare* (IW) que seriam importantes ressaltar neste trabalho. Como descreve Snegovaya (2015, p. 9): “Russian information war (RIW) is not information warfare as the U.S. thinks about it”. Para a autora, a RIW faz parte do método russo de conduzir uma GH.

Como indica Snegovaya (2015), o crescente foco na guerra de informação tem como intenção trabalhar as limitações enfrentadas pela Rússia no século 21. Em suas palavras, IW é essencialmente uma abordagem que nasce da fraqueza, na qual fornece maior flexibilidade contra o oponente que apresenta um maior poder econômico assim como maiores recursos tecnológicos. Reconhecendo uma posição de inferioridade em sua posição militar em relação aos EUA e a China, e também de sua posição financeira, a Rússia passou a buscar meios indiretos e não-militares que represente uma alternativa de maior custo-benefício para o seu governo. (SNEGOVAYA, 2015, p. 9).

IW torna-se uma alternativa para a o governo russo que tem focado cada vez mais em restaurar o seu papel no cenário internacional aos moldes da era soviética. Como indica Ajir e Vaillant (2018), desde sua chegada no poder nos anos 2000, Putin desenvolveu uma forte narrativa nacionalista, tendo como foco o retorno da “glória” da União Soviética também em seu nível nacional. Para isso, Putin tem focado em solidificar seu poder tanto dentro do próprio país, quanto empregar tendências nacionalistas de retomar sua influência nos países vizinhos, ou seja, das ex-repúblicas soviéticas que agora se encontram independentes.

Além da relação com os países vizinhos, a Rússia tem percebido o Ocidente (mais especificamente os EUA e a OTAN) como uma ameaça a sua retomada ao poder. Dessa maneira, o país vê-se em uma “eterna” competição de forças com o mundo ocidental. Nas palavras de Ajir e Vaillant: Putin percebe que através da desestabilização do Ocidente é possível fazer com que Moscou reestabeleça o seu papel de prestígio global. (AJIR, VAILLANT, 2018, p. 71).

Por outro lado, Giles (2015) aponta que a atitude “imperialista” da Rússia em relação aos países vizinhos menores permanecem da mesma forma desde 1991. Indiferentemente de quem esteja ocupando o poder no Kremlin, ou da percepção de força do país, ou do curto período de otimismo em relação ao Ocidente que tomou a Rússia nas últimas décadas. Em relação a mudança de atitude russa após 2014, Giles indica:

The key difference in 2014 was that with the assistance of a clear and consistent leadership stance, and a decade of high oil prices, Russia's capabilities had developed to more closely match its intentions. These intentions are more discernible now simply because they are more likely to be translated into action while that leadership feels both relatively strong and, apparently, threatened. Put in another way, Russia's view of the outside world was not different before the arrival in power of Vladimir Putin; rather, it "hibernated" during a period of diminished pressure from outside and weakness on the inside (GILES, 2015, p. 40).

A autora Jaitner (2015, p. 89) compartilha uma percepção semelhante ao do Giles. Segundo ela, a Rússia se considera vítima de uma guerra de informação desde os períodos soviéticos. Essa guerra se configura entre o "mundo russo" e o Ocidente liderado pelos EUA. Pôde-se notar que durante a Guerra Fria, houve a primeira guerra informacional, o que resultou na queda da URSS. Atualmente, ressalta a autora, podemos identificar o que ela chama de "operação anti-Putin" aos moldes do que ficou conhecido como "operação anti-Stalin".

Independentemente dessas perspectivas, Snegovaya (2015) indica que o presidente russo Vladimir Putin deixou claro, em uma de suas mais famosas declarações (Munich Speech), de que a Rússia não iria mais aceitar o modelo unipolar nas relações internacionais liderada pelos EUA. Ainda segundo essa autora, as mudanças no Ministério da Defesa russo, tiveram como consequência a entrada do General Gerasimov, refletiu em uma mudança de pensamento militar a respeito das estratégias futuras. Inicialmente, a campanha informacional russa, cujo alvo era a oposição russa a nível doméstico e o Ocidente, apresentou pouca capacidade de inovação. Como descreve Snegovaya:

in their initial stages, the campaigns were characterized by the meticulous mimicking of actions taken by the Kremlin's opponents. In its information warfare against the domestic opposition, the Kremlin extensively used this mirroring tactic on the "Runet" (the Russian web) with hashtags, trolls, hackers and direct denial of service (DdoS) attacks. The Kremlin uses the same mirroring approach in attacking the West (SNEGOVAYA, 2015, p. 10).

Porém, a RIW continuou se desenvolvendo e apresentando um caráter essencial na guerra do futuro. Como resume Jaitner (2015), ao citar as palavras de dois generais russos: "a informação se tornou um novo tipo de arma", e a Rússia apresenta um longo histórico em relação a utilização de IW como arma. Essa ideia surge por meio da percepção de que o progresso da ciência da computação acarretou em uma nova geração de guerra, cujo principal objetivo a ser angariado é a superioridade informacional no espaço cibernético (JAITNER, 2015, p. 87-89).

Um outro detalhe que não se pode passar despercebido é a narrativa russa utilizada para justificar a sua atuação nos países vizinhos. Como destaca Giles (2015), a Rússia apresenta um conjunto de ferramentas utilizadas para justificar, e muitas vezes garantir, suas ações nos países no qual divide fronteira. Dois deles são relevantes para o debate em questão, são eles: os “*dormant issues*” ou questões inativas, aplicado através da sua “estratégia de paciência”, e em relação as minorias russas que vivem no exterior.

Em relação as questões inativas (ou dormentes), Giles (2015) ressalta que um dos elementos da abordagem russa para manter seu domínio contra seus vizinhos se dá pela manutenção das disputas, ou seja, mantendo-as vivas (porém inativas) para que possam ser “reativadas” caso seja necessário. A guerra na Geórgia em 2008 foi um exemplo desta abordagem, como observado por Giles, a Guerra da Geórgia demonstrou a capacidade da Rússia de manter um conflito inativo por um longo período, para depois reativa-la justamente quando os resultados podem se mostrar a favor de Moscou. (GILES, 2015, p. 41).

A outra ferramenta utilizada pelo governo russo é descrita através da percepção de ameaça e da necessidade de uma resposta militar a supressão dos direitos e liberdades dos cidadãos russos que vivem em países estrangeiros. Como indica Giles a narrativa de “proteção aos seus compatriotas” já é conhecida e utilizada por Moscou para justificar suas ações agressivas contra os países vizinhos, como ficou evidente na Geórgia em 2008 e na Ucrânia em 2014.

Embora que a Rússia concorde que a segurança e proteção das minorias seja algo de responsabilidade do país hospedeiro, quando necessário, o governo russo utilizará a ameaça a segurança das minorias de etnia russa como uma narrativa para justificar a sua interferência na soberania do país alvo. O autor Selhorst (2016) comprova esta atitude ao indicar que:

During the Estonia, Georgia and Ukraine conflicts, Russia established civilian capabilities such as youth group and state media and mobilized Russian ethnic minorities abroad by appealing to feelings of marginalization, a sense of self-worth and belonging, and a perception that Mother Russia has more to offer than the native country (SELHORST, 2016, p. 150).

Como explica a autora Vivian S. Walker (2015), a globalização das novas tecnologias agregou um nível a mais de complexidade para que Estados pudessem projetar sua identidade e proteger sua zona de influência. E percebido que durante períodos de crise a identidade e a capacidade de influência de um país se encontra em maior risco. Para garantir sua viabilidade, o Estado depende do desenvolvimento eficiente, o que a autora chama de uma “narrativa estratégica” que seja capaz de explicar as ações e as intenções dos Estados. Walker define narrativa estratégica como:

a “story” created by a state to legitimize its policies in order to influence the opinion and behavior of domestic and international audiences. An effective strategic narrative also enables a state to articulate and project national strategic objectives in a global context. [...] At its most basic, a state’s strategic narrative offers an official story, based on tradition and culture, that ultimately assures “historical continuity, if not legitimacy” (WALKER, 2015, p. 2).

Walker (2015, p. 2) segue esse raciocínio indicando que o sucesso da narrativa depende diretamente “on the soft power attractiveness of its culture, its political values and its foreign policies, when they are perceived as both legitimate and having moral authority”. Essa perspectiva deixa evidente a utilização das capacidades de informação como uma arma dentro do pensamento militar russo atual. Em relação ao *soft power*⁴⁰, o presidente russo Vladimir Putin aponta:

The Arab Spring has graphically demonstrated that world public opinion is being shaped by the most active use of advanced information and communications technology. It is possible to say that the internet, social networks, cell phones, etc, have turned into an effective tool for the promotion of domestic and international policy on par with television. [...] The notion of “soft power” is being used increasingly often. This implies a matrix of tools and methods to reach foreign policy goals without the use of arms but by exerting information and other levers of influence. Regrettably, these methods are being used all too frequently to develop and provoke extremist, separatist and nationalistic attitudes, to manipulate the public and to conduct direct interference in the domestic policy of sovereign countries (PUTIN, 2012, site).

É importante ressaltar que o conceito de *soft power* apresenta diferenças em relação a interpretação russa e ocidental. A Rússia percebe o *soft power* como um complemento da diplomacia, capaz de alavancar o peso e a autoridade do país no cenário mundial. Como ratifica Giles (2015), a Rússia tem adotado o *soft power*, porém, esta compreende um conjunto de ideias completamente distante da interpretação do Ocidente. Essa diferença pode ser vista também no que se diz respeito a tradução da frase, o que toma uma outra direção ao ser traduzida pelos russos. Em sua tradução para língua russa, *soft power* é representada pela frase “*myagkaya sila*”, cujo significado é mais parecido com “*soft force*”. Como descreve Giles:

As classically understood in the Euro-Atlantic community, soft power deals not with the actual wielding of power or influence by an actor but with the power of attraction. [...] Russia’s approach to its neighbors is incompatible with the application of soft power as it is normally understood in the West. [...] For Russia, therefore, the concept translated here into English as ‘soft power’ includes direct coercion or destabilization

⁴⁰ Segundo a definição de Nye, Soft Power “is the ability to get what you want through attraction rather than coercion or payments. It arises from the attractiveness of a country’s culture, political ideals, and policies. When our policies are seen as legitimate in the eyes of others, our soft power is enhanced”. (NYE, 2004, p. 9)

by means that are not hard, i.e. short of direct military intervention (GILES, 2015, p 42-43).

Percebe-se assim, que o pensamento militar russo observa o espaço informacional como proporcionador de uma amplitude de possibilidades assimétricas capaz de reduzir o potencial de resposta do inimigo, evitando assim uma escalada para uma guerra de molde convencional.

Em relação a situação de “inferioridade” econômica e militar russa, característica esta confirmada pelo crescente investimento na elaboração alternativas indiretas, não-militares e assimétricas, pode-se levantar interpretações a respeito de sua vulnerabilidade em comparação a países como China e EUA. Porém, como chama atenção Giles (2015, p. 40), essa percepção pode nos induzir a certos erros, como foi o caso da anexação da Crimeia em 2014, visto pela mídia e por acadêmicos ocidentais com grande surpresa. Isso se deu, pelo que o autor chamou de “amnésia coletiva” ocidental.

Giles aponta que após a guerra da Geórgia em 2008, uma vasta quantidade de análises foram feitas, inclusive por observadores ocidentais, apontando que o próximo alvo das ações russas seria a Crimeia, porém, outras análises também concluíram que a Rússia iria enfrentar um período de “fraqueza”, como consequência das pressões econômicas ocidentais aplicadas ao país. Para Giles (2015), o erro se encontra diante desta interpretação.

Como enfatiza Max Fisher em um artigo no site de notícias *Vox*, em 2014:

You might reasonably conclude that the destruction of Russia’s economy is great news for the United States of America. After all, won’t it humble Vladimir Putin, forcing him to finally back out of his disastrous Ukraine invasion, soften his growing hostility toward Europe and the US, and generally ratchet down the brinkmanship and aggression that have made him so troublesome? Actually, it’s the opposite. The odds are that Russia’s free-falling economy will make Putin even more aggressive, more unpredictable, and less willing to compromise. The weaker that Russia becomes, the more dangerous it will get, and that’s terrible news for everyone, including the US (FISHER, 2014, site).

Como indica Fisher (2014), visto que Putin baseia seu poder e sua popularidade no crescimento econômico russo, uma crise neste setor poderá enfraquecer Putin ao ponto de obrigá-lo a lutar para se manter no poder. Para que sua posição seja garantida, certamente o presidente russo irá reunir ferramentas como a narrativa nacionalista, confrontos estrangeiros (como já foi mencionado anteriormente) e propaganda estatal. Como indica o autor, depois de 2012, Putin mudou sua estratégia, concentrando-se em estimular a paranoia antiocidental típica das escolas que reforçam o pensamento imperialista russo. (FISHER, 2014, site).

Essa visão defendida por Giles e por Fisher termina retificando a importância dada à IW e a necessidade de adquirir superioridade no espaço informacional, para que o país possa garantir seus interesses no cenário internacional.

A respeito da definição de IW, um documento elaborado pelo governo russo conhecido como *Conceptual Views Regarding the Activities of the Armed Forces of the Russian Federation in the Information Space*, descreve IW como:

Confrontation between two or more states in the information space for damaging the information systems, processes and resources, which are of critical importance, and other structures, to undermining the political, economic and social system, and massive brainwashing of the population for destabilizing the society and the state, and also forcing the state to make decisions in the interests of the confronting party (RUSSIAN FEDERATION, 2016, p. 5).

Quanto a *Information Warfare* ou *Informatsionnaya Voyna*, Myklín (2018) indica que a abordagem russa ao domínio informacional apresenta um caráter abrangente e diferente da perspectiva ocidental. Além do seu caráter abrangente, Giles (2016) identifica que a RIW não se limita ao período de guerra, ao contrário da definição ocidental que vê a IW como uma tática de operações informacionais limitada e utilizada durante períodos de hostilidades. Giles descreve a IW na definição ocidental como uma prática limitada de *deception*, na qual fornece ao comando militar adversário informações operacionais falsas que devem servir como base para as suas tomadas de decisão.

Porém, o autor percebe que a abordagem russa não se limita apenas a mostrar mentiras e desmentir informações. Segundo ele, o Estado russo e seus atores não-estatais têm explorado a história, a cultura, o idioma e o nacionalismo para realizar campanhas de desinformação para conquistar os mais diversos objetivos (GILES, 2016, p. 2).

Thomas (1998) aponta algumas diferenças no entendimento de IW pelos pensadores russos:

What is really different is the conceptual understanding of an information operation from a cultural, ideological, historical, scientific and philosophical viewpoint. Different prisms of logic may offer totally different conclusions about an information operation's intent, purpose, lethality, or encroachment on sovereignty; and this logic may result in new methods to attack targets in entirely non-traditional and creative ways (THOMAS, 1998, p. 18).

Quanto ao conceito de IW, Myklín (2018) aponta a divisão em duas partes principais, são elas as operações informacionais psicológicas (*information-psychological operations*) e as operações informacionais técnicas (*information-technical operations*).

Bramsky (2015), resume a IW em três características predominantes. Segundo o autor, a RIW é holística (*kompleksnyi podhod*), visto que compreende ataques de natureza digital-tecnológica e cognitiva-psicológica (*digital-technological and cognitive-technological*). No qual a sabotagem (ataque) digital visa desorganizar, perturbar e destruir a capacidade administrativa de um Estado, e a subversão (ataque) psicológica visa enganar os civis, descreditar suas lideranças e desmoralizar sua população e as forças armadas. (BRAMSKY, 2015, p. 27).

Em segundo lugar, a RIW é unificadora (*edinstvo usilii*) no sentido de sincronizar a guerra de informação com meios '*kinetic*' e '*non-kinetic*' (meios cinéticos e não-cinéticos, em tradução livre). Além disso, a IW é unificadora ao passo em que cooptar e coordenar uma vasta gama de atores governamentais e não-governamentais (militar, paramilitar e não-militar). Por último, a campanha informacional é um esforço estratégico ininterrupto (*bezpriryvnost*), visto que a IW é empregada tanto em tempos de paz quando em tempos de guerra. Sendo aplicadas simultaneamente a nível doméstico, no território do adversário e na mídia internacional. (BRAMSKY, 2015, p. 27). O caráter abrangente da IW é identificado por Giles (2016), segundo ele:

Information warfare can cover a vast range of different activities and processes seeking to steal, plant, interdict, manipulate, distort or destroy information. The channels and methods available for doing this cover an equally broad range, including computers, smartphones, real or invented new media, statements by leaders or celebrities, online troll campaigns, text messages, vox pops by concerned citizens, YouTube videos, or direct approaches to individual human targets. [...] For Russia: "information confrontation" or "information war" is a broad and inclusive concept covering a wide range of different activities. It covers hostile activities using information as a tool, or a target, or a domain of operations (GILES, 2016, p. 4-6).

O conceito de IW também abarca ferramentas que contemplam: inteligência, contrainteligência, *Maskirovka*, desinformação, guerra eletrônica, enfraquecimento dos meios de comunicação, degradação do suporte à navegação, pressão psicológica e destruição das capacidades tecnológicas do inimigo. (MSHVIDOBADZE, 2011, site).

Outro aspecto relevante da RIW se configura quanto a sua natureza. Como afirma Ajir e Vailliant (2019), a percepção comum ocidental é de que a Rússia está agindo de forma ofensiva, o que não corresponde necessariamente ao ponto de vista do país russo. Na realidade, a Rússia vê suas ações de natureza defensiva, onde encara a tecnologia como um método particularmente utilizados pelo Ocidente com um caráter ofensivo. Essa percepção tem justificado a crescente preocupação do Kremlin a respeito da internet e da sua capacidade de

afetar a segurança nacional russa. Como aponta os dois autores, uma vasta parte dos escritores russos sobre guerra de informação apresentam um tom defensivo, e se mostram focados em questões como a segurança informacional, isso se dá devido a percepção de que o sistema global de informação apresenta uma séria ameaça à soberania russa. (AJIR; VAILLIANT, 2018, p. 71).

Essa visão defensiva russa tem implicado em sua relação com o espaço informacional⁴¹. Como aponta Jaitner (2015), diferente do Ocidente, onde a segurança cibernética e a segurança informacional são reconhecidas como duas coisas diferente, a Rússia encara o espaço cibernético com algo subordinado à segurança informacional. Isso tem permitido que os responsáveis pela segurança nacional possam vigiar tanto dados técnicos quanto dados cognitivos⁴². Diante disso: “any information found on the World Wide Web could be a ‘missile’ fired at Russia that is more dangerous than a typical cyber attack as currently understood in the West”. A consequência dessa percepção é que a Rússia prevê a necessidade de definir e de proteger as “fronteiras do espaço informacional”. (JAITNER, 2015, p. 88).

Como indica Giles (2016), o mais próximo que o pensamento russo chega da perspectiva ocidental, é em relação a divisão do que o autor chama de “Computer Network Operations” (CNO) dentro do espaço informacional. O CNO, divide-se em dois domínios, o informacional-técnico e o informacional-psicológico⁴³. Giles continua:

Depending on the target of action, information warfare consists of two types:

- information-psychological warfare (to affect the personnel of the armed forces and the population), which is conducted under conditions of natural competition, i.e. permanently;
- information-technology warfare (to affect technical systems which receive, collect, process and transmit information), which is conducted during wars and armed conflicts.

(GILES, 2016, p. 9; apud KVACHKOV)

⁴¹ Information space: area of activity related to the formation, creation, transformation, transmission, use and storage of the information affecting *inter alia* the individual and social consciousness, information infrastructure and the information *per se*. (RUSSIAN FEDERATION, 2016, p. 5)

⁴² “In Russia, however, cyber is subordinate to information security, which allows national security planners to oversee both technical data (e.g. the integrity of passwords files) and cognitive data (e.g. political information on websites). (JAITNER, 2015, p. 88)

⁴³ Information-Technical and Information-psychological.

Ao longo do presente capítulo já foram mencionadas algumas das principais ferramentas informacionais utilizadas pelos russos, tanto na era soviética quanto nos tempos atuais. Como é o caso da AM e da *Maskirovka*. Entretanto, mais algumas ferramentas utilizadas pelo Kremlin devem ser levadas em consideração para que possamos entender toda a sua abordagem no espaço informacional. Como é o caso da abordagem conhecida como Controle Reflexivo (*Reflexive Control*), abordagem de origem predominantemente russa.

2.2.4 CONTROLE REFLEXIVO/REFLEXIVE CONTROL (RC)

Um outro legado teórico soviético é a Teoria do Controle Reflexivo, que através da sua adaptação tem sido peça chave para moderna guerra de informação russa. O autor Kasapoglu (2015), realiza uma crítica relevante a respeito da aplicação do conceito de GH para descrever a abordagem militar russa contemporânea. Ao realizar sua crítica, o autor termina contextualizando a abordagem de *Reflexive Control* (RC), evidenciando o seu caráter indispensável no pensamento militar atual.

Em suas palavras, ‘the key word for depicting the Western understanding of HW remains ‘multi-modality’, the key word for the Russians offensive non-linear warfare paradigm would be ‘penetration’ (KASAPOGLU, 2015, p. 2). O autor se baseia no relatório do Sean Edwards, cuja preocupação era analisar a arte operacional, as abordagens táticas e as manobras da guerra não-linear. Para isso, Kasapoglu (2015), indica que Edward teve contato com a teoria soviética conhecida como “*Deep Operation Theory*”, criada por Mikhail Tukachevsky. Como aponta Kasapoglu:

Tukachevsky considered tanks as “an integral part of a combined arms team”, and thereby, the Soviet marshal argued that along with other traditional duties, Soviet tanks were to be used for “breaking-out” into the operational depth” in order to cut the adversary’s communications, destroy its logistics, deep-deployed assets, and command mechanisms. [...] Deep penetration theory could be considered as the very determining basis for the contemporary reorganization of the Russian Armed Forces’ elite units (KASAPOGLU, 2015, p. 2).

Porém, o autor também percebe que a teoria de “*deep operations*” apresenta algumas falhas no sentido de explicar o pensamento russo em relação a guerra não-linear contemporânea, levando apenas em consideração uma conduta militar dentro de um combate convencional e de guerra declarada. Mesmo que: “Moscow seized Crimea in 2014, through

‘deep penetration’ of its military, intelligence, and information warfare assets, but without open armed conflict or inter-state conventional war”. Dessa maneira, Kasapoglu sugere incluir ao pensamento militar russo atual a teoria de Controle Reflexivo, indicando que a guerra não-linear russa não reflete uma nova estratégia ou um novo conceito, mas sim uma releitura no próprio pensamento militar. Segundo ele: “It is a ‘renewed’ thinking as it combines the Soviet-legacy Deep Operation Theory and Reflexive Control Theory in order to create a ‘*disguised blitzkrieg impact*’ (KASAPOGLU, 2015, p. 2; DUNCAN, 2017).

O pesquisador soviético Lefebvre, que buscava incorporar conceitos da cibernética na tomada de decisão militar soviética, além de ser um dos criadores da teoria de RC, percebia o conflito como “reflexive interaction between two opponents where reflection, is psychological term that denotes that each opponent bases his decision on model of both himself and his adversary”. O autor reitera que a interação não seria mais entre dois batalhões de tanques opostos, mas sim entre os processos de tomada de decisão que controlam a ação de cada um dos batalhões. (MYKLÍN, 2018, p. 107 apud. REID, 1987, p. 293-294).

Como ressalta Thomas (2004), um dos principais objetivos dos comandantes ou estrategistas na guerra é interferir no processo de tomada/formação de decisão dos comandantes inimigos. Esse objetivo é comumente obtido através do uso de desinformação (*disinformation*), ou até mesmo camuflagem. Para os russos, o método de RC é reconhecido como um dos principais para o objetivo, podendo ser aplicado contra “human-mental or computer-based decision-making processors”. (THOMAS, 2004, p. 237).

RC pode ser definido como “a means of conveying to a partner or an opponent specially prepared information to incline him to voluntarily make the predetermined decision desired by the initiator of the action”. Ou segundo o militar Lefebvre, também citado por Thomas (2004), que define a teoria de RC como “a process by which one enemy transmits the reasons or bases for making decisions to another”. Lembrando que o controle do processo de decisão do inimigo se dá por formas indiretas e não com uma força passível de ser evidenciada. (THOMAS, 2004, p. 237-238). Outra definição foi elaborada por Giles, Sherr e Seaboyer (2018) onde RC é:

Is the term used to describe the practice of predetermining a adversary’s decision in your favor by altering key factors in the adversary’s perception of the world. The term is primarily encountered in discussion of Russian techniques of information warfare. In this context, the practice represents a key asymmetric enable to gain critical advantages, neutralizing the adversary strengths by causing him or her to choose courses of actions that are damaging to the adversary and further Russian objectives (GILES, SHERR, SEABOYER, 2018, p. 4).

Myklín (2018), apresenta uma última definição de RC, criada pelo russo Tarakanov, onde: “RF is conveying to an opponent specially prepared information to incline him to voluntarily make a predetermined decision or to otherwise act in a way that is favorable to accomplishment of one’s own missions”. (MYKLÍN, 2018, p. 107)

O conceito de RC é de certa forma considerado estranho para boa parte da audiência estadunidense. Além disso, trata-se de uma teoria cujo surgimento na literatura soviética data de mais de trinta anos atrás, muito antes de existir o conceito de guerra de informação (IW) e de operações de informação (IO).

Segundo o General Turko: o controle reflexivo é uma arma (ferramenta) de informação que se tornou mais relevante que o poder de fogo tradicional para a conquista de objetivos militares.

Além disso, Turko indica que RC é um método usado para alcançar superioridade geopolítica, e foi utilizado pelos EUA como uma arma informacional durante a Guerra Fria. O autor sugere que o RC empregado pelos estadunidenses teve um efeito maior do que qualquer outra arma tradicional para a derrota da URSS. (THOMAS, 2004, p. 240).

Os Soviéticos observaram o processo de tomada de decisão e o dividiram em quatro elementos diferentes, são eles: a percepção da situação (*perception of the situation*); objetivos (*goals*), algoritmo de solução/doutrina (*solution algorithm/doctrine*) e decisão (*decision*). Segundo Myklín (2018), cada um desses níveis do processo decisório pode ser sujeito a abordagem de RC. Por exemplo, para influenciar o objetivo do inimigo, pode-se utilizar uma demonstração de força, através de um treinamento militar, ou de uma exposição do arsenal bélico. Essa atitude poderá convencer o país oponente de que esse objetivo específico é inatingível.

In a war in which RC is being employed, the side with the highest degree of reflex (the side best able to imitate the other side’s thoughts or predict its behavior) will have best chances of winning. The degree of reflex depends on many factors, the most important of which are analytical capability, general erudition and experience, and the scope of knowledge about the enemy (THOMAS, 2004, p. 242).

Sob essa perspectiva, entende-se que o Controle Reflexivo explora aspectos morais, psicológicos, culturais, históricos, linguísticos, sociais dentre outros. Levando em consideração características pessoais, dados biográficos, hábitos e até problemas psicológicos dos líderes e comandantes do país adversário. O Coronel Leonenko aponta que para obter sucesso com RC, é necessário o estudo aprofundado da natureza do inimigo, considerando suas ideias e concepções sobre o mundo exterior, o que o Coronel chama de “filtro”. Como aponta Thomas,

esse filtro trata-se de uma imagem coletiva (conjunto) no qual se leva em consideração as técnicas e métodos de combate favoritos do inimigo para organizar suas ações de combate e também o que seria um retrato psicológico do inimigo. ⁴⁴

Os métodos de RC são variados, podendo incluir camuflagem, *disinformation* e chantagem. Uma abordagem de RC bem sucedida torna possível influenciar os planos de combate, a visão da situação e o modo como o inimigo irá lutar (THOMAS, 2004, p. 240-241; SELHORST, 2016, p. 152).

Quanto aos mecanismos utilizados por essa abordagem que pode causar efeitos psicológicos no inimigo, Selhorst aponta alguns no quadro a seguir:

Quadro7: Mecanismos do Controle Reflexivo

<i>Deception</i>	<i>forcing the enemy to reallocate forces to a threatened region during the preparatory stages of combat operations</i>
<i>Deterrence</i>	<i>creating the perception of insurmountable superiority</i>
<i>Distraction</i>	<i>creating a real or imaginary threat to one of the enemy's most vital locations during the preparatory stages of combat operations, thereby forcing him to reconsider the wisdom of his decisions to operate along this or that axis</i>
<i>Division</i>	<i>convincing the enemy that he must operate in opposition to coalition interests</i>
<i>Exhaustion</i>	<i>compelling the enemy to carry out useless operations, thereby entering combat with reduced resources</i>
<i>Overload</i>	<i>frequently sending the enemy a large amount of conflicting information</i>
<i>Pacification</i>	<i>leading the enemy to believe that pre-planned operational training is occurring rather than offensive preparations, thus reducing his vigilance</i>
<i>Paralysis</i>	<i>creating the perception of a specific threat to a vital interest or weak spot</i>
<i>Pressure</i>	<i>offering information that discredits the government in the eyes of its population</i>
<i>Provocation</i>	<i>force him into taking action advantageous to your side</i>
<i>Suggestion</i>	<i>offering information that affects the enemy legally, morally, ideologically, or in other areas</i>

Fonte: (SELHORST, 2016, p. 152)

Em relação ao contexto onde o computador tem conquistado cada vez mais espaço, Thomas (2004) sugere a análise do trabalho do coronel russo Leonenko, cujo foco estava na integração das tecnologias de informação à teoria de controle reflexivo. Segundo o Coronel russo, o uso de computadores pode acarretar em algumas vantagens e desvantagens. Como descreve Thomas, o uso de computadores pode impedir o uso de RC facilitando o processamento de dados e do cálculo de opções. Dessa forma: “the opponent can more easily

⁴⁴ Thomas adiciona também que o RC “requires study of someone else’s filter and the exploitation of it for one’s own ends. In the information age, this filter is represented by human and machine (computer) data processors”. (THOMAS, 2004, p. 240-241)

‘see through’ a reflexive control measure by an opposing force by simply using a computer. The computer’s speed and accuracy in processing information can detect the reflexive control measures”. Por outro lado, o uso de computadores pode ser positivo, aumentando as chances de sucesso do RC, visto que computadores são capazes de ter um raciocínio intuitivo capaz de imitar o do ser humano (THOMAS, 2004, p. 246).

Retomando as fases da Nova Geração de Guerra de Chekinov e Bogdanov e esquematizadas por Berzins (2014), fica evidente alguns aspectos do RC, principalmente quando analisado em relação a atuação Russa no processo de anexação da Crimeia. Como informa Berzins (2014), os russos colocaram a ideia de influência no centro do seu planejamento operacional e tem usado todos os meios para atingir esse objetivo. No caso da Crimeia, os estrategistas russos demonstraram compreender seus três principais alvos e o seu provável comportamento. São eles: a população majoritariamente russa residente na Crimeia; o governo ucraniano; e a comunidade internacional (principalmente a OTAN e a União Europeia). Nas palavras de Berzins: “armed with this information they knew what to do, when and what the outcomes were likely to be, demonstrating that the ancient Soviet art of Reflexive Control is alive and well in the Kremlin”. (BERZINS, 2014, p. 6-7).

2.2.5 *DESINFORMAÇÃO: DESINFORMATION / DEZINFORMATSIA*

Como tem ficado em evidência neste trabalho, grande parte dos métodos utilizados pela Rússia nos conflitos atuais fazem parte de um conjunto de ferramentas que datam do período soviético, levando em consideração as mudanças que o desenvolvimento tecnológico acarretou para os conflitos contemporâneos. É importante ressaltar que todos os métodos vistos aqui até este momento se conectam de alguma maneira, e por isso devem ser vistos de forma conjunta.

Como ressalta White (2016, p. 1), as medidas ativas, as táticas de controle reflexivo, a propaganda e a campanhas de desinformação são disciplinas conectada, visto por exemplo que, as medidas ativas, na era Soviética apresentava o uso do controle reflexivo, da manipulação da mídia estrangeira e ocasionalmente era responsável por alguns assassinatos.

Em todos esses métodos a desinformação desempenha um papel importante. Segundo Ladislav Bittman:

Disinformation is a carefully constructed false message leaked into a opponent’s communication system to deceive the decision-making elite or the public. Disinformation can be of political, economic, military or even scientific nature. [...] every disinformation message must at least partially correspond to reality or generally accepted views [...] Without a considerable degree of

plausible, verifiable information, it is difficult to gain the victim's confidence" (BITTMAN, 1984, p. 49).

Atualmente essa perspectiva em relação ao convencimento é contestada por alguns autores. Como demonstra Giles (2016), o ocidente tem tentado conter a prática de desinformação russa com o uso da "verdade". Isso se justifica pelo fato de que a abordagem russa é falha devido a sua falta de plausibilidade. As invenções e negações russas aparentam ser ineficazes, por serem tão óbvias que não podem confundir o espectador ocidental. Essa afirmativa tem se mostrado equivocada, pois a credibilidade da informação para a Rússia não significa o sucesso da sua campanha de informação (GILES, 2016, p. 6).

Essa é uma questão abordada pelo autor Galeotti (2015). Segundo o autor, o Ocidente está muito paranoico com a RIW, porém, para o autor isso pouco tem a ver com a abordagem russa em si. Galeotti explica que nós ocidentais não duvidamos das informações que nos chegam por meio das mídias tradicionais, apenas por causa da existência de jornais como o RT que nos fizeram questionar as fontes de informação e a sua veracidade. Na verdade, já estamos predispostos a acreditar que nossos líderes, ou estruturar de poder e até a mídia mente para nós.

We find ourselves exposed to conspiracy theories and sensationalist nonsense not because of the Russians so much as our own competitive media environment and the speed with which a funny, compelling or exciting lie or half-truth can be responded, retweeted and re-reported around the world – outdistancing any fact-checking or sober analysis. In this climate, the west is simply suffering from its own internal contradictions. The Russians have been able to exploit them but they have also often demonstrated themselves to be counter-productively clumsy (GALEOTTI, 2015, site).

De fato, a RIW em alguns momentos aparenta uma falta de plausibilidade, mas isso não indica que a campanha de informação não obteve sucesso. Como retifica Giles (2016), diferente do que ocorria no período soviético, o Kremlin não pretende vender uma ideia, ou um modelo para ser imitado, muito menos para ser acreditado. Na verdade, o objetivo procurado pela IW russa é minar a noção de verdade objetiva, se assemelhando de certa forma com as campanhas soviéticas de desestabilização e enfraquecimento da sociedade inimiga. (GILES, 2016, p. 6).

O que enfim o governo russo procura através de campanhas de desinformação, é explorar duas fraquezas da sociedade ocidental, sendo elas a "weakened moral immunity to propaganda and weakness of confidence in sources of knowledge". O que Giles descreve aqui é uma suposta "erosão da verdade" que permite o Kremlin explorar alternativas assimétricas (GILES, 2016, p. 6-7).

A questão da plausibilidade é algo constantemente abordado em artigos, livros e jornais que buscam contemplar as características da RD. Em outro artigo, também de 2016, Giles dedica um tópico específico para tratar deste tema. Os esforços do Ocidente de “*counter-disinformation*” sugerem uma resposta efetiva, cujo principal esforço é construir uma contra-narrativa para expor as o que seria “mentira”, além do esforço no sentido ofensivo de contar aos indivíduos a “verdade”. Porém, esse tipo de abordagem ocidental tem se mostrado ineficiente, visto que a questão da plausibilidade (ou a falta dela) nem sempre está relacionada ao sucesso ou fracasso no que concerne a Rússia na conquista dos seus objetivos.

O que foi observado por Giles (2016), foi o disparo de múltiplas mentiras ou de informações falsas que tem como principal objetivo derrubar a vantagem comparativa das sociedades democráticas que buscam juntamente conter essa tática de desinformação (RD).

Russian communication is aimed not at convincing the decision-makers, but at dazzling the public audience by providing numerous alternative narrative to the western ones. As the main objective of these measures is to dazzle and disorient Western public, running several parallel narratives is not a deficiency, but an asset and important feature of Russian strategic deception (PYNNONIEMI, RÁCZ, 2016, p. 18).

Dessa forma, conter essas múltiplas mentiras se torna um trabalho intensivo que muitas vezes tem se mostrado ineficiente. Como afirma Myklín (2018, p. 105) as mentiras narradas muitas vezes não são de qualidade, e também não apresentam coerência entre elas (não são apresentadas de forma unanime), porém, o que falta de qualidade é automaticamente compensado pela quantidade de informação propagada.

Como relata o embaixador estadunidense Geoffrey Pyatt em uma entrevista de 2015, quando questionado sobre a narrativa do Kremlin em relação ao conflito ucraniano, visto que o país indicava se tratar de uma guerra proxy entre ela e os EUA. A sua resposta descreve de forma precisa o objetivo desejado pelo governo russo ao aplicar seus mecanismos de desinformação. Sua resposta foi a seguinte:

I don't spend much time focusing on “Kremlin narratives”. Everyone knows the Kremlin seeks to use information to deny, deceive, and confuse – to sow seeds of doubt to provide cover for its manufactured war in eastern Ukraine. You could spend every hour of every day trying to bat down very lie, to the point where you don't achieve anything else. And that's exactly what the Kremlin wants (PYATT, 2015, site).

Jon White (2016), retifica em seu artigo que a Rússia tem buscado um objetivo mais modesto do que era perseguido pelo governo soviético (que buscava convencer a audiência

estrangeira). A Rússia não busca credibilidade na narrativa do seu governo. Na verdade, o objetivo maior é destruir a credibilidade da mídia⁴⁵.

Russian disinformation (RD) não é algo novo, e tem se mostrado mais como uma continuação do que uma mudança em relação ao modelo empregado na era soviética. O modelo de desinformação soviético pode ser dividido em dois teatros, o defensivo e o ofensivo. O ofensivo (*offensive disinformation*) que busca influenciar os tomadores de decisão e a opinião pública estrangeira; e o defensivo (*defensive disinformation*) utilizado para influenciar a população soviética. Sua abordagem ofensiva incluía a implantação de informações falsas direcionadas ao público vulnerável às teorias da conspiração. Como foi o caso da “*Operation Infektion*”⁴⁶. Já em sua abordagem defensiva, o governo soviético buscava divulgar a população soviética, através da propaganda a favor do governo (WHITE, 2016).

Uma das campanhas de desinformação encabeçadas pela Rússia, atualmente conhecida como abordagem 4D, incluem: negar (*dismiss*); distorcer (*distort*); distrair (*distract*); e por último, desencorajar (*dismay*) (SNEGOVAYA, 2015, p. 13).

Quadro 8: Exemplos de abordagem 4D

Dismiss	as Putin did for over a month the obvious fact that Russian soldiers had occupied Crimea in as supposed “news” account;
Distort	as an actress did in playing the role of the pro-Russian Ukrainian;
Distract	as Russian media did with ludicrous theories about what happened to Malaysian Airlines Flight 17;
Dismay	as Russia’s ambassador to Denmark did in March when he threatened to aim nuclear missiles at Danish warships if Denmark joined NATO’s missile defense system.

Fonte: elaboração própria, com base nas informações de (Emerson, 2015, site)

Essas foram algumas das principais ferramentas utilizadas pelos Russos durante a campanha que culminou na anexação da Crimeia em 2015. Pode-se notar que grande parte dessas ferramentas já fazem parte do modelo de guerra conduzido pelo país desde o período soviético. Porém, deve-se também notar que essas abordagens não permaneceram estáticas no decorrer do tempo, na verdade elas acompanharam as mudanças acarretadas pelo desenvolvimento tecnológico, pela internet, e pela nova configuração geopolítica global. O que também fica evidente é que não podemos definir a atual abordagem russa em conflitos por meio

⁴⁵ Segundo White (2016): “the Russian government aims for the more modest goal of making people abroad believe that the internet is simply informational chaos, utterly unreliable”. (WHITE, 2016, p. 2).

⁴⁶ Operation Infektion: “this operation was intended to play the lie that AIDS had been developed by the CIA. In this case, the story was planted in an obscure Indian newspaper” (WHITE, 2016, p. 1)

de conceitos predominantemente ocidentais, por mais que as táticas e os métodos se assemelhem em sua natureza, visto que isso pode acarretar em uma má interpretação e na negligência de algumas peculiaridades que fariam a diferença na hora de construir um projeto de defesa e contenção das ameaças propagadas pelo Kremlin.

2.2.6 GIBRIDNAYA VOYNA

Sabe-se que a prática de guerra ocidental no período pós-Guerra Fria despertou o interesse russo sobre a teoria da Guerra Híbrida. Desde 2009, os especialistas russos já acompanhavam o debate sobre a GH, e em 2013 os primeiros artigos escritos por Frank Hoffman foram traduzidos e republicados em um jornal russo conhecido como *Politika*, criado pelo curso de ciências sociais da Universidade de Moscou. Ao interpretar a teoria de GH ocidental, os acadêmicos e militares russos não optaram por realizar uma adaptação às cegas da teoria de Hoffman, mas sim produzir uma reconceitualização dentro do contexto das experiências político-militares russas e também das bases teóricas, na qual compreendem o fenômeno da guerra. (FRIDMAN, 2018).

Após a Guerra Fria, a concepção russa da guerra como um fenômeno político-social teve como base analítica a derrota da URSS. Para muitos dos estudiosos russos, as causas da derrota Soviética trouxeram à tona dois grandes aspectos desse “novo tipo de conflito” que iriam marcar as guerras atuais. A primeira característica percebida pelos especialistas russos foi a de que o principal objetivo dessa nova abordagem de guerra seria destruir o espírito do Estado adversário através da erosão dos valores culturais, morais e da autoestima da população do país inimigo. O segundo aspecto dessa nova guerra foi a crescente ênfase nos instrumentos políticos, econômicos, informacionais, em contraste com a diminuição do uso da força militar. Três grandes autores russos acompanharam essa narrativa, e juntos dominaram o debate sobre a guerra moderna. O primeiro foi o Evgeny Messner, responsável pela Teoria da Guerra Subversiva, o segundo seria Aleksandr Dugin com a Teoria da guerra centrada em rede (*Theory of Network-Centric Warfare*, NCW), e por último, Igor Panarin com a Teoria da guerra de informação (FRIDMAN, 2018).

Com o advento da crise ucraniana, o termo *Gibridnaya Voyna (GV)* ganhou popularidade e um espaço relevante nos debates acadêmicos e militares russos. Vale ressaltar que o termo *Gibridnaya Voyna* é a tradução do termo Guerra Híbrida para a língua russa. Mesmo sendo a tradução direta do termo GH, o conceito de GV construído pelos especialistas

russos apresentam algumas diferenças. Enquanto que o termo GH criado por Hoffman se refere a as táticas militares e atividades operacionais direcionadas a um campo de batalha, de modo a serem utilizadas de maneira simultânea com a intenção de obter efeitos sinérgicos, o termo utilizado pela teoria de GV russa se mostrou mais abrangente, apresentando ideias mais abstratas e envolvendo todas as esferas da vida pública (cultura, economia, política, sociedade). (FRIDMAN, 2018).

Fridman (2018) identifica três diferentes maneiras em que os pensadores russos abordam a ideia de GH. A primeira abordagem foi marcada pela escola na qual o pensamento militar tradicional russo ainda é marcante, ou seja, entende o fenômeno da guerra como um conflito sociocultural e não fruto da disputa de interesses materiais. Tendo em vista essa perspectiva, os proponentes desta abordagem de GH terminam por não ver nada de novo no conceito de GV, para eles é apenas um novo termo para um fenômeno antigo. A segunda abordagem entende que a GH é um fenômeno que caracteriza a história contemporânea, porém, demonstram também a tentativa de preservar a perspectiva filosófica abrangente russa, característico do tradicional pensamento militar do país. Em suas palavras:

The proponents of this approach claim that gibrinaya voyna, unlike hybrid warfare, is not limited to military activity on the battlefield. According to them, the main purpose of this type of war is to avoid the traditional battlefield and destroy the adversary via a hybrid of ideological, informational, financial, political and economic methods that dismantle the socio-cultural fabric of society, leading to its internal collapse (i.e. a 'Color Revolution') (FRIDMAN, 2018, p.93).

Outra maneira pela qual o conceito de GH foi abordado na Rússia, se configurou pelo foco excessivo em uma das dimensões da abordagem, que é a guerra de informação. Para esse grupo de estudiosos, a guerra no campo informacional é a essência da gibrinaya voyna. O que Fridman (2018) percebe é que o conceito de GV apresenta uma semelhança maior com as teorias de Messner, Dugin e Panarin, do que conceito de GH criado por Hoffman. Para entender como o processo de russificação do conceito de GH cunhado por Hoffman ocorreu, Fridman sugere a análise de dois aspectos. O primeiro seriam as razões pelas quais o conceito de GH surgiu nos debates acadêmicos russos. Fridman (2018) aponta que esse fator foi explicado pelo professor russo Pavel A. Tsygankov em 2015. Segundo Tsygankov, a narrativa dos EUA que acusava a Rússia de ter praticado GH na Ucrânia, estimulou os pesquisadores russos a analisar de forma mais detalhada o conceito de GH. De forma resumida, podemos afirmar que o surgimento do termo gibrinaya voyna foi uma resposta direta da comunidade acadêmica russa a politização do termo GH pelo ocidente, dentro do contexto ucraniano. O segundo aspecto

percebido por Fridman (2018) está focado nas diferenças entre o termo de GH cunhado pelos EUA e o termo utilizado pelos russos. Segundo Fridman, essa questão foi explicada pelo cientista militar russo Konstantin V. Sivkov. Segundo Sivkov, o termo foi introduzido pelos especialistas militares estrangeiros, porém, quando o autor se preocupa em definir GV ele usa como base as teorias propostas por Dugin, Messner e Panarin, ao invés de utilizar como base a teoria de Hoffman.

CAPÍTULO 3: A GUERRA HÍBRIDA RUSSA EM AÇÃO: O PROCESSO DE ANEXAÇÃO DA CRIMEIA

Sabe-se que o processo de anexação da Crimeia não se deu do dia para a noite, embora tenha se mostrado discreta e até imperceptível⁴⁷ por alguns atores internacionais. A relação da Rússia com a Ucrânia, e mais precisamente com a região da Crimeia, foi marcada por eventos que contribuíram de forma relevante para que o processo de anexação fosse realizado praticamente sem que houvesse uma escalada da violência na região. Nesse capítulo serão analisados alguns desses eventos que facilitaram a tomada da península por Moscou em 2015. Vale retificar que todo o processo de anexação será analisado sob as lentes da guerra híbrida já delineada no primeiro capítulo. Logo, esse capítulo se encarrega de analisar a atuação russa durante o processo de anexação da região da Crimeia, levando em consideração os mecanismos militares e não-militares do conjunto de ferramentas que compõem a abordagem de GH.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

A Ucrânia atualmente abrange uma área de aproximadamente 600 mil quilômetros quadrados, se tratando do segundo maior país europeu, perdendo apenas para a Rússia. Possui um dos solos mais férteis do mundo, conhecido como terra negra (tchernoziom). Apresenta uma posição geográfica relevante, sendo uma das vias principais entre a Europa e a Ásia. Em relação ao seu relevo, o país não possui barreiras geográficas que possam agir como fronteiras naturais, o que facilitou, no decorrer de sua história, as diversas invasões que sofreu. Como reflete Fortes (2017), só no período contemporâneo, a Ucrânia pertenceu a diversas entidades políticas, como o império russo, o austro-húngaro, o turco otomano, a Polônia, a Tchecoslováquia e a Romênia. Portanto, as dominações estrangeiras e a luta pela independência são elementos marcantes da história e da identidade ucraniana.

As relações históricas entre a Ucrânia e a Rússia então entrelaçadas desde sua origem, essa relação tem sido constantemente utilizada pela Rússia em sua narrativa para justificar a aproximação e vínculo entre esses dois Estados. Segundo Fortes (2017, p. 63): “a percepção de que os ucranianos compartilham uma identidade civilizacional com os demais eslavos orientais (bielorrussos e russos) é defendida com base na existência da Rus Kieviana (ou Principado de

⁴⁷ No sentido de que atores e organismos internacionais não conseguiram compreender de fato o que estava havendo na região da Crimeia enquanto as operações russas estavam em peno andamento.

Kiev)”. A Rus de Kiev era uma entidade política composta por diversas tribos eslavas durante os séculos IX e XIII, e é tida como a origem política, cultural e religiosa dos povos eslavos.

Desde o começo da formação das nações eslavas a relação entre russos e ucranianos era bastante estreita uma vez que nos séculos X e XI a atual Ucrânia era centro de uma comunidade de povos eslavos chamada Rússia de Kiev. Isso possibilitou estabelecer futuras identidades nacionais como a ucraniana, russa e das demais nações eslavas, assim como a relação cultural entre elas, de origem bastante profunda (SILVA, FIGUEIREDO, 2018, p. 1).

Ainda durante o período da Rus de Kiev, a Ucrânia teve seu território dividido e dominado pela Polônia em seu lado ocidental, e pelo Império russo em seu lado oriental. Essa dualidade entre a aproximação do país à Europa ocidental, ou à Rússia, foi descrita através da história de dois cossacos ucranianos. O primeiro viveu em 1654, conhecido como Bohdan Khmelnytsky, entrou para a história da região por ter assinado o Acordo de Pereyaslav (*Treaty of Pereyaslav*), no qual alinhava a população cossaca ucraniana ao império russo para combater o domínio polonês. De forma oposta, em 1704, outro cossaco chamado Ivan Mazepa se juntou a Charles XII da Suécia contra o Tzar russo. Como demonstra o relatório da *U.S. Army Special Operations Command*:

these two figures elicit both praise and condemnation from Ukrainian nationalists on the one hand and the pro-Russian population on the other. [...] Russian and Soviet narratives point to the Treaty of Pereyaslav to illustrate the perpetual union of the Ukrainian and Russian peoples” (USA SOCOMMAND, 2016, p. 21).

Ainda no século XIII, aproximadamente 85% da população ucraniana se encontrava dentro do território do Império Russo, e boa parte do território ucraniano próximo ao rio Dnieper era conhecido como Pequena Rússia (Malorossiya), e seus habitantes eram chamados de “pequenos russos”. Essa relação tem um impacto ainda relevante no projeto de identidade almejada pelo país.

A relação secular entre russos e “pequeno-russos” (ucranianos orientais, que vivem às margens do Dnieper), constitui ainda hoje um obstáculo à construção da narrativa de um nacionalismo ucraniano autônomo e, conseqüentemente, de um projeto de Estado-nação centralizado e etnicamente unitário (FORTES, 2017, p. 63).

A queda do czarismo com a Revolução Russa em 1917, possibilitou que as diversas regiões dominadas pelo império russo caminhassem rumo a se tornarem nações independentes, como foi o caso da Polônia, da Finlândia e da Ucrânia. Porém, é importante lembrar que esse processo se deu durante o período da Primeira Guerra Mundial, o que culminou na invasão e na ocupação militar desses novos territórios por parte dos impérios alemão e austro-húngaro.

Durante a ocupação, foram instalados governos fantoches, além de se configurar como uma ocupação fortemente violenta. Esse fato terminou impulsionando o povo ucraniano ao apoio do movimento bolchevique, visto que o país estava praticamente em um “cabo de guerra” entre duas “facções imperialistas”, configuradas de um lado pela figura do Czar e do outro pelo Kaiser alemão. Crescia assim, o apoio dos ucranianos aos comunistas, que defendiam ao mesmo tempo um projeto de independência ucraniano e uma união voluntária dos povos que faziam parte do antigo território russo (FORTES, 2017, p. 64).

O território ucraniano virou palco de intensas disputas, tanto entre as grandes potências, quanto em uma guerra civil entre o novo governo soviético e o exército czarista. Embora tenha assinado um tratado de não agressão com a Rússia soviética (Tratado de paz de Brest-Litovsk), a Alemanha nazista continuou atuando no território ucraniano, ao fornecer armamento para o Exército Branco que combatia o Exército Vermelho soviético. Com a vitória do Exército Vermelho, e a retirada dos alemães, a Ucrânia passou ao status de país independente, porém integrado à Rússia. Em 1922, o território ucraniano passou a ser República Socialista Soviética da Ucrânia. Durante os primeiros anos como parte da URSS, a república soviética ucraniana passou por um processo ativo de “ucranização”, visto que os bolcheviques buscavam se diferenciar das opressões feitas no período czarista às etnias não russas. Nesse período, estimulou-se o desenvolvimento cultural, social e político da região. Como descreve Forte, essa política de ucranização “incluía a determinação de se falar em ucraniano nas instituições públicas e nos meios de comunicação, bem como o recrutamento de indivíduos da própria Ucrânia para compor os quadros partidários locais”. Essas políticas resultaram num crescente aumento das manifestações artísticas, com intensos debates públicos e atividades culturais. (FORTE, 2017, p. 65).

O projeto de ucranização entrou em declínio com a chegada de Stalin no poder. Durante o governo de Stalin, as repúblicas não russas perderam sua independência. A perda da sua autonomia levou ao fim do projeto de ucranização, este foi substituído pelo processo de russificação, no qual há um retorno dos estudos compulsórios do russo nas escolas (anteriormente, havia um estímulo para que o analfabetismo fosse erradicado, onde as crianças ucranianas puderam se alfabetizar em seu idioma nativo), além da “exortação cultural” e da língua russa como a “mais apropriada para o desenvolvimento da amizade internacional, da cooperação e do progresso” (FORTES, 2017, p. 66).

Alguns outros eventos marcaram de forma negativa a experiência ucraniana em relação a sua união com a potência soviética. Sob a liderança de Stalin, houve também controle nas

esferas sociais e políticas, como foi o caso dos expurgos, das condenações de morte ou encarceramento. Como reflete Fortes, assim como boa parte dos dirigentes bolcheviques foram presos e/ou aniquilados durante esse período a mando de Stalin. Esse evento não ocorreu de forma isolada em Moscou, na verdade, como aponta Fortes (2017), a Ucrânia foi uma das regiões mais afetadas em relação a perseguição política stalinista, segundo ele, em 1937 Stalin deu ordem para liquidar toda a liderança do governo soviético ucraniano, onde aproximadamente 170.000 membros do partido comunista foram expurgados.

Outro evento ocorrido durante o período stalinista ficou conhecido como a Grande Fome, ou o Holodomor (1932-1933). Buscando aumentar a renda do Estado (geralmente obtida pela exportação de alimentos), Stalin ordenou que a Ucrânia aumentasse o fornecimento de alimentos em mais 44%: “apesar dos apelos de comunistas ucranianos à cerca da inviabilidade da nova demanda, o plano foi levado a cabo por meio do confisco sistemático de grãos e da punição severa àqueles que fossem pegos escondendo até mesmo pequenas quantidades para a sua própria sobrevivência”. (FORTES, 2017, p. 67). Esse episódio deixou marcas no psicológico da sociedade ucraniana, visto que resultou na morte de aproximadamente três milhões de ucranianos por inanição. (USA SOCOMMAND, 2016; FORTES, 2017).

As aspirações nacionalistas e o crescente ódio aos soviéticos encontraram expressão na Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN), que durante a Segunda Guerra Mundial, receberam treinamento militar dos Alemães. Esse grupo apresentava inspirações fascistas e xenófobas contra judeus, russos e poloneses. Sob a liderança de Stepan Bandera, os “banderistas” cometeram diversas atrocidades ao lado dos nazistas, e foram responsáveis pela morte de mais de meio milhão de pessoas. Esse grupo lutou ao lado do regime nazista contra o Exército Vermelho, com o intuito de separar a Ucrânia da União Soviética. Stepan Bandera foi assassinado por agentes da KGB em 1959. Mesmo com a derrota alemã ao final da Segunda Guerra, os banderistas continuaram o combate contra os soviéticos, agora recebendo ajuda financeira da Grã-Bretanha e dos EUA até o final dos anos de 1940 (FORTES, 2017). Um dos últimos eventos que geraram certo atrito entre a população ucraniana e os soviéticos foi em 1986, com o acidente nuclear de Chernobyl. Esse desastre matou trinta e um trabalhadores, além da radiação que se espalhou e contaminou a Ucrânia e países vizinhos, o que terminou sendo vetor de outras doenças relacionadas a exposição do material radioativo, afetando a população ucraniana pelos próximos anos. (USA SOCOMMAND, 2016).

Vale lembrar o evento que ocorreu em 1954, onde em celebração ao Acordo de Pereyaslav, o líder soviético Nikita Khrushchev transferiu a península da Crimeia (cuja

população é majoritariamente russa) para a república soviética ucraniana, com a crença de que a união entre os dois países seria eterna (USA SOCOMMAND, 2016).

Com o colapso do sistema soviético e o fim da Guerra Fria, a população ucraniana pôde votar pela sua independência, o que ocorreu no dia 1 de dezembro de 1991. Os dois primeiros governos pós independência, com o presidente Leonid Kravchuk (1991-1994) e em seguida Leonid Kuchma (1995-2004) foram marcados por eventos de corrupção política e econômica, por meio da competição entre facções da oligarquia e pelo crime organizado. Em relação a política externa, ela flutuava em uma maior aproximação ora com a Europa ocidental, ora com Moscou.

Mielniczuk (2006), identifica o processo de identidade ucraniana em relação a Rússia no contexto pós-URSS, no qual divide em quatro etapas. São elas: 1) a Ucrânia como parte da Rússia; 2) a “doença imperial” da Rússia; 3) as pretensões russas sobre a Crimeia; 4) a questão nuclear. A primeira etapa se dá nos primeiros anos após a queda da URSS, diante do debate sobre a Comunidade dos Estados Independentes, no qual a Rússia percebe tanto a Ucrânia quanto a Bielorrússia como parte de uma nação eslava comum.

Em 1991, durante seu discurso de posse, Kravchuk já deixava claro a vontade de se afastar da influência russa, onde passou a se referir a Ucrânia como o mais novo Estado europeu. Essa fala indicava também um afastamento do país na adesão a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Visto que essa comunidade refletia a falta de aceitação russa em relação a independência da Ucrânia e da Bielorrússia, se tornando um meio de Moscou defender seus interesses e influenciar nas regiões das ex-repúblicas soviéticas. Segundo Mielniczuk (2006): “o documento que dá origem à CEI prevê a manutenção de um espaço econômico e militar unitário, englobando as Repúblicas da antiga URSS [...] o acordo também prevê uma política exterior comum a todos os países”. Há ainda um terceiro aspecto do documento que Mielniczuk aponta como principal quesito que afasta a Ucrânia de se juntar a organização. Trata-se do princípio de transparência das fronteiras: “isso significa que os países da CEI não têm direito ao reconhecimento de sua integridade territorial pelos outros membros” (MIELNICZUK, 2006, p. 238).

According to the Russian perception of the world, Russia, Ukraine and Belarus are three pillars of the Slavic Orthodox civilization, having shared values, culture and history, and – importantly – recognized historic Russian supremacy. The ability to keep the two Slavic countries of Ukraine and Belarus under Russia’s direct sphere of influence seems to be viewed by Russian policy makers as a critical sign of Russia’s

ability to exert global geopolitical influence and prevail over the West (BĒRZIŅŠ ET AL. 2014, p. 7).

Mesmo diante desses aspectos, é necessário indicar que para a Ucrânia, a CEI ainda era percebida como um instrumento capaz de proporcionar o que Mielniczuk (2006) chama de “divórcio civilizado” entre os ex-membros da URSS, principalmente em relação as questões militares. Dessa forma, o CEI se configuraria num sistema temporário e que poderia ser descartado após a destruição dos armamentos nucleares. O presidente ucraniano ainda retificou que só faria parte da CEI se a Comunidade não se transformasse em um Estado. Mielniczuk (2006) reflete que: por tratar a CEI dessa forma, a Ucrânia assegurou uma postura independente, principalmente em relação as suas forças convencionais de defesa. Ainda em 1991, Kravchuk assinou um decreto que criava as forças armadas do país a partir das instalações militares soviéticas, incluindo a Frota do Mar Negro (FMN). Em relação a frota do Mar Negro:

Três posições se destacam: a Ucrânia defende sua legitimidade em reclamar o controle da FMN, uma vez que esta está localizada em seu território; a Rússia também alega ter direito à FMN, reafirmando a importância histórica de Sevastopol para o passado russo; já o comando militar da CEI afirma que a Frota deve ficar sob sua jurisdição, pois os acordos militares firmados em Alma-Ata estabelecem que armamentos estratégicos fiquem sob controle conjunto dos países-membros da Comunidade (MIELNICZUK, 2006, p. 239).

Esse decreto iniciou a segunda fase percebida por Mielniczuk (2006), no qual ficava evidente as pretensões imperialistas da Rússia com seus países vizinhos. Ao decretar o controle sob a FMN, a Ucrânia passou a ser acusada de violar os acordos da CEI na esfera militar. Em nota, o governo ucraniano passa a acusar os líderes russos de tentar recriar estruturas militares imperiais, visto que Moscou exigia que as forças militares estabelecidas no território ucraniano não respondessem ao comando de Kiev. Diante das acusações do presidente ucraniano, no qual indicava a postura russa como uma “doença imperial”, e do movimento no qual Kiev reafirmava o controle da FMN, Moscou dá início ao debate no seu parlamento a respeito da legitimidade da transferência da Crimeia da URSS para a Ucrânia durante o governo de Khrushchev. Tendo início a terceira etapa referenciada por Mielniczuk.

Simultaneamente ao debate sobre a legitimidade da transferência da Crimeia, os deputados russos passaram a demandar uma maior agilidade nas negociações sobre o FMN por parte dos deputados ucranianos. Segundo Mielniczuk (2006), o vínculo entre esses dois movimentos não foi algo por acaso, na verdade foi algo sugerido pelo próprio secretário de

relações exteriores do parlamento russo, para que os assuntos fossem tratados de forma simultânea. Dessa maneira, Moscou poderia pressionar a Ucrânia a decidir “entre o controle da FMN ou a manutenção da Crimeia como parte do seu território” (MIELNICZUK, 2006, 242; POTY, 2018).

As tensões e o impasse entre os dois países em relação a Crimeia e a FMN foram diminuído ao longo do ano de 1992, porém, houve uma reação por parte da população da Crimeia, no qual deram início a uma campanha de coleta de assinaturas, com o objetivo de realizar um referendo sobre a independência da região. Neste mesmo ano o Movimento Republicano da Crimeia (MRC) inicia uma ação dentro do parlamento para afastar a República do controle ucraniano, através da criação de uma nova Constituição. Nesse mesmo ano, a região passou a se chamar de República da Crimeia, reforçando o seu caráter de autonomia em relação à Ucrânia (MIELNICZUK, 2006; POTY, 2018).

A quarta etapa que influenciou a relação Ucrânia/Rússia identificada por Mielniczuk (2006) está relacionada a questão nuclear. Em resposta as atitudes imperialistas russas em relação a Crimeia e a FMN, a Ucrânia cancela a transferência⁴⁸ das armas nucleares para Moscou. Essa transferência tinha como base um acordo entre os membros da CEI na qual as armas nucleares deveriam ser enviadas para a Rússia para que pudessem ser desativadas, onde no ano de 1992 já estava previsto o encerramento deste processo. O presidente Kravchuk afirmava que não haviam garantias suficientes para acreditar que uma vez as armas fossem transferidas a Moscou, se elas realmente seriam desativadas. Como reflete o autor: “a Ucrânia teme que a Rússia esteja estocando as armas nucleares ao invés de desmanchá-las, o que enfraqueceria o país caso fosse necessário recorrer ao “equilíbrio do terror” para se contrapor as pretensões territoriais russas” (MIELNICZUK, 2006, p. 242).

As tensões entre Kravchuk e o presidente russo Boris Yeltsin só amenizaram após estabeleceram uma comissão parlamentar conjunta para resolver o impasse. Como aponta Mielniczuk (2006), houve grande pressão internacional, o que terminou direcionando a Ucrânia para a retomada da transferência das armas nucleares e seu desmonte em território russo (o que só se concretiza durante o governo de Kuchma entre 1999-2004) em troca do perdão de uma parte das dívidas que o país tinha com Moscou. Porém, vale ressaltar que mesmo diante desta atitude, o presidente ucraniano deixou claro que temia que o seu país fosse vítima de uma

⁴⁸ Essa transferência tinha como base os acordos como o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP) e o Strategic Arms Reduction Treaty (START), cujo objetivo era reduzir o arsenal nuclear no mundo. (POTY, 2018, p. 56)

“chantagem nuclear” por parte de Moscou, e com isso clamava para que o Ocidente garantisse a integridade territorial do seu país. Outro ponto que deve ser destacado, diz respeito a atuação internacional. Mais precisamente a estadunidense diante das negociações de transferência das armas nucleares. Como demonstra Fortes (2017), os EUA terminam por apoiar a devolução dos armamentos nucleares soviéticos para a Rússia, visto que “para Washington era preferível lidar com apenas uma potência nuclear sucessora da URSS do que com várias” (FORTES, 2017, p. 69).

Além das tensões com Moscou, o governo de Kravchuk foi marcado por caos econômico e social. Muitos desses problemas estavam relacionados a reestruturação do país após a sua independência do bloco soviético. Durante esse processo houve também o agravamento da corrupção praticada pelos oligarcas ucranianos, que muito haviam lucrado com a intermediação do gás e do petróleo importado da Rússia.

Como aponta Ferreira (2016): “as empresas escolhidas pelo governo entre seus apadrinhados importavam barato e revendiam a preços muito mais altos, espoliando o Estado, que cobria a diferença”. Muitos oligarcas enriqueceram com esse processo, como descreve Aslund (2014, p. 67), a corrupção não representa apenas o principal “negócio” na Ucrânia, ela também se encontra no coração da política ucraniana O parlamento ucraniano “é um clube de milionários dentro de um país pobre..” .

Aslund (2014), continua indicando que apesar dos índices de pobreza do país ucraniano, as campanhas eleitorais são uma das mais custosas do mundo. O total gasto por todos os candidatos em uma campanha presidencial ou de um acento no parlamento custa aproximadamente dois bilhões de dólares, quase 1% do PIB do país. (ASLUND, 2014, p. 64).

Esse sistema predatório e de corrupção se torna insustentável para o Estado, fazendo com que os mesmos oligarcas busquem a ajuda de instituições multilaterais ocidentais para cobrir o déficit orçamentário do país. Ferreira (2016) defende que esse é um motivo pelo qual as relações externas ucranianas apresentam um movimento pendular, pendendo ora para uma aproximação com Moscou, ora com os EUA e o Ocidente. Esse movimento ficou conhecido como “abordagem multivetorial”, e que marcou o governo Kuchma.

Outra característica dos primeiros anos de independência ucraniana foram os ciclos constantes de crises políticas que marcaram esse período. Não podemos deixar de considerar que é algo natural que países que passaram por um processo de secessão, ou por mudanças de regime, apresentem certos eventos de conflito, porém, no caso ucraniano a recorrência é algo incomum. Ferreira (2016) indica que apenas “neste quarto de século de nação independente,

três presidentes foram depostos por manifestações em massas”. Leonid Kravchuk, em 1993 foi impulsionado a realizar novas eleições ainda em meio ao seu mandato, diante das greves no leste da Ucrânia. Por último, o presidente Yanukovich que foi derrubado do poder duas vezes pelas manifestações populares, a primeira em 2004, a segunda em 2014.

Fora esses eventos de crise política, a vida política ucraniana também é marcada pela violência. Como foi o caso que ficou conhecido como *Kuchmagate*, no qual fitas de conversas de Kuchma confirmavam o seu envolvimento no assassinato do jornalista georgiano Georgiy Gongadze. além de outras denúncias. (FERREIRA, 2016, p. 188).

O escândalo trouxe a público gravações e documentos que provavam uma série de irregularidades na administração de Kuchma, como vendas não autorizadas de armas no exterior, fraude em eleições passadas, perseguição e violência contra jornalistas e políticos de oposição, abuso de autoridade, desvio de verbas públicas, entre outros. Kuchma acusou a oposição e outros países de forjar provas, contudo, estas foram consideradas verídicas pela maioria da população (ALT, 2015, online).

Outro incidente violento que ocorreu durante o mandato do presidente Kuchma foi em outubro de 1999, durante a campanha da candidata Natalia Vitrenko, onde a candidata e aproximadamente cinquenta partidários foram alvo de duas granadas. Como aponta Ferreira (2016), Kuchma usou esse evento para culpar seu concorrente nas eleições presidenciais daquele mesmo ano, o candidato Oleksandr Moroz, onde teve sua candidatura retirada deixando de concorrer à presidência naquele ano.

Um ponto marcante na relação entre a Ucrânia e a Rússia se configurou por meio da aproximação da OTAN com os países que compunham o antigo bloco socialista. Esse movimento apresentou maior dinâmica entre os anos de 1990 e 2000. Como demonstra Poty (2018), já nos anos de 1999, a Polônia, a Hungria e a República Tcheca se tornaram membros do organismo de segurança. Em 2004, novos países se tornaram membros, como a Eslováquia, a Eslovênia, a Romênia, a Bulgária, a Estônia, a Letônia e a Lituânia. A Ucrânia deu seus primeiros passos em direção a OTAN em 1997, durante o governo Kuchma.

Já no ano de 1997 a Ucrânia havia aderido a Parceria para a Paz (*Partnership for Peace*, PfP), no qual se configurava através de um programa de cooperação bilateral entre um país euro-atlântico e a organização. Vale ressaltar que a Ucrânia foi o primeiro país da CEI a aderir ao projeto da PfP. No mesmo ano de sua adesão, a Ucrânia foi o país que mais recebeu ajuda externa dos EUA, perdendo apenas para o Israel e o Egito. Via-se na participação do PfP uma oportunidade de garantir de que as ameaças russas ao país ucraniano passassem a ser discutidas na Aliança (por meio de um compromisso moral entre os membros participantes), que no

mesmo ano manifestou apoio a soberania, a independência política e a integridade territorial ucraniana (FORTES, 2017; POTY, 2018; MIELNICZUK, 2006).

Como indica Mielniczuk (2006), a aproximação da OTAN no Leste Europeu é vista com um certo receio, visto que cria uma divisão entre os países membros (*insiders*) e os países não-membros (*outsiders*) que pode gerar certos desafios para a segurança da região. Essa percepção explica o receio de algumas nações localizadas entre a Rússia e a OTAN, receio de quais medidas Moscou poderia tomar em resposta ao avanço do organismo de segurança. Nesse sentido:

O ingresso da Polônia, da Hungria e da República Tcheca, em 1999, e dos países do Báltico, da Romênia, da Eslováquia e da Bulgária, em 2004, afeta diretamente as percepções de segurança da Bielorrússia e da Ucrânia. Diante desse quadro, esses países podem optar por uma política externa orientada para o ingresso na OTAN, ou por uma política externa voltada para o estreitamento dos laços militares com a Rússia no âmbito da CEI (MIELNICZUK, 2006, p. 244).

Diante deste raciocínio, Mielniczuk (2006) afirma que duas posturas podem ser esperadas. Os países que não percebem risco ou ameaças a sua identidade e soberania em relação a Rússia, tendem a construir uma identidade social regida pelo princípio da amizade. Visto que a identidade molda os interesses nacionais, tornando mais provável que esses interesses sejam comuns em relação aos dois países. Em uma situação onde um país percebe sua identidade sendo ameaçada pela Rússia, passa-se a haver uma interação com base no princípio da inimizade. Diante disso, conclui-se que “identidades conflitantes originam interesses divergentes, o que explica por que a opção dos países que temem a Rússia é a busca de laços mais estreitos com a OTAN”. (MIELNICZUK, 2006, p. 245). Levando essa ideia em consideração, podemos afirmar que as relações entre a Ucrânia e a Rússia são regidas pelo princípio da inimizade.

Esse preceito termina justificando a lenta aproximação entre a Ucrânia e a OTAN. Como o princípio de inimizade rege as relações entre a Ucrânia e a Rússia, o primeiro país irá procurar garantir sua integridade e soberania territorial através de uma maior aproximação com organismos de segurança e instituições Ocidentais. Porém, esse processo não é feito de forma radical, pois existe certos elementos de dependência em relação aos dois países no qual o direto alinhamento com o Ocidente seria danoso para a Ucrânia, principalmente no aspecto econômico, mais precisamente em relação ao acesso e ao preço do gás natural.

Dessa maneira, Mielniczuk (2006), identificou uma aproximação cuidadosa e gradual entre Kiev e a OTAN, onde em seus primeiros anos após a independência, o país passou a

adotar uma postura de neutralidade em relação a Moscou. Quanto a esse princípio de neutralidade:

Por um lado, o princípio é utilizado para não despertar maiores temores na Rússia em relação a um possível ingresso imediato da Ucrânia na organização. Por outro lado, a posição de neutralidade impede um acordo bilateral no âmbito da CEL, o que resguarda o país da influência russa. Desse modo, a Ucrânia supera um momento delicado, protegendo-se da Rússia, ao mesmo tempo que fortalece seus laços com a Aliança sem aderir formalmente a ela. Na época da independência, os custos de uma adesão imediata à OTAN poderiam superar os benefícios, uma vez que os países ocidentais reagem com apreensão ao fim da URSS (MIELNICZUK, 2006, p. 245).

Em 1997, durante o governo Kuchma, Kiev abandonou o princípio de neutralidade e intensifica suas relações com a OTAN, chegando a institucionalizar-se através da Carta sobre Parceria Distinta, onde a OTAN reconhece e condena o comportamento imperialista russo diante das ex-repúblicas soviéticas do leste europeu. Com essa Carta, a Ucrânia pôde garantir a participação da OTAN para proteger Kiev contra as ambições de Moscou. (MIELNICZUK, 2006, p. 247).

De forma resumida, o princípio de inimizade que rege as relações entre Kiev e Moscou recai no surgimento de interesses conflitantes. Isso justifica a diferença como esses países percebem a expansão da OTAN. Ao perceber a Rússia como uma ameaça a Ucrânia, passa-se a observar na OTAN uma oportunidade de garantir sua segurança, percebendo assim a expansão deste organismo de segurança como algo positivo. Contrário a esse movimento, a Rússia percebe a expansão da OTAN como uma ameaça, visto que ela poderá garantir a segurança dos países vizinhos, dificultando a influência russa sobre a região. (MIELNICZUK, 2006).

O fim do mandato de Kuchma trouxe à tona novos desdobramentos para a política ucraniana, no qual se desenrolou a chamada Revolução Laranja. Segundo Poty (2018), a Revolução Laranja se insere no contexto das Revoluções Coloridas, onde:

ONGs, como Freedom House, American Enterprise Institute, National Democratic Institute, que eram financiadas por agências norte-americanas e europeias além de grupos privados e estatais tais como United States Agency for International Development (USAID), National Endowment for Democracy (NED) e a Central Intelligence Agency (CIA), no sentido de apoiar grupos políticos e movimentos populares que se posicionavam politicamente como pró-ocidentais e contrários à aproximação com a Rússia (POTY, 2018, p. 58-59).

Como resume Lane (2009), as Revoluções Coloridas são movimentos populares cuja principal proposta é a transformação político-social, tendo em vista o estabelecimento de um novo governo democrático (*Democracy From Below*). Por mais que essas revoluções

demonstrem conteúdos diferentes, elas também compartilham de uma estratégia comum, como descreve o autor:

Mass protests occurred within the constitutional framework to widen forms of public participation in the regimes; they were legitimated as a movement for ‘greater democracy’; they were all targeted on removing the incumbent political leaderships; electoral procedures, allegedly fraudulent, were a regular focus for the insurgents; the public gatherings were constituted from mass base of young people, particularly students (LANE, 2009, p. 144).

Diferente das demonstrações políticas tradicionais, Lane (2009) observa novas características nos protestos levados pelas Revoluções Coloridas. Uma das principais inovações foi a organização do evento através do uso das tecnologias de mídia moderna (os smartphones, a internet, e a assistência da mídia local e estrangeira). Além desse aspecto, notou-se também que as demonstrações de apoio as eleições democráticas e ao líder que foi escolhido dentro deste processo, foram seguidas de grandes eventos culturais com shows de música pop e de rock no qual contribuíram para mobilizar, criar solidariedade e divertir o público (LANE, 2009, p. 144).

Para promover e organizar um evento (manifestação popular) desta proporção, são necessários alguns recursos, como propaganda e entretenimento, onde muitas vezes os organizadores e participantes recebem pagamento durante o evento. Diante destas características, surge o debate sobre a natureza dessas manifestações, como resume Lane: enquanto que esses protestos se mostravam legítimos em termos democráticos, o mecanismo pelo qual a democratização era conquistada poderia não ser legítima. Há uma certa discussão no sentido de observar esses eventos políticos como uma “revolução popular” ou como uma forma de golpe (coup d’état) (LANE, 2009, p. 144).

Em 2005, o autor Michael McFaul dedicou um artigo no qual busca identificar os fatores que justificam a ocorrência das Revoluções Coloridas. McFaul (2005, p. 7) apresenta sete fatores:

- 1) a semi-autocratic rather than fully autocratic regime;
- 2) an unpopular incumbent;
- 3) a united and organized opposition;
- 4) an ability quickly to drive home the point that voting results were falsified;
- 5) enough independent media to inform citizens about the falsified vote;
- 6) a political opposition capable of mobilizing tens of thousands or more demonstrators to protest electoral fraud;

7) division among the regime's coercive forces.

Levando em consideração os sete aspectos apontados por McFaul (2005), o autor Taras Kuzio (2008, p. 98) aponta para nove fatores que atuam como catalisadores para uma Revolução Colorida:

- 1) a competitive- (i.e. semi-) authoritarian state facilitating space for the democratic opposition;
- 2) "return to Europe" civic nationalism that assists in mobilizing civil society;
- 3) a preceding political crisis that weakened the regime's legitimacy;
- 4) a pro-democratic capital city;
- 5) unpopular ruling elites;
- 6) a charismatic candidate;
- 7) a united opposition;
- 8) mobilized youths;
- 9) and a regionalism and foreign intervention (Russia or the EU).

Essas características podem ser facilmente identificadas dentro do contexto ucraniano logo no início do processo eleitoral que indicaria o sucessor de Kuchma no poder. Ortega (2009), compara as ondas de protestos na Geórgia, na Ucrânia e no Quirguistão. E percebe que apresentam processos semelhantes, principalmente em seu objetivo, que consiste em restaurar o processo de democratização. Em todos os três casos, Ortega pode observar que os novos governantes só puderam chegar ao poder após as denúncias de fraudes eleitorais e de grandes manifestações populares em seguida. (ORTEGA, 2009).

A "cor" das Revoluções Coloridas é adotada pelos protestantes e nem sempre precisam representar uma "cor". Como é o caso da Revolução Bulldozer (escavadeira) que ocorreu na Sérvia nos anos 2000, ou a Revolução Purpura (Purple) no Iraque em 2005, e ainda a Revolução dos Cedros (conhecida também como Intifada), no Líbano também em 2005. (LANE, 2009).

A primeira Revolução Colorida (também chamada de Revolução Eleitoral) no espaço pós-soviético ocorreu na Geórgia em 2003, e ficou conhecida como Revolução das Rosas. Após denúncias de fraude eleitoral por organismos nacionais e internacionais, teve início uma série de manifestações populares que culminaram com a renúncia do presidente Eduard Shevardnadze, e a formação de um governo provisório. Tendo em seguida um novo processo de eleição tanto presidencial quanto parlamentar (ORTEGA, 2009).

Em 2004 foi o momento da Ucrânia. Completando quase 10 anos no poder, Kuchma possuía um governo abalado e se via isolado politicamente desde o escândalo do caso Kuchmagate. Sem a possibilidade de se reeleger, Kuchma apontou como sucessor o até então primeiro ministro Viktor Yanukovych, é importante ressaltar que o presidente russo Vladimir Putin também declarou seu apoio ao candidato ucraniano. O seu principal opositor naquelas eleições de 2004 era Viktor Yushchenko, que antes fazia parte do grupo aliado a Kuchma, mas posteriormente abandonou o apoio ao governo e fundou o partido de oposição “Nova Ucrânia”. Yushchenko se mostrava contrário ao acordo sobre a concessão da Base de Sebastopol, e favorável a integração do país à UE e a OTAN. (ORTEGA, 2009; POTY, 2018).

No primeiro turno das eleições, o candidato Yushchenko obteve o primeiro lugar com 39,9% dos votos, contra 39,2% do candidato Yanukovych. Já no segundo turno o candidato Yanukovych obteve a vitória com uma diferença menor que 3% em relação aos votos obtidos por Yushchenko. O resultado das eleições passou a ser contestado tanto por organizações internacionais quanto por grupos internos no país. Em seguida, ondas de protestos se iniciaram em Kiev, no qual a principal demanda era a realização de novas eleições de segundo turno, desta vez de forma democrática legal. Essa turbulência política posteriormente ficou conhecida como Revolução Laranja. (ORTEGA, 2009; FORTES, 2017).

Como aponta Fortes (2017, p. 70), esse evento pôde deixar em evidência a divisão política do país, além de deixar claro “a inclinação das potências ocidentais e da Rússia em influenciar os rumos da política interna ucraniana”. Observadores da OSCE, reportaram atividades de fraudes eleitorais, como falsificação de votos e a intimidação de eleitores. A UE também se recusou a reconhecer a vitória de Yanukovych. Houve também a manifestação dos EUA por meio de uma carta de George W. Bush ao presidente Kuchma, no qual alegava que a adulteração das eleições poderia afetar de forma negativa as relações entre Washington e Kiev. (FORTES 2017, p. 70). Em relação a atuação dos EUA na Ucrânia, Poty (2017) constata:

Entre os anos de 2003 e 2004, foram gastos pelo governo de George W. Bush aproximadamente US\$ 65 milhões com os grupos ligados a Viktor Yushchenko, inclusive sendo paga a sua viagem para encontrar autoridades norte-americanas nos Estados Unidos. A secretária de Estado para a Europa, Victoria Nuland afirmou em 2013 que, desde 1991, os EUA haviam gasto US\$ 5 bilhões no “desenvolvimento de instituições democráticas” na Ucrânia (POTY, 2018, p. 60).

Segundo Ortega (2009), as ONGs e os movimentos populares também tiveram um papel importante para o sucesso da Revolução Laranja. Diversas ONGs auxiliaram no monitoramento do processo eleitoral, e também realizaram apurações paralelas às apurações oficiais,

constatando que houve fraude na contagem dos votos. Tendo a Revolução das Rosas como inspiração, os Movimentos Populares ucranianos, mais precisamente o movimento jovem chamado 'PORA!' (cujo significado é "está na hora!"), passaram a ser treinados por membros da 'Otpor!', movimento atuante na derrubada de Milosevic na Sérvia e a 'Kmara!', movimento jovem que atuou na derrubada do governo de Shevardnadze na Geórgia. Outra fonte de denúncia às eleições ucranianas veio da oposição do governo, no qual indicava haver um sistema chamado "carrossel": "onde eleitores de Yanukovich eram levados em trens e ônibus a diversos distritos eleitorais, votando repetidas vezes no candidato do governo." (ORTEGA, 2009, p. 64).

Ortega (2009) ainda chama a atenção para o papel do parlamento e da base do governo (que retirou seu apoio ao Kuchma) para o sucesso da revolução em Kiev. Quanto ao parlamento, este foi o primeiro órgão a reconhecer o caráter fraudulento das eleições de 2004, passando a debater a respeito da realização de uma nova rodada eleitoral. Em dezembro daquele mesmo ano, a Suprema Corte da Ucrânia declarou a invalidade dos resultados do segundo turno das eleições abrindo caminho para um novo processo eleitoral.

Em relação a Moscou, como já mencionado anteriormente, o candidato Viktor Yanukovich era tido como o preferido. Putin realizou diversas aparições públicas ao seu lado e por isso a reação do governo russo à Revolução Laranja, e principalmente ao envolvimento de instituições ocidentais, foi de total repúdio. Principalmente ao reconhecer a vitória de Yanukovich antes dos resultados do segundo turno das eleições serem divulgados oficialmente, o que terminou contrariando boa parte dos governos ocidentais. (ORTEGA, 2009, 67). Como demonstra Fortes (2017), o Kremlin criticou a oposição ucraniana por esta não reconhecer os resultados das eleições, e também condenou a interferência das instituições ocidentais nos assuntos internos da Ucrânia, visto que as ONGs como a USAID e a Fundação George Soros, mesmo tendo como objetivo garantir um processo eleitoral justo, terminaram favorecendo a chegada de Yushchenko no poder (FORTES, 2017, p. 71). De forma resumida, Moscou interpretou a Revolução Laranja como um golpe de Estado.

A repetição do segundo turno foi marcada pelo monitoramento de instituições internas quanto externas, e obteve grande atenção da imprensa estrangeira. Como reflete Ortega (2009), o resultado das eleições terminou evidenciando a diferença em números de votos acarretados pelas fraudes na rodada anterior. Nesta nova eleição, Yushchenko venceu com 52% dos votos, contra os 44% os votos obtidos por Yanukovich. (ORTEGA, 2009; FORTES, 2017).

O resultado do “novo” segundo turno terminou por demonstrar o quanto dividido o país ucraniano estava. Como indica Fortes (2017), essa divisão configurava-se em bases geográficas e linguísticas.

Nas regiões leste e sul do país, Yanukovich teve vitória esmagadora. O oposto ocorreu nas regiões central e oeste, que deram vitória incontestável a Yushchenko. A Ucrânia tem 27 regiões (ou oblasts, um tipo de divisão administrativa). Yushchenko ganhou em 17 delas, que correspondem a 52% do eleitorado do país. Yanukovich, por sua vez, venceu em 10, que concentram 48% do eleitorado. [...] A distribuição regional dos votos corresponde também à divisão linguística da população. No leste e sul do país, o russo é a língua predominante para a maioria da população. No centro e oeste, ao contrário, o ucraniano é a língua mais utilizada (ORTEGA, 2009, p. 66).

Essa divisão deixou em alerta o novo governo, no qual em seus primeiros dias, autoridades ucranianas realizaram declarações direcionada aos líderes da Ucrânia oriental, afirmando que qualquer discurso separatista seria reprimido (ORTEGA, 2009, p. 67).

Mesmo com todo o apoio ocidental, o presidente Yushchenko não conseguiu se estender no poder em mais um mandato, visto que não conseguiu cumprir com as demandas populares reivindicadas na Revolução Laranja. Em relação a Rússia, surgem novos momentos de tensão e conflitos de interesses, como o apoio da Ucrânia a Geórgia durante a Guerra dos Cinco Dias (entre a Geórgia e a Rússia, em 2008), e também em relação ao gás natural. (FORTES, 2017; POTY, 2018).

Embora que Moscou tenha condenado os atos da Revolução Laranja e não tenha reconhecido como legítimo o novo governo, o país não cortou relações com a Ucrânia, havendo até uma reunião entre Yushchenko e Putin. Como reflete Fortes: “mesmo que seu candidato preferido tivesse sido derrotado, Moscou ainda possuía meios significativos para exercer influência sobre o governo ucraniano, o que se verificou com as crises do gás de 2006 e de 2009”. (FORTES, 2017, p. 73).

Quanto ao apoio do presidente ucraniano à Geórgia, além de contrariar a Moscou, foi contra a posição de boa parte da própria população ucraniana, na qual 38,4% dos ucranianos atribuíram a Geórgia toda a culpa do conflito, enquanto apenas 20% da população ucraniana atribuía a culpa a Moscou. Além das tensões com o gás natural e com o apoio a Geórgia, Yushchenko tomou medidas ainda mais polêmicas em relação ao país vizinho. Como foi o caso do estímulo ao revisionismo histórico, ao qual buscava retomar a OUN (Organização dos Nacionalistas Ucranianos), essa posição terminou tendo uma repercussão negativa até por parte da população ucraniana. Como descreve Fortes:

Embora a tentativa de retratar esta organização como defensora legítima do nacionalismo ucraniano tivesse algum apoio em Kiev e na parte oeste do país, causou rechaço em grande parte da população, notadamente entre aquela simpática à Rússia. Tendo em vista que as atrocidades cometidas pelos nazistas e por seus colaboradores banderistas ainda são lembradas vivamente por estes ucranianos, para eles foi particularmente estarrecedor quando Yushchenko concedeu o maior título honorífico do país, isto é, o de “Herói da Ucrânia”, ao próprio Stepan Bandera (FORTES, 2017, p. 75).

Ao longo do seu mandato, as relações internas e externas (com a Rússia) se deterioraram, houve a crise do gás natural em (2006 e em 2009), e internamente Yushchenko terminou não conseguindo cumprir com as reformas demandadas pelos manifestantes na Revolução Laranja (como é o caso da implementação de reformas do livre mercado e do combate à corrupção). A eleição de Viktor Yanukovych para primeiro-ministro do parlamento em 2006, mostrou a impossibilidade de consolidação da Revolução Laranja, que culminou no seu total fracasso nas eleições de 2010, no qual a candidata Yulia Timoshenko (uma das principais líderes da Revolução Laranja) ficou com 45,7% dos votos e perdeu para seu opositor Yanukovych com 48,8%, que terminou se tornando o novo presidente da Ucrânia. (FORTES, 2017; POTY, 2018).

As eleições de 2010, passaram a evidenciar ainda mais a divisão interna ucraniana, dividindo o país entre os “russófonos”, cuja maioria se encontra no Leste e no Sul, e os “ucranianos étnicos”, predominantes na região ocidental do país. Além disso, Poty (2017) demonstra que essa divisão também pode ser notada em relação a religião, basicamente entre os católicos, cuja maioria se encontra no norte e no oeste da Ucrânia, e os ortodoxos localizados em sua maioria no Leste e no Sul do país. Nas regiões em que predominavam a religião ortodoxa, Yanukovych conquistou aproximadamente 74,3% dos votos, já nas regiões mais ocidentais, Timoshenko obteve 76,2% dos votos.

Preferido do Kremlin, esperava-se que Yanukovych no poder acarretaria em uma melhora nas relações entre Moscou e Kiev. De certa forma isso ocorreu com a conclusão dos acordos, principalmente de aspectos militares, culminando na locação da base de Sevastopol à Rússia por mais 25 anos (prorrogando para o ano de 2042), em contrapartida, Moscou daria descontos (30%) no preço do gás natural enviado para o consumo ucraniano. Essa prorrogação refletiu-se na impossibilidade da Ucrânia de aderir a OTAN, visto que uma das demandas dos EUA (membro da organização) “impedia que seus membros instalassem bases no território ucraniano até que chegasse ao fim do “leasing” da base de Sevastopol”. (POTY, 2018, p. 68).

Outro passo positivo, sob a perspectiva russa, foi o abandono do projeto de ingresso ucraniano à OTAN. Porém, como indica Fortes (2017), essa melhoria nas relações entre Kiev

e Moscou não se configurou um alinhamento total ao Kremlin. Segundo o autor: “embora Kiev insistisse em pagar menos pelo hidrocarboneto, Yanukovych não concordava com qualquer uma das condições demandadas por Moscou, isto é, que a Ucrânia assumisse maior compromisso com os projetos de integração da CEI”. (FORTES, 2017, p. 76).

O fracasso da Revolução Laranja demonstrou que os líderes ucranianos falharam em garantir um processo de modernização político-econômica do país. Como aponta Dias (2015): “a corrupção e a desigualdade socioeconômica escalaram para níveis inaceitáveis e o fosso entre pró-europeus e pró-russos aumentou consideravelmente”, agravando as tensões internas entre estes dois grupos. Além disso “as ligações pouco transparentes dos oligarcas ucranianos à Rússia, sobretudo no setor energético, agravavam os níveis de dependência do país, deixando-o vulnerável a pressões políticas e econômicas por parte de Moscou” (DIAS, 2015, p. 46).

Para se ter uma ideia, os índices de confiança da população ucraniana em seu governo têm atingido os últimos lugares do ranking dos países europeus. A confiança no parlamento ocupou o último lugar, com uma pontuação de 1.99 em uma escala de 10 pontos. Em relação ao nível de descontentamento com o governo, marcou 2.25. A confiança no sistema judiciário também ocupou o último lugar do ranking com a pontuação de 2.26. Em relação ao governo do presidente Yanukovych, marcam baixos índices desde sua chegada ao poder.

Porém, como indica Shveda e Ho Park (2015), a erupção social que culminou na derrubada do governo Yanukovych, não foi uma reação apenas à deterioração da situação social e econômica do país. Para esses autores, isso não seria uma razão suficiente para acarretar uma revolução social. Eles justificam que existem países que apresentam indicadores econômicos e sociais piores, mas não demonstram nenhum sinal de revolução. (SHVEDA, HO PARK, 2015, p. 65-66).

Ao indicar o ponto de gatilho para uma revolução, Shveda e Ho Park retificam o que foi dito por Dias (2015), a respeito dos líderes políticos ucranianos terem falhado no projeto de modernização econômica e política do país. Em suas palavras: “the most salient reason for the revolution is the failure of the new (post-soviet) political elites in reforming Ukraine and building up new statehood”. Os autores resumem a crise política ucraniana como uma manifestação externa de uma crise sistêmica, que se arrasta desde os anos 90, proveniente da falta de vontade da elite política ucraniana de promover reformas e formular políticas públicas eficientes. (SHVEDA, HO PARK, 2015, p. 86). Diante desta perspectiva, é válido entender a importância dada pelos ucranianos à aproximação do país com a UE, visto que o processo de

integração à UE se configurava em uma esperança de que traria a modernização da vida política e econômica do país.

Como aponta Fortes, no ano de 2013 a Ucrânia encontrava-se em uma “encruzilhada entre a UE e a UEE (União Econômica Eurasiática)” (FORTES, 2017), com a chegada da celebração do *European Union Association Agreement*, em novembro daquele ano. A assinatura do tratado indicava um passo importante em direção a integração na UE, visto que o acordo previa cláusulas comerciais que dificultariam ou impossibilitariam a participação da Ucrânia na União Econômica Eurasiática.

Tendo em vista a aproximação deste evento em novembro, a Rússia deu início a pressões econômicas ainda no mês de outubro, com a intenção de pressionar Kiev a tomar um rumo no sentido contrário à aproximação com a UE. Poty (2018) identificou algumas das principais medidas tomadas por Moscou, como o aumento das tarifas aduaneiras para produtos ucranianos, tendo reduzido as exportações em 25%; realizou também a cobrança das dívidas relativas ao fornecimento de gás natural; considerou aumentar o preço do combustível; e ameaçou dificultar a entrada de ucranianos na Rússia. As medidas russas foram eficazes no sentido de mostrar a dependência econômica de Kiev em relação a Moscou, e o peso que seria avançar as negociações de aproximação com a UE. Poty (2018) reflete que a Ucrânia “teria um prejuízo bilionário ao entrar na União Europeia com as sanções russas, além de ter que aplicar o receituário de austeridade fiscal preconizado pela União Europeia para os países que desejam se tornar membros”. (POTY, 2018, p. 68).

Além das sanções econômicas, a Rússia propôs a Kiev um acordo mais vantajoso que a entrada na UE, no qual incluía um empréstimo de 15 bilhões de dólares e a redução do preço do gás natural de 410 para 268,5 dólares por mil metros cúbicos, uma redução de 34,5%. Visto que a proposta de Moscou traria vantagens imediatas, Yanukovich aceitou a oferta e declarou que temporariamente as negociações com a UE estariam suspensas, não se comprometendo a assinar o Acordo de Associação naquele momento. (FORTES, 2017).

O aviso de que a Ucrânia recuaria nas negociações para o Acordo de Associação com a UE foi declarado pelo gabinete ucraniano as 16 horas do dia 21 de novembro de 2013. Para se ter uma ideia da velocidade com que se organizaram as manifestações, a partir das 22 horas do mesmo dia, centenas de ativistas se aglomeraram na Praça da Independência, e a palavra

“Euromaidan”⁴⁹ já havia se espalhado por toda as redes sociais. (LANE, 2009; SHVEDA, HO PARK, 2015).

Para entender melhor os eventos que ocorrem em 2013-2014 na Ucrânia, os autores Shveda e Ho Park (2015), dividiram o processo político da Euromaidan em três estágios principais: a Euromaidan como um evento estudantil (*Student's Euromaidan*); O acampamento (*Maidan-Camp*); e por último o conflito (*Maidan-Struggle*).

Nesse primeiro estágio das manifestações, os estudantes foram os principais protagonistas, não havendo a participação de políticos ou de bandeiras partidárias. Os estudantes configuraram a força motriz dos protestos iniciais, cuja demanda era marcada por mudanças políticas e pela reaproximação e retorno à integração europeia. Os protestos eram de cunho pacífico, e nos dias que se seguiam, mais estudantes de diferentes cidades chegavam a Kiev para ocupar a Maidan. Para o dia 24 de novembro estava programada uma marcha pró-Europa no país, juntando aproximadamente cem mil pessoas. Com as proporções do protesto crescendo, o caráter da Euromaidan foi se transformando. (SHVEDA, HO PARK, 2015).

Segundo os dois autores, naquele momento existiam dois movimentos da Maidan em Kiev, a primeira localizada na Praça da Independência, de perfil público, e a segunda localizada na Praça Europeia, de perfil político, comandada por líderes e partidos políticos. No dia 26 de dezembro líderes políticos e os da Euromaidan decidiram unir forças como condição que políticos não usassem a situação para propósitos políticos pessoais (por exemplo, para garantir sua reeleição ou algo semelhante).

Como as demandas dos protestantes não foram atendidas pelos líderes do governo ucraniano, os protestos na Euromaidan deram continuidade, passando para o segundo estágio. (SHVEDA, HO PARK, 2015, p. 87).

Como indica Fortes (2017), ainda na fase inicial dos protestos na Maidan, envolveram-se centenas de milhares de pessoas, de diversas faixas etárias e classes sociais. A maioria dessas pessoas não possuíam filiação ou aproximação com grupos partidários. Como o autor justifica em relação aos líderes políticos: “embora diversos parlamentares opositoristas tivessem comparecido para prestar seu apoio, ao contrário do que ocorreu com a liderança laranja na década anterior, nenhum partido tradicional conseguiu se consagrar como liderança clara do movimento”. (FORTES, 2017, p. 78). A falta de liderança política contribuiu para que grupos

⁴⁹ “O protesto foi batizado de “Euromaidan”, unindo o nome do local com a inclinação pró-europeia dos seus participantes. Tal denominação, contudo, não é precisa, uma vez que o elo principal entre a massa heterogênea de manifestantes não era a orientação externa do país, mais o rechaço ao regime”. (FORTES, 2017, p. 77-78)

de extrema-direita chegassem a ocupar um espaço de destaque nas manifestações. Grupos como o *Svoboda* e o *Pravyi Sektor* passaram a liderar os movimentos, e o segundo grupo mencionado foi responsável pela derrubada da estátua de Lenin, evento que marcou o movimento da Euromaidan.

No dia 31 de novembro, aproximadamente 500 manifestantes (em sua maioria estudantes), foram brutalmente dispersados da Praça da Independência a mando das autoridades do governo. Essa abordagem truculenta impulsionou para que a natureza dos protestos da Maidan tomasse novos rumos, dando início a sua segunda fase. Como aponta Sveda e Ho Park (2015), a violência praticada pelas forças policiais para suprimir os estudantes provocou o fortalecimento do movimento estudantil, o que se transformou em um movimento mais robusto contra o governo ucraniano. (SVEDA, HO PARK, 2015, p. 87).

No dia seguinte ao dia 31, vídeos e fotos dos estudantes sendo agredidos pelas forças policiais ucranianas foram publicados nas principais mídias sociais, adquirindo dimensões internacionais. Logo em seguida, autoridades como a UE, a OTAN, a ONU, além das ONGs internacionais criticaram a posição do governo ucraniano. O resultado desta opressão governamental foi o crescimento das manifestações, agora possuindo um tom mais radical. (SVEDA, HO PARK, 2015).

Como verificam Sveda e Ho Park (2015), os protestos da Maidan mudaram tanto em caráter como em suas demandas: “if the main slogans of the first phase were focused on signing of the Association Agreement with the EU and returning to the European integration course; on the other hand, the second stage, was about the resignation of Yanukovich and his cabinet”. (SVEDA, HO PARK, 2015, p. 87). Após o dia 31, os protestantes construíram barricadas, e a praça passou a se assemelhar a um campo militar organizado e disciplinado.

Durante a terceira fase dos protestos os choques entre os protestantes e as forças especiais se intensificaram. No dia 22 de janeiro, houve um conflito intenso na Rua Hrushevskogo onde vários manifestantes foram mortos, esse dia terminaria ficando conhecido como o “*Bloody Reunion Day*”. Ao longo dos meses de janeiro e fevereiro foram realizadas diversas reuniões entre os líderes da oposição (e lideranças dos protestos) e membros do governo, muitas vezes com a participação de políticos europeus (como foi o caso dos ministros da Polônia, da França e da Alemanha), contando também com a presença de enviados da presidência Russa. Porém, essas reuniões não chegaram em um acordo desejado e aceito pelos protestantes da Maidan. (SVEDA, HO PARK, 2015, p. 88).

Um dos eventos mais marcantes desta última fase das manifestações ocorreu no dia 20 de fevereiro, onde 49 manifestantes foram mortos por franco atiradores na praça da Independência. Aproximadamente 76 pessoas morreram, entre os dias 18 e 20 de fevereiro. Num primeiro momento acusou-se a Berkut (unidade especial da polícia ucraniana) como responsável pelo ataque. Poty (2018), também indica que alguns autores ucranianos denunciavam que a ação foi realizada por atiradores russos. Porém, à medida que as investigações foram progredindo concluiu-se que foram grupos de extrema-direita (que faziam parte das manifestações) os autores dos disparos, com o objetivo de desacreditar o governo de Yanukovich. (FERREIRA, 2016). Ainda em relação à violência política ucraniana:

Um dos principais aspectos do Euromaidan foi a violência nos conflitos entre a polícia e os manifestantes. Com efeito, estes últimos contaram com a participação de grupos paramilitares de extrema-direita, o que ocasionou embates sangrentos nos quais houve muitas mortes. Em muitos casos há interpretações divergentes sobre estes episódios, nos quais um lado tenta pôr a culpa no outro. Pode-se destacar uma controvérsia em relação ao episódio dos atiradores de elite que atiraram contra a multidão e assassinaram aproximadamente cem manifestantes, no dia 20 de fevereiro de 2014 (POTY, 2018, p. 73).

Após mais algumas negociações frustradas entre a oposição e o governo, os manifestantes invadiram o Palácio Presidencial demandando pela sua renúncia, que veio a ocorrer no dia 21 de fevereiro, quando Yanukovich deixa o país em um voo para Moscou, marcando assim o fim do terceiro e último estágio dos protestos da Euromaidan. (SVEDA, HO PARK, 2015, p. 88).

Como aponta Poty (2018), o novo governo que se configurou a partir da renúncia do Yanukovich foi construído sob influência dos EUA. Dentre os personagens que disputavam o poder ucraniano haviam: Vitali Klitschko, apoiado por Angela Merkel; o líder do grupo de extrema-direita Oleh Tyahnybok; e o banqueiro Arseniy Yatsenyuk. Yatsenyuk foi designado como primeiro-ministro do país, e é importante citar a sua relação com Washington, visto que o banqueiro também era presidente de uma ONG chamada *Open Ukraine Foundation*, no qual era associada a *Chatham House*, ao banco *Horizon Capital* e ao Centro de Documentação da OTAN. (POTY, 2018).

O novo governo ganhou contornos nacionalistas e de extrema-direita. Líderes de grupos de extrema-direita passaram a ocupar cargos de relevância, como foi o caso do Ihor Tenyukh, pertencente ao grupo Svoboda, que passou a comandar o Ministério da Defesa. E o fundador do Pravyi Sektor, Dmytro Yarosh, outro grupo de extrema-direita, passou a ocupar a vice-

presidência do Conselho de Defesa e Segurança Nacional. Além disso, Yulia Timoshenko, grande representante da oligarquia ucraniana, ficou com o cargo de presidência interina do país. Os aspectos nacionalistas e pró-ocidente ficaram evidentes ainda nos primeiros dias do novo governo, quando no dia 21 março foi assinado o Acordo de Associação com a UE, e no dia 23 o idioma russo foi banido como o segundo idioma oficial da Ucrânia. Essas medidas intensificaram as tensões com Moscou, que rapidamente reagiu às mudanças de regime político ucraniano. (POTY, 2018).

O novo governo ucraniano de caráter anti-russo gerou reações por parte de Moscou, principalmente em relação a península da Crimeia e ao domínio da Frota do Mar Negro. Em relação ao território da Crimeia, se configura no seguinte cenário: maior parte da população residente na região é de origem russa, possui o idioma russo como língua materna, haviam votado majoritariamente e Yanukovych nas eleições de 2010, por isso grande parte da população da Crimeia não legitimava o novo governo em Kiev. (POTY, 2018).

A população de etnia russa nas regiões da Ucrânia, principalmente na Crimeia realizaram mobilizações já de caráter separatista, em repúdio ao novo governo de Kiev, muitas dessas manifestações imitaram as táticas utilizadas pelos protestantes na Maidan, e enfrentaram pouca resistência por parte das autoridades em Kiev. (FORTES, 2017).

O governo russo já observava as manifestações da Maidan com certa preocupação, principalmente com a crescente força e protagonismo que os grupos nacionalistas e de extrema-direita vieram tomando. Diante da ameaça da perda do domínio da FMN e da instabilidade das minorias russas em território ucraniano, ainda durante os protestos iniciais contra Yanukovych, Moscou realizou uma pesquisa de opinião no qual aproximadamente 80% dos eleitores na Crimeia eram a favor da união da região à Federação Russa. (POTY, 2018). Bērziņš et al. (2014), aponta alguns dos principais pontos do discurso do presidente russo Vladimir Putin em 18 de março daquele mesmo ano, clareando a perspectiva russa em relação as novas dinâmicas na ucraniana:

the historic, spiritual and cultural unity of Russia and Ukraine, mourning for the collapse of the USSR, and the historic injustice of giving away Crimea to Ukraine, alleged abuse of the human rights of Russian citizens and Russian speakers in Crimea, labeling of the Euromaidan as a coup executed by Nationalists, neo-Nazis, Russophobes and anti-Semites, as NATO posing a threat by potentially placing its navy “right there in this city of Russian military glory, and this would create not an illusory but a perfectly real threat to the whole of southern Russia” (BĒRZIŅŠ et al., 2014, p. 8).

É necessário ressaltar que a fala do presidente Putin ocorreu poucos dias antes da Anexação da Crimeia. Declarando preocupação com as minorias russas no país vizinho, Putin se utilizou dos mesmos argumentos utilizados pelos EUA no final da Guerra Fria, para justificar suas intervenções na Bósnia.

O principal argumento da Rússia para legitimar a reincorporação da península foi o precedente de Kosovo. Em 17 de fevereiro de 2008, os EUA e as potências europeias sustentaram sua declaração unilateral de independência, mesmo não havendo plebiscito. As fronteiras da Sérvia foram alteradas por força das armas, uma vez que a OTAN realizou intervenção militar e bombardeios que duraram 75 dias, destruindo a maior parte da infraestrutura do país. Tal ato constituiu grave violação de lei internacional, pois não respeitou o princípio de soberania nacional definido nos Acordos de Helsinki (POTY, 2018, p. 76-77).

Poty (2017) indica que a Rússia também se utilizou deste mesmo argumento (proteger as minorias étnicas russas), na Guerra dos Cinco Dias contra a Geórgia. No caso da Crimeia, ela foi integrada à Federação Russa após um plebiscito, no qual 96% da população da região votaram a favor da reunificação. O plebiscito teve um importante papel para tornar o processo de anexação da Crimeia legítimo, visto que respeita o princípio de autodeterminação dos povos. Para entender a atuação russa diante do processo de Anexação da Crimeia e as táticas de Guerra Híbrida utilizadas, devemos observar mais detalhadamente alguns aspectos que serão trabalhados no tópico a seguir.

3.2 PROCESSO DE ANEXAÇÃO DA CRIMEIA

Tendo em mente o contexto em que se deu a Anexação da Crimeia, além dos métodos e pensamentos militares russos debatidos no segundo capítulo, devemos observar de forma detalhada, levando em consideração a cronologia dos eventos que culminaram na completa anexação do território ucraniano à Federação Russa em 2014. Ao longo da análise cronológica dos eventos, iremos identificar alguns aspectos referentes as táticas de GH aplicadas pela Rússia.

Com base nos eventos ocorridos na Crimeia e na Ucrânia Oriental, Rác (2015) utiliza uma metodologia indutiva, fazendo um mapeamento da GH encabeçada pela Rússia. O autor defende que a GH comporta três fases principais, cada uma dessas fases é composta por três seções. Essas fases podem ser divididas em: fase preparatória, fase de ataque, e por último, a fase de estabilização.

Diante desta informação, guiamos esse tópico de maneira a analisar a cronologia dos eventos ocorridos na Crimeia, levando em consideração os detalhes percebidos por Rácz (2015) em cada fase da operação de GH induzida pela Rússia.

A primeira fase indicada por Rácz é a fase preparatória, no qual compreende o mapeamento de vulnerabilidades estratégicas, políticas, econômicas e sociais do país alvo, com a intenção de criar meios e mecanismos para atingi-los. No caso russo, esse processo é favorecido devido aos laços históricos, culturais, econômicos e linguísticos com a Ucrânia. Esse processo de “mapeamento” inclui métodos que pouco se diferenciam das ferramentas tradicionais de diplomacia, como por exemplo estabelecer organizações culturais e políticas leais à Moscou, conquista de influência econômica, construção de uma narrativa forte na mídia ou fortalecer movimentos separatistas. Weeks (1983) demonstra que essa dinâmica se assemelha bastante com o pensamento do ex-oficial da KGB Stanislav Levchenko, no qual aponta onde estaria as forças de inteligência soviéticas:

that on KGB efforts to exploit Western weakness. "Look where your vulnerabilities are," Levchenko said, "and there you will find the KGB." Because democracy depends on the freedom to differ, on the tolerance of the most radical political ideas, Western society produces far more opportunities for espionage and subversion than Soviet society (WEEKS, 1983, site).

Como descreve Rácz (2015, p. 58): “the initial phase of hybrid war is built on the traditional toolbox of Russian foreign policy, in line with the increasing importance of non-military measures in Russia’s concept of new generation warfare”. Além dessa característica, essa fase preparatória não compreende nenhum emprego de violência e muito menos alguma atividade que contrarie alguma política ou legalidade, fazendo com que o país alvo inicie um contra-ataque. Isso mostra que é praticamente impossível detectar, ainda nesta primeira fase, que os mecanismos tradicionais de diplomacia estejam sendo utilizados como ferramenta de uma GH. Vale lembrar que a dúvida e o medo constituem uma importante ferramenta da política externa russa, o que justifica a necessidade de deixar o alvo confuso, evitando uma suposta reação aos moldes convencionais de guerra. Porém, Rácz também indica que se o governo alvo detectar as ações de Moscou já nessa primeira fase, não implica necessariamente que a estratégia tenha falhado. Na verdade, o governo alvo detectando as ameaças também poderá servir ao propósito russo à medida que torna o país alvo mais receptivo as demandas e aos interesses de Moscou, como foi o caso da negociação entre Putin e Yanukovich, no qual o presidente ucraniano optou pelo acordo com a Rússia ao invés de Assinar o Acordo de Associação a UE em 2013.

Tabela 1– Fases da Guerra Híbrida

Section 1.	<p>Strategic preparation</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exploring points of vulnerability in the state administration, economy and armed forces of the target country. • Establishing networks of loyal NGOs and media channels in the territory of the target country. • Establishing diplomatic and media positions in order to influence the international audience.
Section 2.	<p>Political preparation</p> <ul style="list-style-type: none"> • Encouraging dissatisfaction with the central authorities in the target country by using political, diplomatic, special operation and media tools. • Strengthening local separatist movements and fuelling ethnic, religious, and social tensions, among others. • Actively using information measures against the target government and country. • Bribing politicians, administrative officials and armed forces officers, and then 'turning them over'. • Establishing contacts with local oligarchs and business people; making them dependent on the attacking country via profitable contracts. • Establishing contacts with local organized crime groups.
Section 3.	<p>Operational preparation</p> <ul style="list-style-type: none"> • Launching coordinated political pressure and disinformation actions. • Mobilizing officials, officers and local criminal groups that have been 'turned over'. • Mobilizing the Russian armed forces under the pretext of military exercises.

Fonte: RÁCZ (2015), p. 59

Essa primeira fase ocorre muito antes do processo de Anexação da Crimeia, podendo ser identificado nas tentativas do governo de Moscou de garantir um governo pró-Rússia em Kiev desde a eclosão da Revolução Laranja. Esses mecanismos podem ser identificados também nos eventos que geraram as duas Crises do Gás Natural em 2006 e 2009 entre a Rússia e a Ucrânia. A realização de treinamentos militares na fronteira com a Ucrânia também indica uma demonstração de força por parte de Moscou, no qual pretendia deixar claro a sua capacidade de realizar operações rápidas caso houvesse uma reação por parte de Kiev.

Nos momentos iniciais das tensões entre Kiev e Moscou, as forças militares ucranianas possuíam aproximadamente 18 mil soldados na Crimeia, onde boa parte estavam em navios localizados no Mar Negro. As forças ucranianas incluíam:

41 tanks, 160 infantry fighting vehicles, 47 artillery systems, and heavy mortars. The navy's coastal defense troops included a missile artillery brigade, two independent marine battalions, and a coastal defense brigade. Other Ukrainian assets in Crimea were not as potent. Most of Ukraine's air force units were in disrepair. Of the 45 MiG-29 fighters at Belbek airbase near Sevastopol in southwest Crimea, only four to six were operational. Ukrainian air defenses included Buk-M1 and S-300 surface-to-air missile systems, which were at questionable readiness levels but could still be potent deterrents. A contingent of 2,500 Ministry of the Interior troops was also present, although they perhaps had little defense value (KOFMAN et al., 2017, p. 6).

Em contrapartida, a Federação russa contava com aproximadamente 12 mil soldados no Mar Negro, havendo uma única unidade de infantaria (Brigada de Infantaria Naval Independente). Essa infantaria naval russa contava com tropas contratadas (não haviam soldados conscritos), que eram mais bem treinadas, recebiam melhor salário, além de estarem mais bem equipadas. Em comparação às forças ucranianas dispostas na região, Kofman et al (2017) relata que em termos de poder numérico e poder de fogo disponíveis (veículos de combate, e artilharia), essas forças se mostravam inferiores às unidades ucranianas dispostas na região da Crimeia. (KOFMAN et al., 2017, p. 6). Porém, é necessário ressaltar que a capacidade de poder russo poderia facilmente ser ampliada visto que existiam acordos entre a Ucrânia e a Rússia referente a transferência de tropas e materiais militares na região da Crimeia. O autor indica que os acordos de transferência deram a Moscou a oportunidade de aumentar a sua presença militar na região, e ao mesmo tempo permanecer dentro dos termos do acordo realizado com a Ucrânia. Isso permitiu a Rússia inserir forças militares suficientes para realizar suas operações sem inicialmente causar alarde tanto ao governo ucraniano quanto aos observadores internacionais. (KOFMAN et al., 2017, p. 19).

No dia 20 de fevereiro de 2014, houve uma escalada da violência entre as forças de segurança do governo ucraniano e os manifestantes da Maidan, deixando as unidades russas e ucranianas em alerta. Nos dias 22 e 23 a Rússia deu início as suas operações na Crimeia quando suas unidades de infantaria (Spetsnaz) e sua força aérea (VDV) sobrevoaram o estreito entre a Rússia e a Crimeia. No dia 24 de fevereiro, a Câmara Municipal da Crimeia colocou um cidadão russo no cargo de prefeito. Além desse movimento, unidades da Infantaria Naval chegaram a ocupar uma praça da cidade, o que violava os acordos entre Kiev e Moscou. Como ressalta Kofman et al. (2017): esse foi um dos primeiros sinais tangíveis de que a Rússia pretendia intervir militarmente para mudar a ordem política na península.

Outro passo importante em direção a evitar uma suposta reação por parte de Kiev foi quando o Presidente russo Vladimir Putin ordenou, no dia 26 de fevereiro um treinamento de

prontidão (*snap inspection / snap readiness check*), com 150 mil tropas nas regiões próximas à Crimeia. Vale ressaltar que esses treinamentos comandados por Moscou não eram algo incomum, e eram utilizados para distrair e ocultar os movimentos das suas tropas. Como reflete Kofman et al. (2017), esses exercícios militares não tinham nas fronteiras da Ucrânia o seu principal foco, na verdade, a intenção era mover as tropas VDV e *Spetsnaz* para o norte da Rússia. (KOFMAN et al., 2017, p. 7-8).

Figura 6 - Operações russas na Crimeia em março de 2014.



Fonte: KOFMAN, 2017 p. 7

No dia 27 de fevereiro, unidades do Comando de Operações Especiais russo, conhecido como (KSO), se passando por milícias locais, ocuparam o Parlamento da Crimeia e levantaram a bandeira da Federação Russa sobre o prédio. Nesse mesmo dia, mais de 300 soldados russos desembarcaram na península sem dar aviso prévio ao governo de Kiev, o que era previsto pelos acordos entre os dois países. Na noite do dia 27, soldados russos sem insígnias, cercaram a base aérea de Belbek. (KOFMAN et al., 2017, p. 9).

Os eventos do dia 27 de fevereiro dão início à segunda fase indicada por Rácz (2015), na qual compõem a fase de ataque. Nessa etapa, todas as vulnerabilidades exploradas na fase

preparatória da GH vêm à tona através de uma ofensiva híbrida de larga escala. É a partir deste momento que a GH passa a se diferenciar das tradicionais abordagens de política externa e de segurança. Segundo RÁCZ (2015), a diferença desse momento é que a violência aberta, organizada e armada tiveram início. A partir desse momento pôde ser identificada que “unmarked units using high-tech Russian uniforms, weapons, vehicles and equipment appeared and started to set up barricades and checkpoints, blocking the gates of the Ukrainian military and police barracks”. (RÁCZ, 2015, p. 60).

Nessa fase os alvos políticos se tornam de primeira importância. Diversos edifícios públicos foram ocupados a partir do dia 27 de fevereiro. Como foi o caso do prédio do Conselho Supremo da Crimeia que foi invadido pelos “*polite green men*”⁵⁰, evitando o funcionamento político local. Além disso, soldados vestidos de civis começaram a assumir o controle de outros prédios da administração pública, como torres de transmissão, estações de rádio e de televisão, o que permitiu suspender os canais controlados pelo governo ucraniano, sendo trocados pela transmissão de canais russos⁵¹ na região da Crimeia. Todas essas ações encontraram pouca ou quase nenhuma resistência por parte das forças de segurança ucranianas, principalmente pela falta de um comando claro por parte do governo de Kiev, e também pela falta de equipamento adequado para realizar a defesa dos prédios públicos na região. (RÁCZ, 2015).

On the morning of February 28, a convoy of three Mi-8 transport helicopters and eight Mi-35M attack helicopters crossed into Ukrainian without permission, giving Russia the ability to neutralize Ukrainian armor and operate at night. Ukraine scrambled fighters, deterring further helicopter units from transferring, but the Mi-35s already were operating openly over Crimea and supporting Russian forces on the ground (KOFMAN et al., 2017, p. 9).

Relatos de soldados ucranianos feitos ao jornal O Globo em 2014, mostram as ações tomadas na ofensiva russa na Crimeia. No caso da base aérea de Belbek, dois veículos blindados russos derrubaram o muro da base o que permitiu a entrada das tropas russas no local. Nesse evento, os soldados ucranianos foram rendidos e reunidos em uma praça pelos soldados russos. Não houve nenhuma morte contabilizada nessa operação. No mesmo dia, centenas de manifestantes pró-rússia tomaram o “controle da base militar de Novofedorivka, enquanto as forças russas assistiram do lado de fora o avanço”. As forças de operações russas também

⁵⁰ Os “*polite green men*” afirmavam ser protestantes locais que estavam insatisfeitos com o novo governo em Kiev. Os oficiais russos reforçaram essa narrativa que passou a chamar os manifestantes locais de grupos de “oposição” ou “resistência”m utilizando a palavra “*apolchenie*” em russo.

⁵¹ As forças russas desativaram nove canais de televisão ucranianas.

obtiveram o controle do “único submarino com que a Marinha ucraniana contava nas águas da Baía de Striletska Bay”. O submarino foi cercado levando a fuga do Capitão, o resto de sua tripulação permaneceu no submarino e decidiu servir às autoridades russas. (O GLOBO, 2014, site).

Essas operações foram realizadas com o apoio intensivo de uma campanha de informação cujo principal objetivo era desestabilizar, desmoralizar e enfraquecer as forças de segurança ucranianas locais, para que houvesse pouca ou nenhuma resistência com a tomada do controle da região pelos russos.

Em conjunto com a campanha de informação, a Rússia também utilizou ferramentas de Guerra Eletrônica, danificando ou sabotando os sistemas de comando e controle ucraniano:

Russian forces sealed Crimea off from mainland Ukraine at its northern crossing points. They severed landline communications between the Ukrainian mainland and bases on Crimea; supposedly, in some areas, cellphone signals were jammed, possibly from ship-based equipment. Russian soldiers also cut electricity to some bases to apply pressure on the besieged Ukrainian troops within. In brief, Ukraine had lost effective command and control over its units on the peninsula roughly one week into the operation (KOFMAN et al., 2017, p. 10).

No dia 28 de fevereiro, forças especiais russas dominaram o aeroporto de Simferopol, cancelando todos os voos, o que possibilitou a transferência das unidades de VDV para dentro do território da Crimeia. Nesse mesmo período Kofman et al. (2017) identifica um esforço por parte das forças de inteligência russa no sentido de organizar unidades compostas por milícias locais, como é o caso dos Cossacos e por policiais que abandonaram a Berkut (unidade especial ucraniana, muito atuante nas manifestações da Maidan) para se juntar a causa separatista. Vale ressaltar a Guerra Proxy, ou seja, com a participação de atores não estatais, é uma das ferramentas que compõem a GH.

Quando as relações entre esses atores locais e o governo russo ficaram evidente, Moscou continuou negando o seu envolvimento, o que permitiu confundir as autoridades internacionais, como a OTAN, que observavam os eventos na Crimeia. No dia 4 de março, o presidente russo Vladimir Putin, em uma conferência de imprensa, informou que Moscou não tinha a intenção de anexar a região da Crimeia, além disso, o presidente insistiu na narrativa de que não havia nenhum soldado russo no solo da Crimeia e que os exercícios militares nas proximidades da península já estavam programadas muito tempo antes e não tinha ligação com o eventos que estavam ocorrendo em Kiev. (KOFMAN, 2017, p. 13).

Como aponta RÁCZ (2015), essas operações guiadas pelo governo russo se encaixam perfeitamente com o conceito de Nova Geração de Guerra, na qual busca destruir a capacidade do país alvo de resistir com o uso predominante de ferramentas e atividades não-militares.

No dia 16 de março, os líderes separatistas que tomaram o poder na Crimeia organizam um referendun compondo a necessidade de dois votos: o primeiro para saber se o parlamento desejava que a região da Crimeia se tornasse politicamente independente da Ucrânia, e o segundo voto para decidir se a Crimeia deveria fazer parte da Federação Russa. Como indica Kofman et al (2017), o referendun do dia 16 se tornou o instrumento político necessário para que a Rússia concluísse a anexação da península.

RÁCZ (2015) ressalta que não houve legitimidade nas decisões tomadas pelo referendun, visto que os líderes separatistas foram “forçados” a votar a favor da anexação. Em suas palavras, a legitimidade dos líderes separatistas foi puramente construída e fortalecida pela diplomacia russa, pela mídia e pelos discursos públicos propagados tanto a nível doméstico quando no cenário internacional.

Como já mencionado anteriormente, as práticas e operações militares lideradas pelo governo russo muito se assemelham as antigas abordagens soviéticas. Dessa maneira, RÁCZ (2015) nos chama atenção para a semelhança da atuação russa em relação a considerar legitimidade e reconhecimento de governos alternativos que foram estabelecidos, como foi o caso da Finlândia durante a Guerra de Inverno, no qual o governo soviético reconheceu Kuusinen como líder legítimo da região de Carélia. De maneira similar, os líderes soviéticos também legitimaram a tomada de poder pelo líder Babrak Karmal no Afeganistão em 1979. Com a implantação de um poder alternativo no governo da Crimeia, chega ao fim a segunda fase indicada por RÁCZ. Em geral, o fim desta fase acarretou nos seguintes aspectos:

Towards the end of the attacking phase the resistance potential of the target country was broken, its governance, command, control and communications capabilities were severely damaged and it lost control over one or more parts of its territory. However, such success would not have been possible without capitalizing on the inherent, multi-fold weaknesses of Ukraine, explored in the preparatory phase. (RÁCZ, 2015, p. 64)

A última fase indicada por RÁCZ (2015) é a fase de estabilização, considera-se o início dessa etapa as ações que buscam fortalecer e legitimar o novo controle na região. Dessa maneira, os referendos iniciais já são considerados pertencentes dessa terceira etapa. O referendun realizado no dia 16 de março de 2014 na Crimeia, obteve o resultado a favor da vontade dos líderes separatistas, com 97% dos votos a favor da separação com a Ucrânia. Com um dia de independência a Crimeia foi anexada à Federação Russa. Em um balanço geral, a

Rússia anexou a Crimeia sem apresentar baixas que estejam diretamente relacionadas as ações dos soldados russos na região. Os soldados ucranianos que estavam nas bases militares da região não ofereceram nenhuma resistência e muitos concordaram em aceitar a cidadania russa, visto que Moscou oferecia melhor salário e benefícios. Dos 18 mil soldados ucranianos, apenas 6.500 decidiram sair da Crimeia para viver na Ucrânia. No dia 26 de março, o processo de anexação estava concluído.

3.3 A GUERRA HÍBRIDA RUSSA SOB A PERSPECTIVA DOS EUA

Segundo Fridman (2018), a reação russa diante da Crise Ucraniana de 2014 deixou surpresa boa parte dos acadêmicos e militares ocidentais e também a própria OTAN. Isso pode ser confirmado através do relatório da OTAN elaborado por Heidi Reisinger no início de 2014. Sobre as forças armadas russas, Reisinger (2014, p. 3), descreve como “neither a threat, nor a partner”. Segundo esse autor:

Many years of continual reform, underfunding, and the devastating effects of demographic trends have led the Russian armed forces to a situation where even senior military personnel raise doubts about the ability to provide national defense without tactical nuclear weapons. The transition from a mass mobilization footing to a more expeditionary focus did not put an end to endemic problems such as corruption and the poor resourcing of regular units (in terms of both manpower and equipment). [...] All of this makes Russia's military capabilities less efficient and hardly interoperable (REISINGER, 2014, p. 3).

Nos meses que se seguiram e com o evento da anexação da Crimeia, pode-se notar uma mudança no pensamento do Reisinger, que agora afirmava que o recente comportamento russo pode mostrar de forma efetiva e surpreendente a utilização de um conjunto de componentes militares e não-militares, assim como o uso de táticas regulares e irregulares, incluindo também operações cibernéticas e de informação. Como aponta Fridman (2018), essa mudança de atitude perante as capacidades militares russas deixou evidente que a OTAN tenha sido “pega de surpresa”, e foi nesse mesmo período que as ações russas passaram a ser descritas como uma abordagem híbrida. Como o autor descreve, os especialistas ocidentais, não só ficaram surpresos pela efetividade e eficácia da performance militar russa, mas também quanto ao uso bem-sucedido de diferentes atividades de forma simultânea em diferentes dimensões. Essas dimensões citadas seriam as militares, políticas, informacional, econômicas entre outras. (FRIDMAN, 2014, p. 108)

O primeiro estudioso a fazer um link entre as ações russas na Crimeia e a GH foi o General Frank van Kappen, segundo esse autor, as ações russas na Ucrânia se tornaram um exemplo de GH. O Secretário da OTAN, Anders Fogh Rasmussen também indicou que a atuação russa é uma manifestação da GH. Ainda em 2014, um vídeo publicado pela OTAN Review Magazine, cujo título é “*Hybrid War–Hybrid Response?*”, também realizou esse link entre os dois conceitos. O vídeo apresentava a seguinte descrição:

At one point during the Ukrainian crisis, Russia had 40,000 troops lined up on the Ukrainian border, but when it came to sowing instability in Ukraine, it was not conventional forces who were used, but rather unorthodox and varied techniques, which have been dubbed hybrid warfare (FRIDMAN, 2014, p. 109; apud. OTAN REVIEW MAGAZINE, video).

Seguindo este raciocínio Hoffman publica em 2014 um artigo no site *War on Rocks*, na qual também descreve um link entre o conceito de GH e as operações russas na Ucrânia. Primeiramente o autor aponta que os eventos ocorridos na Ucrânia, mais precisamente na Crimeia e no Leste do país, têm desafiado os conceitos tradicionais de guerra ocidentais. Em suas palavras: “the current crisis, pitting national government against separatists, Russian ultra-nationalist, proxy fighters and possibly Russian GRU personnel, does not fit neat Western categories of ‘war’”. (HOFFMAN, 2014, site)

O autor denuncia a tentativa de diversas doutrinas e escolas de pensamento apontando que muitas tentam separar o conflito em duas categorias: convencional e irregular. Hoffman também critica o uso do termo Guerra Política (*Political Warfare*⁵²) para descrever os eventos ocorridos na Ucrânia, alegando que o termo é impreciso e redundante, visto que todas as guerras se configuram políticas em seu propósito. Além disso, Hoffman condena o uso do termo “guerra” que muito se refere a conduta da guerra e dos aspectos de combate e de violência. Mais uma vez, o termo “Guerra Política” perde seu sentido, pois não há em seu conceito o uso de violência ou de forças letais. O conceito de Guerra Política possui em sua definição mecanismos como: alianças políticas, meios econômicos: “white propaganda” (operações secretas, como no

⁵² Smith define a Guerra Política como “the use of political means to compel an opponent to do one’s will, political being understood to describe purposeful intercourse between peoples and governments affecting national survival and relative advantage. Political war may be combined with violence, economic pressure, subversion, and diplomacy, but its chief aspect is the use of words, images, and ideas, commonly known, according to context, as propaganda and psychological warfare”. (SMITH, 1999, p. 3); Em relação ao conceito, outros autores também trazem críticas severas ao uso do termo “guerra” para descrever atividades que não estão relacionadas ao combate entre forças armadas. (KOFMAN, 2016; FRIDMAN, 2018)

caso do suporte clandestino à movimentos estrangeiros), guerra psicológica (black psychological warfare) e até mesmo o estímulo a movimentos de resistência nos países inimigos. (HOFFMAN, 2014).

Hoffman (2014) então sugere o uso do conceito de GH pois o termo emprega os quatro modelos de conflito identificados no espaço de batalha, são eles: o uso de armas convencionais, táticas irregulares, terrorismo e ações criminosas. Segundo ele, a definição de GH representa adequadamente o modelo de combate empregado pela Rússia no espaço ucraniano. Porém, Hoffman também realiza uma crítica em relação ao conceito original de GH proposto por ele em 2007. Em sua reflexão, Hoffman aponta que o termo GH falha completamente em capturar as ações não-violentas, devido ao foco limitado às táticas de guerra e violência. De maneira resumida, o conceito original de GH não levou em consideração mecanismos como: ações econômicas e financeiras, atos de subversão política (através da ONGs por exemplo), operações de informação (utilizando sites e notícias falsas), ferramentas diplomáticas. Ferramentas estas que foram identificadas pelo autor durante os eventos ocorridos na Ucrânia.

Fridman (2018) identifica três diferentes ondas de discursões sobre a GH russa. A primeira ocorreu durante o ano de 2014. Liderada por pensadores militares do Leste Europeu, iam de encontro com a narrativa da OTAN, na qual julgava as ações russas na Crimeia e no Leste da ucrânia como um caso de GH. Outra característica deste período foi releitura da literatura dos antigos conceitos de GH, e o pedido de ajuda por parte dos pensadores de uma resposta da OTAN para esse novo tipo de ameaça. Em 2015 deram início a segunda onda de debate, dando continuidade aos artigos escritos por autores do leste europeu. Nesse período foram produzidas diversas análises por diversos países ocidentais. Foram realizadas grandes conferências cujo tema era “*OTAN’s Response to Hybrid Threats*” e até workshops, como o que ocorreu em Bucareste com o tema “*Countering Hybrid Threats: Lessons Learned from Ukraine*”. Também houve certo movimento acadêmico no sentido de questionar a relevância do conceito de GH, além da crescente atenção dada as publicações e as doutrinas militares russas (produção acadêmica-militar russa). Foram realizadas diversas interpretações e debates sobre os artigos e palestras dadas pelo General Gerasimov e também da análise da Teoria de Nova Geração de Guerra cunhada pelos oficiais russos Cheknov e Bogdano, além da análise de diversos artigos publicados pela revista *Military Thought (Voennaya Mysl)*. Como aponta Fridman (2018), muitos especialistas ocidentais começaram a traçar uma relação entre o conceito de Nova Geração de Guerra russo ao conceito de GH, o que também levantou muitas críticas. (FRIDMAN, 2018).

O ano de 2016 trouxe à tona a terceira onda de debate sobre a GH russa. Essa se caracteriza pela intensificação das críticas em relação as generalizações que a GH russa tem sofrido. Como indica Fridman (2018), surgem diversos autores que passam a criticar a aplicação do termo GH para descrever a nova doutrina militar russa. Esse movimento gerou dois resultados: o primeiro foi percepção da necessidade de “pensar como um russo” no sentido de criar esforços para compreender de forma mais detalhada as motivações de Moscou, o que o país entende sobre os conflitos modernos. Nesse período surgiu uma maior produção literária cujo foco se concentrava na leitura da percepção russa sobre as mudanças no caráter das novas guerras. Consequentemente, diversas escolas passaram a rejeitar o uso do termo GH para caracterizar as ações russas, o que nos leva a segunda mudança, na qual dividiu as análises sobre GH em duas esferas: a esfera militar e não-militar. Na esfera militar, há um retorno das análises mais tradicionais, correspondentes as capacidades de desenvolvimento militar russo tanto no que Fridman (2018) chama de “*hardware*” (capacidades militares físicas) e “*software*” (doutrinas e conceitos que são produtos do pensamento militar russo). Na segunda esfera, preocupa-se em compreender o uso de meios não-militares pelos russos o que levou ao a aplicabilidade de novos conceitos como o de Guerra de Informação e Guerra Cibernética aos atos conduzidos pela Rússia durante a Crise Ucraniana. (FRIDMAN, 2018).

Outro tema pertinente trazido por Fridman (2018) em sua obra refere-se à politização da GH russa. Esse debate foi rapidamente mencionado no primeiro capítulo, e torna-se necessário um maior aprofundamento nessa questão, visto que a politização da GH tem sido utilizada por ambos os países (Rússia e EUA) no sentido de condenar as ações dos dois países em suas respectivas atuações na Ucrânia. Fridman (2018) traz essa questão à tona e aponta que o mesmo tem sido guiado por três grupos diferente, sendo eles: a OTAN e principalmente os países membros da aliança que vivem na parte Oriental da Europa. O segundo grupo é composto por acadêmicos e por último, o terceiro grupo, composto por diversos grupos políticos ocidentais. Por se tratar de uma abordagem que não se encaixava em nenhum dos conceitos já elaborados pelo Ocidente para descrever os conflitos contemporâneos, o quebra-cabeça se tornou rapidamente uma questão política, na qual esses diferentes grupos se engajaram em diferentes agendas e repercutiram na politização do conceito da GH russa.

Diante desse fato, uma das instituições que mais protagonizaram a politização do discurso de GH russa foi a OTAN, principalmente seus membros do Leste europeu. Isso foi devido a alguns fatores que estavam desafiando a manutenção da Aliança no período pós-Guerra Fria. A dissolução do principal adversário da OTAN no período da Guerra em 1991,

trouxe à tona diversos debates sobre a função e a identidade da instituição. Mesmo tendo se envolvido em alguns conflitos contemporâneos, como é o caso do Afeganistão e da Guerra contra o Terror, o que ajudou apenas a Aliança a encontrar uma nova função, mas não obteve sucesso em construir sua identidade e seus novos valores. Ao contrário de fortalecer, a Guerra ao Terror agravou a crise indenitária da OTAN, visto que esse conflito não se encaixava nos valores que a própria organização havia adquirido no momento de sua formação. Em relação a identidade da Aliança, a Guerra ao Terror também foi bastante prejudicial, visto que muitos dos novos membros da organização que participaram da Guerra ao Terror não pertenciam ao Ocidente e alguns não compartilhava dos mesmos valores ocidentais. Fora isso, os anos 2000 foram marcados por diversas crises econômicas que também ameaçaram a estabilidade da OTAN. Dessa maneira, o retorno da “ameaça russa” mostrou-se conveniente para a Aliança. (FRIDMAN, 2018)

Russia has shown with its actions that it is a serious security threat: “Estonian defense minister Jüri Luik said during a panel discussion on Baltics and Black sea security during OTAN engages event in London on December 3 [2019]. “For Lithuania, [Russia] is the only external existential threat we have,” added Lithuanian defense minister Raimundas Karoblis. While Macron has a legitimate concern in preventing terrorism in Europe, Luik argued that unlike terrorism: “Russia is the existential threat” because “it is a national state.” OTAN, he added, is “the only organization that can viably” deter Russian aggression against its neighbors (WEMER, 2019, site).

Segundo Duffield (2014), a “ameaça russa” é um dos fatores mais importantes que ajudaram a Aliança a reforçar sua relevância. A narrativa da ameaça da GH russa ao Ocidente serviu os interesses da OTAN em três aspectos: primeiramente, o retorno do uso do conceito de GH forçou os membros da aliança a investir em diversas atividades que recaem fora dos tradicionais desafios militares. Em segundo lugar, contribuiu para fortalecer a identidade da instituição como o principal defensor dos valores ocidentais (democracia, liberalismo); por último, o ressurgimento da ameaça russa tem sido fortemente enfatizado pelos políticos e especialistas militares dos países do Leste Europeus que são membros da aliança. Além de exaltar o medo que possuem do poderoso país vizinho, clamando pela ajuda das potências ocidentais, esses membros da OTAN no Leste Europeu viram na politização da GH russo uma oportunidade de ganhar uma proteção adicional das potências aliadas e também de ter acesso ao suporte financeiro e militar da instituição. (FRIDMAN, 2018)

O segundo grupo que se beneficiou e foi vital para a politização da ameaça da GH russa foram os próprios acadêmicos. Diversas análises, pesquisas e comentários sobre a GH em si e a sua prática pelos russos cresceram em número de produção nos anos seguintes a 2014.

Independentemente do tipo de pesquisa produzida, a comunidade acadêmica contribuiu para a politização do tema ao mantê-la no centro dos principais debates sobre segurança no ocidente. O último grupo beneficiado fora os políticos e organizações políticas ocidentais. A narrativa da ameaça russa aos valores e a segurança ocidental (principalmente em relação a capacidade da ex-potência soviética de influenciar em assuntos domésticos de outros países) foi utilizada por diversos grupos políticos com propósitos políticos. Como foi o caso do Brexit, no qual a Rússia foi acusada de influenciar o referendun em 2016. Na Alemanha, a Rússia foi acusada de também interferir nas eleições do país em 2017. Nos EUA, a Rússia foi mais uma vez acusada de prejudicar a candidata do Partido Democrata Hilary Clinton, assegurando a chegada de Donald Trump no poder. Em alguns jornais já se pode perceber uma forte preocupação com as eleições dos EUA em 2020, de uma outra atividade russa para interferir no processo eleitoral do país. (FRIDMAN, 2018; RODGERS, 2018; TAYLOR, 2019; SHUSTER, 2017; STELZENMÜLLER, 2017; HEAVEY, 2019; ROSENBERG, PERIROTH, SANGER, 2020)

Mesmo apontando que a GH é um conceito utilizado pela Rússia na crise ucraniana (ponto de vista e narrativa ocidental), há uma relevante literatura que se dedica a descrever a GH empregada pelos EUA também na Ucrânia.

CAPÍTULO 4: A GIBRIDNAYA VOYNA EM AÇÃO: A ATUAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS NO CONFLITO UCRANIANO

Esse capítulo busca tratar das relações entre os Estados Unidos e a Ucrânia, com a intenção de identificar pontos que contribuam para o entendimento dos motivos da participação dos EUA no conflito, e também para entender os mecanismos pelos quais o país foi capaz de interferir nos eventos que se sucederam na Ucrânia. É importante esclarecer que as atividades estadunidenses nesse conflito serão analisadas sob a perspectiva da guerra híbrida no pensamento militar russo, ou seja, no que a Rússia entende como Gibrinaya Voyna. De maneira resumida, o capítulo observa a participação dos EUA no conflito ucraniano sob as lentes da Gibrinaya Voyna. Cabe também ressaltar que o conceito de GV contempla como uma de suas ferramentas as Revoluções Coloridas, e por isso esse capítulo realça eventos que antecedem o marco temporal estipulado pelo trabalho que seria entre 2014-2015.

4.1 RELAÇÕES ENTRE ESTADOS UNIDOS E UCRÂNIA NO PERÍODO PÓS-GUERRA FRIA

O colapso soviético pôs fim as cinco décadas de Guerra Fria, na qual desafiou os Estados Unidos e o Ocidente em seus aspectos militares, políticos, econômicos e ideológicos. Em relação a Washington, Steven Pifer (2017) indica que houve certa dificuldade e lentidão dos oficiais estadunidenses de reconhecer o processo de colapso da URSS em 1991. Ao final de dezembro do 1991, o governo norte-americano percebe que não há como prolongar a vida da União Soviética e passa a dar início ao estabelecimento de relações com cada um dos onze novos Estados Independentes.

Dos novos Estados Independentes que conquistaram maior atenção do governo norte-americano, foi primeiramente a Rússia e logo em seguida a Ucrânia, essa na qual possuía a segunda maior população (aproximadamente 52 milhões de pessoas) do antigo espaço soviético. Por apresentar uma das maiores fronteiras dentro do continente europeu, localizada próximo as nações da Europa Central, os rumos da Ucrânia se tornaram algo de grande impacto para os governos ocidentais e até mesmo daria o contorno das relações entre o ocidente e a Rússia no período pós-soviético.

How Ukraine developed would have a big impact on the U.S. goal, dating back to the George H. W. Bush administration, of building a Europe whole, free, and at peace. How Ukraine developed was also bound to have an impact on how Russia evolved in the post-Cold War and post-Soviet world (PIFER, 2017, p. 2).

Dessa maneira se intensifica o debate sobre como o governo norte-americano iria abordar os novos Estados independentes e qual seria a sua política em relação a eles. Vale ressaltar que o presidente George W. H. Bush estava reticente em relação ao colapso soviético, e muitas vezes se mostrou propenso a dar suporte ao líder soviético Gorbachev. O clima de confusão deu lugar para o debate, no qual os oficiais da Casa Branca, incluindo o secretário de Defesa Dick Cheney, descreveram alguns dos possíveis cenários que poderiam ocorrer com o desmantelamento da ordem soviética.

They [officials of the Defense Department] believed Gorbachev's authority was ebbing, favored engaging Yeltsin, and regarded an independent Ukraine as a positive development, one that could serve as a check on Russian power. Some even seemed open to the idea of a nuclear-armed Ukraine, the better to serve as a block on possible Russian ambitions (PIFER, 2017, p. 13).

Alguns outros oficiais da Casa Branca, como o Secretário de Estado James Baker, esperavam que a queda do poder soviético poderia acarretar em eventos violentos entre as ex-repúblicas soviéticas (seguindo o padrão dos conflitos na Iugoslávia), visto que muitas das armas nucleares soviéticas estavam espalhadas entre as repúblicas vizinhas. De maneira resumida: “a breakup of Soviet Union, moreover, could push any conventional military threat 600 miles back from OTAN territory”. (PIFER, 2017, p. 13).

O governo dos EUA mantinha um foco relativamente maior na Ucrânia, visto que até mesmo antes do colapso soviético já havia tentado abrir um consulado em Kiev duas vezes. Essas tentativas foram frustradas, primeiro em 1979 diante da invasão soviética ao Afeganistão, e em 1986 com a explosão de Chernobyl que ficava a aproximadamente 100 Km de Kiev. Em fevereiro de 1991, o governo dos EUA estabeleceu um Consulado Geral na capital ucraniana, com a missão de emitir relatórios a respeito dos eventos no país, além de “encorajar” o governo ucraniano a realizar reformas políticas e econômicas. A primeira seria em relação a democracia e o segundo em relação a economia de mercado. Vale ressaltar que os oficiais encarregados do consulado em Kiev foram instruídos a não realizar declarações ou atitudes que pudessem encorajar a população ucraniana à independência, mesmo que em seus relatórios constassem um crescente sentimento popular em direção a separação e a independência da Ucrânia do Bloco Soviético. (PIFER, 2017).

Em julho de 1991, o presidente Bush visitou Kiev após sua viagem a União Soviética. Kravchuk, que anteriormente era o porta-voz do parlamento ucraniano (RADA) e também o líder da República Socialista Ucraniana, e na época tinha se tornado o líder da nova Ucrânia,

agora independente. Nesta reunião, Bush indicou uma abertura para a novas relações entre os EUA e a Ucrânia, deixando claro também o respeito por Moscou, como descreve Pifer (2017, p. 15): “Bush said he saw a new opening for relations between the United States and Ukraine, though he added that Washington would “deal officially with the center [Moscow]”. Mesmo com esse pensamento, Bush enfatizou que haveriam negociações e relações diretas com a Ucrânia e com as outras repúblicas. Vale ressaltar que Moscou, receosa do desenvolvimento de relações independentes entre Kiev e Washington, tentou persuadir o governo norte-americano a não realizar a visita a Kiev, não obtendo sucesso. Em seguida, o Vice-presidente soviético, Gennady Yanayev, foi enviado por Moscou para participar das reuniões entre Kravchuk e Bush em Kiev. (PIFER, 2017).

Temendo uma ruptura violenta do bloco soviético, e no que esse evento poderia implicar para os interesses e a segurança dos EUA (principalmente em relação as armas nucleares espalhadas entre as repúblicas soviéticas), resultou em um discurso moderado do presidente americano Bush no RADA. Esse discurso ficou posteriormente conhecido como “Chicken Kiev” speech e não agradou os parlamentares ucranianos nacionalistas. Como descreve Pifer:

While expressing support for “the struggle in this great country for democracy and economic reform”, Bush dismissed as a “false choice” having to pick between “supporting President Gorbachev and supporting independence-minded leaders throughout the URSS”. He warned: “Americans will not support those who seek independence in order to replace a far-off tyranny with a local despotism. They will not aid those who promote suicidal nationalism based upon ethnic hatred” (PIFER, 2017, p. 16).

O governo estadunidense se manteve cauteloso pois não estavam totalmente convencidos do rumo que Gorbachev estava tomando sob a liderança soviética. De qualquer forma, Kiev era vista como portadora de um papel central capaz de mudar os rumos do bloco soviético. Para os oficiais da Casa Branca, se a ucrânia realmente fosse dar continuidade ao processo de independência, daria o impulso para as outras repúblicas tomarem a mesma iniciativa, o que levaria ao fim do Bloco Soviético. Entretanto, se a Ucrânia decidisse por permanecer, a União Soviética ainda teria chance de sobreviver. O que vale deixar claro é que o governo americano optou por não interferir de forma direta no desenrolar dos eventos, com exceção do movimento de independência da Estônia, Lituânia e da Letônia, na qual Bush encorajou o presidente soviético Gorbachev a reconhecer a independência das novas repúblicas. (PIFER, 2017).

Com a aproximação do referendun de 1 de dezembro o consulado americano em Kiev já trazia relatórios que apontavam para uma tendência dos ucranianos em direção ao voto pela independência do país. Houve também uma grande movimentação da comunidade ucraniana nos EUA, que organizaram petições e cartas pedindo ao governo norte-americano o suporte necessário para reconhecer diplomaticamente a independência da Ucrânia. Mesmo ciente da inclinação ucraniana para a independência, Bush continuava cético ao fim da União Soviética, e por isso buscou realizar discursos e políticas equilibradas. O referendun de 1 de dezembro contava com a declaração de independência feita pelo RADA em 24 de agosto de 1991. Ao votar pela independência, o cidadão ucraniano também concordava com a indicação de Kravchuk como presidente do país. Como resultado, 90 % dos ucranianos votaram a favor da declaração de independência, com a participação de aproximadamente 80% do eleitorado do país. Diante dos resultados ficou cada vez mais difícil da Casa Branca se manter ao lado de Gorbachev, porém havia um forte receio com o desenrolar dos próximos eventos. No dia 8 de dezembro, Kravchuk, Yeltsin e Shushkevich (Bielorrússia), se reuniram e anunciaram a dissolução da União Soviética. (PIFER, 2017).

Pifer (2017), aponta alguns aspectos que o fim do bloco soviético trouxe em relação a configuração internacional. Primeiro, a Federação Russa permaneceu no Conselho de Segurança das Nações Unidas, ocupando o assento de membro permanente que antes era ocupado pela URSS. Além disso, o governo dos EUA lançou aquilo que seriam as linhas gerais que deveriam ser seguidas pelos novos países independentes se os mesmos desejassem ser reconhecidos. Seriam eles: respeito as fronteiras, autodeterminação, suporte a democracia, garantia dos direitos humanos e o respeito as leis internacionais. No natal de 1991, Bush anunciou ao povo americano o reconhecimento da Rússia, da Ucrânia e das outras novas repúblicas.

Tendo reconhecido as novas repúblicas, o governo norte-americano se voltou para acelerar as missões que instalariam embaixadas nos novos países, no caso da Ucrânia, o governo dos EUA já havia estabelecido um consulado em um local bem centralizado na capital, Kiev. Ao mesmo tempo, o governo ucraniano concedeu outro edificio para o estabelecimento de uma embaixada russa, dessa vez um pouco mais distante da área central. (PIFER, 2017).

Segundo Prescott (2006), a real influência dos EUA na Ucrânia se iniciou em 1991, quando o a nova república independente começou a desenhar a sua primeira constituição. Como afirma a autora, constituições não surgem “do nada”, mas sim de um processo que inclui a análise das experiências de outras constituições.

When several countries in the same region are engaged in the constitution drafting process, they look to the experiences of the others states which are transforming their own systems. Constitutions do not develop in a political vacuum and countries borrow from each other particularly heavily during transitory periods. While drafters draw upon the experiences of countries with similar histories, they also look to well-tested constitutional models and attempt to rebuild them in the context of their own geopolitical circumstances (LUDWIKOWSKI, 2014, p. 4).

Como continua Prescott (2006), não foi só na constituição que os EUA tiveram a oportunidade de influenciar a Ucrânia: um número substancial de recursos fora direcionado pelo governo dos EUA e por algumas organizações não-governamentais com o objetivo de melhorar o sistema judiciário e o processo eleitoral ucraniano. (PRESCOTT, 2006, p. 233-234). A influência norte-americana na construção da constituição ucraniana teve grande influência nos eventos que se sucederam em 2004 com a Revolução Laranja, que será melhor detalhada ao longo deste tópico.

Os primeiros anos de relação EUA-Ucrânia foram marcados pela questão nuclear. O foco norte-americano girava em torno de eliminar as armas nucleares soviéticas que se encontravam no território ucraniano. Ao se tornar independente a Ucrânia herdou diversas armas nucleares e passou a ser o terceiro país com o maior arsenal nuclear do mundo. Como indica Budjeryn:

Ukraine had inherited from the Soviet Union: 1,240 nuclear warheads arming 176 intercontinental ballistic missiles (ICBMs) including their extensive launch control infrastructure, 700 nuclear cruise missiles arming 44 strategic bombers, and nearly 3,000 tactical nuclear weapons, including artillery shells, gravity bombs, and mines (BUDJERYN, 2018, site).

Embora compreendesse a importância da questão das armas nucleares, haviam outros pontos em que Kiev desejava maior ou igual atenção. A agenda bilateral que estava estritamente focada em resolver o impasse nuclear, tinha deixado questões relevantes em segundo plano, como a econômica, principalmente as reformas e abertura de mercado, além da saída da Ucrânia da zona do Rublo e da dívida externa que o país possuía com a Rússia. Observou-se também um impasse em relação ao gás natural, essencial para o povo ucraniano. Ainda no ano de 1992, Kiev informou que iria cortar o fornecimento de alimento para as outras repúblicas soviéticas, podendo causar uma crise humanitária. Em resposta, a Casa Branca organizou um evento para arrecadar doações para minimizar os efeitos da crise. (PIFER, 2017).

Neste mesmo período as relações entre Kiev e Moscou se acirraram, fazendo crescer a demanda por apoio político de Kiev para Washington. Em diversas ligações a Casa Branca, o presidente ucraniano Kravchuk relatou a sua preocupação com o governo Russo, que estava postergando o reconhecimento da independência da Ucrânia, assim como havia retomado a discussão sobre o status da Crimeia, na qual tinha feito um referendun em 1992 e se declarado independente da Ucrânia. Kravchuk declarou o referendun inconstitucional, chegando até a acusar o país vizinho de ter estimulado o movimento separatista que culminou no referendun. Por mais que a preocupação do líder ucraniano em relação a Rússia fosse acompanhada pelo governo norte-americano, não houve uma devida atenção. Visto que o foco da Casa Branca estava direcionado a resolução da questão nuclear. (PIFER, 2017)

Above and beyond the nuclear weapons issue, the Ukrainian government faced a series of challenges in dealing with its large neighbor. [...] The breakup was difficult for many Russians to accept. As a senior Russian foreign ministry official remarked to me in 1994: "In my head, I understand that Ukraine is an independent country; in my heart, it will take time [...] Moscow, felt the loss of Ukraine far more painfully than the loss of the loss of the other republics (PIFER, 2017, p. 29).

Pifer (2017) aponta que tanto sob a administração de Bush quanto de Clinton, o ponto de vista em relação a Crimeia era semelhante, ambos interpretavam que a Crimeia pertencia a Ucrânia. Até mesmo o presidente russo Boris Yeltsin aceitava esse ponto de vista, porém, essa ideia não era compartilhada por todos os membros do governo russo, principalmente pelo seu parlamento (DUMA).

A constante ênfase do governo norte-americano em solucionar a questão das armas nucleares terminou por atrasar o processo de transferência do arsenal para Moscou. Como indica Pifer (2017), os líderes ucranianos viram que possuíam em mãos um arsenal de "alto valor" e com isso uma possibilidade de barganha, o que terminou tornando lenta as negociações entre a Ucrânia e a Rússia. Diante desta lentidão, Washington deu início a formação de um acordo trilateral (composto por Rússia, EUA e Ucrânia), o que terminou por remover todo o arsenal nuclear do território ucraniano. É importante ressaltar que para realizar a transferência do arsenal nuclear, Kiev requereu algumas garantias como:

The Ukrainians raised security guarantees with Bush administration officials in 1992, suggesting that Ukraine receive a OTAN Article 5-type guarantee. (Article 5 of the 1949 Washington Treaty, which established OTAN, states: "The Parties agree that an armed attack against one or more of them in Europe or North America shall be considered an attack against them all, and consequently they agree that, if such an armed attack occurs, each of them... will assist the Party or Parties so attacked"). Such a guarantee would have committed U.S. military forces to Ukraine's defense (PIFER, 2017, p. 48-49).

Além de demandar uma garantia de segurança por parte dos Estados que possuem armas nucleares, a Ucrânia também insistiu para ter assistência técnica no desmonte das armas, além de uma compensação financeira referente aos custos da transferência do material nuclear e de outros materiais para a Rússia. (RIABCHUK, 2009, p. 98).

Atualmente a questão do repasse das armas nucleares ao país vizinho voltou ao centro do debate. Após a investida russa que resultou na anexação da Crimeia, muitos ucranianos, inclusive acadêmicos, demonstraram um certo ressentimento na entrega dessas armas. (RIABCHUK, 2009, p. 104),

Seguindo esse raciocínio, o parlamentar ucraniano Pavlo Ryzanenko, em declaração a um jornal norte-americano, disse: “now there’s a strong sentiment in Ukraine that we made a big mistake. Nuclear weapons may make the world nervous, but foreign troops rarely pay unannounced visits to nuclear states”. (MYRE, 2014, site)

Ukraine planned to keep its nuclear weapons. But, at the insistence of the two strongest powers in the world – Russia and the United States – Ukraine agree to give up their nukes in exchange for perpetual guarantees of sovereignty and territorial integrity (FLEETWOOD, 2017, site).

Como citado acima, Riabchuk (2009) também indica que a escolha de permanecer com o arsenal nuclear era de certa forma inviável para Kiev, visto que os custos políticos que o recente Estado independente iria enfrentar a completa exclusão da comunidade internacional, onde o país não poderia mais contar com os benefícios gerados pelas parcerias e pelas cooperações provenientes dos membros internacionais. Podendo por exemplo, sofrer sanções econômicas e não conseguir investimentos para a modernização do país (RIABCHUK, 2009, p. 105; PIFER, 2017, p. 75).

Com o impasse das armas nucleares resolvido, a agenda bilateral EUA-Ucrânia poderia dar maior enfoque em outras questões, política, econômica e também de segurança. Em relação ao campo econômico, o governo norte-americano não poupou esforços para estimular o governo ucraniano a dar continuidade as reformas econômicas, principalmente em relação a abertura do mercado. Ainda em relação a economia, um aspecto que a Casa Branca deixou evidente, foi o descontentamento a respeito da corrupção. A corrupção se tornara algo crônico na Ucrânia, segundo Pifer (2017), a corrupção era vista como uma herança do mundo soviético e permeava diversos setores tanto da economia, quanto no governo (parlamento, sistema judiciário) e na sociedade (tráfico humano e escândalos referentes a universitários que pagam

para ingressar ou ser aprovado em uma disciplina). Na esfera política, a Casa Branca também passou a estimular o governo ucraniano em direção as reformas políticas.

No campo da segurança, as tensões com a Rússia haviam se tornado mais complexas, girando em torno do controle de Sebastopol e da Frota do Mar Negro. Diante desse impasse, sugeriu-se que Washington deveria participar das negociações entre Kiev e Moscou referentes a transferência do arsenal nuclear ucraniano para o território russo, visto que houve sucesso nas negociações trilaterais entre esses três países. Como reflete Pifer (2017), Washington poderia oferecer sua experiência para ajudar Kiev e Moscou nas negociações, visto que os EUA possui bases milhares em diversos locais do mundo, ele acumulou certas habilidades para negociar acordos que respeitassem a soberania da nação anfitriã, e que permitisse a flexibilidade operacional necessária para os seus navios de guerra. (PIFER, 2017, p. 62).

A proposta foi bem recebida pelo governo de Kiev, porém, Moscou deixou claro que o caso do arsenal nuclear foi um “caso único”, e que não iria se repetir. Dessa maneira, a Rússia optou por descartar a ajuda de Washington para resolução da questão da FMN e também de qualquer outro problema que compreenda a agenda Rússia-Ucrânia, o desenrolar desta questão já foi desenvolvido no capítulo anterior. (PIFER, 2017).

Durante o governo Clinton-Kuchma também se desenvolveram discursões sobre o início das relações entre a Ucrânia e a OTAN. A posição de Washington é de forte apoio à parceria entre Kiev e a Aliança. Nesse mesmo momento a OTAN também estaria dialogando com Moscou, fazendo com que muitos oficiais da Casa Branca e da Aliança acreditassem que as relações Rússia-OTAN e Ucrânia-OTAN pudessem trazer mudanças positivas, até mesmo entre os dois países vizinhos. Como ressalta Pifer (2017), nesse período Washington moveu-se para além do questionamento de que a Aliança deveria ou não se expandir, passou-se então a questionar “quando” e “quão” rápido o processo de expansão deveria ser. Esse movimento de expansão deixou a Rússia descontente, deixando Kiev ainda mais insegura quanto a sua vizinha. Como declarou o Ministro das Relações Exteriores da Ucrânia em visita a Washington, havia uma certa inquietação em Kiev a respeito da visão norte-americana sobre o país. A Ucrânia não desejava ser reconhecida como uma “terra sem dono”, ou uma “gray zone of insecurity”. Segundo Pifer, o Ministro ucraniano “made clear that the notion of being a buffer state had no appeal for Kiev”. (PIFER, 2017, p. 92).

Para amenizar a inquietação de Moscou, o governo dos EUA optara por expandir os seis links bilaterais com Kiev, e passou também a estimular os países membros da OTAN a realizarem o mesmo, ou seja, aprofundar os laços com Kiev. Em relação a própria aliança,

oficiais dos EUA também encorajaram o organismo de segurança a aprofundar suas relações com a Ucrânia, e o programa “Partnership for Peace” deu início a aproximação entre Kiev e a OTAN.

A web of connections between the West and Ukraine had begun to take form, including Ukraine’s expanding bilateral ties with countries such as Poland and the United Kingdom, and its link with the European Union, with which Ukraine had conclude a partnership and cooperation agreement. Washington hoped that this growing set of links would give Kiev confidence that it had a strong anchor in the West (PIFER, 2017, p. 94).

Por parte da Casa Branca havia um certo receio da expansão da OTAN para os países vizinhos a Rússia. Oficiais em Kiev temiam que a expansão pudesse deixá-los isolados, a depender da reação de Moscou. Como refletiu um embaixador ucraniano, a ampliação da OTAN pode aumentar a pressão de Moscou em Kiev, forçando-a a se manter sob a esfera de influência russa. Dessa forma, o governo Clinton buscou tomar cuidado com o processo de expansão da Aliança com o objetivo de evitar o surgimento de duas esferas de influência a competir no mesmo espaço. (PIFER, 2017, p. 93).

A atuação norte-americana e a expansão da OTAN têm levantado certo debate e polêmica. Mesmo que Pifer (2017) aponte diversas medidas de precaução tomadas pela aliança e pelo governo dos EUA para amenizar a desconfiança de Moscou, essas atitudes se mostraram ineficientes e levaram a uma forte reação por parte do Kremlin, principalmente em relação a Ucrânia.

Como reflete Mearsheimer (2014), desde o primeiro round de ampliação da OTAN, Moscou vem deixando claro que não poderia aceitar tal proximidade. Como declarou um ministro russo, a participação da Geórgia e da Ucrânia na aliança é um grande erro estratégico que trará serias consequências para a segurança europeia. Essa perspectiva ganhou maior evidência no documento de Doutrina Militar Russo de 2014, onde é reforçado a ideia de que o avanço da OTAN seria interpretado pela Federação Russa como uma ameaça militar⁵³.

Em 2008, na terceira rodada da ampliação da Aliança, desta vez direcionada a Geórgia e a Ucrânia, foi interpretada por Putin como uma “ameaça direta” a Rússia. Pode-se indagar o motivo pelo qual a Rússia não tenha reagido ao primeiro e segundo round de ampliação, e para

⁵³ “12. The main external military risks are: a) build-up of the power potential of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) and vesting NATO with global functions carried out in violation of the rules of international law, bringing the military infrastructure of NATO member countries near the borders of the Russian Federation, including by further expansion of the alliance.”(RUSSIAN MILITARY DOCTRINE, 2014)

isso Mearsheimer aponta dois motivos: o primeiro motivo é à respeito dos outros membros do leste europeu que aderiram a Aliança na primeira e na segunda rodada, nenhum deles dividiam fronteira com a Federação russa; o segundo motivo é que para o autor a Rússia se encontrava muito fraca naquele momento, sendo incapaz de atrapalhar o movimento da OTAN para o leste. (MEARSHEIMER, 2014, p. 78).

Mesmo com toda a preocupação de Washington em criar uma dinâmica de competição entre duas esferas de influência no leste europeu, o Ministro das relações exteriores russo Sergey Lavrov acusou o Ocidente de criar tais esferas de influência, visto que a expansão das relações bilaterais entre a UE e os países do leste europeu são vistos por Moscou como uma primeira etapa para a expansão da OTAN. Além da expansão da UE e da ampliação da OTAN, outra ferramenta para afastar Kiev da influência de Moscou foi a promoção dos valores ocidentais, principalmente a democracia. Em resumo, para Mearsheimer essa tríade (expansão da UE, alargamento da OTAN e a promoção da democracia) de ações “added fuel to a fire waiting to ignite”. (MEARSHEIMER, 2014, p. 80).

Segundo o autor, não houve falta de aviso de Moscou:

Russian leaders have told their Western counterparts on many occasions that they consider OTAN expansion into Georgia and Ukraine unacceptable, along with any effort to turn those countries against Russia – a message that the 2008 Russian-Georgian war also made crystal clear (MAERSHEIMER, 2014, p. 82).

Após a anexação da Crimeia em 2014, muitos políticos do Ocidente buscaram deslegitimar as ações de Moscou, muitas vezes descrevendo o líder russo como irracional, porém Mearsheimer (2017) afirma não haver nada de irracional em Putin, e que sua resposta à investida ocidental foi de natureza defensiva e não ofensiva, como foi descrito pela narrativa ocidental. De forma resumida, o autor termina indicando que os EUA e seus aliados foram os responsáveis pela crise no país ucraniano.

Outro ponto relevante nas relações EUA-Ucrânia ocorreu durante as eleições presidenciais ucranianas em (2004-2005). A atuação norte-americana nos eventos que ocorreram após o resultado das eleições é apontada por autores como Korybko, sendo o início da campanha de GH encabeçada pelos EUA.

4.2 GUERRA HÍBRIDA ESTADUNIDENSE

Como vimos nos capítulos anteriores, há uma diferença notável entre os modelos convencionais e irregulares de guerra. Como Sugere Batyuk (2017), podemos dividir de maneira simples os tipos de guerra, especificamente em dois tipos: o primeiro tipo, o autor chama de Grande Guerra, na qual é formada a partir do conflito entre duas grandes potências pela hegemonia no sistema internacional; o segundo tipo de guerra, é identificado pelo autor como as Guerras Locais, onde grandes potências são desafiadas na maioria das vezes por atores não-estatais.

Muitas vezes as grandes potências militares aparentam não estarem preparadas para um combate a nível local, obrigando-as muitas vezes a mudar de estratégia, de tática e até mesmo o tipo de armamento para não sofrer uma derrota (bons exemplos desses eventos foram a guerra russa contra o Cáucaso, ou a guerra dos EUA na Indochina). Como também já vimos no primeiro capítulo, as guerras do tipo não-convencionais (irregulares ou locais) vêm crescendo em número de ocorrência, e como reflete Batyuk (2017), a falta de preparo para esse tipo de conflito se tornou um problema real para as forças armadas norte-americanas depois da Guerra Fria. Segundo Batyuk (2017), essa experiência mostrou que a “máquina militar mais poderosa do mundo” não estava suficientemente adaptada para esse “novo” tipo de guerra (guerras locais, onde os principais inimigos são grupos terroristas, ou milícias). (BATYUK, 2017, p. 465).

Isso se deu por diferentes motivos, e podemos encontrar alguns deles ao analisarmos o debate sobre GH nos EUA de maneira mais detalhada, principalmente através de um olhar mais próximo do trabalho do Coronel Frank Hoffman. Pois assim como o conceito de GH abrange uma mistura de outros modelos de guerras já previstos pelos estudiosos, podemos argumentar que o conceito de GH descrito por Hoffman, nada mais é que uma junção de ideias e teorias sobre guerra que foram desenvolvidas entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000. Essas teorias foram expostas no primeiro capítulo deste trabalho, sendo elas utilizadas para apresentar a base sob a qual o conceito de GH se sustenta. Segundo Fridman (2018), Hoffman e sua teoria de GH são construídas a partir da combinação de observações de outros autores, observações a respeito da configuração das guerras modernas. Como o próprio autor aponta sobre o conceito de GH:

This concept draws upon many schools of thought. From 4GW school, it uses the concept of the blurring nature of conflict and the loss of the State's monopoly of violence. The concepts of omni dimensionality and combinations were crucial ideas adopted from Chinese analysts. From John Arquilla and T.X. Hammes we took in the power of networks. From the proponents of Compound Wars, the concept absorbs the synergistic benefit of mixing conventional levels. From the Australian experts, we

have accepted the growing complexity and disaggregated nature of the operational environment, as well as the opportunistic nature of future adversaries (HOFFMAN, 2007, p. 30).

Segundo Fridman (2018), essa combinação de diferentes escolas de pensamento permitiu Hoffman articular e interconectar dois termos relevantes, o primeiro termo seria o de Guerra Híbrida, no qual incorpora um grupo de diferentes modelos de combate (convencional, táticas irregulares, atos terroristas, violência, coerção, crime e desordem). O segundo termo criado por Hoffman foi o de ameaça híbrida, no qual pode ser definida como: qualquer adversário que empregue simultaneamente um conjunto de armas convencionais, táticas irregulares, terrorismo, e práticas criminosas dentro do espaço de batalha para conquistar objetivos políticos. (HOFFMAN, 2010, p. 443).

Além de formalizar esses dois novos termos, Fridman (2018) aponta para outra contribuição de Hoffman, desta vez para os militares responsáveis pelas tomadas de decisão no nível operacional. A teoria de GH pôde ir mais adiante em comparação as teorias que lhe serviram como base, principalmente no sentido prático e operacional.

Unlike the proponents of compound warfare, who limited themselves to historical observations, Hoffman pays much more attention to the conceptual foundations of his theory. Unlike the Chinese officers and their attempt to create an all-encompassing analysis of the changing nature of the human conflict, Hoffman's analysis is restricted to the operational level, making hybrid warfare comprehensive enough to incorporate the big ideas of unrestricted warfare, but also simple enough to be useful to practitioners. Finally, and most importantly, unlike the advocates of 4GW, who offer very little in terms of solutions, Hoffman lays down an explicit list of implications for the US military in terms of force-planning, doctrine and organization, training and education (FRIDMAN, 2018, p. 34).

Dessa maneira, Hoffman foi capaz de fornecer não só um novo conceito baseado em análises de casos históricos (o caso da Segunda Guerra do Líbano em 2006, entre Israel e o Hezbollah) como também construiu uma receita (fórmula) detalhada das adaptações necessárias no aparato militar para a configuração dos conflitos modernos. Vale ressaltar que Hoffman não foi o primeiro autor a perceber esse fenômeno (onde os conflitos modernos são vistos como uma mescla de diferentes modelos de guerra já existentes), porém o autor se tornou bastante popular, principalmente no espaço militar dos EUA. Isso se deu por três principais fatores: 1) o primeiro fator diz que o conceito de GH, diferente dos outros já discutidos no primeiro capítulo, oferece uma aplicabilidade operacional sob uma perspectiva unicamente militar, na qual está diretamente endereçada aos desafios dos conflitos modernos. Nesse sentido, Fridman (2018) concorda que os militares acharam o conceito mais intuitivo, visto que foi projetada para

o uso a nível tático-operacional, ao invés de se tratar de uma grande estratégia na qual envolve elementos políticos, econômicos e culturais (como é o caso da Guerra Irrestrita ou da Guerra de Quarta Geração). (FRIDMAN, 2018, p. 36); 2) outro ponto que garantiu o sucesso do conceito foi a própria posição do autor e seu histórico no espaço militar; o fato de ser um autor por que está “por dentro” da área militar também favoreceu Hoffman, visto que o conceito de GH se espalhou facilmente nos principais artigos e manuscritos do espaço militar; 3) por último, Fridman aponta que ao utilizar a Segunda Guerra do Líbano como um exemplo, colocando o Hezbollah como um exemplo de ameaça híbrida, deu uma boa vantagem ao autor se comparado as teorias antecedentes. Isso se deu principalmente devido ao rico repertório proveniente da experiência vivida pelo exército israelense contra o Hezbollah, visto que este tema já era amplamente debatido nos espaços militares e acadêmicos dos EUA. Como indica Fridman: “the Israeli experience in Lebanon was a ‘hot potato’ among US military scholars for several years after the end of the war, allowing Hoffman to slip his concept into the ongoing debate about the lessons that the US military should learn from this conflict”. (FRIDMAN, 2018, p. 37). Diante disso, podemos dizer que o conceito de GH ganhou bastante popularidade nos círculos militares dos EUA.

Outros autores que se tornaram fundamentais para o desenvolvimento da GH no pensamento militar dos EUA, foram McCulloh e Johnson (2013), juntos eles definiram sete princípios que definem a GH em sua totalidade. O *primeiro princípio* proposto pelos autores diz respeito a composição, as capacidades e os efeitos das forças híbridas que apresentam características únicas e provenientes de um contexto específico. Dessa forma, toda dinâmica da GH depende unicamente do contexto em que ela se encontra. Esse contexto está relacionado as características culturais, econômicas, políticas, sociais, geográficas e históricas, nas quais o conflito se formou. McCulloh e Johnson (2013) por exemplo, puderam notar nos casos estudados (a guerra entre Israel e Hezbollah em 2006, e os soviéticos durante a Segunda Guerra Mundial) que no caso do Líbano, as forças híbridas do Hezbollah só se tornaram possíveis devido ao enfraquecimento do governo central libanês.

O *segundo princípio* se refere a existência de uma ideologia específica como parte essencial da GH, na qual cria uma narrativa interna que possibilita a organização, seja do grupo ou até mesmo de uma sociedade. Como descreve os autores, “essa ideologia está inerentemente ligada ao contexto estratégico, onde se encontra fundamentada nos aspectos socioculturais e da identidade religiosa dessas forças híbridas”. (MCCULLOH; JOHNSON, 2013, p. 16). Como reflete Fridman (2018), os dois autores mencionados acima enfatizaram a importância da ideologia, tanto para a manutenção do status organizacional da Revolução Islâmica Iraniana

como uma milícia anti-israelense, quanto para a ideologia comunista que permitiu construir uma rede de partidários disponíveis para dar suporte aos interesses do Estado Soviético. (FRIDMAN, 2018, p. 39).

O *terceiro princípio* que permeia o conceito de GH se dá quando forças híbridas percebem um potencial ameaça de um adversário, essa ameaça direciona as forças híbridas a reagirem de forma a abandonar as estratégias e táticas tradicionalmente convencionais, passando a buscar apenas a garantia da sua sobrevivência a longo prazo. (MCCULLOH; JOHNSON, 2013). Como destaca Fridman, esse princípio reivindica que ao enfrentar uma real ameaça, essas forças híbridas irão procurar utilizar qualquer método possível para se defender, incluindo práticas terroristas e atividades criminosas capazes de dar suporte a organização. (FRIDMAN, 2018, p. 40).

O *quarto princípio* diz respeito ao caráter assimétrico entre as forças híbridas e o seu adversário. Segundo esse princípio, as forças híbridas possuem uma capacidade militar convencional menor que a dos seus adversários, o que terminam impulsionando essas forças híbridas a buscarem outros métodos e meios para contornar a vantagem militar do oponente. O *quinto princípio* apontado por McCulloh e Johnson (2013) é de que a GH compreende tanto elementos convencionais como irregulares, indo desde tecnologias militares, guerrilhas, táticas terroristas e criminais, criando uma vantagem assimétrica para as forças híbridas. O *sexto princípio* propõe que as organizações híbridas recaiam predominantemente em operações de natureza defensiva, com a intenção de defender sua existência. Por último, o *sétimo princípio* percebido pelos dois autores é de que as forças híbridas geralmente utilizam táticas de atrito em seus adversários, tanto no domínio físico quanto cognitivo. (MCCULLOH; JOHNSON, 2013; FRIDMAN, 2018)

Em resumo, McCulloh e Johnson resumem a teoria de GH como:

Hybrid war theory may be best summarized as a form of warfare in which one of the combatants bases its optimized force structure on the combination of all available resources – both conventional and unconventional – in a unique cultural context to produce specific, synergistic effects against a conventionally-based opponent (MCCULLOH; JOHNSON, 2013, p. 17).

Tanto o trabalho do Hoffman quanto dos autores McCulloh e Johnson se tornaram relevantes na esfera militar norte-americana, visto que ambos registram em seus respectivos trabalhos um caráter operacional, no sentido de definir os aspectos necessários para identificar uma abordagem híbrida. Além de gerar diversas opções demonstrando como uma ameaça

híbrida deve ser derrotada. Os autores basicamente conseguiram organizar um verdadeiro manual da Guerra Híbrida, fator que também contribui para justificar o aparente sucesso do conceito de GH nos discursos militares nos EUA.

Curiosamente Fridman (2018) atribui esse sucesso ao que ele chama de “cultura militar dos EUA”. Como já foi citado anteriormente, há uma certa influência da cultura no modo como os Estados conduzem a guerra. Geografia, interesses e objetivos políticos, economia, história e a cultura militar influenciam a forma como os EUA conduzem seus conflitos. Nesse sentido, podemos dizer que a cultura militar norte-americana apresenta três principais características, responsáveis até por criar uma certa dificuldade de os militares americanos lidarem com adversários não-tradicionais. As características são:

The aggressive and decisive employment of military personnel and firepower to conclude a given conflict as quickly as possible; heavy reliance on state-of-art technology; and the apolitical nature of the traditional US military mind-set, which gives “little regard to the non-military consequences of what they were doing” (FRIDMAN, 2018, p. 42).

De maneira resumida, a cultura militar dos EUA valoriza a prática e a teoria. Segundo Fridman, essas características levam os militares norte-americanos a buscar abordagens pragmáticas, em suas palavras:

The traditional orientation towards quick actions and results, an inherent tendency to grasp the complex-realities of warfare from a purely military point of reference, and a bias towards a techno-centric understanding of warfare have encouraged the US military ‘to fight highly organized, systematic, material, and technologic based wars (FRIDMAN, 2018, p. 43).

Essa característica da cultura militar norte-americana os torna predispostos a simplificar a guerra em um problema que deve ser resolvido de forma rápida através dos meios militares e das ferramentas tecnológicas. Busca-se então modelos e conceitos de guerras mais práticos, e que permita uma resolução simples prática e rápida do conflito.

O autor David Kilcullen foi um dos responsáveis por oferecer uma definição alternativa da GH, retirando o seu aspecto puramente militar do conceito (FRIDMAN, 2018). Segundo o autor, os conflitos atuais são formados através da combinação de novos atores e das novas tecnologias em novos modelos de guerra, contudo, não podemos nos distanciar ou esquecer das antigas ameaças. Pois, estas também estarão presentes no mesmo campo de batalha. Dessa

forma, a GH é vista como um fenômeno que combina diferentes ações militares e não-militares, com o uso da violência direta ou indireta, sendo elas resultado de organizações governamentais ou não-governamentais, cujo objetivo se configura pela conquista da influência interna ou externa. (KILCULLEN, 2009; FRIDMAN, 2018)

Outro grupo responsável por estender o conceito de GH de um modelo puramente tático-operacional para uma compreensão em direção ao nível estratégico, foi a OTAN em 2011. Visto que a Aliança não se configura em uma organização puramente militar, pois apresenta também um forte componente político. O desafio indicado pela organização seria o de identificar os potenciais ameaças híbridas. O que eles descrevem como “the task is to “paint the face on the faceless enemy” and to develop the hybrid threat concept, as well as examine viable and effective strategies to meet hybrid threats”. (AARONSON, et al., 2011, p. 112; COX; BRUSCINO; RYAN, 2012).

No documento, os autores definem ameaças como “the combination of our weakness and the enemy’s intent and strength”. Também abrem alguns questionamentos como: há realmente uma ameaça híbrida, ou é apenas uma nova maneira de observar as ameaças já existentes? Visto que muitas das ameaças que compõe essas “ameaças híbridas” não são novas, mas apenas estão se manifestando em novas formas. Neste documento, a OTAN mostra as ameaças híbridas como um “termo guarda-chuva” (*umbrella term*), no qual compreende uma grande variedade de ações já existentes como terrorismo, migração, corrupção e conflitos étnicos. Porém, por mais que não apresentem novidade em suas características, a OTAN permanece preocupada com a possibilidade de encarar o uso adaptativo e sistemático desses métodos por seus adversários. Dessa maneira, os autores atentam para a necessidade da Aliança de definir e criar mecanismos para conter esse tipo de ameaça. (AARONSON, et al., 2011, p. 115). Dessa forma a OTAN define as ameaças híbridas como:

Hybrid threats are those posed by adversaries, with the ability to simultaneously employ conventional and non-conventional means adaptively in pursuit of their objectives. By not specifying state adversaries, this definition acknowledges both the ambiguity of the enemy and the simultaneous and combined conventional and unconventional nature of the threat itself (AARONSON, et al., 2011, p. 115).

Outra definição mais abrangente do conceito de GH foi constatado pelo *US Joint Command Joint Irregular Warfare Center* (USJFCOM JIWC) também em 2011. Segundo o documento, as abordagens híbridas são aquelas caracterizadas através do uso adaptativo e simultâneo de múltiplas formas de guerra, por meio de uma junção entre os meios militares e não-militares. De forma resumida, a abordagem híbrida é composta por um mix de táticas de

guerrilha, treinamento e disciplina convencional, armamentos de alta tecnologia, terrorismo e atividades criminais. Ao mesmo tempo esse mesmo adversário “multidimensional”, também empregando uma complexa mistura de atividades como diplomacia, interação política, ajuda humanitária, pressão social, desenvolvimento econômico, controle da mídia e força militar. (JIWC, 2011, p. 24).

Segundo Fridman (2018), a transformação do conceito de GH de uma dimensão puramente militar (como foi proposto por Hoffman), para um termo mais abrangente que agrega um conjunto de possibilidades de ameaças e mecanismos militares e não militares, possibilitou a continuidade do debate sobre o tema, como também preparou o terreno para a discussão da GH e o seu link com o evento da Crise Ucraniana em 2014. Nas palavras de Fridman, “a reação do Kremlin à crise ucraniana, não só pegou o Ocidente de surpresa, como também criou um quebra-cabeça conceitual no qual os militares ocidentais estavam dispostos a resolver”. (FRIDMAN, 2018, p. 119).

4.3 GV ESTADUNIDENSE NA UCRÂNIA

“In the year 2000, a strange new political phenomenon emerged in Belgrade, the capital of Serbia in the former Yugoslavia. Although it appeared seemingly out of blue, it signaled a change in the course of US covert warfare. On the Surface, it seemed to be a spontaneous and genuine political ‘movement’. In reality, it was the product of techniques that had been under study and development in the US for decades”.

- Willian Engdahl, 2009

Como vimos no capítulo anterior, Cheknov e Bogdanov, dois teóricos militares russos, haviam argumentado que as ofensivas não-militares (no que podemos chamar de GH no contexto russo) contra a Rússia não havia se encerrado com o fim da Guerra Fria (relembrando que muitos pensadores russos defendem que a queda da URSS foi fruto de uma GH levada a cabo pelos EUA). Para os especialistas russos, a ofensiva americana continua, desta vez apresentando um novo elemento: as Revoluções Coloridas. (FRIDMAN, 2018)

The means of the Cold War have been supplemented by the elements of traditional war, as well as by new forms of influence, such as subversive operations on an enormous scale in the spheres of politics and economics. Elements of the ‘colour revolution’ spread to other regions of the world – the Middle East, the Balkans. There is resolute evidence to believe that humanity has entered a new era of global war, a new type of war (FRIDMAN, 2018, p. 134. apud. CHEKNOV, BOGDANOV, 2017, p. 40).

Uma das contribuições relevantes para o entendimento da GH liderada pelos EUA no leste europeu provém dos estudos do jornalista da Sputnik News e analista político Andrew Korybko. Esse autor defende que a GH estadunidense é composta por dois elementos principais que seriam as Revoluções Coloridas e a Guerra não-convencional. Respectivamente elas compunham o caráter intangível e tangível do que o autor chama de Guerra Híbrida. Por Guerra não-convencional, Korybko entende como uma guerra irregular, ou seja: “qualquer forma não convencional de guerra”, ou seja, são marcadas por táticas de guerrilha, insurreição urbana, sabotagem e terrorismo, e também inclui atores não convencionais como mercenários, forças especiais não vinculadas (diretamente) ao Estado. (KORYBKO, 2018, p. 72).

Ainda segundo Korybko (2018), os EUA apresentam um vasto histórico de envolvimento em campanhas do tipo não-convencional. Durante a Segunda Guerra Mundial, o país atuou de forma indireta em conflitos na Índia, Birmânia e na China. Durante a Guerra Fria a CIA foi acusada de ser responsável pela queda de mais de cinquenta governos nacionais, tendo admitido o sucesso em apenas sete. Nos anos de 1980, a utilização de táticas não-convencionais pelo governo estadunidense se intensificou, sendo evidenciadas em conflitos na Angola, Etiópia, Afeganistão e na Nicarágua. Atualmente, o autor denuncia o uso do método de guerra não-convencional sendo empregado pelos EUA na Ucrânia e na Síria.

A utilização da Guerra não-convencional apresenta algumas vantagens, o que a torna um instrumento atraente para o governo dos EUA para garantir seus objetivos no sistema internacional. Por se tratar de um método de troca de regime indireto, se torna atrativo para os EUA de utilizarem em Estados que não podem ser abordados de forma direta (como foi o caso do Iraque em 2003), seja por motivos políticos, ou militar (como é o caso de países que possuem armas nucleares). Além disso, o caráter indireto implica também no fato de que dificilmente os EUA levariam a culpa pelo conflito em questão, visto que se trata de uma guerra por procuração (*proxy*). Além disso, a contratação ou o apoio a grupos por procuração também se torna mais barato economicamente em comparação com os gastos da manutenção das forças armadas. Quanto aos atores, a partir dos anos de 1990, cresceu o papel dos atores não vinculados ao Estado Nacional. Korybko identifica três dos principais novos atores: os movimentos contra o governo (manifestantes), terroristas e mercenários. (KORYBKO, 2018)

Outro detalhe relevante sobre as guerras não-convencionais e a sua relação com o governo dos EUA é descrita por Korybko (2018). Segundo o autor, a existência do documento conhecido como TC 18-01, também chamado de *Special Forces Unconventional Warfare*

comprova essa relação. Trata-se de um documento de treino elaborado pelo exército dos EUA, esse documento TC 18-01 permitiu “o desenvolvimento sistemático passo a passo da insurreição e tentativa de subversão do governo sírio graças a suas instruções detalhadas acerca de como instigar e organizar um levante armado”. Esse manual de guerra afirma também a possibilidade de duas formas de guerra não-convencional: a primeira seria em um cenário de guerra geral no qual os EUA utilizariam a guerra não-convencional visando preparar o campo de batalha para uma posterior intervenção tradicional, um exemplo disso seria a intervenção norte-americana na Síria. A segunda forma se dá em um cenário de guerra limitada, no qual o governo dos EUA, cientes de suas limitações (econômicas, militares, estratégicas, políticas) vai em busca de pressionar o país adversário em seus vários níveis, até atingir o objetivo da troca de regime político. Um exemplo dessa abordagem seria a da atuação dos EUA na Ucrânia. (KORYBKO, 2018)

Outros fatores relevantes observados por Korybko em seu livro se refere ao processo de preparo para uma guerra não-convencional, as fases que compõem esse tipo de guerra e as variáveis necessárias para obter sucesso na campanha. O processo de preparo para uma campanha não-convencional pode ser dividido em três partes: primeiramente, ao se preparar para um conflito deste tipo, o governo dos EUA realizam um estudo para observar a viabilidade e as chances de sucesso da operação, obtendo um resultado positivo, inicia-se a segunda etapa, onde o os EUA dão início ao processo de suporte aos grupos internos do país alvo. Por fim, dão-se início as atividades de informação, capaz de alavancar o sentimento de insatisfação da população contra o governo do país adversário. Quanto ao sucesso das campanhas não-convencionais, o autor ressalta sete principais variáveis: liderança; ideologia; objetivos; ambiente e geografia (levando em consideração até a geografia social do país alvo); apoio externo; divisão em fases e *timing*⁵⁴; padrões organizacionais e operacionais. Quanto as fases da guerra não convencional, ela pode se dividir em três principais: a fase latente (incipiente), a fase de guerra de guerrilha e por último a fase de guerra de movimento. (KORYBKO, 2018)

A fase latente tem como principal objetivo conquistar o apoio da população do país alvo e por isso é caracterizada pela etapa em que é desenvolvida toda a infraestrutura necessária para dar suporte as lideranças da oposição. A segunda fase refere-se ao da guerra de guerrilha. Nessa etapa Korybko aponta haver o que ele chama de “fagulha” ou um acontecimento catalisador

⁵⁴ “Se o *timing* da revolução colorida (e, por extensão, da guerra não convencional subsequente) não for acertado, todo o empreendimento pode ser provar um fracasso, tal como as tentativas de operação para troca de regime na Bielorrússia e no Uzbequistão acabaram se mostrando. Isso mostra a necessidade de investigar mais fundo o a divisão em fases e o *timing* da guerra não convencional. (KORYBKO, 2018, p. 84).

capaz de desencadear uma reação popular contra o governo. Dentro da teoria de GH definida por Korybko, essa “fagulha” corresponderia a própria revolução colorida (visto que ela configura uma etapa que antecede a campanha de guerra não convencional). É nessa etapa também que se busca enfraquecer o governo deixando-o vulnerável⁵⁵ o que amplia as chances de sucesso da campanha. Para que enfraquecer o governo do Estado alvo, são utilizados diversos métodos como sabotagem, propaganda, ataques contra prédios do governo, guerra de informação entre outros, com o objetivo de preparar o palco para a guerra de movimento. A terceira e última fase da campanha não convencional, a guerra de movimento tem como principal objetivo provocar o colapso do governo inimigo, e a entrada de outra ordem política no poder (ou seja, essa fase tem como objetivo concretizar a troca de regime do país alvo), essa fase seria o “auge” da guerra não convencional, porém, caso impeça a troca de regime político do país alvo nesta terceira fase, volta-se a fase de guerra irregular para que o movimento se fortaleça e caminhe para a derrubada do governo novamente. Vale ressaltar que no caso ucraniano, mais precisamente no período das manifestações da Euromaidan, a campanha de GH está a caminho para a terceira fase, porém está não se configurou, visto que no dia 21 de fevereiro o presidente ucraniano Yanukovich abandonou o cargo, ou seja, nas palavras de Korybko “a tartaruga virou de cabeça para baixo” e o golpe foi concretizado antes mesmo de iniciar a terceira fase da guerra não convencional. (KORYBKO, 2018, p. 86)

O segundo componente do conceito de GH defendido por Korybko são as Revoluções Coloridas. Não só este autor defende que a Federação russa percebe as Revoluções Coloridas como uma ameaça ao país. Autores como Huseynov (2016) ratificam que a Rússia entende as Revoluções Coloridas como um novo tipo de guerra conduzidos pelo ocidente, principalmente pelos EUA. (FRIDMAN, 2018; KORYBKO, 2018; BATYUK, 2017; HUSEYNOV, 2016; BOUCHET, 2016; ZELLER, 2013; BĚRZNA, 2014; ENGD AHL, 2009)

O debate sobre as Revoluções Coloridas pelos militares e especialistas russos tem se intensificado desde os eventos na Sérvia nos anos 2000 (não necessariamente utilizando o conceito de revolução colorida, porém, já havia um entendimento substancial a respeito dessa nova abordagem norte-americana para mudança de regime). Como sugere McDermott (2016) o general Gerasimov tem convocado teóricos militares, especialistas e os principais representantes da indústria de defesa e do governo russo para que de forma conjunta se pudesse

⁵⁵ Korybko cita o exemplo da tartaruga: sabendo que a tartaruga possui um casco forte em suas costas, o animal que deseja mata-lo devera atacar o seu ponto mais fraco, ou seja, deverá virar a tartaruga de cabeça para baixo onde não há uma proteção tão eficiente quanto a sua carapaça.

discutir e desenvolver uma estratégia de “*soft power*” capaz de conter uma potencial ameaça de revolução colorida no país. McDermott aponta que:

Experts supported Gerasimov’s conclusion that in order to counter the possible security threat posed by “color revolution, Russia must form and develop a range of soft power instruments. It was made clear that a “coup” in the color revolution model is regarded by Moscow as a form of hybrid warfare conducted by foreign powers against Russia’s interests (MCDERMOTT, 2016, online).

Visto que a revolução colorida é caracterizada pela Rússia como um componente essencial da abordagem de GH ocidental (McDermott, 2016). Faz-se necessário um debate mais aprofundado a respeito deste método para que possamos entender a essência da GH sob a perspectiva russa.

Podemos dizer que as evidências da “ameaça” das Revoluções Coloridas tem seu início com o debate provocado por William Engdahl (2009) em relação a dominação de espectro total. Esse conceito foi utilizado em um documento lançado pelo Pentágono nos anos 2000. O documento conhecido como *Visão Conjunta: 2020 (Joint Vision: 2020)*. Esse documento determina como principal objetivo ampliar os conceitos estabelecidos na sua publicação anterior (*Joint Vision 2010*), com a intenção de preparar e transformar as forças armadas do país para que possa ser capaz de lidar com as incertezas do futuro. Segundo o document,

The overall goal of the transformation described in this document is the creation of a force that is dominant across the full spectrum of military operations – persuasive in peace, decisive in war, preeminent in any form of conflict. [...] For the joint force future, this goal will be achieved through full spectrum dominance- the ability of US forces, operating unilaterally or in combination with multinational and interagency partners, to defeat any adversary and control any situation across the full range of military operations (SHELTON, 2000, p. 1,6).

Através do contato com o documento (Joint Division, 2020) e do trabalho de Engdahl, Korybko (2018) descreve que a prioridade dos EUA é “obter domínio total nas esferas das Forças Armadas convencionais, das armas nucleares, da retórica de direitos humanos e outras normas, da geopolítica, do espaço e dos meios de comunicação” (KORYBKO, 2018, p. 38). Em relação a GH (entendida como a combinação da revolução colorida com a guerra não convencional), o autor aponta estar encaixada no paradigma da dominação do espectro total, visto que a primeira representa a tentativa de controlar aspectos intangíveis da guerra (sociedade, ideologia, psicologia, informação), já o segundo refere-se a dominação dos aspectos tangíveis da guerra, se aproximando dos objetivos militares tradicionais.

Segundo Baev (2011) uma revolução colorida é definida da seguinte maneira: um protesto em massa ou uma revolta pacífica que visa substituir, através de eleições, o governo atual que representa um regime semidemocrático. (BAEV, 2011, p. 5). Ainda segundo o autor, essa definição enfatiza a natureza política desse tipo de revolução, visto que não almeja nenhuma nova organização da sociedade⁵⁶ e muito menos a distribuição de propriedade. Além disso, Baev sugere também outras duas características desse tipo de evento, a primeira é a sua natureza não-violenta, a segunda é a sua direta ligação com os processos eleitorais. O conteúdo principal das Revoluções Coloridas é a ruptura de um regime autoritário em direção a um sistema político mais democrático.

One by one, these revolutions would then undermine and destroy the dominant pattern of post-Soviet transition, which has produced a variety of “enlightened” patrimonial or outright despotic absolutist regimes, which Fareed Zakaria labeled illiberal democracies (BAEV, 2011, p. 6).

Bērzina (2014) ressalta alguns dos principais pontos em relação ao conceito de revolução colorida. Em primeiro lugar, a autora questiona se realmente a revolução colorida deve mesmo ser descrita como uma “revolução”, visto que o termo revolução se refere a criação de uma nova ordem político-social. Porém, as Revoluções Coloridas permaneceram limitadas apenas a uma troca de poder das elites políticas do país, em um sistema político pré-existente. Em relação as vertentes que buscam explicar o fenômeno das Revoluções Coloridas, Bērzina (2014) identifica duas principais: a primeira explica o fenômeno sob uma perspectiva de conflitos de interesses geopolítico entre o Ocidente e o Oriente no período pós-Guerra Fria. Essa primeira perspectiva tem uma visão negativa e crítica do fenômeno e traz à tona os efeitos da interferência externa nos assuntos de outros Estados independentes. A segunda perspectiva apresenta um enfoque em torno dos movimentos de oposição, tratando por exemplo de identificar os mecanismos que o tornaram mais eficientes em atingir seus objetivos. A segunda vertente observa o fenômeno da revolução colorida de maneira positiva, sendo encarada como o avanço do processo de democratização pelo mundo.

Tomando como base a interpretação da revolução colorida como fruto do conflito de interesses entre o Ocidente e o Oriente, Bērzina (2014) ressalta algumas das principais críticas realizadas sobre o fenômeno. O primeiro se refere a ideia de que a revolução colorida é na

⁵⁶ Baev (2011) aponta que em comparação com as revoluções do século XX (como as que ocorreram na Rússia e na China), as revoluções coloridas apresentam uma ausência de liderança ou organização centralizada, há também um forte protagonismo da classe média urbana.

verdade uma ferramenta ocidental cujo objetivo é expandir e fortalecer a sua influência a nível global. Esse ponto de vista tem como base o fato de que a ideologia que une as diferentes Revoluções Coloridas ocorridas após os anos 2000 é a democracia, no qual configura um dos pilares políticos fundamentais do ocidente. Promovendo seu modelo político, o Ocidente indiretamente vai aumentando a sua capacidade de influência global. É necessário evidenciar que essa perspectiva é amplamente compartilhada por especialistas, acadêmicos e jornalistas ocidentais. Porém, essa visão crítica ocidental é adotada também pelos pensadores e governistas russos.

Outra perspectiva crítica sobre o fenômeno das Revoluções Coloridas se baseia no reconhecimento de que o governo dos EUA apresenta um longo histórico de interferência nos assuntos internos de outros Estados. Como indica Bērzina (2014), muitos dos especialistas que compartilham desta perspectiva utilizam algumas conotações negativas para descrever o fenômeno como “estratégia de desestabilização” ou “intervenção eleitoral”. Embora os que compartilham essa perspectiva crítica entendam a relevância da assistência ocidental para aprofundar a democracia nas ex-repúblicas soviéticas, permanece em seus pensamentos uma certa visão cética, no qual entende que os interesses econômicos e de segurança dos EUA estejam sendo implementados a nível global de maneira disfarçada por meio desses ideais democráticos. O ceticismo sobre as reais intenções da promoção dos ideais democráticos foi fortalecido com a invasão dos EUA no Iraque em 2003, onde pelas fontes oficiais do governo tinha como objetivo desarmar o Iraque das armas nucleares, combater o terrorismo e libertar a população daquele país. Na verdade, o que se pôde evidenciar basicamente foi uma guerra pelo controle de petróleo da região. O que ficou claro é que o ocidente, mais precisamente os EUA, perceberam que a implementação de seus interesses deve ser realizada de maneira oculta, camuflada sob uma ideologia que justifique moralmente a sua intervenção. A utilização de uma ideologia reconhecida e compartilhada por uma grande parcela do globo se torna uma ferramenta vantajosa tanto para justificar a intervenção internacionalmente quanto conquistar o apoio dos diversos grupos domésticos do país alvo que compartilham dos mesmos valores. Como resume Robinson (1996) “*Since democracy is a universal aspiration and the claim to promote it has mass appeal: “democracy promotion” has a crucial ideological dimension*”. (BĒRZINA, 2014, p. 5; ROBINSON, 1996, p. 623).

Outro argumento que desclassifica o movimento das Revoluções Coloridas, no qual constitui como principal foco a democratização do país alvo, se dá na observação do tipo de democracia apresentado nos primeiros momentos após a troca de regime. Na realidade, o que

se percebe após as Revoluções Coloridas é uma troca da elite política do país, e não o estabelecimento de uma democracia popular. Como descreve Robson (1996), o que o governo dos EUA descrevem como “promoção da democracia” na verdade significa a promoção de uma “poliarquia”, segundo o autor: poliarquia se refere ao sistema no qual uma pequena elite controla o governo, a participação da população nos processos decisórios se limita a escolha dessas lideranças através das eleições, que são cuidadosamente “gerenciadas” pelas elites concorrentes. (ROBINSON, 1996, p. 624).

Robinson (1996) esclarece que a definição (ou a redefinição) de democracia sob a perspectiva da poliarquia foi elaborada pela comunidade acadêmica dos EUA, apresentando um forte vínculo com a comunidade política do país no período pós Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, a principal intenção de promover a “poliarquia” é derrubar um governo autoritário (ou semi-autoritário), porém, sem promover mudanças mais fundamentais (como troca de regime político, ou distribuição de propriedade), em suas palavras “polyarchy, as a form of elite rule distinct from authoritarianism and dictatorship, may prove to be a more durable means of social control in an emergent integrated global economy and society.”. (ROBINSON, 1996, p. 626-627)

Diante disso, podemos perceber que a crítica mencionada por Bērzina (2014) encontra suporte pelo fato de que nos países que apresentaram o fenômeno das Revoluções Coloridas e que através dos protestos em massa obtiveram sucesso na mudança de regime (da elite política), não apresentaram progresso democrático significativo.

Como já foi mencionado anteriormente, o fenômeno das Revoluções Coloridas não ocorreu apenas na Ucrânia, diversos outros países da região do leste europeu foram marcados pelas revoluções democráticas a partir dos anos 2000. Muitos autores se comprometeram em identificar os padrões e as ligações entre os principais eventos que ocorreram na região e que estão diretamente relacionados ao processo de troca de regime através de eventos marcados por protestos em massa. Além disso, se buscou também compreender qual foi o real papel dos atores externos, no sentido de influenciar os movimentos de oposição nos países da região. (MCFAUL, 2007; ENGDAHL, 2009; BEISSINGER, 2007; ZELLER, 2013; PRESCOTT, 2006; BĒRZINA, 2014; KORYBKO, 2018).

Steven Levitsky e Lucan A. Way (2010) reservam espaço para entender a influência internacional no processo de democratização. Analisando a dinâmica dos regimes políticos formados nas antigas repúblicas soviéticas, os autores perceberam que parte delas tomaram um

rumo diferente do caminho democrático⁵⁷. Até o ano de 1995, os autores observaram 33 países cujo regime político se identificava como “autoritarismo competitivo”. A teoria de que o regime autoritário competitivo seria visto como algo transitório foi colocada em xeque após 1995. Pois muitos desses países não se transformaram diretamente em democracias, alguns permaneceram sob um regime híbrido (Ucrânia), outros se definiram como democracias (Eslováquia) e outros se firmaram como regimes autoritários (Rússia e Bielorrússia). Buscando identificar os motivos pelos quais esses países tomaram rumos diferentes em relação ao seu regime político, os dois autores dedicam alguns tópicos para analisar a dimensão internacional e a sua relação com o rumo político desses países.

De maneira resumida, Levitsky e Way (2010) identificam cinco mecanismos de influência internacional para a proliferação da democracia, são eles:

- a *difusão*, descrita como a “transmissão neutra de informação” através dos países. O mecanismo de difusão dos valores democráticos foi facilitado pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação;
- a *promoção direta dos valores democráticos* pelos países ocidentais, mais precisamente os EUA. Uma das forças primárias para a mudança de regime pode ser identificada pelos poderosos Estados liberais, que se comprometem a promover a democracia pelo globo, seja através da persuasão, da diplomacia, de ameaças, ou por meio do uso das suas forças armadas (como foi o caso do Haiti, do Panamá e da Sérvia);
- *condicionalidade multilateral*, no qual a assistência e a parceria em organizações externas estão diretamente ligadas ao comportamento democrático do país. Como é o caso da União Europeia que oferece assistência e uma maior integração com a união em troca de reformas políticas, econômicas e administrativas nos países interessados;
- *assistência externa a democracia*, onde governos ocidentais, fundações partidárias e organizações internacionais tem intensificado a criação de programas de assistência eleitoral, auxiliando em reformas legais e legislativas, canais de mídias independentes e organizações civis;

⁵⁷ Vale ressaltar que esses dois autores observam o comportamento dos regimes políticos naquela região sob as lentes da teoria da democratização. Dessa maneira, a configuração de regimes conhecidos como híbridos foi categorizado como um processo “incompleto”, nesse caso, os países que forem descritos como possuindo regimes autoritários competitivos, são encarados como se ainda estivessem em um processo de transição para a democracia. No caso russo, por exemplo, onde no início da década de 1990 foram categorizados como um caso de democracia “prolongada”, com a formação do regime autocrático em 1995, o país passou a ser caracterizado como uma democracia que falhou de se consolidar.

- formação de uma *rede transnacional de defesa*, seja de direitos humanos, da democracia e até mesmo de monitoramento de eleições. Essas organizações tem o poder de chamar a atenção internacional às violações aos direitos humanos, ou fraudes eleitorais e também à violação das leis internacionais. Essas redes transnacionais de defesa à democracia, têm como principal objetivo atrair a atenção internacional para que impulse os países ocidentais a responder de forma punitiva os governos que cometerem tais irregularidades. (LEVITSKY, WAY, 2010).

Outro caso é o do autor McFaul (2007), no qual inicia seu trabalho realizando uma crítica ao debate acadêmico do período que se comprometiam com a análise desse novo processo de transição democrática. Visto que muitos autores marginalizavam as causas internacionais, não a considerando uma variável relevante capaz de explicar mudanças a nível doméstico. O autor chega a afirmar que o papel dos atores internacionais fazia parte de uma “dimensão esquecida” no campo de estudo das transições democráticas.

Neste trabalho, esta perspectiva também será adotada, o papel desempenhado pelos atores ocidentais é essencial para que possamos compreender as dinâmicas ocorridas na Ucrânia, através da Revolução Laranja. E também contribui para que possamos entender a construção da narrativa russa sobre a guerra híbrida, visto que o país interpreta as Revoluções Coloridas como uma das principais ferramentas disponíveis dentro da estratégia híbrida ocidental.

As revoluções democráticas ocorridas por meio de grandes protestos em massa foram primeiramente identificadas na Sérvia nos anos 2000, em seguida na Geórgia em 2003, pela Ucrânia em 2004 e no Quirguistão em 2005. Segundo McFaul (2007) esses casos compartilham alguns aspectos ou padrões:

These cases shared several features: (1) the spark for regime change was a fraudulent national election; (2) the challengers to the incumbents deployed extraconstitutional means to ensure that the formal rulers of the political game in the constitution were followed; (3) incumbents and challengers both claimed to possess sovereign authority over the same territory; (4) all of these revolutionary situations ended without the massive use of violence by either the state or the opposition; and (5) the conclusion of these electoral revolutions triggered a significant jump in the degree of democracy (MCFAUL, 2007, p. 50).

Retomando brevemente para o debate em relação ao papel dos atores internacionais, o autor McFaul (2007) ressalta alguns pontos relevantes para compreendermos melhor essa dinâmica. Por meio da observação da Revolução Laranja, o autor pode confirmar duas teorias:

a primeira teoria indica que o conflito (entre os grupos de poder no país) foi o fator que impulsionou o movimento por mudanças democráticas; a segunda teoria confirmada pelo autor é a de que foi central o papel da oposição e dos protestos em massa, para pressionar o governo em direção as mudanças democráticas. Segundo McFaul, a democratização ocorre não quando a distribuição do poder se mostra relativamente igual e são forçados a negociar, mas sim quando as forças sociais adquirem poder suficiente para exigir a criação de um regime democrático, ou quando essas forças conseguem se defender da pressões do governo autocrático. (MCFAUL, 2007, p. 51).

Levando essa perspectiva em consideração, McFaul (2007) foi capaz de isolar duas das principais variáveis capazes de explicar o processo de democratização ocorrido na Ucrânia em 2004. Em relação a dinâmica de poder entre os elementos autocráticos dentro do estado ucraniano, no caso da eleição de Yanukovich (que era o político indicado pelo governo de Kuchma), observou-se que os grupos que buscavam a manutenção do poder por meios antidemocráticos se encontravam mais “fracos” em comparação aos períodos que antecederam os anos de 2004. Enquanto que no ano de 2004, a oposição (que o autor chama de democratas) se encontrava mais forte do que no período anterior. As eleições fraudulentas em 2004 se tornaram o evento que trouxe a oportunidade de a oposição mostrar seu real poder. Porém, essas duas variáveis apontadas acima não favorecem a busca pelos mecanismos causais capazes de identificar a real influência dos atores externos dentro da Revolução Laranja. (MCFAUL, 2007).

Buscando resolver esse problema, McFaul (2007) separa algumas das principais variáveis necessárias para explicar o fenômeno ocorrido na Ucrânia e ao mesmo tempo busca apontar como os atores externos interagem com essas variáveis. Relembrando que para ocorrer uma revolução democrática, o poder autocrático deve estar de certa maneira mais fraco que a sociedade democrática. Levando isso em consideração, o autor separa alguns dos componentes que enfraquecem o poder autocrático e os componentes que fortalecem o poder democrático:

Tabela. 2: Componentes domésticos que favorecem uma Revolução Democrática

Componentes que enfraquecem o poder autocrático	Componentes que fortalecem o poder democrático
(1) autoritarismo competitivo	(1) união e efetividade da oposição

(2) impopularidade do regime	(2) exposição de fraudes
(3) falta de confiança da capacidade coercitiva	(3) mídia independente
	(4) Mobilização popular para “proteger o voto”

Fonte: elaboração própria com dados retirados do texto de McFaul, 2007

O autoritarismo competitivo⁵⁸ se torna um componente capaz de tornar o governo autoritário mais vulnerável. Como afirma McFaul (2007), existem diversos tipos de regimes autoritários, alguns são mais vulneráveis que outros a uma mudança democrática. No caso do autoritarismo competitivo (conhecido também como semiautoritaríssimo) o autor revela ser um regime mais vulnerável a essas mudanças. No caso ucraniano, as normas democráticas e as eleições não foram suspensas, as instituições e organizações políticas possuem uma certa autonomia em relação ao regime autocrático. O que ocorre no país é um controle informal de algumas das instituições políticas por parte do presidente. Pelo fato da existência de uma oposição, das regras e de uma certa autonomia das instituições políticas no país, torna o governo autoritário mais vulnerável a uma ruptura democrática.

Parte do motivo pelo qual a Ucrânia não tenha se tornado um regime autoritário deve ser creditado às influências externas. A assistência ocidental às instituições que checam o poder presidencial contribuiu para que o país se mantivesse sob um regime político semidemocrático. Embora sendo o líder de um governo caracterizado como corrupto e criminoso, Kuchma almejava fortalecer as relações de cooperação entre a Ucrânia e o ocidente, e por isso buscou consolidar um regime verdadeiramente tirano no país. Esse desejo de pertencer ao ocidente deu aos diplomatas dos EUA e da UE a oportunidade de, ao invés de isolar a Ucrânia a medida que se tornasse mais autoritária, criasse uma política mais construtiva e crítica. Isso ocorreu durante as eleições presidenciais ucraniana em 2004, onde a estratégia dos EUA era manter as lideranças do governo da ucrânia interessados no Ocidente, aumentando os custos de um mal comportamento do governo durante o processo eleitoral. Enquanto isso, a Rússia atuava de forma contrária, encorajando o uso de métodos autocráticos para garantir a permanência no

⁵⁸ Regime político pelo qual os autores McFaul (2007) e Levitsky e Way (2010) classificam a Ucrânia. O autoritarismo competitivo definido por Levitsky e Way é descrito como um regime híbrido, apresentando instituições democráticas, principalmente o mecanismo eleitoral em conjunto com aspectos autoritários. Porém, mesmo havendo competição entre os partidos, e eleições diretas para o cargo presidencial e parlamentar, essa competição acontece de maneira injusta, visto que o líder autoritário mantém o controle de alguns mecanismos que lhe favoreçam durante o processo eleitoral. De forma resumida, trata-se de um governo autoritário, porém, o líder busca criar uma imagem de que o sistema é democrático.

poder. Porém, se observou que a assistência ideológica e financeira russa não foi suficiente para construir um regime autoritário estável no país vizinho. (MCFAUL, 2007).

A impopularidade do governo também serve como um componente capaz de enfraquecer o governo autoritário e conduzi-lo para uma ruptura democrática. Diferente do que se observa na Rússia, onde o presidente Putin conta com uma razoável porcentagem de aprovação do seu governo, a Ucrânia apresentava, nas vésperas das eleições presidenciais de 2004, os seguintes índices: apenas 8% da população aprovava o atual governo de Kuchma, contra a porcentagem de 62% de desaprovação; mesmo não estando concorrendo a presidência, Kuchma havia apresentado o candidato Yanukovych como o seu sucessor; Yanukovych era visto pela população ucraniana como uma continuação do governo Kuchma (marcado por crimes e corrupção). Em relação ao aspecto externo, as mídias internacionais contribuíram para derrubar a popularidade de Kuchma, fortalecendo a imagem de Kuchma como o líder de um governo ilegítimo e criminoso. O assassinato de Georgiy Gongadze foi fortemente criticado pela mídia internacional, contribuindo para a percepção de desaprovação internacional pela mídia independente, por parlamentares e pela oposição política ucraniana. Em contrapartida, não houve nenhuma maior tentativa do Kremlin de melhorar a imagem de Kuchma no cenário internacional. (MCFAUL, 2007).

O terceiro componente indicado por McFaul (2007) é a pouca confiabilidade da capacidade coercitiva do regime autocrático. Segundo esse autor, a Ucrânia nunca desenvolveu amplamente as capacidades coercitivas necessárias (serviços de inteligência, tropas de segurança interna) destinadas a reprimir manifestações em massa. Kuchma, ao ser confrontado pelas manifestações durante a Revolução Laranja, não pôde contar com as forças especiais para reprimir os protestos, visto que as forças especiais não apresentavam total lealdade ao líder do governo. Havia simpatizantes da revolução dentro das tropas incumbidas de silenciar os manifestantes, que muitas vezes avisavam aos grupos de oposição dos planos de repressão elaborados pelas forças de inteligência. Em relação a influência externa, McFaul (2007) observa que soldados ucranianos que participaram dos programas da Parceria para a Paz da OTAN estavam mais propensos a dar suporte aos manifestantes. Do lado russo, pôde-se identificar o movimento contrário. Moscou apoiava o desejo de Yanukovych de utilizar a força para dispersar os protestantes. (MCFAUL, 2007).

Quanto aos componentes que fortalecem o poder democrático, McFaul (2007) aponta quatro. O primeiro seria a formação de uma oposição unida e efetiva, no qual o autor observa que contou com a ajuda do próprio Kuchma (não de forma intencional). Nos anos que antecederam as eleições parlamentares de 2002, a oposição ucraniana se encontrava dividida,

desorganizada e não contava com um líder carismático. Em 2001, o presidente Kuchma demite o seu primeiro ministro Yushchenko, no qual cria um novo bloco eleitoral, o 'Nossa Ucrânia' (*Our Ukraine*) que obtém forte sucesso nas eleições parlamentares de 2002. O sucesso do Bloco *Our Ukraine* fez de Yushchenko o principal indicado pela oposição para as eleições presidenciais de 2004. Quanto a influência externa no processo de formação de uma oposição unida, McFaul ressalta algumas das dificuldades para avaliar. Segundo o autor, a natureza do processo e influência se torna difícil de ser avaliado, visto que o processo ocorre de maneira indireta e por um período de tempo que se estende muito além do evento analisado. Outro fator delicado que dificulta o acesso a esses dados se dá pelo fato de que os próprios atores ucranianos não desejam atrelar a sua legitimidade e seu sucesso à ajuda externa (dando a eles uma imagem de *partisans*). (MCFAUL, 2007; ZELLER, 2013)

Para McFaul (2007), não há evidências de que os governos dos EUA e da União Europeia tenham diretamente contribuído financeiramente para a campanha de Yushchenko em 2004, ou para o partido *Our Ukraine*. Segundo o autor, o partido recebeu contribuições financeiras do ocidente, porém não do governo norte-americano nem do europeu. O que ocorreu na verdade foi que uma quantia relevante de fonte financeira externa foi direcionada para a campanha eleitoral de Yushchenko, porém, os contribuintes eram na verdade cidadãos que vivem nos EUA e no Canadá. Bērzina (2014) identifica o contrário. Segundo a autora, influentes oficiais e diplomatas estrangeiros participaram ativamente do processo de consolidação da oposição ucraniana.

Tabela 3- Dados oficiais do investimento financeiro dos EUA em cada Revolução Colorida⁵⁹:

País	Revolução Colorida	Gastos em dólares
Sérvia	“Bulldozer Revolution”	64 milhões
Geórgia	“Rose Revolution”	525,000.00
Ucrânia	“Orange Revolution”	35 milhões

Fonte: Elaboração própria. Com base nos dados de Bērzina, 2014.

⁵⁹ Beissinger (2007) prevê um gasto ainda maior no caso ucraniano. Segundo o autor, os gastos do governo dos EUA para promover grupos anti-Milosevic na Sérvia foi de 41 milhões; na Ucrânia, o governo norte-americano gastou aproximadamente 65 milhões para promover a democracia no país, num período que antecede a revolução laranja.

O que esses dados revelam é que outras formas de dar suporte aos movimentos de oposição ocorreram, dessa vez através de organizações transnacionais como a *United States Agency for International Development* (USAID), ou a *National Endowment for Democracy* (NED), ou a *G. Soros Open Society Institute*, a *Organization for Security and Cooperation in Europe* (OSCE), *Freedom House*, *National Democratic Institution* (NDI) e a *International Republican Institute* (IRI). (ENGDAHL, 2009; BEISSINGER, 2007; ZELLER, 2013; BĚRZINA, 2014).

Como aponta Zeller (2013), a Ucrânia, seja pela sua importância geográfica ou pela grande população que lucrou com o auxílio externo para o desenvolvimento da democracia e da sociedade civil no país. A USAID, por exemplo, foi responsável pela implementação de uma vasta gama de programas por meio de subsidiárias ou de parcerias com grupos da região, com o objetivo de fortalecer as ONGs ucranianas e criar centros políticos ativos.

The Counterpart Alliance for Partnership. U.S.-EU Transatlantic Initiative, The U.S. Embassy's Democracy Commission, the National Endowment of Democracy, the Eurasia Foundation, and the Freedom House Partnership for Reform in Ukraine (PRU) – all partially funded or enacted by USAID – furnished thousands of NGOs with small grant and public policy think tanks (about \$10,000 on average) in order to promote “youth initiative and leadership”: “engage policy makers”, and “battle against corruption” (ZELLER, 2013, p. 23).

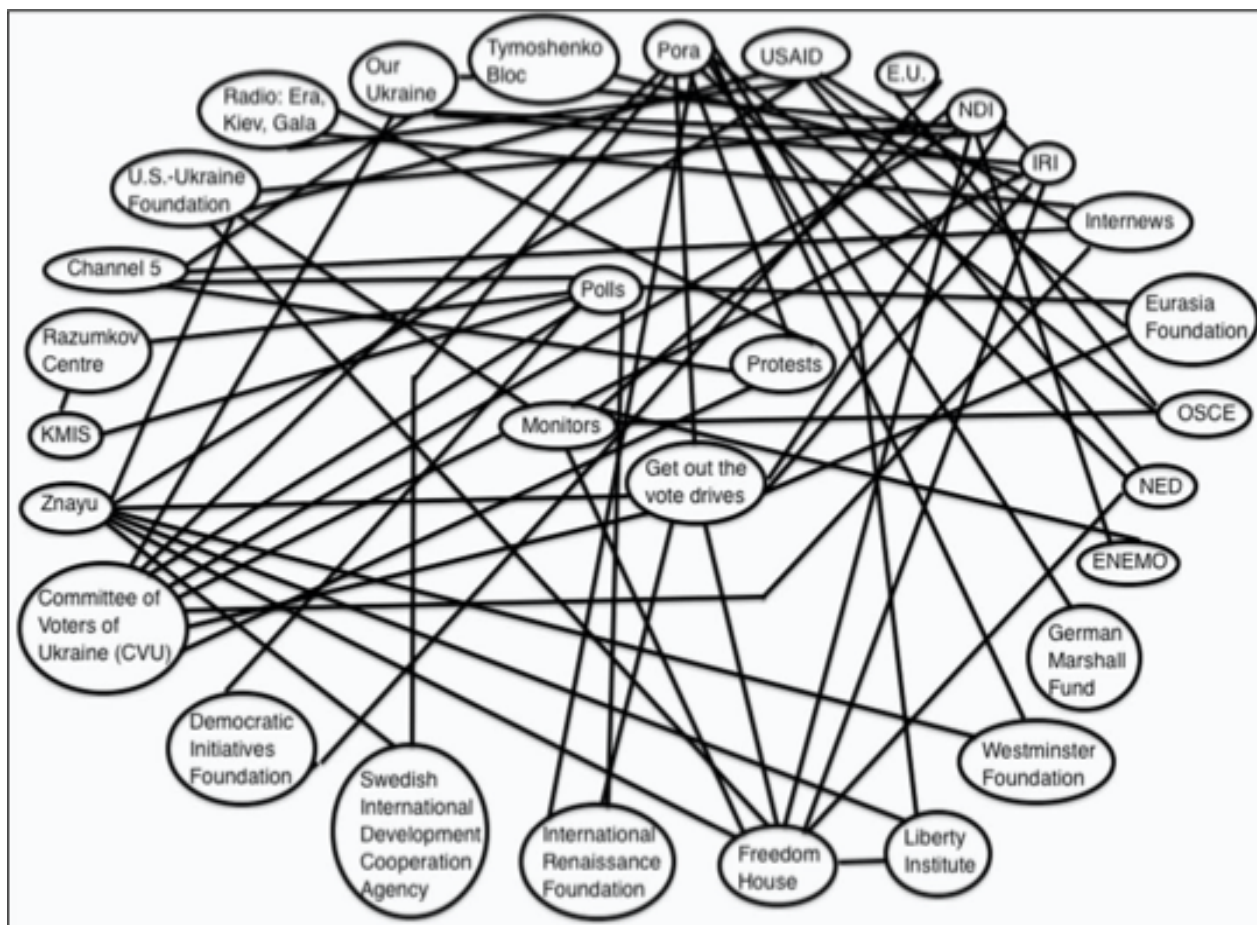
Além do USAID, o NDI (vinculado ao partido democrático dos EUA) e o IRI (vinculado ao partido republicano dos EUA) também implementaram programas para treinar os candidatos políticos ucranianos, e também no desenvolvimento de suas respectivas campanhas. Agências governamentais e ONGs ocidentais também contribuíram para o desenvolvimento da sociedade civil ucraniana. Como foi o caso do *Charles Stuart Mott Foundation* e do *International Renaissance Foundation* (com um gasto de aproximadamente 1,65 milhões de dólares entre 2003 e 2004), fundada por George Soros. A organização estudantil ucraniana *Pora!* Obteve suporte financeiro e treinamento pela *Freedom House*, da NDI e da IRI, além do *German Marshall Fund*, e do *Canadian International Development Agency*.

Tabela 4: Rede de atores relevantes para a formação da Revolução Laranja

ATORES ESTRANGEIROS	ATORES DOMÉSTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Os EUA (especialmente o USAID) • União Europeia • NDI • IRI • Internews • Eurasia Foundation • Freedom House • OSCE • NED • ENEMO • German Marshall Foundation • Westminster Foundation • Liberty Institute • Canadian International Development Agency • World Bank • Charles Stewart Mott Foundation • Soro's International Renaissance Foundation • Swedish International Development Cooperation Agency 	<ul style="list-style-type: none"> • Committee of Voters of Ukraine (CVU) • Democratic Initiative Foundation • <i>Znayu</i> • Kiev International Institute of Sociology (KMIS) • Razumkov Center • U.S.-Ukraine Foundation • Radio Era, Radio Kiev, and Radio Gala • Our Ukraine party • Yulia Tymoshenko Bloc • Chysta Ukraine • <i>Black Pora</i> • <i>Yellow Pora</i> • Channel 5

Fonte: (Zeller, 2013, p. 26-27)

Figura 7: ilustração da interconectividade das redes de apoio a democracia ucraniana



Fonte: Zeller, 2013, p. 28

Outra evidencia do envolvimento dos EUA nas Revoluções Coloridas pode ser observada durante a Revolução na Sérvia nos anos 2000. Fundadores do grupo de oposição *Otpor* utilizaram o modelo da marca Coca-Cola.

Peter Ackerman, an American Executive producer of a propaganda film about the fall of Milosevic: “Bringing Down a Dictator”, boasted that Otpor “became a ubiquitous brand-name, as familiar as Coca-Cola and Nike”. Otpor co-founder, Ivan Marovic, concurred: “our idea was to use corporate branding in politic...the movement has to have a marketing department. We took Coca-Cola as our model” (SUSSMAN, 2010, p. 144).

Como reflete Bērzina (2013), na política “marcas fortes influenciam mais as pessoas do que líderes carismáticos”. Isso também ficou comprovado com o símbolo do punho, que serve como uma marca global para se referir aos protestos em massa e que pode ser encontrado em diversos protestos pelo mundo. O que Bērzina também evidencia é que essas “marcas” são

gerenciadas, ou seja, não são criadas por grupos locais, sendo assim uma nova evidencia do envolvimento ocidental nas Revoluções Coloridas.

Em contrapartida, a Rússia mostrou praticar um movimento inverso ao tentar influenciar a oposição ucraniana. Na verdade, a campanha de propaganda do Kremlin tentou fortemente condenar alguns dos principais rostos da liderança de oposição ucraniana, como foi o caso da Yulia Tymoshenko, que foi acusada de praticar suborno durante as negociações de um acordo sobre o gás natural com a Rússia. Além disso, Tymoshenko foi acusada de cometer um assassinato em 1996. (MCFAUL, 2007; ELDER, 2013).

Outro componente capaz de fortalecer o poder democrático foi a capacidade da oposição de expor as fraudes eleitorais no país. Diversas organizações se encarregaram de monitorar as eleições na Ucrânia, a principal é a *Committee of Voters of Ukraine* (CVU) responsável por monitorar todas as rodadas das eleições presidenciais de 2004, além de realizar uma classificação de votos paralelos (*parallel vote tabulation, PVT*). Além da CVU, a ONG ucraniana *Democratic Initiative Foundation* coordenaram uma enquete conduzida por quatro firmas: *Kiev International Institute of Sociology* (KMIS), *SOCIS Center*, *Social Monitoring Center*, e *Razumkov Center*. (MCFAUL, 2007).

O suporte internacional também se mostrou relevante quando se trata da organização de uma enquete (votação paralela) em larga escala, visto que o resultado dessas enquetes pode ser utilizado para questionar se os resultados oficiais foram ou não fraudados. Esse contexto revela também a importância do processo eleitoral, como um momento que favorece⁶⁰ a Revolução Colorida, visto que reforça a legitimidade do processo de troca da elite política do país. (BĒRZINA, 2014).

Many of the Ukrainian activities that contributed to the exposure of campaign fraud had significant assistance from external actors. In fact, the West's central contribution to the Orange Revolution was in the form of long-term support of voters' rights groups, think tanks, youth groups, and other civil activist organizations and media organizations that would be instrumental in monitoring, polling, conducting PVTs, and exit polls, and disseminating information about voters' rights and violations of those rights (MCFAUL, 2007, p. 75).

Zeller (2013) identifica o suporte de agências internacionais em conjunto com ONGs ucranianas no sentido de realizar um monitoramento das eleições e também de mobilizar o

⁶⁰ Para perceber a importância do contexto eleitoral podemos comparar o sucesso da Revolução Laranja em 2004 (ocorrido nas eleições presidenciais) e o desenrolar dos protestos da Euromaidan (que ocorreram fora do período eleitoral). A mudança da elite política sem eleições democráticas (como foi o caso da Euromaidan) abre espaço para debates a respeito da legitimidade do movimento e do novo governo que chega ao poder.

público eleitor ucraniano para participar das votações. A CVU (principal ONG ucraniana responsável pelo monitoramento das eleições) recebeu assistência internacional de grupos como: USAID, UE, OSCE, Internews e NDI. McFaul (2007) também relata a participação de outras ONGs ucranianas menores como a *Yellow Pora*, a *Black Pora* e a *Chysta Ukraina* na qual utilizaram diversas táticas para expor as fraudes durante a eleição presidencial de 2004. E por último, a participação do partido de oposição *Our Ukraine* que também trabalhou no sentido de denunciar os abusos e as fraudes ocorridas nessas eleições. Além da atuação das ONGs e organizações ucranianas, diversas organizações ocidentais monitoraram as eleições ucranianas, como foi o caso da OSCE, da IRI, NDI e U.S.-Ukrainian Foundation, essas organizações mandaram representantes para observar as eleições no país. Uma cooperação entre a *Freedom House* e a NDI trouxeram para a Ucrânia o *European Network of Election Monitoring Organizations* (ENEMO), composto por mil observadores de dezessete organizações de monitoramento eleitoral que atuam nas ex-repúblicas soviéticas.

Eight Western embassies (the U.S., Canada, the Netherlands, Switzerland, Norway, Sweden, and Denmark) and NGOs (the NED, Charles Stewart Foundation, Eurasia and George Soro's Renaissance Foundation), helped fund the exit polls in each of the three rounds, coordinated by the Democratic Initiatives Foundation and conducted by Kiev International Institute for Sociology (KMIS) and the Razumkov Centre. The CVU organized a parallel vote count and its own exit poll. These exhaustive methods formed the vanguard of vote legitimacy battle in Ukraine (ZELLER, 2013, p. 31).

O penúltimo componente citado por McFaul (2007) é a formação e o fortalecimento de uma mídia independente. As atividades na esfera política na Ucrânia (principalmente da oposição) sofriam periodicamente de intervenções do governo. Uma das áreas em que o governo exercia forte controle era o setor midiático, principalmente os canais de TV. Boa parte da mídia nacional era controlada por oligarcas leais ao governo de Kuchma e a Yanukovych. Através de um sistema conhecido como *Temniki*, funcionários do presidente Kuchma controlavam os noticiários dos principais canais de televisão nacional, resultando numa assimetria em relação ao tempo de exposição dedicado a Yanukovych em comparação a Yushchenko. Além do forte controle por parte do governo, Kuchma pode contar com o apoio das estações de TV Russas como a ORT, a RTR e a NTV, na qual desfrutavam de uma parcela considerável da audiência ucraniana.

Mesmo diante desse cenário, importantes canais de mídia independente foram surgindo, como foi o caso do CANAL 5, fundado em 2003 pelo aliado de Yushchenko, Petro Poroshenko. O canal se dedicava a realizar uma cobertura positiva em relação ao candidato Yushchenko, porém, sua abrangência era limitada. Atingia aproximadamente 8 milhões de visualizadores,

audiência muito menor que as conquistadas pelos canais tradicionais. Além disso, o sinal de cobertura do CANAL 5 só atingia cerca de 30% do território ucraniano. Mesmo tendo um alcance limitado, o canal teve um papel central ao comunicar sobre as fraudes e o resultado das apurações paralelas a oficial. O CANAL 5 contribuiu para a mobilização e coordenação da oposição após a segunda rodada da eleição. e também foi responsável por realizar uma cobertura de 24 horas sobre os eventos na Maidan. O que possibilitou mostrar o caráter pacífico dos protestos, contribuindo para encorajar outras pessoas a se juntarem as manifestações.

Fora a mídia televisiva, outros meios de informação independentes tiveram papel preponderante durante as eleições presidenciais e durante a Revolução Laranja, como é o caso da estação de rádio *Radio Era*, os jornais *Zerkalo Nedeli*, *Ukrayna Moloda*, *Vecherny Visty* e *Silsky Visty*. Além dos noticiários online como a *Ukrainska Pravda* e *Telekritika*. Outro fator relevante observado durante a revolução laranja foi o papel da internet e dos websites. O site *Ukrainska Pravda* foi responsável por coordenar e repassar informações logísticas sobre os protestos (o site saiu de 350.000 leitores para 1 milhão de acessos ao dia). Outra fonte de comunicação fortemente usada durante os protestos foi o SMS. (MCFAUL, 2007; ZELLER, 2013).

Em relação a atuação externa, muitos dos jornalistas que cobriram os protestos tiveram contato com programas fundados por organizações ocidentais, por exemplo, o projeto de mídia independente financiado pela USAID. O jornal online *Ukrainska Pravda* também recebeu suporte financeiro da NED. Houve também forte participação das mídias ocidentais na cobertura dos eventos na Maidan, como foi o caso da *BBC*, da *Radio Liberty*, e da *Voice of America*. (MCFAUL, 2007).

Vale ressaltar que o avanço tecnológico no campo da comunicação e no desenvolvimento de plataformas como o Facebook e o Twitter, possibilitou a reunião de pessoas que compartilham de interesses e ideias semelhantes mesmo que estejam distantes geograficamente. Essa seria a realidade diante das Revoluções Coloridas no qual se “reúnem física e virtualmente porções distintas da população que compartilham (ou são trabalhadas para compartilhar) as mesmas ideias contra o governo”. (KORYBKO, 2018, p. 47). O papel das mídias sociais foi relevante de tal forma que muitos dos protestos em massa ocorridos após a difusão do acesso a internet e ficaram conhecidas como “revoluções do Twitter⁶¹”. Esse termo foi utilizado muitas vezes para se referir as manifestações em massa que ocorreram em diversos

⁶¹ “Twitter Revolution”

países como o Egito, Líbia, Kuwait, Síria, Arábia Saudita, Marrocos, Jordânia e Tunísia. Dessa forma podemos entender que as novas tecnologias de comunicação exerceram um papel significativo como uma ferramenta para uma mobilização em massa nos protestos que se configuraram no leste europeu. (BĚRZINA, 2014).

O último componente indicado por McFaul (2007) como potencializador do poder democrático, é a mobilização popular para “proteger o voto”. Segundo o autor, o sucesso da mobilização popular é a condição final para o desfecho positivo de uma Revolução Colorida. Vale ressaltar que os protestos, assim como foi citado anteriormente, não são espontâneos. No caso ucraniano, líderes do partido *Our Ukraine* já planejavam, antes mesmo da divulgação dos resultados do segundo turno das eleições presidenciais, realizar protestos caso os resultados das urnas apresentassem resultados divergentes.

McFaul (2007) observou oito elementos que garantiram o sucesso das manifestações na Ucrânia:

- O *primeiro componente* foi a falta de reação do governo Kuchma no sentido de não impedir as mobilizações iniciais;
- O *segundo componente* observado foi a parceria entre o *Our Ukraine* e os ativistas do *Yellow Pora*, na qual coordenaram a organização de disponibilização de cabanas (tendas) próxima ao epicentro das manifestações, com quinze cabanas disponibilizadas inicialmente. A participação de outros grupos que se juntaram espontaneamente contribuiu para aumentar o número de tendas que chegou a um número de duas mil cabanas, com capacidade de abrigar mais de sete mil pessoas. Esse fator proporcionou a presença quase que permanente dos manifestantes no centro de Kiev;
- O *terceiro componente* observado foi o pronunciamento de Yushchenko logo após a divulgação dos resultados do segundo turno. Em seu discurso, Yushchenko convoca os seus apoiadores a irem as ruas para protestar;
- O *quarto componente*, também ligado a atuação do candidato Yushchenko, foi o seu comprometimento em dar suporte aos manifestantes até que o resultado das eleições fosse anulado;
- O *quinto componente* identificado foi a atuação o das ONGs, nas quais comandavam as campanhas que estimulavam a participação da população ucraniana nas eleições (*get-out-the vote campaigning*). Onde passaram a praticar campanhas que instigavam os eleitores a proteger o seu voto (“*protect their vote*”) após o resultado das eleições. Esse foi o caso da organização *Znayu*, na qual realizava uma campanha de informação dedicada a educar os

- eleitores sobre a importância e a responsabilidade de garantirem que os seus votos fossem realmente validados/contabilizados;
- O *sexto componente* foi o suporte logístico dado pelo prefeito de Kiev Oleksandr Omelchenko. O prefeito contribuiu para facilitar a distribuição de alimento, água e outros produtos. Omelchenko também abriu diversos prédios do governo para que os manifestantes que moravam fora de Kiev pudessem descansar e se aquecer do inverno ucraniano;
 - O *sétimo componente* observado foi a forte participação da sociedade civil e da classe média ucraniana, que atuaram como voluntários e doaram suprimentos para manifestantes. (MCFAUL, 2007).

Esse último componente identificado por McFaul (2007) requer certa atenção. Se trata do caráter não violento das manifestações. Os principais organizadores dos protestos não se prepararam para uma escalada de conflito armado. Esse componente tem forte relação com o trabalho do teórico Gene Sharp, e também apresenta um link relevante em relação as influências externas que se configurou pela importação de um “modelo” de revolução eleitoral, esse fato também foi observado de forma detalhada no trabalho de Mark Beissinger. Esses dois componentes serão analisados de forma conjunta a seguir.

De fato, qualquer pesquisador que se comprometa a entender as dinâmicas das Revoluções Coloridas vai se deparar com o trabalho de Gene Sharp e a sua contribuição quanto as táticas e estratégias não violentas para derrubar governos ditatoriais. Menções a Gene Sharp em pesquisas relacionadas as revoluções eleitorais são frequentes, pois, a abordagem de não violência por manifestações em massa foi identificada no processo de troca de regime nas antigas repúblicas soviéticas. (DOBB, 2000; BEISSINGER, 2007; MCFAUL, 2007; ENGDahl, 2009; ARROW, 2011; FLINTOFF, 2013; KORYBKO, 2017; HARUTYUNYAN, 2017; HEPOLA, 2018; SMITH, 2019)

Segundo Korybko (2017), Sharp pode ser considerado o maior responsável pelo sucesso das Revoluções Coloridas. Suas duas principais obras: *Da Ditadura à Democracia*, publicado pela primeira vez em 1994, vista como um manifesto de caráter estratégico; e *Existem alternativas Realistas*, publicada em 2003, entendido como um verdadeiro manual de ação de caráter tático. Em *Da Ditadura à Democracia*, Sharp escreveu com a intenção de sugerir mecanismos para a derrubada do governo ditatorial da Birmânia. No primeiro capítulo da obra Sharp chama atenção para o fato de que muitas das ditaduras observadas por ele, na qual apresentavam sistemas firmemente implantados, se mostraram incapazes de resistir ao desafio posto pela população através do uso de métodos não violentos. Como o autor observa, desde

1980, muitos dos sistemas autoritários foram derrubados por métodos não violentos como foi o caso da Estônia, Letônia, Lituânia, Alemanha Oriental, Checoslováquia, Eslovênia, Madagascar, Mali, Bolívia e a Filipinas. Porém, ao analisar os dados dispostos pela *Freedom House*, Sharp também pôde evidenciar que mesmo havendo uma crescente tendência a democratização no mundo, ainda há uma elevada quantidade de indivíduos que vivem sob governos ditatoriais⁶². (SHARP, 2015).

Buscando identificar maneiras eficazes de derrubar governos ditatoriais com o mínimo de custos de vidas humanas e sofrimento, Sharp trouxe à tona alguns elementos que nos ajudam a entender as dinâmicas das Revoluções Coloridas. Vale ressaltar alguns dos principais pontos apresentados por esse autor em sua obra.

O primeiro elemento trabalhado por Sharp (2014) em sua obra é a violência. Governos ditatoriais geralmente ignoram a opinião pública e os limites legais e constitucionais. É um cenário marcado por mortes, perseguições, torturas, desaparecimentos e outros tipos de violações aos direitos humanos. Diante destes fatos, é muito provável se pensar que um governo autoritário só possa ser derrotado com o uso da violência. Com uma percepção contrária, Sharp ressalta que é quase impossível as forças democráticas se engajarem em um combate nos moldes convencionais contra o Estado autoritário (visto que este possui capacidades superiores, principalmente em relação ao poder militar) o que resultaria em altos custos de vida humanas e uma suposta reação ainda mais brutal do Estado. Em suas palavras “quando recorremos a métodos violentos, estamos a escolher o mesmo tipo de luta em que os opressores são quase sempre superiores”. (SHARP, 2014, p. 27).

Isso nos leva ao segundo elemento: percebendo que combater as forças do Estado de maneira convencional é algo irrealista, os democratas optam pela luta de guerrilha, o que se configura em um outro tipo de combate violento. A guerrilha, como já vimos no primeiro capítulo deste trabalho, muitas vezes se configura em longos períodos de conflitos, com alto número de perdas humanas, e termina muitas vezes não conduzido a formação de regimes democráticos. Outras possibilidades e meios para derrubar um governo autoritário são sugeridos por Sharp (2014): um golpe de Estado (Militar); Eleições e os “salvadores estrangeiros”. Todas essas possibilidades são derrubadas pelo autor, visto que não se mostram tão eficazes.

⁶² No ano de 2008, aproximadamente 34% da população mundial viviam em territórios classificados pela *Freedom House* como “não livres”.

Vale destacar aqui a possibilidade que contempla a participação estrangeira. Segundo o autor, há uma percepção errada de que muitos dos países que vivem em regimes autoritários dependem da ajuda externa para poder se libertar. Há perigo em depositar a confiança nas forças externas, porém para o autor, ela não é vista como inimiga. Em suas palavras:

A população e a sociedade são demasiado frágeis para causar problemas sérios à ditadura, estando a riqueza e o poder nas mãos de um círculo muito restrito. Embora as ditaduras possam beneficiar de, ou ser ligeiramente enfraquecidas por, ações internacionais, a sua continuidade depende acima de tudo de fatores internos. As pressões internacionais podem ser muito úteis quando apoiam um movimento de resistência forte no plano interno (SHARP, 2014, p. 31).

De forma resumida, Sharp não descarta o papel dos atores internacionais (através de boicotes econômicos, embargos, rompimento das relações diplomáticas, condenação por organismos das Nações Unidas), mas também deixa claro que se não houver um movimento de resistência forte a nível doméstico, se torna pouco provável que o governo autoritário seja derrubado apenas pelas ações externas.

Outro elemento ressaltado por Sharp são as quatro tarefas necessárias para derrubar um governo ditatorial (SHARP, 2014, p. 32):

1. Reforçar a determinação da população oprimida e a sua autoconfiança, assim como a sua capacidade para resistir;
2. Fortalecer os grupos sociais independentes e as instituições da população oprimida;
3. Criar uma força poderosa de resistência interna;
4. Desenvolver uma grande estratégia de libertação ambiciosa e ponderada e executá-la de forma competente.

O terceiro ponto trabalhado por Sharp que se torna relevante para essa pesquisa é o seu debate sobre a origem do poder, e que tipo de poder a oposição democrática deverá possuir para que possam derrubar um regime autoritário. Em relação as fontes necessárias para a manutenção do poder autoritário, Sharp identifica os seguintes elementos (SHARP, 2014, p. 47):

1. A autoridade: a convicção generalizada entre o povo de que o regime é legítimo e é seu dever moral obedecer-lhe;

2. Os Recursos humanos: o número e a importância dos indivíduos e grupos que obedecem, cooperam ou dão assistência aos governantes;
3. As competências e o conhecimento: necessários ao regime para executar tarefas específicas, asseguradas por indivíduos e grupos cooperantes;
4. Os fatores intangíveis: fatores psicológicos e ideológicos suscetíveis de levarem o povo a obedecer aos governantes a auxiliá-los;
5. Os Recursos materiais: a capacidade dos dirigentes para controlar ou ter acesso à propriedade, recursos naturais, recursos financeiros, sistema econômico e meios de comunicação e de transporte;
6. As sanções: os castigos, sejam eles uma ameaça ou efetivamente aplicados, contra os que desobedecem ou não cooperam, com vista a garantir a submissão e a cooperação necessárias à existência do regime e ao cumprimento das suas políticas.

Em contrapartida, Sharp também aponta os pontos fracos dos governos autoritários, segundo ele (SHARP, 2014, p. 54-56):

1. A cooperação de uma grande diversidade de pessoas, grupos e instituições necessários ao funcionamento do sistema pode ser restringida ou suprimida;
2. As exigências e os efeitos das políticas anteriores do regime limitam um pouco a sua capacidade para adotar e pôr em prática políticas divergentes;
3. O funcionamento do sistema pode tornar-se rotineiro e, por isso, menos capaz de se adaptar rapidamente a novas situações;
4. O pessoal e os recursos adstritos às tarefas existentes não podem ser facilmente canalizados para atender a novas necessidades;
5. Temendo desagradar aos seus superiores, os subordinados podem não transmitir as informações exatas ou completas de que os ditadores precisam para tomar decisões;
6. A ideologia pode desgastar-se e os mitos e símbolos do sistema podem tornar-se instáveis;
7. Se existir ideologia forte capaz de influenciar a percepção da realidade, uma forte adesão à mesma pode levar a negligenciar a situação e as necessidades reais;
8. A deterioração da eficiência e da competência da burocracia, ou o controle e a regulamentação excessiva, podem tornar ineficazes as políticas e o funcionamento do sistema;

9. Os conflitos institucionais internos e as rivalidades e hostilidades pessoais podem prejudicar o funcionamento da ditadura, e até destruí-la;
10. Os intelectuais e estudantes podem começar a sentir-se descontentes em relação às condições, às restrições, ao doutrinário e à repressão;
11. Com o tempo, a população em geral pode tornar-se apática, céptica e até hostil ao regime;
12. As diferenças regionais, de classe, culturais ou nacionais podem exacerbar-se;
13. A hierarquia de poder de uma ditadura é sempre um pouco – e, por vezes, muito – instável. Os indivíduos não permanecem sempre na mesma posição, podendo subir ou descer de categoria, ou serem completamente afastados e substituídos;
14. Algumas divisões das forças políticas ou militares podem tentar alcançar objetivos próprios, mesmo que isso implique ir contra a vontade dos ditadores instalados e até recorrer a um golpe de Estado;
15. Uma ditadura recente precisa de tempo para ganhar estabilidade;
16. Numa ditadura, são tantas as decisões tomadas por um número reduzido de pessoas, que é provável que ocorram erros de julgamento, de política e de ação;
17. Se procurar evitar estes perigos e descentralizar os seus processos de tomada de decisão, o regime poderá enfraquecer ainda mais o seu controle sobre todas as alavancas do poder.

De maneira resumida, Sharp indica que todos os governos ditatoriais apresentam vulnerabilidades, e elas devem ser perseguidas por meio dos desafios políticos. Alguns dos desafios políticos sugeridos por Sharp (2014) apresentam certas características, são elas: não aceitar o modelo de combate escolhido pelo governo autoritário (modo convencional de disputa, no qual a ditadura apresenta superioridade); a população oprimida deve estar ciente da dificuldade que é combater um regime deste tipo; deve-se perseguir os pontos fracos da ditadura e eliminar as suas fontes de poder; deve-se também induzir os ditadores ao erro (em relação as suas decisões); recorrer ao fortalecimento dos grupos e instituições da sociedade para que possam lutar para derrubar o domínio de um grupo restrito no poder; e por último, contribuir para a configuração de uma sociedade mais igualitária, aumentando as chances de se instalar um regime democraticamente eficiente e duradouro. (SHARP, 2014, p. 58).

Outro elemento relevante apontado por Sharp (2014) que dialoga diretamente com o componente proposto por McFaul (2009) em relação ao caráter não violento das Revoluções Coloridas, é o uso dos métodos não violentos para a derrubada ou troca do regime político do

país desejado. Segundo Sharp (2014), o desafio político funciona de forma diferente da do uso dos meios de lutas convencionais. Mesmo que as duas técnicas sejam métodos de conduzir uma luta, elas apresentam meios e consequências diferentes. Em comparação com os meios de lutas convencionais o combate não violento se descreve como:

Uma forma de luta muito mais complexa e variada do que a violência. Socorre-se de um arsenal de armas psicológicas, sociais, econômicas e políticas utilizadas pela população e pelas instituições sociais, que são designadas como protestos, greves, na cooperação, boicotes, descontentamento e poder popular (SHARP, 2014, p. 58).

Em resumo, o desafio político busca derrubar (sanar) as três principais bases de sustentação dos regimes autoritários, o que seriam: a cooperação, a submissão e a obediência. Em suas palavras: “o desafio político, ao contrário da violência, é particularmente adequado à destruição dessas fontes de poder”. (SHARP, 2014, p. 59).

A última contribuição relevante de Sharp para o debate sobre as revoluções eleitorais, são os métodos de resistência não violenta indicadas pelo autor. Esses 198 métodos têm sido utilizados como um verdadeiro manual de combate não violento empregado nas Revoluções Coloridas, ocorridas no antigo espaço soviético. (KORYBKO, 2017).

Sharp (2014) divide esses 198 métodos não violentos em três categorias gerais, sendo elas:

1. Os métodos de protesto e de persuasão não violentos (contendo 54 métodos);
2. A não cooperação, que se divide em quatro subcategorias: a primeira, a não cooperação social (contendo 16 métodos); a segunda, a não cooperação econômica (com 26 métodos) e as greves (contando com 23 métodos); a terceira, a não cooperação política (com 38 métodos); e a quarta e última, a intervenção não violenta (contendo 41 métodos, incluindo meios psicológicos, físicos, sociais, econômicos ou políticos, como é o caso da ocupação não violenta e a formação de um governo paralelo). (SHARP, 2014, p. 59);
3. A existência de um “modelo” de revolução democrática. Componente observado por McFaul (2007), relacionado com as influências externas que contribuíram para o fortalecimento das mobilizações em massa em Kiev. Beissinger (2007) descreve de forma detalhada sobre esse fenômeno.

Beissinger (2013) entende as Revoluções Coloridas como um fenômeno político modular. O termo “modular” é usado para descrever o processo de disseminação de uma ação

coletiva de um grupo para outros grupos. Nesse sentido a “ação modular” seria uma ação que se baseava em exemplos vitoriosos de outros grupos (trata-se de um modelo a ser seguido). Para o autor, as revoluções são modulares em sua natureza, são fenômenos interligados e não uma coleção de casos isolados.

Segundo o autor, os pesquisadores que se comprometem a observar as revoluções como casos isolados, caíram no erro ao descrever os países do antigo espaço soviético como Estados, onde as revoluções seriam pouco prováveis. Visto que as condições estruturais necessárias para o sucesso de uma revolução (por exemplo uma oposição unida e forte) eram fracas e passíveis de serem reprimidas pelo governo autoritário caso houvesse uma tentativa revolucionária. O que Beissinger (2007) avalia é que muitos desses pesquisadores não desconsideraram o poder do exemplo. Em suas palavras:

My argument is that within modular phenomena the influence of example can substitute to some extent for structural disadvantage, allowing some groups that might be less structurally advantaged to engage in successful action by riding the influence of the prior example of others (BEISSINGER, 2007, p. 260).

Tendo isso em vista, podemos constatar que as revoluções que sucederam nos países que compunham a antiga região soviética após os anos 2000, se tratam de fenômenos modulares. Nos quais os exemplos vitoriosos afetam/influenciam a materialização dos eventos subsequentes. Esse caso pode ser aplicado com as Revoluções Coloridas, onde as experiências revolucionárias vitoriosas têm sido transmitidas para outros países. Essa disseminação de experiência muitas vezes ocorre através de ONGs e movimentos sociais locais, formando o que seria os contornos de um modelo de revolução democrática. Vale ressaltar ainda que esse modelo não é algo concreto, no sentido de precisar ser seguido à risca, visto que cada país apresenta fatores estruturais diferenciados. Mesmo levando em consideração a possibilidade de algumas mudanças dentro do modelo, Beissinger identifica alguns elementos básicos que caracterizam esse modelo de revolução democrática. (BEISSINGER, 2007, p. 261).

1. The use of stolen elections as the occasion for massive mobilizations against pseudo-democratic regimes;
2. Foreign support for the development of local democratic movements;
3. The organization of radical youth movements using unconventional protest tactics prior to the election in order to undermine the regime’s popularity and will to repress and to prepare for a final showdown;

4. A united opposition established in part through foreign prodding;
5. External diplomatic pressure and unusually large election monitoring; and
6. Massive mobilization upon the announcement of fraudulent electoral results and the use of non-violent resistance tactics taken directly from the work of Gene Sharp, the guru of non-violent resistance in the West.

Essa última característica reforça o papel de Gene Sharp em relação as revoluções democráticas. Mais precisamente, os escritos de Sharp serviram como base para o desenvolvimento das estratégias de desobediência civil usadas pela oposição sérvia em 1999. Como já citado anteriormente, um dos papéis mais fundamentais das revoluções democráticas no antigo espaço soviético foi protagonizado pela juventude, os estudantes⁶³. Hepola (2018) afirma que a Revolução Bulldozer (*Black Revolution*) na Sérvia foi construída por estudantes pertencentes ao grupo conhecido como *Otpor* (que significa resistência). Líderes do *Otpor* participaram de um seminário, financiado pelo IRI, sobre resistência não violenta em um hotel em Budapeste, e lá os ativistas receberam treinamento. O grupo *Otpor* também ficou responsável por realizar a tradução e distribuição de mais de 70 mil cópias do manual de resistência não violenta criado por Gene Sharp. (BEISSINGER, 2007; ENGDAHL, 2009; HEPOLA, 2018).

O caráter modular referido por Beissinger (2007), pode ser observado a partir da vitória da revolução democrática que derrubou o líder autoritário Milosevic, do poder na Servia nos anos 2000. Segundo esse autor, a experiência adquirida pelos jovens ativistas do *Otpor* passou a ser disseminada nos países vizinhos. O autor cita que o *Otpor* passou a ser visto como um “tipo moderno de mercenários”, onde viajam pelo mundo, muitas vezes custeado por ONGs ocidentais e pelo governo dos EUA, com o objetivo de treinar grupos locais de como organizar uma revolução democrática. Como descreve Engdahl: “*Otpor!*, the US hand behind the Belgrade coup d’etat of 2000, was the first successful civilian application of what would become the hallmark of US Defense policies under Secretary Donald Rumsfeld at the Pentagon.”. (ENGDAHL, 2009, p. 34).

O “poder do exemplo” sugerido por Beissinger pode ser constatado pelo link entre o *Otpor* e os outros grupos que vieram a surgir após os anos 2000. O sucesso do grupo *Otpor*,

⁶³ Como aponta Hepola (2018), o protagonismo dos jovens estudantes se deu por alguns fatores: em primeiro lugar, os jovens tem pouco a perder em comparação aos adultos, que possuem responsabilidades como trabalho e família; em segundo lugar, a juventude naquele período tinha em sua memória o autoritarismo do sistema soviético, o que impulsionou esses jovens a um maior engajamento político tanto a nível doméstico quanto internacional.

como descreve Hepola (2018), contribuiu para o surgimento do *Center for Applied Nonviolent Actions and Strategies (CANVAS)*, esse centro organizava treinamentos, workshops, e discussões estratégicas sobre a resistência não violenta, cujo foco era educar sobre a resistência não violenta como uma tática para troca de regime.

O exemplo vitorioso do *Otpor* foi transmitido para os jovens ativistas da Geórgia. Marcando seis meses antes da Revolução Rosa que marcou a Geórgia em 2003, ativistas georgianos realizaram uma viagem a Belgrado, financiada pela Fundação Soros. Em seguida ao seu retorno, o grupo de ativistas fundaram o *Kmara (Enough)*, o que seria a versão georgiana do *Otpor*. *Kmara*, que não passava de um grupo de 20 ativistas se transformou em um movimento de mais de 3 mil pessoas, e continuou sendo treinado pelos ativistas sérvios nos meses que se sucederam até o evento da revolução rosa. (BEISSINGER, 2007).

No ano seguinte, surge na Ucrânia o movimento estudantil *Pora*, tendo como inspiração os movimentos *Otpor* e *Kmara*. Quatorze ativistas do *Pora* receberam treinamento na Sérvia no CANVAS. Ao retornar a Ucrânia, os jovens do *Pora* realizaram treinamentos em desobediência civil para o resto dos seus membros. Líderes do grupo sérvio *Otpo* viajou até a Ucrânia para dar instruções de como organizar protestos. (BEISSINGER, 2007).

Compreender as dinâmicas que envolvem as Revoluções Coloridas nos ajudam a entender a construção do conceito de GH russa. Isso porque o termo referido por eles engloba também o processo de securitização dessas revoluções democráticas. Como é observado por Nicolas Bouchet (2016) no sentido de que Putin e seus oficiais, têm adotado uma forte narrativa de que a Revolução Colorida seria uma nova forma de guerra utilizada pelos EUA e seus aliados. Dessa maneira, a Rússia denuncia que o Ocidente está conduzindo uma forma de GH contra Moscou no espaço pós-soviético. (BOUCHET, 2016, p. 2).

CAPÍTULO 5: GUERRA HÍBRIDA VS. GIBRIDNAYA VOYNA: UMA ANÁLISE COMPARADA ENTRE OS CASOS

Esse capítulo propõe uma análise comparada entre a participação russa e a estadunidense no conflito ucraniano, levando em consideração os elementos propostos por Gray e Martin (2008), para que possamos comparar guerras em diferentes contextos. Além de comparar a atuação desses dois países no conflito mencionado anteriormente, esse capítulo se propõe a identificar as diferenças e semelhanças entre os conceitos de Guerra Híbrida e de Gibrinaya Voyna, afim de responder se estamos verdadeiramente falando de um mesmo conceito.

5.1 COMPARANDO AS ABORDAGENS HÍBRIDAS

Como já mencionado no primeiro capítulo, comparar guerras em contextos diferentes é algo que apresenta certos desafios. No caso deste trabalho, serão analisados dois eventos que configuram a GH. O primeiro evento será a Revolução Laranja na Ucrânia (entendida pelos russos como uma GH aplicada pelos EUA); e o segundo evento será a Anexação da Crimeia (compreendida pelos EUA como a GH aplicada pela Rússia).

Retomando os componentes sugeridos por Gray e Martin (2008), nos quais são necessários para podermos comparar guerras em contextos e períodos diferentes, serão identificados aqui esses componentes em cada um dos dois eventos mencionados acima.

Quadro 13: Categorias para comparar a guerra

Causa (porque?)	<ul style="list-style-type: none"> • Forças motrizes (dinâmica estrutural; ideologia) • Eventos (triggering events) • Razões públicas (discurso político, razões oficiais)
Participantes (quem?)	<ul style="list-style-type: none"> • Países/governos/grupos • Guerreiros (conscritos, profissionais; guerrilheiros, mercenários) • Civis
Método/Natureza (como?)	<ul style="list-style-type: none"> • Modo (guerra convencional; guerra de guerrilha; genocídio; etc.) • Armas • Mobilização (social, política, econômica) • Ideias (propaganda; imagem) • Legalidade

Escala/duração (onde?); (quando?)	<ul style="list-style-type: none"> • Área/ território • Intensidade • Duração
Resultados (o que?)	<ul style="list-style-type: none"> • Mortos/feridos • Impacto ambiental • Impacto político • Impacto econômico • Impacto psicológicos • Transformações na estrutura social

Fonte: (GRAY; MARTIN, 2008, p. 4-5)

Quanto as causas, ou os motivos pelos quais levaram ao cenário de conflito, podemos identificar alguns pontos específicos em cada evento. No que concerne a Revolução Laranja, a força motriz que a marcou foi a corrupção do governo ucraniano sob a liderança do presidente Kuchma. Além dos escândalos de corrupção, Kuchma também foi acusado de ter envolvimento na morte do jornalista Georgiy Gongadze, que trabalhava para um jornal independente ucraniano conhecido como *Ukrayinska Pravda*. O escândalo tomou grandes proporções ao fitas serem vazadas ao público com conversas entre o presidente Kuchma e alguns dos seus ministros, o que o ligavam diretamente ao desaparecimento do jornalista. Esse escândalo ficou conhecido como *Kuchmagate*. Os escândalos de corrupção deram início a uma onda de protestos em Kiev (ASLUND; LIEVEN, 2001).

Além do escândalo ligado ao presidente Kuchma, outro evento essencial para o surgimento do movimento da Revolução Laranja foram as eleições e as denúncias de fraudes ligadas a ela. O segundo turno das eleições presidenciais ucranianas de 2004 foram marcadas por inúmeras denúncias de fraude, o que levou a população do país a ir para as ruas e protestar demandando a anulação dos resultados oficiais e um novo processo eleitoral. Pode-se dizer que as fraudes eleitorais foi o evento “gatilho” para a Revolução Laranja.

No caso da GH utilizada pela Rússia na Crimeia, os eventos que podem ser considerados como “gatilho”, foram a retirada do presidente pró-Rússia Yanukovich do poder, e a sua substituição por um político pró-ocidente, e também a ameaça da perda do controle da Frota do Mar Negro e da base de Sevastopol na região da Crimeia por parte da Rússia. Além disso, sabe-se que uma expressiva porcentagem da população que vive na região da Crimeia são cidadãos russos. Há relatos de que a Crimeia foi invadida pelos russos a pedido do presidente ucraniano Yanukovich, com a intenção de travar a guerra civil em que o país estava enfrentado após a

desistência da Ucrânia de fortalecer os laços com a EU e com a OTAN em 2014 (WALKER; SALEM; MACASKILL, 2014; BARATA, 2014).

Em relação aos atores identificados na Revolução Laranja, eles podem ser divididos em dois grupos, o primeiro a nível doméstico e o segundo a nível internacional. O primeiro grupo de atores foram: a sociedade civil, os ativistas, políticos da oposição e ONGs ucranianas. Porém, os maiores protagonistas do movimento foram os jovens e os movimentos estudantis, principalmente do *Black Pora!* e do *Yellow Pora!*. Quanto aos atores internacionais, pode-se identificar uma forte atuação do governo dos EUA, de organismos internacionais e ONGs ocidentais, esses atores foram essenciais para fortalecer a oposição ucraniana e para garantir o sucesso da revolução. Em contrapartida, a Rússia também foi atuante na tentativa de conter: os avanços da oposição ucraniana; o financiamento das ONGs russas na Ucrânia; e também da forte propaganda contra os manifestantes da revolução laranja. Alegando ser um movimento ultranacionalista (BRUNSON, 2019).

Durante o processo de anexação da Crimeia, os principais atores atuaram como forças auxiliares ao governo russo. Rauta (2019) criou uma tipologia dos atores não-estatais na GH dentro do contexto da crise ucraniana, nesse caso, foram identificadas quatro categorias de atores: as forças auxiliares, as forças proxy, as forças afiliadas e as forças substitutas (*surrogate forces*).

Rauta (2019) define as forças auxiliares como grupos armado que não fazem parte das forças regulares, porém, estão diretamente ligadas as estruturas de combate. De maneira resumida, dentro da dimensão militar, as operações híbridas costumam combinar forças especiais e milícias locais, no qual esta última ocupando o papel de força auxiliar. O caráter destes atores é protagonizar um papel de multiplicador de forças. No caso da Crimeia, essas forças auxiliares contribuíram em diversas atividades, desde organizar e participar dos protestos pró-Rússia, até atividades que buscavam reforçar a conquista da península pelos russos. Essas forças auxiliares também foram responsáveis por impedir o acesso de observadores da OSCE na península, e por prevenir o surgimento de manifestações pró-Ucrânia na região da Crimeia.

Um exemplo dessas forças auxiliares foram os *Night Wolves*, grupo de motociclistas nacionalistas pró-Rússia, liderados por Alexander Zaldastanov, participaram do processo de anexação da Crimeia como uma força auxiliar as forças regulares utilizadas pelo governo russo. Esse grupo também atuou na Geórgia em 2008 e no sudeste ucraniano (RAUTA, 2019; SHUSTER, 2014).

Since 2009, they [Night Wolves] have been one of the defining elements of Russian soft power in Eastern Europe. Their biker rallies and mass rides through countries like

Ukraine, Estonia, Serbia, Romania and Bosnia serve to promote Slavic pride and Russian patriotism in Moscow's former Soviet dominions (SHUSTER, 2014, site).

Outros atores auxiliares identificados durante a anexação da Crimeia foram os grupos de Cossacos e milícias locais, além de grupos de crime organizado.

A segunda tipologia de atores não estatais identificados por Rauta (2019), foram as forças proxys. Segundo o autor, forças *proxys* são grupos armados que não fazem parte das forças regulares, porém, lutam em nome e para o país que deseja alterar os resultados do conflito enquanto permanece fora dele. Essas forças *proxy* substituem as forças regulares no campo de batalha. No caso da Crimeia, Rauta não identifica o uso dessa tipologia de ator não estatal, e indica apenas que a Rússia utilizou essas forças no sudeste ucraniano, através das forças rebeldes separatistas.

A terceira tipologia identificada foram as forças afiliadas, essas são compreendidas como grupos armados que fazem parte das forças regulares, mas não de forma oficial. Esses grupos filiados lutam para o Estado que almeja modificar os resultados da guerra sem ter ligação direta ao conflito. Como reforça Rauta (2019, p.12), “essas forças afiliadas apresentam uma relação simbiótica, formal, mas juridicamente dúbia, com o Estado, agindo como “o braço invisível” do mesmo”. Além disso, essas forças afiliadas são estrategicamente subordinadas ao país “contratante” e a sua força regular. (RAUTA, 2019, p. 12).

Um exemplo desse tipo de força são os mercenários, as forças militares privadas e os grupos de segurança contratados. Esses grupos foram identificados atuando na Crimeia durante o processo de anexação, como diz o relatório de 2018 elaborado por Bukkvoll e Østensen. A última tipologia identificada por Rauta (2019) foram as forças substitutas. Rauta categoriza as forças substitutas como grupos armados pelas quais as forças do Estado envolvido no conflito combatem. Essa categoria que faz parte da composição dos atores da GH não foi identificada no processo de anexação da Crimeia.

Em relação ao modo de guerra utilizado em cada conflito podemos identificar as seguintes características. No caso da Revolução Laranja, o conflito apresentou-se de natureza não-violenta, e formada predominantemente por manifestações em massa nas ruas de Kiev. Houve uma forte campanha de informação, cujo objetivo era deslegitimar e enfraquecer o governo Kuchma e o seu indicado a sua sucessão. No que concerne a anexação da Crimeia, foram identificadas o uso de táticas como: Guerra Informacional, *Maskirovka*, *Active Measures*, Controle Reflexivo e Desinformação.

A ocorrência de mobilização social foi constatada nos dois eventos. Após diversas denúncias de fraudes nas eleições presidenciais ucranianas de 2004, milhares de jovens, ativistas e civis tomaram as ruas de Kiev (principalmente na praça Maidan) para demandar novas eleições. No caso da anexação da Crimeia, cidadãos russos que viviam na região também foram às ruas para pedir pela independência da Crimeia e pela anexação da região à Rússia.

Quanto as ideias, propagandas e imagens, pode-se afirmar que foram identificadas em ambas os eventos estudados. No caso dos protestos em Kiev, identificou-se o uso da imagem do pulso (característico das revoluções coloridas) em bandeiras espalhadas entre os manifestantes na Maidan. No caso da revolução Laranja em específico, a população foi as ruas usando roupas e bandeiras da cor laranja, o que seria a marca da revolução democrática ucraniana. Havia também, um forte sentimento nacionalista e pró-ocidente que foi estimulado pela mídia independente do país. Além disso, pode-se notar um forte ideal de liberdade e de aproximação ao estilo social, político e econômico aos dos países ocidentais, além de uma forte demanda pelo fim da corrupção no país.

A principal ideia propagada pelo governo russo era a de que a população russa que vive na Crimeia estava ameaçada pelo novo governo nacionalista e russófilo. Essa narrativa foi fortemente divulgada pela mídia russa e construiu uma imagem de legitimidade para o processo de anexação da região. Segundo Giles (2015) esse ideário marcou fortemente a campanha de informação liderada pelo Kremlin, para deslegitimar o novo governo que se configurou em Kiev após a saída de Yanukovich do poder.

No que concerne o caráter legalista dos eventos estudados, podemos concluir que: sob a narrativa russa, a não aceitação dos resultados oficiais das eleições presidenciais na Ucrânia por parte da oposição do país, e conseqüentemente a onda de protestos que culminaram na formação de um novo turno eleitoral (no qual venceu o candidato Yushchenko) foi um processo que não seguiu as normas constitucionais, e por isso carece de legitimidade.

Quanto a questão da Crimeia, Christian Marxsen (2014) realiza uma análise pertinente sobre a legalidade do referendun que culminou na anexação da Crimeia à Rússia em 2014. Segundo o autor, o referendun realizado na Crimeia não é algo previsto pela constituição ucraniana. Mesmo possuindo um status autônomo, dando a região a liberdade de realizar referendun, este estará limitado a questões e assuntos locais. Para a modificação territorial, a constituição ucraniana prevê um referendun de caráter nacional. De forma resumida, sob a constituição ucraniana, o referendun realizado pela Crimeia na qual previa a independência e a anexação ao território russo é entendido como algo que viola as leis ucranianas.

Porém, Marxsen (2014) também evidencia que esse processo de independência ucraniano, a princípio, não fere as normas internacionais. Porém, Marxsen atenta para alguns elementos que contribuem para constar o caráter legal do referendun a nível internacional. O primeiro ponto levantado pelo autor diz respeito a liberdade de votação. Segundo ele, a liberdade de votação do referendun não foi garantida, visto que soldados pró-Rússia tomaram controle da região e dos prédios públicos. Segundo Marxsen, esse fator se torna problemático, pois a legitimidade de um referendun depende da liberdade dos eleitores, ou seja, não deve se deve haver constrangimento pelas forças militares da parte adversaria e também é necessária uma certa neutralidade das autoridades. Esses dois elementos não foram assegurados no processo do referendun na Crimeia. (MARXSEN, 2014, 381).

Outro elemento que deslegitima o referendun na Crimeia e que está relacionado a liberdade de eleição é o caráter ambíguo das perguntas realizadas na votação. Segundo Marxsen (2014), as perguntas não estavam dispostas de maneira clara, dispostas para que sejam respondidas apenas com o um “sim” ou com um “não”. Para o autor, o referendun na Crimeia ignorou este princípio, ao realiza uma formulação ambígua das questões e também ao realizar duas perguntas para a mesma votação.

Em relação a área e a duração dos eventos estudados temos as seguintes definições: a Revolução Laranja teve início após os resultados das eleições presidenciais ucranianas em 2004, e foi concluída com a eleição do presidente Yushchenko ainda em 2004. Em relação a área, os protestos referentes a Revolução Laranja se estabeleceram predominantemente em Kiev, capital da Ucrânia. Quanto ao processo de anexação da Crimeia, teve início em 2014 com a derrubada do presidente ucraniano pró-Rússia, Yanukovich, e foi concluída no dia primeiro de janeiro de 2015, quando a área de conflito, pôde-se resumir ao território que compreende a região da Crimeia e o Mar Negro.

Ao contrário dos protestos que antecederam a anexação da Crimeia, que resultou em dezenas de mortos no confronto entre as forças do governo e os manifestantes em 2014, a Revolução Laranja não apresentou nenhum evento violento o que resultou em nenhuma eventual morte relacionada aos protestos. (EL PAÍS, 2014).

Da mesma forma podemos comparar a atuação russa no conflito da Crimeia com a guerra que se estende até os dias atuais no sudeste da Ucrânia. Não se foi contabilizada nenhuma morte diretamente relacionada ao processo de anexação da região da Crimeia. Já o conflito entre a o sudeste ucraniano e a Rússia apresentaram nos seus primeiros cinco meses de guerra

o número total de 2.600 mortes. (EXAME, 2014). Segundo o jornal O Globo, em setembro de 2019, o número de mortes se elevou para mais de 13 mil. (O GLOBO, 2019)

5.2 GUERRA HÍBRIDA (GH) VS. GIBRIDNAYA VOYNA (GV)

Ao analisarmos ao longo deste trabalho o conceito de GH pode-se avaliar a formação de três principais interpretações do termo, como sugere Ofer Fridman (2017). A primeira conceitualização do termo GH foi criada por Hoffman em seu artigo em 2007. O segundo momento em que o conceito de GH foi reformulado e ampliado foi por meio da OTAN, ao analisar os eventos ocorridos na crise ucraniana em 2014, mais precisamente o processo de anexação da Crimeia através da GH guiada pela Rússia. Por último, Fridman observa a formação do conceito de Gibrídnaya Voyna, formada na esfera acadêmica e militar russa com o objetivo de descrever a nova abordagem ocidental (Revoluções Coloridas) para estabelecer governos pró-ocidente em regiões próximas a Rússia, visando também aplicar em um futuro próximo em Moscou.

Além desses três conceitos que articulam o pensamento em torno da GH, foi possível perceber uma quarta interpretação do termo, realizada por Korybko (2017), na qual entende a GH como a junção das práticas de Revoluções Coloridas com o uso em seguida das táticas de guerras não convencionais. A construção deste conceito foi realizada através da observação da atuação do Ocidente (mais precisamente dos EUA), no conflito ucraniano que teve como marco inicial a Revolução Laranja em 2004.

O conceito de Guerra Híbrida teve como precursor o militar Frank G. Hoffman em 2007. A teoria da GH construída por Hoffman (2007) foi formada através de amálgama de outras teorias e estratégias militares desenvolvidas entre os anos de 1990 e 2000. Em seu trabalho, Hoffman deixa evidente as teorias que deram base na construção do termo GH como: a Guerra Irrestrita; a Guerra Composta; e a Guerra de Quarta Geração. Junto com conceito de Terrorismo, das atividades criminosas, e dos movimentos de insurgência.

Como resume em seu trabalho, a GH foi desenhada através de diversas escolas de pensamento. Da teoria da Guerra de Quarta Geração, incorporou-se a percepção da transformação da natureza dos conflitos contemporâneos que passaram a ser indefinidos, além da perda do monopólio da violência por parte do Estado Nacional. Da teoria da Guerra Irrestrita, Hoffman incorporou a ideia de Guerra Multidimensional, capaz de apresentar diferentes combinações de diferentes tipos de guerra. Dos proponentes da Guerra Composta, o conceito

da GH incorpora a observação das vantagens em relação a sinergia das diversas capacidades (ferramentas) convencionais e irregulares. Hoffman também incorpora o pensamento do acadêmico Bruce Hoffman, no qual enfatiza o crescente papel do terrorismo e a insurgência nos conflitos contemporâneos. Além desses conceitos, Hoffman também inclui em sua teoria as atividades criminais que têm se mostrado frequente nos conflitos atuais, e é fortemente observada por estrategistas estadunidenses e britânicos. (HOFFMAN, 2007, p. 30).

Fridman (2018) observa que através da articulação entre essas diferentes escolas feitas por Hoffman, essa o permitiu criar termos interconectados que seriam o da Guerra Híbrida e o das Ameaças Híbridas. Hoffman define a GH como um conjunto de diferentes modos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas irregulares, atos terroristas e atividades criminosas. (HOFFMAN, 2007, p. 29). Enquanto isso, o autor define as ameaças híbridas como: “any adversary that simultaneously and adaptatively employs a fused mix of conventional weapons, irregular tactics, terrorism, and criminal behavior in the battlespace to obtains their political objectives.” (HOFFMAN, 2010, 443).

O conceito de GH, embora tenha apresentado certo sucesso nas esferas militar dos EUA, também enfrentou diversas críticas. Fridman cita três das principais críticas recebidas por Hoffman pela sua teoria da GH. A primeira diz respeito ao caráter de novidade que o termo GH traz em si. Historiadores como Peter Mansoor e Williamson Murray (2012) defendem que o fenômeno descrito por Hoffman não apresenta nenhuma novidade, se tratando apenas de um termo moderno utilizado para descrever práticas antigas.

Despite the surprise that the events in Lebanon elicited in the American defense community, the historical record suggests that hybrid warfare in one form or another may well be the norm for human conflict rather than the exception. Moreover, history also suggests that such conflicts may well be the most difficult conflicts to win. If that is so, then that wonderful comment by the great American philosopher Yogi Berra – it’s “déjà vu all over again” (MURRAY, MANSOR, 2012, p. 290).

A segunda crítica observada por Fridman se trata da natureza ambígua do conceito de GH. Essa crítica geralmente é posta à tona por estrategistas militares, na qual descrevem a teoria de Hoffman como muito ambígua e difícil de ser utilizada em situações práticas. Autores como Cox, Brusino e Ryan (2012) concordam com Fridman no sentido de que observam o conceito de GH como algo pouco claro e muitas vezes sem utilidade, o que está diretamente ligado a terceira crítica descrita por Fridman.

Uma das críticas mais comuns a respeito do conceito da GH é o seu caráter “a-estratégico”. Como defende Fridman (2018), o conceito de GH foi desenvolvido tendo como

objetivo responder a duas demandas da cultura militar dos EUA que seriam a formação de um conceito de orientação puramente militar e de cunho prático. Essa configuração tornou o termo mais próximo a uma abordagem operacional, não podendo ser caracterizado como uma estratégia em si. Esse raciocínio também pode ser visto pelos autores Cox, Brusino e Ryan (2012) no qual ressaltam a importância do desenvolvimento estratégico em relação as futuras ameaças e desafios enfrentados pelos EUA, visto que as prioridades de financiamento são determinadas em maior parte levando em consideração as futuras ameaças previstas pelos especialistas militares. Dessa maneira, esses autores entendem que, o foco exacerbado das táticas e técnicas que compõem o conceito de GH pouco tem de utilidade e muitas vezes tem impedido o desenvolvimento de estratégias militares consistentes.

Quanto as ameaças híbridas, Cox, Brusino e Ryan (2012) levantam ainda algumas questões relevantes. Esses autores observam que para responder as críticas em relação a real novidade trazida pelo conceito da ameaça híbrida, Hoffman afirma que: o que a diferencia de todas as outras teorias citadas (Guerra irrestrita, Guerra composta, Guerra de Quarta Geração) é o seu caráter multimodal, no qual essa ameaça híbrida será capaz de aplicar múltiplos modelos de guerra ao mesmo tempo com uma alta taxa de letalidade. Os três autores vêem dois problemas ligados a esse pensamento de Hoffman. O primeiro problema identificado e que já foi citado anteriormente é o foco estritamente limitado as questões táticas do conceito de GH e de ameaças híbridas.

O segundo problema identificado por Cox, Brusino e Ryan (2012) é de que as ameaças híbridas classificadas por Hoffman imaginam um inimigo com capacidades que se aproximam a poderes místicos.

By arguing that individual units (or even separated but aligned units) can somehow simultaneously (or easily and quickly) switch back and forth between conventional, irregular, and criminal activities elevates the enemy to mystical status. [...] In order to execute all of their supposed tasks simultaneously or in close sequence, any hybrid threat would have to be highly proficient in a wide variety of modes of warfare, an idea that strains the bounds of reality (COX, BRUSCINO, RYAN, 2012, p. 26).

Segundo esses autores, a falácia do “guerreiro híbrido” se encontra exatamente ao observarmos os grupos que utilizam esse modelo de combate, visto que a razão pela qual esses grupos optam por lutar de diferentes maneiras que não a convencional, é porque não conseguem se equiparar as capacidades superiores convencionais e irregulares dos EUA. Ou seja, eles precisam procurar outro modelo de combate, já que não são capazes de participar de um conflito direto e convencional contra os EUA.

Because of cultural impediments and highly restrictive material backing, they only have limited capabilities and time for training. For that reason, their efforts tend toward economy of force. They go for austerity, not complexity. If they could prepare troops simultaneously to engage in conventional, guerrilla, terrorist, and criminal activities, they would not have to use suicide bombers. More to the point, they would not dream of wasting such highly trained troops on suicide missions (COX, BRUSCINO, RYAN, 2012, p. 26).

Mesmo com todas as críticas em relação ao conceito de GH, Cox (2013) publica posteriormente um artigo no qual reconsidera a importância da teoria de Hoffman. Segundo Cox (2013), por mais que a teoria de GH e o conceito das ameaças híbridas sejam vagos e inconsistentes, Frank Hoffman ressalta em seu trabalho algo relevante e que deve ser levado a sério nos debates sobre os conflitos futuros. Ao indicar que as guerras futuras serão marcadas por seu caráter multimodal (apresentando diferentes modelos de guerra no mesmo espaço de batalha), Hoffman também ressalta a necessidade e a urgência de uma transformação no pensamento militar norte-americano, no qual ele afirma ser predominantemente binário, visto que os debates sobre as guerras do futuro se limitarem majoritariamente entre os proponentes do retorno dos conflitos irregulares ou dos proponentes da permanência dos conflitos de caráter convencional. Como observa Cox:

All too often scholars and policy-makers argue about constructing a strategy for the future that is all too often framed in tones of black of white. Currently the principals are at loggerheads over the notion that the United States is in an irregular “long war” versus a newer argument coming from Air/Sea Battle proponents that the United States should prepare for a potential major conventional fight with China (COX, 2013, p. 1).

Da forma resumida, Cox (2013) entende que se os proponentes da teoria da GH defendem seu conceito com a esperança de que o termo seja usado para romper o pensamento binário característico das escolas militares e dos políticos, então o conceito poderá sim ser reconsiderado e levado adiante. Cox ainda sugere que se for utilizado o conceito de GH, inclusive o que se refere as ameaças híbridas, será necessário uma revisão do conceito afim de torna-lo mais preciso. Para isso, Cox (2013) sugere o uso de mecanismos de categorização provenientes da área da ciência política, como o que foi utilizado pelo autor Bard O’Neill em seu trabalho, na qual categorizava os diferentes tipos de grupos insurgentes e terroristas. Em defesa do trabalho realizado por O’Neill, Cox defende: “the points of O’Neill’s categorization of insurgency is to increase our understanding of insurgent actors in order that specific threats could be met with appropriate and effective actions”. (COX, 2013, p. 2).

Um outro grupo bastante crítico à teoria de GH de Hoffman foi a OTAN, cujo enfoque se desenvolvia na problemática de que o conceito de GH não possuía nenhum vínculo a dimensão estratégica. A OTAN, segundo Fridman (2018), foi responsável pela reconceitualização do conceito de GH criado por Hoffman, com o objetivo de elevá-la ao nível estratégico. Essa dinâmica foi responsável por ampliar o conceito de GH, tendo em vista que a OTAN não se configura em uma organização puramente militar, mas sim apresenta também componentes políticos, sendo assim, foi necessário a revisão do conceito de Hoffman para que este pudesse se encaixar ao pensamento da organização em relação aos conflitos e ameaças futuras.

Ainda em 2010, a OTAN já havia publicado um documento na qual definia o conceito da ameaça híbrida com a intenção de promover o conceito a nível estratégico. Nesse sentido as ameaças híbridas passaram a ser entendidas como:

Those posed by adversaries, with the ability to simultaneously employ conventional and non-conventional means adaptatively in pursuit of their objectives. [...] Hybrid threats involve adversaries (including states, rogue states, non-states actors or terrorist organizations) who may employ a combination of actions in an increasingly unconstrained operation environment in order to achieve their aims. [...] Hybrid threats are comprised of, and operate across, multiple systems/subsystems (including economic/financial, legal, political, social and military/security) simultaneously and will therefore prove problematic for NATO's response which would initially focus upon a military/security line operation (NATO, 2010, p. 2-4).

Diante desta revisão feita pela OTAN em 2010, Aaronson et al. (2011) ressalta que o conceito de GH passou a ser identificado como um termo guarda-chuva na qual engloba diversas atividades como terrorismo, migração, corrupção, conflitos étnicos entre outras atividades. Vale ressaltar a adoção de um conceito de GH mais abrangente também foi utilizado por autores como David Kilcullen (2009) e também Bachmann e Gunneriusson (2015), na qual definem as ameaças híbridas de maneira abrangente, na qual compreendem:

Multimodal, low-intensity, kinetic as well as non-kinetic threats to international peace and security include cyber war, asymmetric conflict scenarios, global terrorism, piracy, transnational organized crime, demographic challenges, resources security, retrenchment from globalization and the proliferation of weapons of mass destruction. Such (multi-)modal threats have become known as 'hybrid threats' (BACHMANN, GUNNERIUSSON, 2015, p. 78).

Fridman (2018) observa que essa nova definição de GH e das ameaças híbridas realizada pela OTAN representou a transformação desse conceito de uma dimensão puramente militar (como foi proposta por Hoffman em 2007), para uma ideia mais abrangente na qual engloba uma ampla gama de ameaças militares e não-militares que possam desafiar a segurança

dos países membros da aliança. Esse movimento, como indica Fridman (2018), preparou o terreno para que o uso do conceito de GH fosse utilizado para descrever as ações russas durante a crise ucraniana de 2014.

Como foi descrito anteriormente, a retomada do conceito de GH tomou maiores proporções logo após os eventos ocorridos na Ucrânia em 2014. Uma das primeiras publicações com o uso do termo foi elaborado pela Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS) em 2015, através do relatório conhecido como *The Military Balance*. Em um tópico identificado como “redescobrimo a Guerra Híbrida”, o relatório apontava para a observação da OTAN diante dos fatos ocorridos na Crimeia e na região oriental da Ucrânia. Segundo o documento, pode-se identificar alguns métodos utilizados pelos Russos no território ucraniano:

The methods applied included the use of military and non-military tools in an integrated campaign designed to achieve surprise, seize the initiative and gain psychological as well as physical advantages utilizing diplomatic means; sophisticated and rapid information, electronic and cyber operations; covert and occasionally overt military and intelligence action; and economic pressure (THE MILITARY BALANCE, 2015, p. 5).

É importante ressaltar que diante deste movimento de reconceitualização, e conseqüentemente a ampliação do conceito, que agora levam em consideração ferramentas que estão para além do espectro militar, afastou tanto o termo GH do seu conceito original elaborado por Hoffman, que Fridman (2018) observou que o único ponto semelhante entre os termos é o nome dado a ele. Em outras palavras, ao procurarmos comparar a abordagem de GH entre a utilizada pelos EUA e pela Rússia, deve-se levar em consideração que o termo em comparação deve ser o utilizado pela OTAN para descrever as ações russas na Ucrânia. Esse é um ponto chave que não deve ser desconsiderado.

Diante do “problema” da questão Ucraniana, a OTAN se viu incapaz de descrever os eventos no país com os modelos de guerras tradicionais. Diante deste cenário, apareceram os primeiros trabalhos dedicados a construir um link entre a atuação russa e a teoria de GH. Como foi o caso do autor Frank van Kappen, um dos primeiros a indicar que as ações russas eram um exemplo de GH. (RÁCZ, 2015; FRIDMAN, 2018). Alguns meses após a publicação de Kappen, a OTAN publica um vídeo⁶⁴ na qual também reforça a ideia de que as ações russas no país vizinho se configuram como uma GH. Logo no início do vídeo há uma declaração onde indica que em certo ponto da crise ucraniana a Rússia apresentava 40.000 soldados dispostos na

⁶⁴ Vídeo: “Hybrid war - hybrid response? (NATO Review)”, publicado em Julho de 2014 no site: <https://www.nato.int/docu/review/articles/2014/07/01/hybrid-war-hybrid-response/index.html>

fronteira com a Ucrânia, porém, no momento em que deram início a campanha de desestabilização no território ucraniano, não foram essas forças convencionais que foram usadas. O que foi observado é que a Rússia havia utilizado métodos não ortodoxos, e técnicas variadas que vêm sendo caracterizadas como GH⁶⁵.

No mesmo ano em que foi publicado o vídeo pela OTAN, Hoffman (2014) publicou um outro artigo no qual assume as limitações do conceito de GH, porém, permanece enfatizando a necessidade de que os estrategistas e políticos estadunidenses comecem a pensar sobre os conflitos atuais de uma maneira que não recaia nas percepções de guerra tradicionais⁶⁶ (defendida principalmente por Clausewitz).

Reconhecendo as limitações conceituais do termo GH, Hoffman (2014) termina concordando com o movimento liderado pela OTAN onde buscou-se alargar o conceito de GH, no qual passaria a compor também as atividades não-convencionais e não violentas, com o uso de ferramentas financeiras, diplomáticas, econômicas, políticas e de informação. Neste artigo, Hoffman (2014) também reforça a percepção de que essa forma “abrangente” de GH observada pela OTAN pode ser identificada no conflito russo tanto na Geórgia quanto na Ucrânia. Outra declaração relevante partiu de General Philip Breedlove, um dos principais militares da OTAN, onde confirma a relação russa com a abordagem da GH. Como reflete em seu discurso: “what we see in Russia now, in this hybrid approach to war, is to use all the tools they have...to stir up problems they can then begin to exploit through their military tool”. (VANDIVER, 2014, site).

Esse debate em relação a GH russa, como já mencionado no capítulo anterior, se configurou em três linhas de debates diferentes, no qual Fridman (2017) os separa. Segundo o autor, a primeira onda de debate sobre a GH russa foi marcada por três narrativas: a primeira seria o reconhecimento por parte da OTAN, e de outros autores⁶⁷, de que a Rússia havia praticado o modelo de GH nos conflitos na Ucrânia; a segunda narrativa percebida por Fridman (2014) foi a expressiva tentativa de reforçar o link conceitual entre o termo GH e a atuação russa no leste europeu (seja utilizando o conceito original criado por Hoffman ou pelo uso do conceito abrangente criado pela OTAN em 2010); a última narrativa identificada pelo autor se

⁶⁵ “At one point during the Ukrainian crisis, Russia had 40,000 troops lined up on the Ukrainian border, but when it came to sowing instability in Ukraine, it was not conventional forces who were used, but rather unorthodox and varied technique, which have been dubbed hybrid warfare”. (vídeo: Hybrid war- hybrid response?, 2014)

⁶⁶ “We [U.S. Military] are too narrowly focused on more traditional but increasingly rare modes of warfare, and overlooking the unconventional approaches used by our Russian and Chinese competitors. They do not delude themselves with neat orthodoxies about categories and Clausewitzian models about how “real wars” are fought and won. Neither should we”. (HOFFMAN, 2014, site)

⁶⁷ Autores como: Hoffman, (2014); Breedlove (2014), Kappen (2014).

configurou em um pedido de ajuda de autores do leste europeu aos membros da OTAN na qual ressaltava a necessidade de criar mecanismos capazes de proteger seus aliados desta região desse novo tipo de ameaça configurado nas ações de GH russa.

A segunda onda identificada por Fridman (2017) ocorre em 2015, e apresentou três diferentes narrativas: a primeira se configurou na tentativa de aprofundar o link conceitual entre as teorias de GH previamente existentes com as ações russas na Ucrânia. Um dos autores mais proeminentes nesse primeiro momento foi o András RácZ com sua obra *Russia's Hybrid War in Ukraine: breaking the enemy's ability to resist*, em 2015. Realizando uma profunda análise teórica e histórica, RácZ (2015) foi um dos poucos⁶⁸ autores a advertir quanto as diferenças entre o a teoria de GH e as ações do Kremlin na Crimeia. A segunda característica desta onda de 2015 estava na tentativa de explicar o comportamento russo na Ucrânia através da interpretação (muitas vezes de forma equivocada) de publicações e documentos da doutrina militar russa. Como foi o caso das incansáveis análises do artigo do General russo Valery Gerasimov, publicado em 2013⁶⁹, e do artigo sobre a nova geração de guerra produzido pelos oficiais Sergey Chekinov e Sergey Bogdanov também em 2013⁷⁰. Segundo Fridman (2017) o debate apresentado por esses autores russos em defesa do que seria a Nova Geração de Guerra foi compreendido de forma equivocada por alguns autores, como por exemplo o modo como os acadêmicos militares russos conceituaram a GH. Ao mesmo tempo ganha força a narrativa em que a Rússia não considera a GH como seu modelo operacional de guerra e que a teoria de Nova Geração de Guerra não apresenta elementos novos⁷¹, ou se configura como uma nova doutrina militar, como sugere diversos autores, como Bartles (2016), Peter Mattsson (2015), Jójárt e RácZ (2017), Timothy Thomas (2016), Mark Galeotti (2018-2019) e Berzins (2019). Adamsky reflete a preocupação de alguns desses autores:

When exploring the theory and practice of Russian operational art, terminology matters. Utilizing Western terms and concepts to define the Russian approach to warfare may result in inaccurate analysis of Russian *modus operandi*. Applying the Western conceptual HW framework to explain Russian operational art, without examining Russian references to this term, isolating it from Russian ideational context, and without contrasting it with what Russian think about themselves and others, may lead to misperceptions. Utilizing the HW framework that dominates

⁶⁸ Diz-se poucos pois a quantidade de produção acadêmica que confirmava a relação entre a teoria de GH e as ações russa eram expressivamente superiores aos trabalhos que se dedicavam a criticar essa relação. (FRIDMAN, 2017, p. 113)

⁶⁹ Artigo: The Value of Science is in the Foresight: new challenges demand rethinking the forms and methods of carrying out combat operations.

⁷⁰ Artigo: The Nature and Content of a New-Generation War.

⁷¹ Tendo em vista que a Nova Geração de Guerra contém ferramentas já utilizadas em tempos soviéticos.

professional discourse to analyze a distinct Russian NGW concept seems like that kind of misrepresentation (ADAMSKY, 2015, p. 21).

A Terceira narrativa identificada por Fridman (2017) durante a segunda onda de debate sobre a GH russa, foi uma transformação do pedido de reação de uma parte dos países membros da OTAN frente a esse novo tipo de ameaça em ações concretas adotadas pela aliança. Essa ação trouxe à tona a percepção de que a OTAN, se tratando de uma aliança militar, apresentava certos pontos limitantes em sua capacidade de responder as ameaças híbridas russas de caráter multidimensional.

A terceira onda observada por Fridman (2017) pode ser entendida como uma consequência das revisões da literatura militar russa que vinha ocorrendo desde 2014. Fruto de uma análise mais detalhada do pensamento militar russo, prevaleceu-se a narrativa de que o conceito de GH não seria o mais correto ao ser utilizado para se referir a atuação de Moscou na crise ucraniana. Essa visão pode ser percebida nos trabalhos de Kofman e Rojansky (2015) e também nos trabalhos das autoras Renz e Smith (2016). Essa perspectiva foi acompanhada por duas narrativas interconectadas: a primeira na qual busca ressaltar a necessidade de pensar como um russo (buscando entender as motivações); e a segunda seria compreender como a Rússia entende a dinâmica dos confrontos internacionais contemporâneas. Trabalhos como o de Timothy Thomas (2016) e o de Mearsheimer (2014) representam esse tipo de perspectiva.

A terceira onda referida por Fridman (2017) teve como resultado a rejeição da aplicação do conceito de GH para descrever as ações russas e uma guinada para outros conceitos como Guerra de Informação que passaram a ganhar espaço nos debates acadêmicos e militares a partir de 2016.

Um dos principais autores comprometidos em observar o uso das ferramentas de informação pela Rússia nos conflitos atuais (Geórgia, Chechena e Ucrânia), foi Keir Giles que em 2016 publicou o *Handbook of Russian Information Warfare*: “a new type of war has emerged, in which armed warfare has given up its decisive place in the achievement of the military and political objectives of war to another kind of warfare – information warfare” (GILES, 2016, p. 3 apud. KVACHKOV, 2004). Após Giles, diversos autores foram da mesma direção e se comprometeram em observar a campanha de informação liderada pela Rússia, principalmente na Ucrânia, como é o caso da Vivian Walker (2015), da Maria Snegovaya (2015), do Jon White (2016), e também das autoras Media Ajir e Bethany Vailliant (2018).

Para além do âmbito da guerra de informação, outros autores influenciados pela narrativa da análise da atuação russa sob a perspectiva e pensamento militar russo, também

passaram a sugerir novos conceitos para descrever as ações russas na Ucrânia. Algumas destas análises buscam no passado soviético algumas ferramentas utilizadas pelos russos atualmente, como é o caso do próprio Keir Giles ao observar o conflito ucraniano, ele indica que:

The Ukraine conflict provides a clear demonstration of how Russia sees cyber activity as a subset, and sometimes facilitator, or the much broader domain of information warfare. In fact, the techniques visible in and around Ukraine represent the culmination of an evolutionary process in Russia information warfare theory and practice, seeking to revive well-established Soviet techniques of subversion and destabilization and update them for the internet age (GILES, 2016, p. 2).

Tendo em vista de que as técnicas e ferramentas utilizadas pelas Rússia nos conflitos atuais são atividades já utilizadas durante o período soviético e que passaram por uma adaptação devido ao surgimento da internet e de novas tecnologias, novas análises foram realizadas afim de identificar esse link. Como foi o caso de autores como Duncan (2017), no qual sugere que a Rússia tem utilizado três táticas soviéticas, as quais seriam a de *Deep Operations*, *Active Measures* e *Reflexive Control*. O uso da tática de Controle Reflexivo por militares russos também foi defendido por Timothy Thomas (2004) e Berzins (2014). A tática soviética de *Active Measures* foi discutida por Abrams (2016). Por fim, o autor Michael Myklín (2018) traz em sua dissertação uma análise das ferramentas soviéticas como *Active Measures*, *Reflexive Control* e da *Maskirovka*.

De forma paralela, o debate sobre a Guerra Híbrida na Rússia mostrou-se tomar outro direcionamento. Como já se foi revelado nos capítulos anteriores, a *Gibridnaya Voyna* e a Guerra Híbrida (conceito originalmente definido por Hoffman) só apresentam em comum o nome. Isso se deu pelo motivo de que os especialistas e estrategistas militares russos não realizaram uma adaptação literal do conceito original de GH, na realidade houve uma tentativa de reconceitualizar o termo para adapta-lo a realidade político-militar russa dentro do que eles compreendem sobre o fenômeno da guerra (FRIDMAN, 2017).

Tomando como base as experiências que deram cabo para a derrota da URSS na Guerra Fria, os especialistas russos puderam evidenciar dois aspectos dos conflitos contemporâneos. O primeiro seria a busca por minar o espírito (ou a coesão) da nação inimiga por meio de uma gradual erosão de sua unidade cultural, de seus valores e de sua autoestima. O segundo ponto identificado pelos russos foi a ênfase nos instrumentos políticos, de informação, de propaganda e econômicos, ao invés do uso maciço da força militar. Levando em consideração esses dois pontos, Fridman (2017) pode observar três teorias distintas, mas que apresentam como base os dois aspectos apontados anteriormente, o que seria a busca por corromper ou enfraquecer o

adversário internamente com o objetivo de conquistar certos interesses políticos, evitando que o conflito escale para sua forma de atrito (uso da força militar). As teorias seriam: a Teoria da Guerra Subversiva de Evgeny Messner, a Teoria da Guerra Centralizada em Rede de Aleksandr Dugin e a Teoria da Guerra de Informação de Igor Panarin. Essas três teorias permearam o pensamento militar russo até a advento da crise ucraniana, quando o conceito de Gibridnaya Voyna ganhou popularidade.

Quanto as principais características da Gibridnaya Voyna, Fridman (2017) ressalta 6 elementos. O primeiro aspecto identificado por Fridman foi a já mencionada diferença entre o termo e o seu conceito original formulado por Hoffman (2007). Enquanto que a teoria de GH de Hoffman leva em consideração apenas a dimensão militar (táticas, métodos e estratégias), a Gibridnaya Voyna enfatiza o link entre os meios e as atividades militares e não-militares, onde o papel principal é desempenhado pelas atividades não-militares, enquanto os meios militares se limitam ao papel de apoio ou suporte nas operações.

A segunda característica da GV diz respeito aos objetivos pelo qual há o conflito. Nos conceitos de guerras tradicionais (regular e irregular) o principal objetivo é destruir o poder político do adversário derrotando as suas forças armadas em um combate físico. O objetivo por trás da GV é a destruição da coesão política do inimigo de modo interno, através do uso de um híbrido de métodos e meios não-convencionais, no qual servem para estimular a polarização política, social ideológica e econômica dentro da sociedade do país adversário, levando-o ao colapso político. Nesse sentido, Fridman (2017) reflete que o conceito de GV mais se assemelha ao conceito ocidental de Guerra Política⁷² do que ao conceito de GH.

O terceiro elemento da GV observado por Fridman (2017) diz respeito ao teor de novidade trazida pelo conceito. Vale lembrar que está é também uma das críticas feitas a teoria da GH no Ocidente. O raciocínio para isso segue da seguinte maneira: visto que o pensamento militar russo tradicional entende o fenômeno da guerra como uma vasta estrutura de confrontos socioculturais e políticos, fazendo com que observem que a guerra não se configura estritamente ao choque entre força armadas (exércitos). Na verdade, compreendem que a guerra envolve outras dimensões como a política, a ideologia, a informação e a economia. Por isso Fridman (2017) reforça que o tipo de guerra proposto pelo conceito de GV não traz em si nenhum aspecto que já não seja familiar aos militares russos.

O quarto elemento característico da GV observado por Fridman (2017) se trata da razão pela qual o conceito surgiu. Segundo o autor, o conceito de GV surge de maneira semelhante

ao surgimento do termo da GH no Ocidente, ou seja, surge por propósitos políticos. De forma resumida, a teoria da Guerra Híbrida passou por um processo de “russificação” por razões políticas. O quinto elemento indicado por Fridman é de que os especialistas russos entendem a GV como um método de conflito geopolítico utilizado explicitamente pelos EUA contra seus adversários, principalmente em situações onde uma guerra aberta (e de larga escala) não é desejada. Esse raciocínio observa que a derrota da União Soviética durante a Guerra Fria foi fruto do emprego de métodos e técnicas ocidentais através do uso de diferentes tipos de subversão não-militar. Visto que a Rússia é a sucessora direta da URSS, torna-se necessário que o Kremlin se esforce para combater as ofensivas ocidentais, agora que a Rússia se tornou o principal alvo da GV estadunidense (FRIDMAN, 2017, p. 97).

O sexto e último aspecto da GV observado por Fridman (2017) se assemelha bastante a crítica enfrentada por Hoffman em relação a sua teoria de GH. Assim como ocorreu no debate ocidental, muitos dos militares russos não adotaram oficialmente o conceito de GV, visto que tradicionalmente as escolas já compreendiam e conceituavam o fenômeno da guerra dentro de uma categoria abrangente de conflitos socioculturais e políticos. Reforçando o entendimento de que a guerra não se configura apenas como um embate entre forças armadas, mas sim compreender diversas outras dimensões, o que torna o conceito de GV familiar e que não apresenta nada de novo que contribua efetivamente para o entendimento dos conflitos atuais.

Outra interpretação russa da Guerra Híbrida é realizada pelos Andrew Korybko (2018). Para esse autor, a GH se configura através de dois elementos: as Revoluções Coloridas e as Guerras não-convencionais. Korybko (2018) defende que a GH “apresenta-se como um pacote híbrido excepcional de dominação tangível e intangível das variáveis do campo de batalha”. No caso, as Revoluções Coloridas corresponderiam a dominação intangível e a guerra não-convencional representa os aspectos da dominação tangível.

Ao descrever os aspectos das Revoluções Coloridas, Korybko (2018) denuncia o trabalho do escritor Gene Sharp, como sendo um dos principais responsáveis pelo sucesso das Revoluções Coloridas. Conhecido como o “Maquiavel da não violência”, Sharp passa a ser identificado por alguns autores como o arquiteto das revoluções coloridas, visto que ele foi responsável pela criação de um verdadeiro manual de resistência não violenta. No qual contém os mais variados métodos não violentos que poderiam ser utilizados para desestabilizar e derrubar um governo autoritário.

Em relação ao uso da Guerra não convencional, Korybko (2018) utiliza a definição formulada por Brian Petit em um artigo no qual traça o encontro entre as guerras não convencionais e as mídias sociais. Segundo Petit (2012), as guerras não convencionais são:

Atividades conduzidas para viabilizar um movimento de resistência ou insurgência a coagir, abalar ou derrubar um governo ou poder ocupante por operação por meio de ou com uma força clandestina, auxiliar e guerrilheira em uma área renegada. [A guerra não convencional] não é um mecanismo que atua com vistas a criar condições para uma revolução – em vez disso, ela apodera-se de uma infraestrutura política, militar e social pré-existente e a apoia com vistas a acelerar, estimular e incentivar ações decisivas baseadas em ganho político calculado e nos interesses nacionais dos EUA⁷³ (PETIT, 2012; apud. KORYBKO, 2018, p. 71).

Encaixando essa definição no contexto da Guerra Híbrida, Korybko (2018) levanta a hipótese de que essa o “conflito pré-existente” sugerido por Petit (2012) seja uma Revolução Colorida fabricada por agentes externos, fazendo com que a guerra não convencional seja entendida como sendo a etapa seguinte da Revolução Colorida. Assim como as Revoluções Coloridas apresentam um “manual de campo”, as guerras não convencionais também contam como esse mesmo tipo de material, que seria um documento de treino conhecido como TC 18-01 (Forças especiais da guerra não convencional) elaborada pelos EUA.

De forma resumida, Korybko (2018) defende que a Guerra Híbrida apresenta dois pilares: o primeiro seria as Revoluções Coloridas (fabricada) e o segundo seria o uso da guerra não convencional. Além disso, ao observar os casos de conflito na Ucrânia e na Síria, Korybko (2018) passa a defender que ambas sofreram o mesmo tipo de abordagem (padronizada), o que o levou a acreditar que a GH pode ser “exportada para diferentes palcos de guerra no mundo”. (KORYBKO, 2018, p. 90).

Visto que a Revolução Colorida ocupa um lugar relevante dentro do que os especialistas russos entendem como GH, é importante que possamos trabalhar de forma mais detalhada alguns dos aspectos desse tipo de revolução dentro do imaginário russo. Como reforça Berzina (2014), o que se entende como Revolução Colorida varia bastante com a perspectiva e com o sistema de valores do observador. Por exemplo, para os especialistas ocidentais, o fenômeno das revoluções coloridas é interpretado como uma das etapas do processo de democratização em países autoritários ou semi-autoritários.

⁷³ “activities conducted to enable a resistance movement or insurgency to coerce, disrupt or overthrow a government or occupying power by operating through or with an underground, auxiliary and guerrilla force in a denied area”. UW is not a mechanism for creating revolutionary conditions – rather, it seizes on and supports existing political, military and social infrastructure to accelerate, stimulate and support decisive action based on calculated political gain and U.S. national interests. (PETIT, 2012, site)

Já a Revolução Colorida sob a perspectiva russa enfrenta algumas distorções em comparação a proposta ocidental. Embora que haja concordância em relação ao seu objetivo final (troca de regimes de governança através dos protestos em massa), oficiais, estrategistas, acadêmicos e especialistas russos discordam quanto alguns aspectos da natureza dessas revoluções. O debate sobre as questões que envolvem as Revoluções Coloridas pode ser identificado no espaço russo como é o caso da Doutrina Militar Russa, ou dos manuais de Estratégia de Segurança Nacional do país, e também em congressos e encontros acadêmicos na área de segurança. (BERZINA, 2016; BOUCHET, 2016; CORDESMAN, 2014; PAPERT, 2014; MCDERMONTT (2016); GOLTS, 2014; FAITH, 2014; GORENBURG, 2014)

Ao nível político, as Revoluções Coloridas têm sido fortemente mencionadas pelo próprio presidente russo em alguns dos seus discursos. Em um artigo do *The New York Times* em 2013, Putin faz uma crítica a participação dos EUA no conflito Sírio. Segundo Putin (2013), a Síria não estaria enfrentando uma batalha pela democracia, mas sim um conflito armado entre o governo e uma oposição. O presidente russo ainda acusa:

There are few champions of democracy in Syria. [...] The United States State Department has designated Al Nusra Front and the Islamic State of Iraq and the Levant, fighting with the opposition, as terrorist organizations. This internal conflict, fueled by foreign weapons supplied to the opposition, is one of the bloodiest in the world [...] It is alarming that military intervention in international conflicts in foreign countries has become commonplace for the United States (PUTIN, 2013, site).

Em uma cerimônia para embaixadores estrangeiros, também em 2014, Putin reforça a necessidade de Moscou prevenir o surgimento de uma Revolução Colorida na Rússia. “in the modern world extremism is being used as a geopolitical instrument and for remaking spheres of influence. We see what tragic consequences the wave of so-called color revolutions led to”. (KORSUNSKAYA, 2014, site).

As narrativas sobre as Revoluções Coloridas também passaram a serem evidenciadas nos documentos oficiais russos, como foi o caso da Doutrina Militar, nos manuais de Estratégia Militar e ainda nos documentos de política externa. Nikitina (2014) chama atenção para o fato de que nos documentos de política externa de 2013 (e também nas versões anteriores) ainda não mencionavam as Revoluções Coloridas como componente de sua lista de ameaças, muito menos mencionava a urgência de seu combate como uma prioridade regional. Em setembro de 2014, a mídia russa anunciava que uma nova Doutrina Militar estava sendo desenvolvida pelos oficiais de segurança russos. Em entrevista, o secretário de segurança russo Mikhail Popov afirmou que a formulação de uma nova Doutrina Militar era necessária, tendo em vista o surgimento de novos desafios e ameaças à segurança da Federação russa. Desafios manifestados

principalmente nos eventos da Primavera Árabe, no conflito na Síria e nos acontecimentos na Ucrânia. (NIKITINA, 2014, p. 87).

Essa observação de Nikitina (2014) é de certa forma contrária às observações indicadas por Berzina (2014). Segundo a autora, embora não houvessem referências diretas às Revoluções Coloridas na Doutrina Militar Russa de 2010, há indícios de que já havia nesse documento a descrição de como essas Revoluções se desenvolviam. Como Berzina aponta ao citar uma parte do documento referente a um dos desafios militares enfrentados pela Rússia, que se configura na tentativa de desestabilizar a situação em vários Estados e regiões com o intuito de minar a estabilidade estratégica⁷⁴. (BERZINA, 2014, p. 12 apud. KREMLIN, 2010).

A crescente preocupação russa em relação às Revoluções Coloridas também ficou clara nos principais congressos e conferências que tomaram parte após 2014, onde se passou a defender uma agenda de Contrarrevolução Colorida nos mais diversos campos (acadêmicos, políticos e militares). Alguns dos debates mais relevantes sobre o debate das Revoluções Coloridas na Rússia foi relatado pelo especialista Anthony Cordesman (2014). No documento elaborado por Cordesman (2014), foi realizado um resumo das principais apresentações realizadas na Conferência de Moscou em Segurança Internacional (MCIS) em maio de 2014.

Segundo alguns autores, ficou clara a tentativa entre os debatedores da Conferência dos seus esforços para enquadrar as Revoluções Coloridas como um novo tipo de guerra encabeçado pelos EUA, cujo objetivo era trocar a liderança política de outros países que eram consideradas antiocidentais. Grandes figuras da esfera de defesa russa apresentaram em suas narrativas uma certa preocupação com este novo método de guerra, além de enfatizar a necessidade de criar mecanismos para evitar que uma revolução deste tipo se instale na Rússia⁷⁵.

Golts (2014) aponta que inicialmente a conferência (MCIS) teria como proposta discutir questões relacionadas a segurança regional e os futuros desafios que inevitavelmente surgiriam com a retirada das forças de coalizão do Afeganistão. Para o autor, houve uma mudança na agenda da conferência após o discurso de abertura feito escrita por Putin e lida pelo Ministro da Defesa russo Serguei Shoigu. Nas palavras de Putin: “Obviously, modern challenges and threats make it necessary to stop the archaic logic of geopolitical games with zero sum game,

⁷⁴ Trecho original: an attempt to destabilize the situation in various states and regions and undermine strategic stability” (BERZINA, 2014, p. 12 apud. KREMLIN, 2010).

⁷⁵ Vale ressaltar que autoras como Ponamareva (2012) defendia que o destino final das Revoluções Coloridas era a Rússia. Em suas palavras “Russia is the final destination of ‘color revolutions’ since the strategic goal of the West is to immerse Russia in a democratic chaos and to bring it to its final fragmentation”. Essa perspectiva foi compartilhada por grande parte dos especialistas que se apresentaram na Conferência. (PONAMAREVA, 2011, p. 39; BERZINA, 2014, p. 12)

the attempts to force your own methods and values on other peoples, including by color revolutions”. (PAPERT, 2014, p. 7).

Os esforços para fortalecer uma narrativa de que a Revolução Colorida faz parte de um método de guerra dentro da complexa dinâmica das Guerras Híbridas, pode ser evidenciado nas falas de alguns dos palestrantes, que por consequência fazem parte grandes figuras da área de defesa russa. Um dos palestrantes era o Ministro da Defesa russo Shoigu, sua apresentação foi endereçada em apontar os impactos negativos das Revoluções Coloridas no cenário internacional. Papert (2014) relata as principais declarações da apresentação de Shoigu na MCIS:

Shoigu said that color revolutions were a new form of warfare invented by Western governments seeking to remove national governments in favor of ones that are controlled by the West, in order to force foreign values on a range of nation. [...] Shoigu pointed out that the consequences of color revolutions are very different from the protest organizations’ initial stated goals. The main result has been instability (PAPERT 2014, p. 8).

Shoigu continua afirmando que: “color revolutions are increasingly taking on the form of warfare and are developed according to the rules of warcraft”. (GOLTS, 2014, site). Shoigu ainda reforçou que diversos casos já poderiam se encaixar a esse novo tipo de guerra como foi o caso da Sérvia, da Líbia da Síria, e que no momento estava ocorrendo na Ucrânia e na Venezuela.

Em seguida foi a vez do General Gerasimov realizar sua apresentação, em suas considerações Gerasimov reforçou a ideia de que os EUA haviam desenvolvido um novo método de guerra, que de início se utilizava de táticas não-militares para a troca de governos opositores através dos protestos em massa dentro do processo que chamou de Revolução Colorida. Utilizando a Líbia e a Síria como exemplos, Gerasimov também enfatizou o papel das forças militares por trás das Revoluções Coloridas. Segundo o General russo, o que antes começou como um conflito interno pode se transformar rapidamente em uma batalha entre radicais e o governo no poder. (CORDESMAN, 2014; PAPERT, 2014, p. 9).

Ainda nesta conferência se apresentou o oficial russo Zarudnitsky, que assim como Gerasimov, procurou traduzir o debate sobre a Revolução Colorida sob uma linguagem militar. (GOLTS, 2014, site). Zarudnitsky então reforça os aspectos militares dessas revoluções, ao argumentar que ao mesmo tempo em que o Ocidente considera as Revoluções Coloridas como um movimento pacífico de derrubada de governos não democráticos, os eventos ocorridos no Oriente Médio e no Norte da África mostrou que as forças militares compõem de forma integral em todas os aspectos desse tipo de revolução. (PAPERT, 2014, p. 10-11). Segundo Golts

(2014), Zarudnitsky também mencionou em sua apresentação as etapas pelas quais esse novo modelo de guerra se desenvolvia:

First, the countries organizing the overthrow of the undesirable government use their military potential to apply overt pressure, with the goal of preventing that state from using its security forces to restore law and order [...] Then, as the opposition launches military operations against government forces, the foreign states provide military and economic aid to the rebels. After that, the coalition of countries can carry out military operations to defeat the government forces and assist the armed opposition forces to seize power (GOLTS, 2014, site).

Outro evento marcado pelo debate sobre as Revoluções Coloridas foi o Encontro Anual da Academia de Ciências Militares (*Akademia Voyennykh Nauk* – ANV) ocorrido em 2015. Nesse encontro, como ressalta McDermott (2016), contou inicialmente com o pedido do General Gerasimov para que teóricos militares, especialistas e representantes da indústria de defesa juntassem esforços para desenvolver estratégias de “*soft power*” com o intuito de conter as ameaças advindas das Revoluções Coloridas. Sobre o encontro:

Color revolutions were characterized as an essential component in the Western “hybrid warfare” approaches, with the underlying message during the conference being that Moscow must now remedy these threats by forming new anti-hybrid capabilities of its own (MCDERMOTT, 2016, site).

O Ministro das Relações Exteriores da Federação Russa realizou algumas considerações a respeito das Revoluções Coloridas em um artigo em 2016. Para o ministro, os EUA e seu aliados estão utilizando todos os métodos possíveis para assegurar a sua posição de liderança global. Como indica Lavrov (2016), diversas maneiras de exercer pressão, como sanções econômicas ou intervenções armadas, estão sendo empregadas pelo Ocidente. Essa “tecnologia” de mudança inconstitucional de governos por meio das revoluções coloridas têm sido experimentadas e testadas, e tem se mostrado destrutivas para os Estados que vem sendo alvo dessas ações. (LAVROV, 2016, site).

Em um artigo mais atual, Gerasimov (2019) continua a denunciar as ações de política externa dos EUA, definindo-a com agressiva⁷⁶. O que tem mostrado que a ameaça apresentada pelas Revoluções Coloridas tem permanecido como uma preocupação do Kremlin nos dias atuais.

⁷⁶ Gerasimov denuncia: “the United States and its allies have identified the aggressive vector of their foreign policy. They are working on offensive military operations, such as global strike, a multi-sphere battle, and the technologies of ‘color revolutions’ and ‘soft power’ are used. Their goals are the elimination of statehood in objectionable countries, the undermining of sovereignty, and the replacement of legally elected authorities. So it was in Iraq, Libya, and Ukraine.” (GERASIMOV, 2019, site).

Ao defenderem que as forças militares podem ser identificadas em todos os aspectos da Revolução Colorida, os oficiais e especialistas russos passam a adicionar uma dimensão militar ao conceito de Revolução Colorida, fazendo com que o fenômeno observado se distancie do seu conceito ocidental original e passe a ser identificado como um novo tipo de guerra. (BERZINA, 2014; GORENBURG, 2014; BOUCHET, 2016).

Segundo Berzina (2014), a dimensão militar das revoluções coloridas observadas pelos especialistas russos, tem sido explicada devido aos métodos pelos quais os próprios russos desejam combater esse fenômeno. Como reforça Bouchet (2016), há uma tentativa por parte de Moscou de securitizar a questão dos protestos anti-regime, para posteriormente militarizá-los. O pensamento pelo qual o processo de securitização e militarização passa, são pelos seguintes pontos: quanto a securitização, ficou claro anteriormente os esforços para tornar o fenômeno das revoluções coloridas uma das mais novas ameaças dispostas pelo Ocidente, para desestabilizar tanto Moscou quanto os seus países vizinhos (minando assim o seu protagonismo regional). O Kremlin passou a interpretar esses protestos não mais como fruto de questões puramente internas, mas sim, como algo construído por agentes externos e mais importante ainda, sob interesses puramente dos países ocidentais.

Dessa maneira, ao identificar o fenômeno dos protestos em massa como uma ameaça a segurança da Federação Russa, o Kremlin conseguiu construir uma narrativa capaz de legitimar uma reação caso protestos deste tipo tornassem a ocorrer no país. Vale ressaltar que esta narrativa não só legitima uma reação a nível nacional como também tem sido utilizada para justificar a intervenção russa em outros países. Como foi o caso da Ucrânia, no qual o Kremlin afirmou interferir em função de proteger a população étnica russa que vive no país (e estão concentradas principalmente na região da Crimeia).

Quanto a militarização, Berzina (2014) identifica que há um link entre essa dimensão militar e a proposta russa para conter as revoluções coloridas. A resposta para se entender essa questão está na estratégia de não-violência. Como afirma Berzina (2014), a estratégia de não-violência é princípio base dos protestos no fenômeno da Revolução Colorida. Para que os objetivos da revolução sejam atingidos é imprescindível que as manifestações se mantenham não-violentas, ou seja, que não haja uma escalada violenta por parte dos protestos. Porém, Berzina (2014) observa que o oposto desta afirmativa deve ser levado em consideração. Se você deseja conter uma revolução colorida é necessário haver uma escalada para um confronto violento. Ao observarem que há um caráter de guerra nessas Revoluções (com um papel central das forças armadas estrangeiras) Moscou tem se inclinado a responder essa ameaça rompendo a estratégia de não-violência, o que é essencial para a legitimidade dessas manifestações.

Gorenburg (2014) afirma que a contra estratégia russa para as revoluções coloridas pode ser identificada pelas ações políticas e militares: as ações políticas tomadas por Moscou foram o fortalecimento das alianças com outros regimes autoritários⁷⁷ e as alianças com os partidos de direita⁷⁸ (ou de extrema direita) dos EUA e da União Europeia. No aspecto militar, a Rússia tem se comprometido a dar suporte a alguns regimes autoritários, dando auxílio militar e econômico, além de declarar publicamente o seu apoio aos governos que tem tomado ações contra os protestos em massa. Vale lembrar que Berzina (2014) em seu trabalho apresenta alguns dos pontos em que Moscou tem atuado para conter as Revoluções Coloridas pelo mundo. Alguns desses pontos levantados pela autora foram descritos nos capítulos anteriores. De forma resumida, Berzina (2014) observa que para conter essas revoluções, a Rússia tem se baseado no uso do poder militar e no *soft power*. O que leva a autora a indagar o quanto essa reação russa se assemelha a uma miragem em um espelho. Para ela, Moscou ao tentar combater as Revoluções Coloridas, tem reproduzido a mesma estratégia ocidental para minar a influência da mesma na Ucrânia⁷⁹.

Quadro 9: Comparando as teorias de GH e GV

Guerra Híbrida	Gibridnaya Voyna
<p>Hoffman</p> <ul style="list-style-type: none"> • Limitada ao aspecto militar • Compreende a utilização de maneira simultânea de diferentes modos de combate, incluindo capacidades militares, táticas irregulares, atos terroristas e atividades criminosas. Tudo isso no mesmo teatro de batalha 	<p>Fridman</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ignora o conceito de Hoffman • Apresenta um caráter abrangente no qual dá relativa ênfase aos instrumentos não-militares (política, economia, informação e propaganda) • O objetivo é estimular a polarização (política, social e ideológica) dentro da sociedade do país adversário levando-o ao colapso político
<p>OTAN</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abrange aspectos militares e não-militares 	<p>Korybko</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Guerra Híbrida dos EUA compreende dois mecanismos: as

⁷⁷ Que ficou evidente ao olharmos a diferença entre os participantes do MCIS de 2013 e o de 2014. Ao contrário do evento em 2013, que contou com a participação de representantes da OTAN, em 2014 o evento contou com a presença do Ministro da Defesa do Irã, o Ministro da defesa do Egito, o Chefe da Defesa do Mianmar, do Vietnã, da Síria, dos Emirados Árabes, e uma grande delegação chinesa, mas não houve representantes da OTAN. (GORENBURG, 2014, p. 2)

⁷⁸ A Rússia tem dado suporte aos partidos e movimentos nacionalistas europeus que se mostram contrários a União Europeia. Ao fazer isso Moscou tem como objetivo minar a unidade dentro das alianças ocidentais.

⁷⁹ “In the case of the crisis in Ukraine in 2013/2014, pro-Russian unrest can be defined as an ‘anti-governmental force’ therefore the ‘color revolution’ warfare concept of V. Gerasimov may be mirrored back as Russia’s own strategy of countering increasing Western influence in Ukraine”. (BERZINA, 2016, p. 14)

<ul style="list-style-type: none"> • Compreende o uso simultâneo de múltiplas formas de combate, por meio da junção dos meios militares e não militares. Dessa forma, a abordagem híbrida é composta por um mix de táticas de guerrilha, com o uso de armamentos de alta tecnologia, atos terroristas e criminosos e o uso das forças armada. Junto a essas ferramentas militares, identificou-se o uso de atividades como diplomacia, interação política, ajuda humanitária, pressão social e econômica e controle da mídia. 	<p>Revoluções Coloridas e o Guerra não-convencional.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------

Fonte: elaboração própria.

Como forma de esclarecer as teorias até o momento abordadas, o quadro acima foi elaborado com o intuito de trazendo os principais aspectos identificados por cada uma das teorias de GH, seja sob a perspectiva ocidental ou pela perspectiva russa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a mudança nas dinâmicas dos conflitos após o final da Guerra Fria, uma das teorias que ganharam força para explicar esses “novos” fenômenos de guerra foi a teoria da Guerra Híbrida, formalizada por Frank G. Hoffman em 2007. A teoria da GH de Hoffman foi construída tendo como base a teoria da Guerra de Quarta Geração formulada por Lind em 1989. A teoria de Hoffman possuía um caráter puramente militar, ou seja, apenas considerava os aspectos militares (guerra regular, irregular) no campo de batalha.

Essa teoria ganhou força após a intervenção russa na Ucrânia em 2014, no qual culminou na Anexação da região da Crimeia à Rússia. O processo de anexação se mostrou distinto a qualquer outra abordagem russa anteriormente vista, pelo fato de que não houve de forma clara a atuação das forças armadas russas e muito menos houve uma escalada do conflito em níveis altos de violência. Na tentativa de explicar essa “nova” abordagem russa, especialistas ocidentais tiveram na teoria de Hoffman a base necessária para construir uma narrativa na qual denuncia Moscou de praticar um novo tipo de guerra, tendo como base o artigo do General

russo Gerasimov, elaborado em 2013, o que se tornou no imaginário ocidental, a nova Doutrina Militar russa.

Ao mesmo tempo, um movimento semelhante ocorria na Rússia no sentido de denunciar a participação ocidental, mais precisamente a dos EUA e da EU, nos eventos de protestos em massa ocorridos nos países vizinhos de Moscou. Para os especialistas russos, a GH era o mais novo modelo de guerra utilizado pelos EUA com vista em minar a influência russa a nível regional e global. Essa nova abordagem, se mostrava vantajosa visto que não colocava o país (EUA) diretamente na guerra, evitando uma repercussão negativa de sua imagem a nível internacional, e diminuía os custos políticos e econômicos que geralmente um conflito convencional requereria.

Tendo em vista esta dupla acusação, este trabalho se propôs analisar a participação dessas duas potências (EUA e Rússia) dentro do conflito ucraniano através das “lentes híbridas”. O objetivo da análise destes dois casos é identificar as diferenças e similaridades entre as abordagens de GH empregadas por cada um desses dois países. Ao longo da pesquisa pode-se identificar dois pontos divergentes: o aspecto teórico da GH e o seu aspecto prático.

Em seu aspecto teórico ficou evidente que a construção do conceito de GH na Rússia e nos EUA tomaram diferentes caminhos. Sob a perspectiva ocidental (dos EUA), como mencionado anteriormente, o conceito de GH de apoia na teoria da Guerra Irregular, na Teoria de Guerra Composta, na Teoria da Guerra assimétrica e na Teoria da Guerra de Quarta Geração. De forma resumida, a Teoria de GH contempla o uso simultâneo de táticas e métodos regulares e irregulares em um campo de batalha.

Na tentativa de criar um link entre a teoria de GH de Hoffman com os eventos na crise ucraniana, houve uma ampliação e o conceito passou a agregar outras dimensões estavam além dos aspectos militares. Esse processo foi guiado pela OTAN contando inclusive com uma releitura e readaptação da teoria elaborada pelo próprio Hoffman. Essa nova interpretação do conceito de GH agora levaria em consideração aspectos não-militares como pressões econômicas, crimes, terrorismo, guerra de informação, propaganda e desinformação. Isso nos permite observar que, até mesmo no ocidente, o conceito de GH enfrentou certas mudanças, se distanciando assim do conceito original sugerido por Hoffman e utilizado nesta pesquisa como perspectiva de análise.

Em relação a construção do conceito de GH na Rússia, que na tradução ficou conhecida como *Gibridnaya Voyna*, apresentaram-se alguns aspectos relevantes ao longo da pesquisa. Tradução literal do termo inglês *Hybrid Warfare*, a *Gibridnaya Voyna*, como reforça Fridman

(2018), de semelhança só apresentam o nome. o discurso que acusava a Rússia de praticar a GH na Ucrânia repercutiu inúmeras críticas. Autores como Heuer (2014), Duncan (2017), Myklín (2018), Giles (2015), Abrams (2016), Snegovaya (2015) e White (2016), constataram que não havia nada de novo na atuação russa que culminou na anexação da Crimeia.

Esses autores passaram a condenar a narrativa ocidental em relação a GH russa. Para muitos desses autores citados, as práticas utilizadas pela Rússia na Ucrânia faziam parte de um conjunto de ferramentas já utilizadas pelo país no período soviético. Essas ferramentas seriam a Decepção Estratégica, a *Maskirovka*, as Medidas Ativas, o Controle Reflexivo, as *Deep Operations*, a Guerra de Informação, o uso de desinformação e de propaganda.

A hipótese de que estamos falando de um conceito semelhante de GH também foi negada ao olharmos para o trabalho dos autores Fridman (2017) e Korybko (2018). Fridman (2017) sugere que ao construir o conceito de GV os especialistas russos tomaram como base teorias russas como a da Guerra de Subversão, a Teoria da Guerra de Informação e a Teoria da Guerra Centralizada em Rede. De forma resumida, esse autor indica que houve um processo de “russificação” do conceito de GH, levando em consideração a maneira diferenciada como os russos entendem o fenômeno da guerra e também o das suas capacidades militares. Tendo como base as teorias citadas acima, Fridman (2017) percebe que a teoria de GV russa na verdade mais se assemelha a Teoria da Nova Geração de Guerra criada por Bogdanov e Chekhov, e reforçada por Gerasimov em seu artigo de 2013, ao invés de apresentar maior proximidade a teoria ocidental de GH formulada por Hoffman.

Korybko foi outro autor que em sua análise deixa evidente a diferença entre os conceitos de GH e de GV. Para o autor, a GH na perspectiva russa compreende dois elementos: as Revoluções Coloridas e a guerra não convencional. Vale ressaltar que o conceito de Revolução Colorida sugerido pelos russos também sofre do mesmo problema do conceito de GH, ou seja, ele difere de forma relevante em seus componentes. Dessa maneira, pode-se concluir que se tratando do conceito de Guerra Híbrida (ou seja, da teoria), ele demonstra diversas diferenças entre a perspectiva russa e a ocidental. O que nos faz concluir que não estamos falando de um mesmo tipo de abordagem de guerra utilizados por esses dois autores.

Já em relação aos casos (práticos) analisados, pode-se dizer que apresentam uma dinâmica diferente. As táticas e métodos e ferramentas empregadas por ambos os países durante a crise ucraniana se mostram bastante similares. Os dois países atuaram na Ucrânia de forma “terceirizada” por meio de suporte político, econômico e militar, seja ele aos grupos de oposição ou aos grupos pró-Rússia, contrários ao estreitamento das relações da Ucrânia com a EU e com

a OTAN. Ambos apresentaram uma expressiva participação no fornecimento de informação, propaganda e uso das principais redes sociais, assim como rádios e jornais no país. Houve também o treinamento de grupos rebeldes por ambas as partes (EUA e Rússia), a simulação de treinamentos militares ao longo do território ucraniano.

De forma prática, o uso dos meios e táticas reconhecidos pela abordagem híbrida foram utilizados por ambos os países em questão. O que sugere que estaríamos sim falando de um mesmo tipo de Guerra sendo utilizado pelos mesmos. Uma das sugestões capazes de explicar esse problema entre teoria e prática veio através da ideia de Contrarrevolução. Como observou Berzina (2014), a Rússia, ao buscar definir e responder a ameaça da Revolução Colorida (o que o Kremlin entende como GH), tem praticado o que seria um reflexo de um espelho, ou seja, tem respondido a essas ameaças do mesmo jeito que Moscou as vê.

Se optarmos por essa perspectiva, fica evidente que a Rússia na verdade tem utilizado, ou imitado, as táticas de GH ocidentais, no sentido de conter os avanços da OTAN e da EU nas regiões que historicamente permanecem sob influência russa. Ou seja, de forma prática Moscou não desenvolveu um novo tipo de Guerra, e muito menos formulou o que os EUA denunciam ser uma Guerra Híbrida Russa. Vale ressaltar outra questão: o caráter político dessa narrativa. Como ressaltou Fridman (2017), o conceito de GH se mostrou bastante útil para fins políticos, isso em ambos os países.

Os motivos políticos e sua repercussão a nível da segurança internacional devem ser considerados explorados. Principalmente tendo o cuidado de observar as diferentes perspectivas. Ao indicarem que a GH foi praticada pela Rússia, por parte de alguns teóricos e especialistas ocidentais, o histórico do pensamento militar russo e principalmente seus interesses políticos, tanto a nível regional quanto global, foram ignorados de forma crítica. O que tem como consequência a interpretação errônea dos reais interesses e as reais capacidades militares e não-militares da Rússia. Tornando-a mais uma vez, como definiu Churchill⁸⁰ em 1939, “uma charada, envolta em um mistério, dentro de um enigma”.

⁸⁰ Tradução original: “a riddle, wrapped in a mystery, inside an enigma”. (COWELL, 2008)

REFERÊNCIAS

AARONSON, Michael; DIESSEN, Sverre; KERMABON, Yves de; LONG, Mary Beth; MIKLAUCIC, Michael. **NATO Countering the Hybrid Threat**. 2011. PRISM 2, no. 4. Disponível em: https://cco.ndu.edu/Portals/96/Documents/prism/prism_2-4/Prism_111-124_Aaronson-Diessen.pdf.

ABRAMS, Steve. **Beyond propaganda: Soviet active measures in Putin's Russia**. Connections: The Quarterly Journal, v. 15, n. 1, p. 5-31, 2016.

ADAMSKY, Dmitry. **Cross-Domain Coercion: The Current Russian Art Strategy**. 2015. Disponível em: <<https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/pp54adamsky.pdf>>.

AJIR, Media; VAILLIANT, Bethany. **Russian Information Warfare: Implications for Deterrence Theory**. Strategic Studies Quarterly, v. 12, n. 3, p. 70-89, 2018.

ALEXANDER, Bevin. **A Guerra do Futuro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

ALLEN, T. S.; MOORE, A. J. **Victory without Casualties: Russia's Information Operations**. Parameters, v. 48, n. 1, p. 59-71, 2018.

ALT, Vivian. **As Raízes do Conflito na Ucrânia**. 2015. Carta Capital. Disponível em: <https://politike.cartacapital.com.br/as-raizes-do-conflito-na-ucrania/>.

ARROW, Ruaridh. **Gene Sharp: Author of the nonviolent revolution rulebook**. BBC News. 21 de Fevereiro de 2001. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-12522848>.

ASCOTT, Tom. **Should Robots Kill? Towards a Moral Framework for Lethal Autonomous Weapons Systems**. 2019. Disponível em: <<https://rusi.org/publication/rusi-newsbrief/should-robots-kill-towards-moral-framework-lethal-autonomous-weapons>>.

ÅSLUND, Anders. **The Maidan and Beyond: oligarchs, corruption, and european integration**. Oligarchs, Corruption, and European Integration. 2014. Journal of Democracy, Vol. 25. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/549498>.

ÅSLUND, Anders; LIEVEN, Anatol. **Kuchmagate: political crisis in ukraine?**. Political Crisis in Ukraine?. 2001. Carnegie Moscow Center. Disponível em: <https://carnegie.ru/2001/02/14/kuchmagate-political-crisis-in-ukraine-event-274>.

ATHERTON, Kelsey D. **Russian system uses infantry to spot for robots**. 2019. Disponível em: <<https://www.c4isrnet.com/unmanned/2019/03/04/russias-new-robot-is-a-combat-platform-with-drone-scouts/?fbclid=IwAR1d-ymFrW7r4Rhsok-5FhpqjTM1OJqjbsSmAr9S10HxF9-ebIigR8nxhKQ>>.

BACHMANN, Sascha Dov; GUNNERIUSSON, Hakan. **Hybrid Wars: the 21st-century's new threats to global peace and security**. The 21st-Century's New Threats to Global Peace and Security. 2014. South African Journal of Military Studies, Vol 43, No. 1. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2506063.

BAEV, Pavel K.. **A Matrix for Post-Soviet 'Color Revolutions: Exorcising the Devil from the Details**. 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/223386591101400201?journalCode=iasb>.

BANASIK, Mirosław. **How to understand the Hybrid War**. Securitologia, n. 1 (21), p. 19-34, 2015.

BARATA, Clara. **Rússia invade a Crimeia para responder a pedido de Ianukovich**. 2014. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/03/03/mundo/noticia/russia-invade-a-crimea-para-responder-a-pedido-de-ianukovich-1626979>.

BARTLES, Charles K. **Getting Gerasimov Right**. Military Review, v. 96, n. 1, p. 30-38, 2016.

BARTLES, Charles K. **Russia's Indirect and Asymmetric Methods as a Response to the New Western Way of War**. Special Operations Journal, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2016.

BATYUK, Vladimir I.. **The US Concept and Practice of Hybrid Warfare**. 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09700161.2017.1343235?src=recsys&journalCode=rsan20>.

BEAUMONT, Roger. **Maskirovka: Soviet Camouflage, Concealment and Deception**. TEXAS A AND M UNIV COLLEGE STATION CENTER FOR STRATEGIC TECHNOLOGY, 1982.

BEISSINGER, Mark R.. **Structure and Example in Modular Political Phenomena: The Diffusion of Bulldozer/Rose/Orange/Tulip Revolutions**. 2007. Disponível em: <https://scholar.princeton.edu/sites/default/files/mbeissinger/files/beissinger.modularrevolution.pdf>.

BENSAHEL, Nora. **Darker Shades of Gray: Why Gray Zone Conflicts Will Become More Frequent and Complex**. 2017. Disponível em: <<https://www.fpri.org/article/2017/02/darker-shades-gray-zone-conflicts-will-become-frequent-complex/>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

BERMÚDEZ, Brúmmel Vazquez. **A guerra assimétrica à luz do pensamento estratégico clássico**. 2006. Revista da Escola De Guerra Naval No.7. Disponível em: <https://revista.egn.mar.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/445>.

BERZINA, Ieva. **Color revolutions: democratization, hidden influence or warfare?**. Democratization, Hidden Influence or Warfare?. 2014. National Defence Academy of Latvia Center for Security and Strategic Research. Disponível em: https://www.naa.mil.lv/sites/naa/files/document/1_WP2014%20Color%20revolutions.pdf.

BERZINS, Jānis. **Not ‘Hybrid’ but New Generation Warfare**. 2019. Russia's Military Strategy and Doctrine. Disponível em: https://www.academia.edu/38492527/Not_Hybrid_but_New_Generation_Warfare.

BĒRZIŅŠ, Jānis. **Russia’s new generation warfare in Ukraine: Implications for Latvian Defense Policy**. Policy paper, v. 2, p. 2002-2014, 2014.

BINDING, Mitchell. **What Is ‘Technology Of The Color Revolutions’**: why it occupies such a prominent place in russian threat perceptions ∴ analysis. Why It Occupies Such A Prominent Place in Russian Threat Perceptions – Analysis. 2019. Disponível em: <https://www.eurasiareview.com/25112019-what-is-technology-of-the-color-revolutions-why-it-occupies-such-a-prominent-place-in-russian-threat-perceptions-analysis/>.

BITTMAN, Ladislav; GODSON, Roy. **The KGB and Soviet disinformation: an insider's view**. Pergamon-Brassey's, 1985.

BOUCHET, Nicolas. **Russia’s “militarization” of colour revolutions**: Since Ukraine’s EuroMaidan, Russia sees mass anti-regime protests at home and abroad as a military threat. 2016. Disponível em: <https://ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/pdfs/PP4-2.pdf>.

BRANDS, Hal. **Paradoxes of the Gray Zone**. 2016. Disponível em: <https://www.fpri.org/article/2016/02/paradoxes-gray-zone/>. Acesso em: 11 maio 2018.

BRUNSON, Jonathan. **Russia isn’t the only threat to ukrainian democracy**: he inpart of far-right nationalist revolutionaries. HE IMPACT OF FAR-RIGHT NATIONALIST REVOLUTIONARIES. 2019. Disponível em: <https://warontherocks.com/2019/04/russia-isnt-the-only-threat-to-ukrainian-democracy-the-impact-of-far-right-nationalist-revolutionaries/>.

BUDJERYN, Mariana. **Ukraine and the Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons**. 2018. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/blog-post/ukraine-and-the-treaty-the-non-proliferation-nuclear-weapons>.

CANTWELL, Douglas. **Hybrid Warfare: Aggression and Coercion in the Gray Zone**. 2017. Disponível em: <https://www.asil.org/insights/volume/21/issue/14/hybrid-warfare-aggression-and-coercion-gray-zone#_edn5>. Acesso em: 21 maio 2018.

CHARAP, Samuel. **The Ghost of Hybrid War**. 2015. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00396338.2015.1116147?journalCode=tsur20>>.

CHEKINOV, Sergey G.; BOGDANOV, Sergey A. **The nature and content of a new-generation war**. Military thought, v. 4, p. 12-23, 2013.

CHERNYAEVA, M. **The New Wars Debate: Implications for Scholarship and Policy**. Cultural Diplomacy News. 2010.

CHUYEV, Yu; MLIKHAULOV, Yu B.. **Forecasting in Military Affairs: A Soviet View**. 1975. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a094669.pdf>>.

COMMAND, US Army Special Operations. **Little Green Men”: A Primer on Modern Russian Unconventional Warfare in Ukraine**, 2016.

COOK, Edsel. **Self-driving tanks and attack drones: Russia claims they have a new killer robot army**. 2019. Disponível em: <<https://cyberwar.news/2019-08-26-self-driving-tanks-drones-russia-killer-robot-army.html>>.

CORDESMAN, Anthony H.. **Russia and the “Color Revolution”**: a russian military view of a world destabilized by the us and the west. A Russian Military View of a World Destabilized by the US and the West. 2014. Center for Strategic & International studies. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/russia-and-%E2%80%9Ccolor-revolution%E2%80%9D>.

COVINGTON, Stephen R.. **The Culture of Strategic Thought Behind Russia’s Modern Approaches to Warfare**. 2016. Disponível em: <<https://www.belfercenter.org/>>.

COWELL, Alan. **Churchill's definition of Russia still rings true**. 2008. The New York Times. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/08/01/world/europe/01iht-letter.1.14939466.html>.

COX, Dan G.. **What if the Hybrid Warfare/Threat Concept Was Simply Meant to Make Us Think?** 2013. E-International Relations. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2013/02/13/what-if-the-hybrid-warfarethreat-concept-was-simply-meant-to-make-us-think/>.

COX, Dan G.; BRUSCINO, Thomas; RYAN, Alex. **Why Hybrid Warfare is Tactics Not Strategy: A Rejoinder to “Future Threats and Strategic Thinking”**. 2012. Volume 2. Disponível em: https://www.infinityjournal.com/article/56/Why_Hybrid_Warfare_is_Tactics_Not_Strategy__A_Rejoinder_to_Future_Threats_and_Strategic_Thinking/#.

CYBER THREATS: are you ready? Bruxelas: European Defence Matters, v. 9, 2015. Quadrimestral. Disponível em: <https://eda.europa.eu/docs/default-source/eda-magazine/edm9downloadopt140.pdf>.

DANIEL, Donald C. et al. **Multidisciplinary perspectives on military deception**. NAVAL POSTGRADUATE SCHOOL MONTEREY CA, 1980.

DARCZEWSKA, Jolanta; ŻOCHOWSKI, Piotr. **Active Measures: Russia's Key Export**. Ośrodek Studiów Wschodnich im. Marka Karpia, 2017.

DAYSRING, Stephen M. **Toward a theory of hybrid warfare: the Russian conduct of war during peace**. 2015. Tese de Doutorado. Monterey, California: Naval Postgraduate School.

DOBBS, Michael. **U.S. Advice Guided Milosevic Opposition**. 2000. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2000/12/11/us-advice-guided-milosevic-opposition/ba9e87e5-bdca-45dc-8aad-da6571e89448/>.

DUFFIELD, John S.. **NATO's Functions after the Cold War**. 2014. Vol. 109, No. 5, pp. 763-787. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2152531?seq=1>.

DUNCAN, Andrew J. et al. **New ‘hybrid war’ or old ‘dirty tricks’? :The gerasimov debate and Russia’s response to the contemporary operating environment**. 2017.

EKLUND, Niklas; MATTSSON, Peter A. **Russian operational art in the fifth period: Nordic and Arctic applications**. Revista de Ciências Militares, v. 1, n. 1, p. 29--47, 2013.

EL PAÍS. **As razões da crise ucraniana: o euromaidán ou o risco de cisão do país são alguns dos elementos do conflito**. O Euromaidán ou o risco de cisão do país são alguns dos elementos do conflito. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/03/internacional/1393862263_932760.html.

ELDER, Miriam. **Jailed Yulia Tymoshenko set to face murder charges in Ukraine**. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/jan/28/yulia-tymoshenko-murder-charges-ukraine>.

EMERSON, John B.. **Exposing Russian Disinformation: Ukraine Alert**. 2015. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/exposing-russian-disinformation/>.

ENGDAHL, Willian. **Full Spectrum Dominance: totalitarianism democracy in the new world order**. 3. ed. [s. L.]: Progressive Press, 2009. p. 257.

EXAME. **Ucrânia diz que 2 mil militares russos morreram no conflito**. 2014. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/ucrania-diz-que-2-mil-militares-russos-morreram-no-conflito/>.

FAITH, Ryan. **Fifth-Generation Warfare: taste the color revolution rainbow**. Taste the Color Revolution Rainbow. 2014. Disponível em: https://www.vice.com/en_us/article/ev7kap/fifth-generation-warfare-taste-the-color-revolution-rainbow.

FEDERATION, Russian. **Conceptual views regarding the activities of the armed forces of the Russian Federation in information space**. 2016.

FERNANDES, Hugo Miguel Moutinho. **As Novas Guerras: O Desafio da Guerra Híbrida**. Revista de Ciências Militares, v. 4, n. 2, 2016.

FISHER, Max. **The worse Russia's economy gets, the more dangerous Putin becomes**. 2014. Vox. Disponível em: <https://www.vox.com/2014/12/17/7401681/russia-putin-ruble>.

FLEETWOOD, Blake. **Too Bad Ukraine Didn't Keep Its 2,000 Nuclear Weapons**. 2017. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/too-bad-ukraine-didnt-kee_b_5235374.

FLINTOFF, John-paul. Gene Sharp: **The Machiavelli of non-violence**. 2013. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/politics/your-democracy/2013/01/gene-sharp-machiavelli-non-violence>.

FORTES, Denis Matoszko. **A Federação Russa e a Crise Ucraniana de 2013-2014: entre o jogo das potências e as disputas históricas no exterior próximo**. 2017. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330639/1/Fortes_DenisMatoszko_M.pdf.

FREEDMAN, Lawrence; SMITH, Hanna. **Ukraine and the Art of Limited War: Going Beyond the Label**. 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00396338.2014.985432>.

FRIDMAN, Ofer. **Hybrid Warfare or Gybridnaya Voyna?: Similar, But Different**. 2017. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03071847.2016.1253370?journalCode=rusi20>

FRIDMAN, Ofer. **Russian Hybrid Warfare: Resurgence and politicisation**. New York: Oxford, 2018. 237 p.

GALEOTTI, Mark. **Hybrid war” and “little green men”**: How it works, and how it doesn't. *Ukraine and Russia: People, politics, propaganda and perspectives*, v. 156, 2015.

GALEOTTI, Mark. **The ‘Gerasimov doctrine’and Russian non-linear war**. *Moscow’s Shadows*, v. 6, n. 7, p. 2014, 2014.

GALEOTTI, Mark. **The West is too paranoid about Russia’s information war**. *The Guardian*, 2015. <https://www.theguardian.com/world/2015/jul/07/russia-propaganda-europe-america>

GALEOTTI, Mark. **I’m Sorry for Creating the ‘Gerasimov Doctrine’**: i was the first to write about russia’s infamous high-tech military strategy. one small problem: it doesn't exist. 2018. *Foreign Policy*. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2018/03/05/im-sorry-for-creating-the-gerasimov-doctrine/>.

GALEOTTI, Mark. **The mythical ‘Gerasimov Doctrine’ and the language of threat**. 2019. *Critical Studies on Security*. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21624887.2018.1441623>.

GERASIMOV, Valery. **Reflexões sobre os Conflitos Militares do Futuro**. 2019. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/journals/edicao-brasileira/artigos-exclusivamente-online/artigos-exclusivamente-on-line-de-2019/apresentacao-de-2018-do-chefe-do-estado-maior-geral-gerasimov>.

GERASIMOV, Valery. **The Value of Science is in the Foresight**. *Military Review*, v. 96, n. 1, p. 23, 2016.

GILES, Keir. **Handbook of Russian information warfare**. NATO Defence College Research Division, 2016.

GILES, Keir. **Russia’s hybrid Warfare: A success in propaganda**. *Bundesakademie fur Sicherheitspolitik*, 2015.

GILES, Keir. **Russia’s toolkit?**. *The Russian Challenge*, p. 40-9, 2015.

GILES, Keir. **The next phase of Russian information warfare**. Riga: NATO Strategic Communications Centre of Excellence, 2016.

GILES, Keir; SHERR, James; SEABOYER, J. **Russian Reflexive Control. Ontario**: Royal Military College of Canada, Department of Political Science, 2018.

GIVHAN, Walter D.. **The Time Value of Military Force in Modern Warfare**. 1996. *School of Advanced Airpower Studies*. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a306922.pdf>.

GLOBO, O. Tropas russas invadem base aérea ucraniana na Crimeia. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/tropas-russas-invadem-base-aerea-ucraniana-na-crimeia-11955582>.

GOLTS, Alexander. **Are Color Revolutions a New Form of War?** 2014. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2014/06/02/are-color-revolutions-a-new-form-of-war-a36093>.

GONCHAR, Mykhailo; CHUBYK, Andriy; ISHCHUK, Oksana. **The Next Phase of the Hybrid War** . New Eastern Europe, p. 86-92, 2015.

GORENBURG, Dmitry. **Countering Color Revolutions: Russia's new security strategy and its implications for u.s. policy.** RUSSIA'S NEW SECURITY STRATEGY AND ITS IMPLICATIONS FOR U.S. POLICY. 2014. PONARS Eurasia Policy Memo No.342. Disponível em: <http://www.ponarseurasia.org/memo/countering-color-revolutions-russia%E2%80%99s-new-security-strategy-and-its-implications-us-policy>.

GRAY, Truda; MARTIN, Brian. **Comparing wars.** Journal of Military and Strategic Studies, v. 10, n. 3, 2008.

GRESSANG, Randall V. **Strategic Deception: Planning and a Correlation with a Historical Case.** AIR WAR COLL MAXWELL AFB AL, 1986.

HAMMES, Thomas X. **A guerra de quarta geração evolui, a quinta emerge.** Military Review, p. 16-27, 2007.

HARUTYUNYAN, Gagik. **Color Revolutions.** 2017. Disponível em: http://www.noravank.am/eng/articles/detail.php?ELEMENT_ID=15365.

HEAVEY, Susan. **U.S. alleges Russian operatives sought to undermine U.S. election agency.** 2019. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-russia-interference/u-s-alleges-russian-operatives-sought-to-undermine-u-s-election-agency-idUSKBN1XM212>.

HEPOLA, Gillian. **The Color Revolutions: A Study of Democratization in Serbia and Ukraine.** 2018. Disponível em: <https://academics.depaul.edu/honors/curriculum/archives/Documents/2018%20Senior%20Theses/Hepola,%20The%20Color%20Revolutions%20A%20Study%20of%20Democratization%20in%20Serbia%20and%20Ukraine.pdf>.

HERD, Graeme P. **Russia and the "Orange Revolution": Response, Rhetoric, Reality?** 2005. Vol. 4, No. 2. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26323167?seq=1#metadata_info_tab_contents.

HEUER JR, Richards J.. **Strategic Deception and Counterdeception: Cognitive Process Approach.** 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2600359?seq=1#page_scan_tab_contents>.

HEYDTE, Friedrich August von Der. **A Guerra Irregular Moderna: Em políticas de defesa e como fenômeno militar.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

HOFFMAN, Frank G. **Hybrid threats: Reconceptualizing the evolving character of modern conflict.** Washington, DC: Institute for National Strategic Studies, National Defense University, 2009.

HOFFMAN, Frank G. **Hybrid warfare and challenges.** NATIONAL DEFENSE UNIV WASHINGTON DC INST FOR NATIONAL STRATEGIC STUDIES, 2009.

HOFFMAN, Frank G.. **'Hybrid Threats': Neither Omnipotent Nor Unbeatable.** 2010. Volume 54, Issue 3, Pages 441-455. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0030438710000281>.

HOFFMAN, Frank G.. **Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars.** 2007. Disponível em: <<http://www.potomac institute.org/publications/23-publications/reports/1267-conflict-in-the-21st-century-the-rise-of-hybrid-wars>>.

HOFFMAN, Frank. **Hybrid Threats: Reconceptualizing the Evolving Character of Modern Conflict.** 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/22897432/Hybrid_Threats_Reconceptualizing_the_Evolving_Character_of_Modern_Conflict.

HOFFMAN, Frank. **On Not-So-New Warfare: Political Warfare vs. Hybrid Threats.** 2014. Disponível em: <https://warontherocks.com/2014/07/on-not-so-new-warfare-political-warfare-vs-hybrid-threats/>.

HOUSE OF COMMONS DEFENCE SELECT COMMITTEE et al. **Russia: Implications for uk defence and security.** 2016.

HUNTINGTON, Samuel p. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HYBRID THREATS. 2014. Disponível em: <<https://warontherocks.com/2014/07/on-not-so-new-warfare-political-warfare-vs-hybrid-threats/>>.

JAITNER, Margarita; GEERS, Kenneth. **Russian information warfare: Lessons from Ukraine.** Cyber war in perspective: Russian aggression against Ukraine, p. 89, 2015.

JASPER, Scott; MORELAND, Scott. **The Islamic State is a Hybrid Threat: Why Does That Matter?** 2014. Disponível em: <<https://calhoun.nps.edu/handle/10945/47638>>.

JAYACHANDRAN, C. J. **Evolution of War into the Fourth Generation: A Historical Perspective.** CLAWS Journal, 2009.

JÓJÁRT, KRISZTIÁN; RÁCZ, ANDRÁS. **Contemporary Russian Military Thinking on Conflicts of the 21st Century: Beyond the ‘Gerasimov Doctrine’.** Conflicts in the Gray Zone A Challenge to Adapt, p. 109. 2017.

JONSSON, Oscar; SEELY, Robert. **Russian full-spectrum conflict: An appraisal after Ukraine.** The Journal of Slavic Military Studies, v. 28, n. 1, p. 1-22, 2015.

KALDOR, Mary. **New and Old Wars: organised violence in a global era.** 3. ed. Cambridge: Polity Press, 2012.

KASAPOGLU, Can. **Russia's Renewed Military Thinking: Non-linear Warfare and Reflexive Control.** NATO Defense College, Research Division, 2015.

KEATING, Kenneth C. Maskirovka: **The Soviet system of camouflage.** ARMY RUSSIAN INST APO NEW YORK 09053, 1981.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra.** Editora Companhia das Letras, 2006.

KILCULLEN, David. **The accidental guerrilla: fighting small wars in the midst of a big one.** New York: Oxford, 2009.

KOFMAN, Michael et al. **Lessons from Russia's Operations in Crimea and Eastern Ukraine.** Rand Corporation, 2017.

KOFMAN, Michael. **Russian hybrid warfare and other dark arts.** War on the Rocks, v. 11, 2016.

KOFMAN, Michael; ROJANSKY, Matthew. **A Closer look at Russia's “Hybrid War”.** 2015. Kennan Cable No.7. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/190090/5-KENNAN%20CABLE-ROJANSKY%20KOFMAN.pdf>.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes.** São Paulo: Expressão Popular, 2018. 173 p. Tradução: Thyago Antunes.

KRAUTHAMMER, Charles. **The unipolar moment.** Foreign Aff., v. 70, p. 23, 1990.

KUX, Dennis. **Soviet Active Measures and Disinformation.** Parameters, v. 15, n. 4, 1985.

LANE, David; WHITE, Stephen. **'Coloured Revolution' as a Political Phenomenon**. 2009. Journal of Communist Studies and Transition Politics. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13523270902860295>.

LAVROV, Sergey. **Russia's Foreign Policy: historical background**. Historical Background. 2016. Disponível em: https://www.mid.ru/en/foreign_policy/news/-/asset_publisher/cKNonkJE02Bw/content/id/2124391.

LEVITSKY, Steven; WAY, Lucan A. **Competitive Authoritarianism: hybrid regimes after the cold war**. New York: Cambridge University Press, 2010. p. 517.

LIND, William S. et al. **The Changing Face of War: Into the Fourth Generation**. 1989. Disponível em: <http://globalguerrillas.typepad.com/lind/the-changing-face-of-war-into-the-fourth-generation.html>>. Acesso em: 4 mar. 2017.

LIND, William S. **Understanding Fourth Generation War**. 2004. Disponível em: <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/milreview/lind.pdf>>.

LITOVKIN, Nikolái. **Rússia revela nova arma de artilharia que pode ser baseada em terra, mar ou céu**. 2019. Disponível em: <https://br.rbth.com/ciencia/82477-russia-revela-arma-de-artilharia-au220>>.

LUDWIKOWSKI, Rett R. Constitutionalization of Human Rights In Post-Soviet States and Latin America: a Comparative Analysis. 2004. Vol. 33, No.1. Disponível em: <https://digitalcommons.law.uga.edu/gjicl/vol33/iss1/2/>.

MAQUIAVEL, Nicolau (1982). **A arte da guerra**. A vida de Castruccio Castracani. Belfagor, o arquidiabo. O príncipe. Tradução de Sérgio Bath. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília.

MARXSEN, Christian. **The Crimea Crisis: an international law perspective**. An International Law Perspective. 2014. Disponível em: https://www.mpil.de/files/pdf4/Marxsen_2014_-_The_crimea_crisis_-_an_international_law_perspective.pdf.

MATTSSON, Peter A. **Russian Military Thinking—A New Generation of Warfare**. Journal on Baltic Security, v. 1, n. 1, p. 61-70, 2015.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Guerra Híbrida não existe: a história prova**. A história prova. 2018. A Defesa Nacional, V. 105. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/ADN/article/view/2519/2009>.

MCCULLOH, Timothy; JOHNSON, Richard. **Hybrid Warfare**. 2013. JSOU Report 13-4. Disponível em: https://www.socom.mil/JSOU/JSOUPublications/JSOU%2013-4_McCulloh%2CJohnson_Hybrid%20Warfare_final.pdf.

MCDERMOTT, Roger N. **Russian Perspectives on Network-Centric Warfare: The Key Aim of Serdyukov's Reform.** FOREIGN MILITARY STUDIES OFFICE (ARMY) FORT LEAVENWORTH KS, 2011.

MCDERMOTT, Roger. **Gerasimov Calls for New Strategy to Counter Color Revolution.** 2016. Disponível em: <https://jamestown.org/program/gerasimov-calls-for-new-strategy-to-counter-color-revolution/>.

MCFAUL, Michael. **Ukraine Imports Democracy: external influences on the orange revolution.** External Influences on the Orange Revolution. 2007. International Security, Vol. 32. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30133875?seq=1>.

MEARSHEIMER, John J.. **Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault: The Liberal Delusions That Provoked Putin.** 2014. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-08-18/why-ukraine-crisis-west-s-fault>.

MELNIKOV, Aleksandr. **Kalashnikov lança novo drone kamikaze.** 2019. Disponível em: <http://br.rbth.com/ciencia/81945-drone-kamikaze-kalashnikov>.

METZ, Steven; II, Douglas V. Johnson. **Asymmetry and U.S. Military Strategy: definition, background, and strategic concepts.** Definition, Background, and Strategic Concepts. 2001. Army War College. Disponível em: <https://www.hsdl.org/?abstract&did=441213>.

MHARAPARA, Raymond; BANGIDZA, Lucky Bassie; GWEKWERERE, Steven. **Guerra Assimétrica: experiências, perspectivas, ideias e desafios com foco no zimbábue.** 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/viewFile/43952/30172>.

MIELNICZUK, Fabiano. **Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS.** Contexto internacional, v. 28, n. 1, p. 223-258, 2006.

MONAGHAN, Andrew. **The 'war' in Russia's 'hybrid warfare'.** Parameters, v. 45, n. 4, p. 2015-16, 2016.

MSHVIDOBADZE, Khatuna. **The Battlefield On Your Laptop.** 2011. Radio Liberty. Disponível em: https://www.rferl.org/a/commentary_battlefield_on_your_desktop/2345202.html.

MURRAY, Williamson; MANSOOR, Peter R.. **Hybrid Warfare: fighting complex opponents from the ancient world to the present.** Fighting Complex Opponents from the Ancient World to the Present. 2012. Cambridge University Press. Disponível em: https://assets.cambridge.org/97811070/26087/frontmatter/9781107026087_frontmatter.pdf.

MYKLÍN, Michael. **Russian Non-Linear Warfare Through the Lenses of Strategic Culture.** 2018. Tese de Doutorado. Masarykova univerzita, Fakulta sociálních studií.

MYRE, Greg. **What If Ukraine Still Had Nuclear Weapons?** 2014. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/parallels/2014/03/10/288572756/what-if-ukraine-still-had-nuclear-weapons>.

NATO. **Bi-sc input to a new nato capstone concept for the military contribution to countering hybrid threats.** 2010. Disponível em: https://www.act.nato.int/images/stories/events/2010/20100826_bi-sc_cht.pdf.

NEMETH, Willian J. **Future War and Chechnya: A Case for Hybrid War.** 2002. 101 f. Tese (Doutorado) - Naval Postgraduated School, Monterey, 2002.

NEWMAN, Edward. **Conflict research and the 'decline' of civil war.** Civil wars, v. 11, n. 3, p. 255-278, 2009.

NIKITINA, Yulia. **The "Color Revolutions" and "Arab Spring" in Russian Official Discourse.** 2014. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26326387?seq=1#metadata_info_tab_contents.

NYE JUNIOR, Joseph S.. **Soft Power: the means to success in world politics.** New York: Public Affairs, 2004.

O GLOBO. **Após cinco anos de guerra, Rússia e Ucrânia trocam 70 prisioneiros.** 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/apos-cinco-anos-de-guerra-russia-ucrania-trocam-70-prisioneiros-23934007>.

ORANGE REVOLUTION. 2007. Vol. 32, No. 2, pp. 45-83. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30133875?seq=1>.

ORTEGA, Felipe Afonso. **Cores da mudança: as revoluções coloridas e seus reflexos em política externa.** 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17460/1/Felipe%20Afonso%20Ortega.pdf>.

PAPERT, Tony. **Moscow Conference Identifies 'Color Revolutions' as War.** 2014. Executive Intelligence Review.. Disponível em: https://larouchepub.com/other/2014/4124moscow_conf_colors.html.

PIFER, Steven. **The Eagle and the Trident: U.S.—Ukraine Relations in Turbulent Times.** Washington, D.c: Brookings Institution Press, 2017.

PINHEIRO, Alvaro de Souza. **O Conflito de 4ª Geração e a Evolução da Guerra Irregular.** 2006. Disponível em: <http://portal.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM/article/viewFile/258/227>.

POTY, Italo Barreto. **A Ucrânia independente após o fim da Guerra Fria: uma análise geopolítica (1991-2010)**. 2018. V. 10, n. 52, p. 17-37. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/92323>.

PRESCOTT, N. **Orange Revolution in Red, White and Blue: US Impact on the 2004 Ukrainian Election**'(2006). *Duke Journal of Comparative & International Law*, v. 16, p. 219.

PUTIN, Vladimir V. **A Plea for Caution From Russia**. 2013. *The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2013/09/12/opinion/putin-plea-for-caution-from-russia-on-syria.html>.

PUTIN, Vladimir. **Vladimir Putin on foreign policy: Russia and the changing world**. Valdai Discussion Club, v. 27, 2012.

PYATT, Geoffrey. **Interview: U.S. Ambassador Geoffrey Pyatt on Euromaidan, Ukrainian reforms and Kremlin trolls**.2015. Disponível em: <<http://bunews.com.ua/interviews/item/interview-us-ambassador-geoffrey-pyatt-on-euromaidan-ukrainian-reforms-and-kremlin-trolls>>.

PYNNÖNIEMI, Katri Pauliina; RÁCZ, András. **Fog of Falsehood:: Russian Strategy of Deception and the Conflict in Ukraine**. 2016. p. 320.

RÁCZ, András. **Russia's hybrid war in Ukraine: breaking the enemy's ability to resist**. Finnish Institute of International Affairs, 2015.

RAUTA, Vladimir. **Towards a typology of non-state actors in 'hybrid warfare': proxy, auxiliary, surrogate and affiliated forces**. proxy, auxiliary, surrogate and affiliated forces. 2019. *Cambridge Review of International Affairs*. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09557571.2019.1656600>.

REICHBORN-KJENNERUD, Erik; CULLEN, Patrick. **What is Hybrid Warfare?** 2016. Norwegian institute of International Affairs. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/52131503.pdf>.

REISINGER, Heidi. **Does Russia Matter?: purely political relations are not enough in operational times**. Purely Political Relations Are Not Enough in Operational Times. 2014. Research Division NATO Defense College. Disponível em: <http://www.ndc.nato.int/download/downloads.php?icode=402>.

RENZ, Bettina; SMITH, Hanna. **Russia and Hybrid Warfare: Going Beyond the Label**. 2016. Disponível em: <<https://www.stratcomcoe.org/bettina-renz-and-hanna-smith-russia-and-hybrid-warfare-going-beyond-label>>.

RIABCHUK, Mykola. **Ukraine's Nuclear Nostalgia**. 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40468742?seq=1>.

ROBINSON, Willian I. **Globalization, the World System, and "Democracy Promotion" in U. S. Foreign Policy.** 1996. Disponível em: <http://www.nyu.edu/steinhardt/e/pdf/humsocsci/mias/readings07/41.pdf>.

RODGERS, James. **Brexit: Is Russia Getting What It Wanted?.** 2018. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/jamesrodgerseurope/2018/12/10/brexit-is-russia-getting-what-it-wanted/#7a0a6d194cc7>.

ROSENBERG, Matthew; PERLROTH, Nicole; SANGER, David E.. **'Chaos Is the Point': Russian Hackers and Trolls Grow Stealthier in 2020.** 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/10/us/politics/russia-hacking-disinformation-election.html>.

RUIVO, Mariana Maia. A Guerra Moderna e suas Transformações: da 1º geração à guerra cibernética e o impacto na segurança internacional. In: SEMINÁRIO DISCENTE DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA DA USP, 2014. São Paulo: USP, 2014.

SÁ, Mauricio Bruno de. **As forças armadas brasileiras frente ao terrorismo como nova ameaça.**2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/101573608/As-FA-Brasileiras-frente-ao-Terrorismo-como-Nova-Ameaca>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

SCHADLOW, Nadia. **Peace and War: The Space Between.** War on the Rocks, 2014.

SCHELLING, Thomas C. **The Diplomacy of Violence.** New Haven: Yale University Press, 1966.

SCHNAUFER, Tad Andrew. **Redefining Hybrid Warfare: Russia's Non-linear War against the West.** 2017. Disponível em: <<https://scholarcommons.usf.edu/jss/vol10/iss1/3/>>.

SELHORST, A. J. C. 2016. **Russia's Perception Warfare: The Development of Gerasimov's doctrine in Estonia and Georgia and it's Application in Ukraine.**-Militaire Spectator, 2016 No 4.

SHARKEY, Noel. Killer Robots From Russia Without Love. 2018. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/noelsharkey/2018/11/28/killer-robots-from-russia-without-love/#13f8770fcf01>>.

SHARP, Gene. **Da Ditadura à Democracia: O Caminho para a Libertação.** Lisboa: Tinta da China, 2015. 143 p. Disponível em: https://www.aeinstein.org/wp-content/uploads/2016/02/Da-Ditadura-%C3%A0-Democracia_PAGfinal.pdf.

SHELTON, Henry H. **Joint vision 2020.** Washington DC: US Government Printing Office, 2000.

SHUSTER, Simon. **How Russian Voters Fueled the Rise of Germany's Far-Right**. 2017. Disponível em: <https://time.com/4955503/germany-elections-2017-far-right-russia-angela-merkel/>.

SHVEDA, Yuriy; PARK, Joung Ho. **Ukraine's revolution of dignity**: The dynamics of Euromaidan. *Journal of Eurasian Studies*, v. 7, n. 1, p. 85-91, 2016.

SILVA, Livia Maria Rosa da; FIGUEIREDO, Vinicius Pereira de. **Ucrânia: conflito como herança da “cortina de ferro” na Rússia contemporânea**. 2018. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v.-5-n.-4-ago.-2018---conflito-como-heranca-da-cortina-de-ferro-na-russia-contemporanea.pdf>.

SMITH JUNIOR, Paul A. **On Political War**. Washington, D.c: National Defense University Press Washington Dc, 1989. 279 p. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a233501.pdf>.

SMITH, Marcie. Gene Sharp, **the Cold War Intellectual Whose Ideas Seduced the Left**. 2019. Disponível em: <https://jacobinmag.com/2019/06/gene-sharp-cold-war-intellectual-marcie-smith>

SNEGOVAYA, M. **Putin's Information Warfare in Ukraine. Soviet origins of Russia's Hybrid Warfare**, Washington 2015. Institute for the Study of War.

STELZENMÜLLER, Constanze. **The impact of Russian interference on Germany's 2017 elections**. 2017. Disponível em: <https://www.brookings.edu/testimonies/the-impact-of-russian-interference-on-germanys-2017-elections/>.

STEVENS, Jennie A.; MARSH, Henry S.. **Surprise and Deception in Soviet Military Thought**. 1982. *Military Review*, Vol. 62. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=t3kIL42r_4EC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false.

SUSSMAN, Gerald. **Branding Democracy**: U.S. Regime Change in Post-Soviet Eastern Europe. New York: Peter Lang, 2010. V.17.

Svetoka, Sanda. **Social Media as a Tool of Hybrid Warfare**. NATO Strategic Communications Centre of Excellence, 2016.

TAYLOR, Adam. **Did Russia interfere in Brexit??:** An unpublished report roils U.K. politics before election. 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2019/11/05/did-russia-interfere-brex-it-an-unpublished-report-roils-uk-politics-before-election/>.

THE MILITARY BALANCE. **Complex crises call for adaptable and durable capabilities.** 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/04597222.2015.996334?needAccess=true>.

THE MILITARY BALANCE. **Complex irregular warfare: the psychological component.** 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/04597220601167856?journalCode=tmib20>

THOMAS, Timothy L. **Russian Forecasts of Future War.** 2019. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/May-June-2019/Thomas-Russian-Forecast/>.

THOMAS, Timothy L. **Russia's Reflexive Control Theory and the Military.** 2004. Journal of Slavic Military Studies. Disponível em: https://www.rit.edu/~w-cmmc/literature/Thomas_2004.pdf.

THOMAS, Timothy L. **Dialectical versus empirical thinking:** Ten key elements of the Russian understanding of information operations. *The Journal of Slavic Military Studies*, v. 11, n. 1, p. 40-62, 1998.

THOMAS, Timothy L. **Thinking Like A Russian Officer:** Basic Factors And Contemporary Thinking On The Nature of War. Foreign Military Studies Office, 2016.

THOMAS, Timothy L. **The Evolution of Russian Military Thought:** Integrating Hybrid, New-Generation, and New-Type Thinking. 2016. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13518046.2016.1232541>.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso.** 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

TZU, Sun, Sun. **A arte da guerra.** WWF Martins Fontes, 2015.

VALENTA, Jiri. **Soviet use of surprise and deception.** *Survival*, v. 24, n. 2, p. 50-61, 1982.

VALEYRE, L. B. **Winning hearts and minds, historical origins of the concept and its current implementation in Afghanistan.** *Doctrine Research Journal*, 2012.

VANDIVER, John. **Allies must prepare for Russia 'hybrid war'.** 2014. SACEUR. Disponível em: <https://www.stripes.com/news/saceur-allies-must-prepare-for-russia-hybrid-war-1.301464>.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Contexto, 2017.

VON CLAUSEWITZ, Carl. **Da guerra**. WWF Martins Fontes, 2017.

VOTEL, Joseph L. et al. **Unconventional warfare in the gray zone**. Joint Forces Quarterly, v. 80, n. 1, 2016.

WALKER, Shaun; SALEM, Harriet; MACASKILL, Ewen. **Russian 'invasion' of Crimea fuels fear of Ukraine conflict**. 2014. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/feb/28/russia-crimea-white-house>.

WALKER, Vivian S. **State Narratives in Complex Media Environments: The Case of Ukraine**. 2015.

WEEKS, Albert L. **A chilling expose of KGB and the reach of its tentacles; KGB Today: the hidden hand**. The Hidden Hand. 1983. Disponível em: <https://www.csmonitor.com/1983/1103/110307.html>.

WEMER, David A **Don't be fooled: Russia is still NATO's greatest challenge**. 2019. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/new-atlanticist/dont-be-fooled-russia-is-still-natos-greatest-challenge/>.

WHITE, Jon. **Dismiss, Distort, Distract, and Dismay: continuity and change in russian disinformation**. Continuity and Change in Russian Disinformation. 2016. Institute for European Studies. Disponível em: http://aei.pitt.edu/77604/1/Policy_Brief_Jon_White.pdf.

WHITTLE, Stephanie K. **Conquest from Within: A Comparative Analysis between Soviet Active Measures and United States Unconventional Warfare Doctrine**. US Army Command and General Staff College Fort Leavenworth, 2015.

WILLIAMSON, Colonel Steven C. **FROM FOURTH GENERATION WARFARE TO HYBRID WAR**. 2009. Disponível em: <http://indianstrategicknowledgeonline.com/web/FROM%20FOURTH%20GENERATION%20to%20hybrid.pdf>.

ZELLER, Michael C. **Assessing the role of transnational networks of support in color revolutions: successes and failures in Georgia, Ukraine, Belarus, and Russia**. 2013. Disponível em: <https://ir.library.louisville.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1026&context=honors>.